
O Retrato de
Dorian Gray
Oscar Wilde

COPYRIGHT 2012 BY EDITORA LANDMARK LTDA.

INTRODUÇÃO
PREFÁCIO
O RETRATO DE DORIAN GRAY
CAPÍTULO I
CAPÍTULO 2
CAPÍTULO 3
CAPÍTULO 4
CAPÍTULO 5
CAPÍTULO 6
CAPÍTULO 7
CAPÍTULO 8
CAPÍTULO 9
CAPÍTULO 10
CAPÍTULO 11
CAPÍTULO 12
CAPÍTULO 13
THE PICTURE OF DORIAN GRAY
PREFACE
CHAPTER 1
CHAPTER 2
CHAPTER 3
CHAPTER 4
CHAPTER 5
CHAPTER 6
CHAPTER 7
CHAPTER 8
CHAPTER 9
CHAPTER 10
CHAPTER 11
CHAPTER 12
CHAPTER 13
OSCAR WILDE

OSCAR WILDE

O RETRATO DE DORIAN GRAY

THE PICTURE OF DORIAN GRAY

EDIÇÃO BILÍNGUE



EDITORA LANDMARK

2012

COPYRIGHT BY EDITORA LANDMARK LTDA.
PRIMEIRA EDIÇÃO: THE PICTURE OF DORIAN GRAY, LIPPINCOTT'S MONTHLY MAGAZINE, 20 DE JUNHO DE 1890
DIRETOR EDITORIAL: FABIO CYRINO
TRADUÇÃO E NOTAS: MARCELLA FURTADO
REVISÃO E ADEQUAÇÃO ORTOGRÁFICA: FRANCISCO DE FREITAS
DIAGRAMAÇÃO E CAPA: ARQUÉTIPO DESIGN+COMUNICAÇÃO

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
(CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO, CBL, SÃO PAULO, BRASIL)
WILDE, OSCAR (1854-1900)
O RETRATO DE DORIAN GRAY
- THE PICTURE OF DORIAN GRAY /
OSCAR WILDE; {TRADUÇÃO E NOTAS MARCELLA FURTADO}
- - SÃO PAULO: EDITORA LANDMARK, 2012.
TÍTULO ORIGINAL: THE PICTURE OF DORIAN GRAY
EDIÇÃO BILÍNGUE: PORTUGUÊS / INGLÊS
ISBN 978-85-8070-018-3
E-ISBN 978-85-88781-90-0
1. FICÇÃO INGLESA. I. TÍTULO. II. TÍTULO : THE PICTURE OF DORIAN GRAY
12-01112 / CDD: 823
ÍNDICES PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO:
1. FICÇÃO INGLESA: LITERATURA INGLESA 823

TEXTOS ORIGINAIS EM INGLÊS DE DOMÍNIO PÚBLICO.
TEXTOS ORIGINAIS EM INGLÊS DE DOMÍNIO PÚBLICO. RESERVADOS TODOS OS DIREITOS DESTA TRADUÇÃO E PRODUÇÃO.
NENHUMA PARTE DESTA OBRA PODERÁ SER REPRODUZIDA ATRAVÉS DE QUALQUER MÉTODO, NEM SER DISTRIBUÍDA E/OU ARMAZENADA EM SEU TODO, OU EM PARTES, ATRAVÉS DE MEIOS ELETRÔNICOS, SEM PERMISSÃO EXPRESSA DA EDITORA LANDMARK, CONFORME LEI N° 9610, DE 19 DE FEVEREIRO DE 1998.

EDITORA LANDMARK
RUA ALFREDO PUJOL, 285 - 12° ANDAR - SANTANA
02017-010 - SÃO PAULO - SP
TEL.: +55 (11) 2711-2566 / 2950-9095
E-MAIL: EDITORA@EDITORALANDMARK.COM.BR
WWW. EDITORALANDMARK.COM.BR
IMPRESSO NO BRASIL
PRINTED IN BRAZIL
2012

Introdução

A versão apresentada nesta edição é uma versão bilíngue da primeira publicação impressa pela “Lippincott’s Monthly Magazine” e escrita por Oscar Wilde, em 1890, sem as alterações inseridas na versão inglesa de 1891.

“O Retrato de Dorian Gray” é o único romance produzido por Oscar Wilde, escrito inicialmente para uma revista literária norte-americana, a “Lippincott’s Monthly Magazine”, em 1890. Oscar Wilde já era muito conhecido do público norte-americano desde 1882 quando foi convidado para ir aos Estados Unidos da América e palestrar sobre o recém criado movimento do Esteticismo, uma vez que se tornara o principal divulgador das ideias de renovação artística.

As bases do Esteticismo foram desenvolvidas principalmente por Walter Pater, professor de Estética da Universidade de Oxford, cuja obra “Studies in the History of the Renaissance”, de 1873, influenciaria toda uma geração de escritores, pintores e artistas, entre eles o próprio Wilde. O movimento defendia o ‘belo’ como única solução contra tudo o que considerava denegrir a sociedade da época, onde em suas manifestações mais fortes, os valores estéticos têm predominância sobre todos os demais aspectos da vida, numa atitude elitista em relação à arte. Esse movimento, que contava com grande influência sobre toda uma nova geração de intelectuais e artistas britânicos, visava transformar o tradicionalismo na época vitoriana, dando um tom de vanguarda às artes. Além de Wilde, seus principais representantes eram os pintores pré-rafaelistas, Dante Gabriel Rossetti, Edward Burne-Jones, além de James Whistler e os teóricos John Ruskin e William Morris.

Oscar Wilde conquistou sua fama através de suas obras para o teatro e o modo escolhido de expressão literária foi a sátira de costumes, uma forma que lhe permitia exibir seu estilo e suas crenças estéticas, bem como seu domínio sofisticado sobre a vida intelectual e a literatura de sua época. É inegável a presença da

sátira na maioria de suas peças, entretanto não se pode deixar de observar a extensão pelo qual o Esteticismo moldou a estrutura dramática bem como os temas de suas obras. Wilde defendia amplamente através de sua produção as teses do movimento: a função primordial da arte seria a de criar beleza e harmonia, e não apresentar de forma principal uma mensagem social ou moral. Frequentemente, citava uma máxima proferida pelo poeta do romantismo inglês, John Keats (1795-1821) – “A Beleza corresponde à Verdade e a Verdade é bela” – como sendo o marco inicial do movimento estético, um verdadeiro renascimento das artes na Inglaterra. A oportunidade de construir o movimento estético precisamente e combiná-lo com os grande temas sociais, levou Wilde a enveredar pelo drama.

Em 1889, J. M. Stoddart, um dos sócios da Lippincott, se encontrava em Londres para coletar e contratar pequenos romances e contos para serem publicados em sua revista. Na ocasião, conheceu pessoalmente Wilde e lhe encomendou uma obra que retratasse o pensamento do Esteticismo. Segundo o biógrafo Philippe Julian, em sua obra “Oscar Wilde”, Wilde desenvolveu a trama de “O Retrato de Dorian Gray” a partir de um acontecimento verdadeiro ocorrido com o escritor alguns anos antes: por volta de 1884, Oscar Wilde foi convidado ao estúdio do pintor Basil Ward, onde o mesmo estava finalizando uma pintura de um jovem modelo. Quando a obra foi finalmente completada, Wilde teria dito: “é uma pena que tal gloriosa criatura um dia envelheça”. O pintor concordou com sua opinião, respondendo “seria maravilhoso se ele pudesse permanecer exatamente como ele é; a imagem do quadro é que deveria ganhar as marcas do tempo”. Valendo-se desse acontecimento, Wilde desenvolveu um pequeno romance que retratava alguns dos conceitos desenvolvidos pelo movimento e apresentava uma história unida aos conceitos da vida dupla, publicado na edição da revista literária norte-americana em 20 de junho de 1890.

O Esteticismo é um dos temas mais fortes no romance, bem como a visão de uma vida dupla empreendida pelo personagem principal, Dorian Gray: apesar de ser um adepto do hedonismo, Gray mantém

um certo conservadorismo externo diante da sociedade vitoriana da qual faz parte, ao mesmo tempo em que desfruta de uma terrível aproximação das sensações apresentadas por sua vida dupla da qual não consegue se afastar. Gray, por exemplo, comparece às reuniões da sociedade londrina apenas algumas horas após ter cometido um dos seus inúmeros assassinatos.

Esta duplicidade e indulgência são mais evidentes na descrição das inúmeras visitas de Gray aos bairros empobrecidos das classes baixas de Londres, demonstrando as diferenças e os conflitos existentes em uma cidade em constante transformação econômica e social. Através de lorde Henry Wotton, Wilde apresenta uma visão da burguesia inglesa sobre as classes menos favorecidas: “o crime pertence exclusivamente às ordens mais baixas, e imagino que o crime represente para elas o mesmo que a arte é para nós, simplesmente um método de busca de sensações extraordinárias”. A partir disso, Wilde demonstra que Gray é a síntese entre o criminoso e o esteta, o ponto de encontro entre as várias classes sociais que coexistem na Inglaterra dos finais do século 19. Este tema acaba por ser recorrente em toda a literatura gótica ao longo daquele século, onde “O Retrato de Dorian Gray” é um dos seus últimos representantes.

De certo modo, a trama desenvolvida por Wilde acaba por se referir a um outro romance contemporâneo seu, de autoria do escritor escocês Robert Louis Stevenson – “O Estranho Caso do Doutor Jekyll e do Senhor Hyde”: o que neste último é demonstrado como sendo uma divisão intrínseca à personalidade humana, e com isso a busca primordial dos ensaios científicos da personagem Henry Jekyll, em “Dorian Gray”, Wilde apresenta através da personagem principal como essas duas partes divergentes de sua personalidade tentam coexistir. Gray chega a comentar que apesar das aparências, cada um de nós possui em si mesmo, um pouco do Céu e do Inferno. Devido a essa observação e outras ao longo do romance, Wilde foi acusado de ser um mero compilador de estilos e conteúdos, empregando livremente opiniões, personagens e

características de outros autores, como Honoré de Balzac, Robert Louis Stevenson, Edgard Allan Poe e Arthur Conan Doyle.

O romance ampliado foi publicado no ano seguinte, em abril de 1891, pela casa editorial inglesa “Ward, Lock and Bowden Company”; nesta versão, Wilde ampliou os treze capítulos originais passando para vinte, em virtude de uma série de exigências que os editores ingleses realizaram no sentido de se suavizar a trama, sem contudo perder o foco principal da história: Wilde inseriu quatro novos capítulos – os capítulos 3, 5, 15 e 18 da versão de 1891 – e dividiu o capítulo 13 da versão de 1890, em dois.

As mudanças mais profundas foram no sentido de se “abrandar” a influência negativa de lorde Henry sobre Gray, bem como alguns aspectos das relações entre os personagens ao longo da trama. Wilde também tentou moderar as relações entre certos personagens, principalmente o relacionamento entre o pintor Basil Hallward e o personagem de Dorian Gray. Mais tarde, durante as sessões do julgamento de 1895 que o levariam à prisão, Wilde testemunhou que grande parte das mudanças foi empreendida após o autor ter recebido uma série de correspondências encaminhadas por seu antigo professor de Estética da Universidade de Oxford e seu amigo pessoal, Walter Pater.

Algumas dessas alterações ocorreram principalmente por iniciativa de Wilde e outras por influência de seus editores, tanto o inglês quanto o norte-americano. Na versão de 1890, Wilde apresenta uma série de referências a um livro fictício chamado “Le Secret de Raoul”, do também autor fictício Catulle Sarrazin. Gray se refere constantemente a esse livro na versão de 1890, demonstrando sua tendência à crueldade. Tanto o livro quanto o seu autor continuaram a serem referidos na versão de 1891, sem contudo serem nominados na trama.

As alterações desenvolvidas por Wilde em sua segunda versão também pretenderam “remover o brilho de Gray como personagem”, apresentando maiores detalhes sobre seu passado e suas origens e tornando mais crível a transformação psicológica do personagem ao

longo da história. No capítulo 3 da nova versão, Wilde apresenta a origem de Gray, relatando que ele era fruto da fuga e casamento da filha de um arrogante nobre inglês que manipulara a sociedade com o intuito de acabar com esse relacionamento. O avô de Gray teria contratado uma pessoa para desafiar o genro em um duelo, o que resultou na morte do mesmo; do desgosto da perda do marido, a mãe de Gray viria falecer logo depois ficando o menino sob a responsabilidade do avô.

No novo capítulo 5, Wilde apresenta a família de Sibyl Vane, demonstrando o quanto Gray estava envolvida com a infantil e pouco talentosa atriz londrina, e as preocupações de sua mãe com esse relacionamento tão repentino e inconsequente; é apresentado também um novo personagem que não existia na versão de 1890, James Vane, irmão de Sibyl: Wilde o introduz na história para balancear a trama, enfatizando as diferenças entre as personalidades de Gray e James Vane, dando uma visão tipicamente vitoriana à história em uma tentativa de diminuir a controvérsia em torno do livro.

Além dessas mudanças, Wilde apresenta um “Prefácio” à obra, um manifesto à Estética, composto por vinte e quatro aforismos, sendo sua resposta pessoal aos críticos ingleses que consideraram a versão de 1890 um conto escandaloso e repleto de imoralidades. Wilde e outros devotos à filosofia acreditavam que a Arte possui um valor intrínseco, não tendo outro propósito senão o de cultuar apenas a Beleza. Suas argumentações entraram em choque com a posição corrente da sociedade vitoriana, onde a Arte não é apenas um meio de se propagar a moralidade, mas também um meio de reforçá-la. É notório o posicionamento de Wilde, apresentado através de um de seus personagens, ao declarar que “os livros que o mundo chama de imorais são aqueles que apresentam ao mundo as vergonhas de sua própria existência”. Dado o caráter inovador e provocador de seu “Prefácio” para a edição de 1891, apresentaremos este pequeno texto também nesta edição.

Os fatos e as opiniões que Wilde apresenta em defesa de seu romance são exemplos de seus golpes severos contra a hipocrisia artística inglesa, que julgava pretensiosa e convencionalmente tediosa. Principalmente através de lorde Henry, Wilde apresenta seu posicionamento crítico à sociedade vitoriana, amplamente desenvolvidos também em suas inúmeras peças teatrais:

“Um artista, meu caro senhor, não possui afinidade ética com tudo. A virtude e a fraqueza são para ele simplesmente o que as cores de uma paleta são para um pintor”.

“O público inglês não possui qualquer interesse em uma obra de arte até que lhe seja informado que esta mesma obra é imoral”.

“Não desejo ser um escritor popular. Isso seria bom demais para as massas”.

“O crítico deve educar o público; mas o artista deve educar o crítico”.

O lançamento de “O Retrato de Dorian Gray” fez com que seu autor se tornasse ainda mais admirado e famoso. No entanto, em seu apogeu literário, começaram a surgir os problemas pessoais, aliados aos seus posicionamentos audaciosos para a época, o que desafiavam a moralidade da aristocracia inglesa. Seu envolvimento com lorde Alfred Douglas o levaria à ruína: o pai de lorde Douglas, o marquês de Queensberry, sabendo do envolvimento de seu filho com o escritor, enviou uma carta ao escritor endereçada a “Oscar Wilde, o conhecido Sodomita”. O escritor decidiu processar o marquês por difamação; em seguida, tentou mudar de ideia e desistir do processo, visto que muitos rumores pairavam sobre sua própria conduta, mas já era tarde demais: as provas apresentadas sobre seu comportamento começaram a surgir e um novo processo foi instaurado contra ele. Nesse processo, o tribunal também se

valeu das ideias apresentadas em “O Retrato de Dorian Gray” como forma de justificar o caráter corruptor dos ideais de Oscar Wilde, principalmente entre a juventude aristocrática inglesa.

“O Retrato de Dorian Gray” é uma obra que pode ser considerada imprescindível, não apenas pelo ser caráter genial, digno dos mais constantes louvores, mas sobretudo por possuir uma história que acabou por se tornar um dos cânones da literatura ocidental, sendo impossível não se degustar o tempo ganho ao se ler este adorável romance.

PREFÁCIO

PREFÁCIO À SEGUNDA EDIÇÃO REVISADA PELO AUTOR E PUBLICADA EM ABRIL DE 1891 PELA WARD, LOCK AND BOWDEN COMPANY

O artista é o criador de coisas belas. Revelar a arte e ocultar o artista é o objetivo da arte. O crítico é aquele que pode traduzir de outro modo, ou em um novo material, as suas impressões sobre as coisas belas.

As formas mais elevadas ou baixas da crítica é um modo de autobiografia. Aqueles que encontram significados feios nas coisas belas são corruptos e sem serem encantadores. Isto é um defeito.

Aqueles que encontram significados belos nas coisas belas são aqueles que as cultivam. Para esses há esperança. Eles são os eleitos para quem as coisas belas significam apenas beleza.

Não existem fatos morais ou imorais em um livro. Os livros são apenas bem ou mal escritos. Isto é tudo.

O ódio do século 19 pelo Realismo é a raiva de Calibã[1] ao ver o seu próprio rosto diante de um espelho.

O ódio do século 19 pelo Romantismo é a raiva de Calibã ao não poder ver o seu próprio rosto em um espelho. A vida moral dos homens constitui partes do tema usado por um artista, mas a moralidade da arte consiste do uso perfeito de um meio imperfeito. Nenhum artista deseja provar nada. Mesmo as coisas que são verdadeiras podem ser provadas. Nenhum artista possui compreensão da ética. Uma compreensão ética em um artista é um maneirismo imperdoável de estilo. Do mesmo modo, nenhum artista é mórbido. O artista pode expressar todas as coisas. O pensamento e a linguagem são os instrumentos artísticos de uma arte. O vício e a virtude são os materiais artísticos para a arte. A partir do ponto de vista da forma, a tipologia de todas as artes é a arte do músico. Do ponto de vista do sentimento, o ofício do ator é a tipologia. Toda arte em si é superfície e símbolo. Aqueles que vão além da superfície o fazem sob seu próprio risco. Aqueles que desvendam o símbolo o fazem sob seu próprio risco. É o espectador e não a vida que a Arte realmente espelha. A

diversidade de opinião sobre o trabalho da arte demonstra que o trabalho é novo, complexo e vital. Quando os críticos divergem, o artista permanece de acordo com si mesmo. Nós podemos perdoar um homem por tornar algo útil, mesmo que ele não a admire. A única desculpa para se produzir algo inútil é aquilo que se admira intensamente.

Toda forma de Arte é completamente inútil.

OSCAR WILDE

[1] Calibã: personagem, de William Shakespeare, em "A Tempestade", considerado um escravo selvagem e deformado. Ao longo da peça, ele é tratado com desdém e alvo de chacota por parte dos outros personagens, entretanto através dele é que vemos um dos trechos mais comoventes da peça.

O RETRATO DE DORIAN GRAY

CAPÍTULO 1

O estúdio estava tomado pelo profundo perfume das rosas e quando o suave vento estival corria por entre as árvores do jardim trazia porta a dentro a fragrância carregada das liliáceas ou ainda o perfume delicado do espinheiro rosa.

Estendido sobre um divã persa de largas almofadas, colocado a canto, fumando como era de seu costume inúmeros cigarros, lorde Henry Wotton só conseguia vislumbrar as flores adocicadas e da cor-de-mel de um laburno, cujos ramos trêmulos dificilmente pareciam ser capazes de sustentar o peso de uma beleza tão fulgurante quanto a deles; e de vez em quando, as fantásticas sombras dos pássaros em voo projetavam-se sobre o grande cortinado de seda que se estendia sobre a enorme janela, produzindo como que um momentâneo efeito japonês, levando-o a pensar naqueles pintores de Tóquio, de rostos pálidos e da cor de jade que através de uma arte que é necessariamente imóvel, procuram transmitir a sensação da velocidade e do movimento. O lento murmúrio das abelhas que abriam caminho por entre a longa relva crescida, ou que voavam com uma monótona insistência em torno das hastes douradas e empoeiradas de uma madressilva desgarrada, parecia tornar o silêncio ainda mais opressivo. Ao longe, os indistintos ruídos de Londres soavam como a nota grave de um órgão distante.

No centro da sala, fixado em um cavalete colocado de pé, estava o retrato completo de um jovem homem de extraordinária beleza pessoal e, diante dele, pouca coisa mais distante, sentava-se o próprio artista, Basil Hallward, cujo súbito desaparecimento há alguns anos causou ao público, naquele momento, tanta excitação e deu origem a tantas hipóteses estranhas.

Enquanto ele observava a graciosa e bela forma que tinha espelhado com tanta maestria em sua arte, um sorriso de prazer passou através de seu rosto e pareceu se deter ali. Mas ele inesperadamente se levantou e, fechando os olhos, colocou os dedos sobre as pálpebras, como se buscasse aprisionar em seu cérebro algum sonho curioso do qual temia despertar.

"É o seu melhor trabalho, Basil, a melhor coisa que já fez", disse lorde Henry, languidamente. "Certamente você deve enviá-lo a Grosvenor no ano que vem. A Academia é muito grande e vulgar. Grosvenor é o único lugar".

"Acho que não mandarei para lugar nenhum", ele respondeu, jogando sua cabeça para trás naquele modo esquisito que costumava fazer seus amigos rirem dele em Oxford. "Não: não vou mandá-lo para lugar nenhum".

Lorde Henry elevou suas sobrancelhas e olhou para ele com surpresa, através das finas espirais azuladas que subiam em irreais meandros de seu forte cigarro à base de ópio. "Não vai enviá-lo a lugar nenhum? Meu querido amigo, por quê? Você possui algum motivo para isso? Vocês, pintores, são uns sujeitos esquisitos! Vocês fazem qualquer coisa no mundo para ganhar fama. Assim que a conquistam, parecem querer se livrar dela. Você é um tolo, pois há apenas uma coisa no mundo pior do que ser comentado: é ser ignorado. Um retrato como este o colocaria bem acima de todos os jovens da Inglaterra e faria os velhos bem enciumados, se os velhos fossem capazes de qualquer emocionar".

"Sei que você rirá de mim", ele replicou, "mas realmente não posso exibi-lo. Coloquei muito de mim mesmo nele".

Lorde Henry esticou suas compridas pernas para fora do divã e estremeceu ao gargalhar.

"Sim, eu sabia que você riria; mas é bem verdade, ainda assim".

"Muito de você nele! Dou-lhe minha palavra, Basil, eu não sabia que você era tão vaidoso; e, realmente, não posso ver nenhuma semelhança entre você, com seu rosto forte e irregular, e seu cabelo negro como o carvão, e este jovem Adônis, que parece ser feito de marfim e pétalas de rosa. Ora, meu querido Basil, ele é um Narciso, e você... bem, claro que você tem uma expressão intelectual e tudo o mais. Mas a beleza, a verdadeira beleza, termina onde uma expressão intelectual começa. O intelecto é, em si mesmo, um exagero e destrói a harmonia de qualquer rosto. No exato momento em que alguém se senta para pensar, se torna um grande nariz, ou uma grande testa ou algo mais horrível. Olhe para qualquer homem de sucesso em qualquer uma das profissões conhecidas. Como são perfeitamente repugnantes! Exceção feita, claro, à Igreja. Mas na Igreja não

se pensa. Um bispo continua a dizer aos oitenta anos o que lhe ensinaram a dizer quando era um garoto de dezoito e, consequentemente, ele sempre se parece encantador. Seu misterioso jovem amigo, cujo nome você nunca me disse, mas cujo retrato realmente me fascina, nunca pensa. Sinto-me muito certo disso. Ele é uma coisa sem cérebro e bela que deveria estar sempre por aqui no inverno, quando não temos flores para olhar, e sempre aqui no verão, quando queremos algo para refrescar a nossa inteligência. Não se bajule, Basil: você não se parece em nada com ele".

"Você não me compreende, Harry. Claro que não me pareço com ele. Sei disso perfeitamente bem. Na verdade, eu deveria lamentar por não me parecer com ele. Você dá de ombros? Digo-lhe a verdade. Há uma fatalidade sobre todas as distinções físicas e intelectuais, um tipo de fatalidade que parece derrotar pela história os dúbios passos dos reis. É melhor não ser diferente dos amigos de alguém. Os feios e os estúpidos têm o melhor deste mundo. Podem sentar-se e bocejar durante a peça. Se não sabem nada da vitória, ao menos são poupados do conhecimento da derrota. Vivem como todos nós deveríamos viver, sem perturbações, indiferentes e sem inquietações. Nunca arruínam os outros nem a recebem de mãos alheias. Sua posição e riqueza, Harry; meu cérebro, assim como é – minha fama, valha ela o quanto for; a beleza de Dorian Gray – todos nós sofreremos pelo o que Deus nos deu, sofreremos terrivelmente".

"Dorian Gray? Este é o nome dele?", disse lorde Henry, percorrendo o estúdio em direção de Basil Hallward.

"Sim; esse é o seu nome. Eu não planejava revelá-lo a você".

"Mas por que não?"

"Oh, não posso explicar. Quando eu gosto imensamente de alguém, nunca digo seu nome para ninguém. Parece que estou entregando uma parte deles. Você sabe o quanto eu gosto de segredos. É a única coisa que pode tornar a vida moderna maravilhosa ou misteriosa para nós. A coisa mais comum fica deliciosa se alguém a esconde. Quando deixo a cidade, nunca digo a ninguém para onde estou indo. Se eu dissesse, perderia-me todo o prazer. É uma mania tola, ouso dizer, mas de alguma forma parece trazer uma boa dose de romance à vida de alguém. Suponho que você me ache terrivelmente tolo a respeito".

"Nem um pouco", respondeu lorde Henry, deitando sua mão sobre o ombro dele; "nem um pouco, meu querido Basil. Você parece esquecer que sou casado e que um dos encantos do casamento é fazer com que uma vida de enganos seja necessária a ambos os lados. Nunca sei onde minha esposa está e minha esposa nunca sabe o que estou fazendo. Quando nos encontramos – sim, encontramo-nos ocasionalmente, quando jantamos juntos ou quando vamos à casa do duque – contamos um ao outro as histórias mais absurdas com os rostos mais sérios que possam existir. Minha esposa é muito boa nisso – muito melhor, na verdade, do que eu. Ela nunca se confunde com as datas e eu sempre. Mas, quando descobre algum erro meu, ela nunca discute. Eu, às vezes, gostaria que ela brigasse; mas ela apenas ri de mim".

"Odeio o modo como fala de sua vida conjugal, Harry", disse Basil Hallward, desvencilhando-se de sua mão e caminhando em direção à porta que conduz ao jardim. "Acredito que você seja realmente um marido muito bom, mas que está completamente envergonhado de suas próprias virtudes. Você é um rapaz extraordinário. Você nunca diz nada sobre a moral e nunca faz nada de errado. Seu cinismo é simplesmente uma pose".

"Ser natural é simplesmente uma pose e a mais irritante pose que eu conheço", exclamou lorde Henry, rindo; e os dois jovens homens saíram para o jardim juntos e por um tempo não se falaram.

Depois de uma longa pausa, lorde Henry retirou seu relógio. "Temo que seja hora de ir, Basil", ele murmurou, "e antes de ir, insisto em que responda a uma pergunta que fiz há algum tempo".

"O que é?", perguntou Basil Hallward, mantendo seus olhos presos ao chão.

"Você sabe muito bem."

"Não sei, Harry."

"Bem, eu lhe direi o que é".

"Por favor, não."

"Eu devo. Quero que me explique porque você não exibirá o retrato de Dorian Gray. Quero o motivo verdadeiro".

"Eu lhe disse o verdadeiro motivo".

"Não, você não disse. Você falou que era porque havia muito de si mesmo nele. Mas isso é infantil".

"Harry", disse Basil Hallward, encarando-o fixamente, "cada retrato que é pintado com sentimento é um retrato do artista, não do modelo. O modelo é apenas uma circunstância, uma ocasião. Não é ele que é revelado pelo artista; pelo contrário, é o artista que, em uma tela cheia de cores, revela a si mesmo. O motivo pelo qual não exibirei este retrato é que temo mostrar com ele o segredo de minha alma".

Lorde Harry sorriu. "E o que seria?", perguntou.

"Eu lhe direi", disse Basil Hallward; e uma expressão de perplexidade abateu-se sobre seu rosto.

"Sou todo expectativa, Basil", murmurou seu companheiro, olhando para ele.

"Oh, não há muito o que contar, realmente, Harry", respondeu o jovem pintor; "e temo que você dificilmente o compreenda. Talvez você mal acreditará".

Lorde Henry sorriu e, abaixando-se, colheu uma margarida de pétalas rosas do gramado e a examinou. "Estou bem certo de que compreenderei", ele replicou, fitando intensamente o pequeno disco dourado de penachos brancos, "e posso crer em qualquer coisa, já que é inacreditável".

O vento agitou algumas flores nas árvores e as pesadas florescências de lilás, com suas estrelas agrupadas, balançaram através do ar lânguido. Um grilo começou a cantar no meio da grama e uma libélula, grande e delgada, planou em suas próprias asas marrons e translúcidas. Lorde Henry sentia que podia ouvir as batidas do coração de Basil Hallward e se perguntou o que estava por vir.

"Bem, isso é inacreditável", repetiu Hallward, mais amargo, "às vezes, inacreditável para mim. Eu não sei o que significa. A história é simplesmente esta. Há dois meses, fui a uma festa na casa de lady Brandon. Você sabe que nós, pobres pintores, temos de nos mostrar à sociedade de vez em quando, apenas para relembrar ao público que não somos selvagens. Com um paletó de noite e uma gravata branca, como você me disse uma vez, qualquer um, até um corretor de valores, pode ganhar reputação de ser

civilizado. Bem, depois de estar na sala por dez minutos, conversando com enormes e pomposas matronas e tediosos acadêmicos, repentinamente percebi que alguém estava olhando para mim. Dei meia-volta e vi Dorian Gray pela primeira vez. Quando os nossos olhos se encontraram, senti que perdia a cor de meu rosto. Um instinto curioso de terror se apoderou de mim. Soube que estava face a face com alguém cuja mera personalidade era tão fascinante que, se eu permitisse, absorveria toda a minha essência, minha alma inteira, minha própria arte. Eu não queria nenhuma influência externa em minha vida. Você mesmo sabe, Harry, quão independente sou por natureza. Meu pai destinou-me para o exército. Insisti em ir para Oxford. Então, ele fez com que eu me inscrevesse em Middle Temple[1]. Antes de ter aproveitado metade dos doze jantares[2], larguei a advocacia e anunciei minha intenção de me tornar um pintor. Sempre fui meu próprio mestre; e teria sido assim, pelo menos, até encontrar Dorian Gray. Então... Mas não sei como lhe explicar isso. Algo pareceu me dizer que eu estava à beira de uma terrível crise em minha vida. Eu tinha uma estranho sensação de que o Destino tinha guardado para mim intensas alegrias e intensas mágoas. Eu sabia que se conversasse com Dorian tornaria-me absolutamente devotado a ele e, deste modo, não deveria falar com ele. O medo crescia em mim e me virei para deixar a sala. Não foi a consciência que me impeliu a agir assim: foi a covardia. Não atribuo nenhum crédito a mim mesmo por tentar escapar".

"Consciência e covardia são, de fato, as mesmas coisas, Basil. Consciência é o nome fantasia da companhia. Isso é tudo".

"Não acredito nisso, Harry. Porém, seja qual for meu motivo – e poderia ser orgulho, pois eu costumava ser muito orgulhoso – certamente corri para a porta. Lá, claro, tropecei em lady Brandon. 'Você não vai fugir assim tão cedo, senhor Hallward', ela exclamou. Você conhece a voz estridente e horrenda dela?"

"Sim; ela é um pavão em tudo, menos na beleza", disse lorde Henry, despedaçando a margarida com seus dedos longos e nervosos.

"Eu não pude me desvincilhar dela. Ela me levou aos nobres e às pessoas condecoradas[3] e às senhoras idosas com tiaras gigantescas e narizes empinados. Ela se referia a mim como seu mais querido amigo. Eu a havia encontrado apenas uma vez, mas ela colocou em sua cabeça que

deveria me tratar como uma celebridade. Acredito que alguma pintura minha tenha feito um grande sucesso naquele tempo ou pelo menos tenha sido comentada pelos jornais baratos, que é o padrão do século 19 de imortalidade. Logo me encontrei frente a frente com o jovem rapaz, cuja personalidade tinha tão estranhamente me atiçado. Estávamos muito próximos, quase nos tocando. Nossos olhos se encontraram novamente. Foi loucura minha, mas pedi a lady Brandon que me apresentasse a ele. Talvez não tenha sido tanta loucura, no final das contas. Era simplesmente inevitável. Teríamos nos falado mesmo sem qualquer apresentação. Estou certo disso. Dorian me disse isso depois. Ele também sentira que estávamos destinados a nos conhecer um ao outro".

"E como lady Brandon descreveu este maravilhoso jovem rapaz? Sei que ela costuma dar um rápido e detalhado resumo de todos os seus convidados. Lembro-me dela me levando a um velho cavalheiro, muito truculento e de rosto avermelhado, todo recoberto com medalhas e faixas, e sibilando em meus ouvidos um sussurro trágico que deve ter sido perfeitamente audível para todos na sala, algo como 'Senhor Fulano de Tal... você sabe... fronteira afegã... intrigas russas: um homem de muito sucesso... esposa morta por um elefante... muito inconsolável... quer se casar com uma bela viúva norte-americana... todos fazem isso hoje em dia... odeia o senhor Gladstone... mas tem muito interesse em besouros: pergunte-lhe o que acha de Schouvaloff'. Eu simplesmente fugi. Gosto de descobrir as pessoas por mim mesmo. Mas a pobre lady Brandon trata as pessoas exatamente como um leiloeiro trata as suas mercadorias. Ou ela os desvenda por completo ou diz a alguém tudo sobre eles exceto o que se quer realmente saber. Mas o que ela disse sobre o senhor Dorian Gray?"

"Oh, ela murmurou, 'Rapaz encantador... eu e a pobre e querida mãe somos inseparáveis... comprometidas a nos casar com o mesmo homem... quero dizer, casar no mesmo dia... como sou tola! Já esqueci o que ele faz – temo que ele... não faça nada... ah, sim, toca piano... ou seria violino, senhor Gray?' Nenhum de nós pôde segurar o riso e nos tornamos amigos de vez".

"Rir não é um mau começo para uma amizade e é o melhor meio de por término a uma", disse lorde Henry, arrancando outra margarida.

Hallward enterrou seu rosto entre as mãos. "Você não entende o que é uma amizade, Henry", ele murmurou, "ou que é a inimizade, neste caso. Você é como todos; ou seja, indiferente a qualquer um".

"Você é terrivelmente injusto!", exclamou lorde Henry, inclinando seu chapéu para trás e olhando para as pequenas nuvens acima que vadiavam através do inexpressivo azul-turquesa do céu de verão, como novelos desfiados de brilhante seda branca. "Sim; horrivelmente injusto. Eu diferencio muito bem as pessoas. Escolho meus amigos pela boa aparência, meus conhecidos, pelo caráter e meus inimigos, pela inteligência. Não ando com nenhum imbecil. Todos são homens de alguma força intelectual e, consequentemente, todos gostam de mim. Isso me faz um vaidoso? Eu acho que é mais que vaidade".

"Deveria pensar que sim, Harry. Mas, de acordo com as suas categorias, devo ser apenas um conhecido".

"Meu bom velho Basil, você é muito mais do que um conhecido".

"E muito menos que um amigo. Uma espécie de irmão, talvez?"

"Ah, irmãos! Eu não me importo com eles. Meu irmão mais velho não morrerá e os mais jovens parecem nunca fazer outra coisa".

"Harry!"

"Meu caro rapaz, não estou sendo muito sério. Mas não posso evitar detestar meus parentes. Suponho que isso venha do fato de que não podemos suportar outras pessoas que têm as mesmas falhas que nós mesmos. Simpatizo muito com a fúria da democracia inglesa contra o que eles chamam de vícios das elites. Eles sentem que a bebedeira, a estupidez e a imoralidade devem ser propriedades especiais deles, e que se algum de nós se faz de bobo, está invadindo uma propriedade privada. Quando o pobre Southwark entrou na Corte de Divórcios, a indignação deles era quase maravilhosa. E, ainda assim, não suponho que dez por cento das ordens inferiores vivam corretamente".

"Não concordo com uma única palavra do que você disse, Henry, e ainda mais, não acredito que você também concorde".

Lorde Henry acariciou sua barba pontiaguda marrom e bateu na ponta da sua bota de couro brilhante com uma vara de junco com franjas. "Como você é inglês, Basil! Se alguém propõe uma ideia para um

verdadeiro inglês – sempre algo imprudente de se fazer – ele sequer sonha em considerar se a ideia está certa ou errada. A única coisa que ele considera de alguma importância é se alguém acredita no seu próprio íntimo. Agora, o valor de uma ideia não tem absolutamente nada a ver com a sinceridade do homem que a expressa. Com efeito, quanto mais prepotente o homem for, mais chances há de a ideia ser mais puramente intelectual, já que neste caso, a ideia não será pintada pela suas vontades, desejos ou pelo orgulho. Porém, não proponho discutir política, sociologia ou metafísica com você. Gosto mais das pessoas do que dos princípios. Fale mais sobre Dorian Gray. Você o vê muito frequentemente?"

"Todos os dias. Eu não poderia ser feliz se não o pudesse ver todos os dias. Claro que às vezes só por alguns minutos. Mas poucos minutos com uma pessoa que alguém cultua é muita coisa."

"Mas você realmente não o cultua?"

"Sim."

"Que extraordinário! Pensei que você nunca se importasse com qualquer coisa mais além de sua pintura, sua arte, devo dizer. Arte soa melhor, não é?"

"Ele é toda a minha arte para mim agora. Às vezes acho, Harry, que há apenas duas eras de alguma importância na história do mundo. A primeira é a aparição de um novo meio para a arte e a segunda é o surgimento de uma nova personalidade também para a arte. O que a invenção da pintura a óleo foi para os venezianos e o rosto de Antínoo foi para a finada escultura grega, a face de Dorian Gray será algum dia para mim. Não é somente porque pinto a partir dele, desenho a partir dele, modelo a partir dele. Claro que fiz tudo isso. Ele posou como Páris em delicada armadura e como Adônis com túnica de caçador e uma polida lança para javalis. Coroado com flores de lótus, ele se sentou à proa da barca de Adriano, olhando para o verde e turvo Nilo. Ele se apoiou sobre algum plácido lago em algum bosque na Grécia e viu nas calmas águas prateadas a maravilha de sua própria beleza. Mas ele é mais para mim do que isso. Não lhe direi que estou insatisfeito com o que fiz dele, que a sua beleza é tamanha que a arte não pode expressá-la. Não há nada que a arte não possa expressar, e sei que o trabalho que tenho feito desde que encontrei Dorian Gray é de boa qualidade; é o melhor trabalho que fiz na

minha vida. Mas, de alguma maneira curiosa – pergunto-me se você irá compreender – a personalidade dele me sugeriu um método completamente novo para a arte, um estilo completamente novo. Eu vejo as coisas diferentes, penso nelas diferente. Posso, agora, recriar a vida de um modo que me estava oculto antes. 'Um sonho de forma em dias de pensamento' – quem foi que disse isso?[4] Não me recordo; mas é o que Dorian Gray tem sido para mim. A simples presença visível desse rapazote – pois ele me parece um pouco mais do que um rapazote, embora tenha um pouco mais de vinte anos – sua simples presença visível – ah! Eu me pergunto se você pode compreender o que isso significa. Inconscientemente ele define para mim as linhas de uma nova escola, uma escola que tem em si mesma toda a paixão do espírito romântico, toda a perfeição do espírito que é grega. A harmonia do corpo e da alma – quanto há disso! Nós, em nossa loucura, separamos os dois e inventamos um realismo que é bestial, um idealismo que é vazio. Harry! Harry! Se você soubesse o que Dorian Gray é para mim! Lembra daquele panorama que fiz, pelo qual Agnew ofereceu um valor tão alto, mas do qual eu não poderia me separar? É uma das melhores coisas que já fiz. E por quê? "Porque, enquanto eu o pintava, Dorian Gray sentou-se ao meu lado."

"Basil, isso é deveras maravilhoso! Eu preciso ver Dorian Gray".

Hallward levantou-se e caminhou a esmo pelo jardim. Depois de algum tempo, retornou. "Você não compreende, Harry", ele disse. "Dorian Gray, para mim, é somente um tema dentro da arte. Ele nunca está mais presente em meu trabalho do que quando nenhuma imagem dele está lá. Ele é simplesmente uma sugestão, como eu disse, de um novo método. Eu o vejo nas curvas de certas linhas, nas graças e nas sutilezas de determinadas cores. Isso é tudo".

"Então, por que não exibir seu retrato?"

"Porque coloquei nele todo o romance extraordinário que, obviamente, nunca ousei falar para ele. Ele nada sabe sobre isso. Ele nunca saberá nada sobre isso. Mas o mundo poderá adivinhar; e não desnudarei minha alma perante estes olhos rasos e bisbilhoteiros. Meu coração nunca será colocado sob seus microscópios. Há muito de mim mesmo nesta coisa, Harry – muito de mim mesmo!"

"Os poetas não têm tantos escrúpulos quanto você. Eles sabem o quão útil a paixão é para a publicação. Hoje em dia, um coração partido gerará muitas edições".

"Eu os odeio por isso. Um artista deve criar coisas belas, mas não deveria colocar nada de sua própria vida nelas. Vivemos em uma época em que os homens tratam arte como se fosse uma forma de autobiografia. Perdemos o senso abstrato de beleza. Se eu viver, mostrarei ao mundo o que é isso; e, por essa razão, o mundo nunca deverá ver meu retrato de Dorian Gray".

"Acho que você está errado, Basil, mas não discutirei com você. Apenas os perdidos intelectualmente discutem. Diga-me, Dorian Gray gosta muito de você?"

Hallward considerou por alguns momentos. "Ele gosta de mim", respondeu depois de uma pausa; "Sei que ele gosta de mim. Claro que o bajulo terrivelmente. Encontro um estranho prazer em dizer-lhe coisas que sei que irei me arrepender por tê-las dito. Eu me revelo. Como regra, ele é encantador para mim e caminhamos do clube de volta para casa de braços dados ou nos sentamos no estúdio e conversamos sobre milhares de coisas. De vez em quando, porém, ele é terrivelmente desatencioso e parece ter verdadeiro prazer em me causar dor. Então eu sinto, Harry, que revelei minha alma inteira para alguém que a trata como se fosse uma flor a ser colocada em sua lapela, uma parte decorativa para encantar sua vaidade, um ornamento para um dia de verão".

"Os dias de verão, Basil, são apropriados para fazer hora. Talvez você se canse mais rápido do que ele. É algo triste de se pensar, mas não há dúvida de que a inspiração dura mais do que a beleza. Isso explica o fato de que todos nós nos esforçamos muito para nos educar. Na selvagem luta pela existência, queremos ter algo que resista e assim enchemos nossas mentes de besteira e eventos, na tola esperança de manter nossos lugares. O homem completamente bem instruído – eis o ideal moderno. E a mente do homem completamente bem instruído é uma coisa terrível. É como uma loja de bric-à-brac, cheia de monstros e poeira, e tudo com preços superiores ao seu valor real. Acho que você se cansará primeiro, ainda assim. Um dia destes, você olhará para Gray e ele lhe parecerá como um pouco mal desenhado ou não gostará do tom da sua cor, ou algo assim. Você o

reprovará amargamente em seu próprio coração e pensará seriamente que ele se comportou muito mal com relação a você. Da próxima vez em que ele visitá-lo, você será perfeitamente frio e indiferente. Será uma grande lástima, pois isso o alterará. O pior em se ter um romance é que ele lhe deixa extremamente sem romantismo".

"Harry, não fale assim. Enquanto eu viver, a personalidade de Dorian Gray me dominará. Você não pode sentir o que eu sinto. Você muda com muita frequência".

"Ah, meu caro Basil, é exatamente por isso que posso senti-lo. Aqueles que são fieis conhecem apenas o prazer do amor: é a fé que conhece as tragédias amorosas". E lorde Henry acendeu um fósforo em uma delicada caixa de prata e começou a fumar um cigarro com um ar de domínio próprio e autossatisfação, como se ele tivesse resumido toda a vida em uma frase. Havia um farfalhar de ruidosos pardais na hera e as sombras das nuvens azuis perseguiam a si mesmas através da grama como andorinhas. Como estava agradável no jardim! E como eram deliciosas as emoções das outras pessoas! – muito mais deliciosas do que suas ideias, parecia a ele. A própria alma de alguém e a paixão dos amigos de alguém – estas eram as coisas fascinantes na vida. Ele pensava com prazer no tedioso almoço que perdera ao permanecer por tanto tempo com Basil Hallward. Tivesse ele ido à sua tia e estaria certo de encontrar lorde Goodbody lá, e toda a conversa teria sido sobre as casas dos pobres e a necessidade de habitações modelo. Era encantador ter escapado de tudo aquilo! Enquanto ele pensava em sua tia, uma ideia pareceu lhe ocorrer. Virou-se para Hallward e disse, "Meu caro amigo, acabei de me lembrar".

"Lembrar do quê, Harry?"

"Onde ouvi o nome de Dorian Gray".

"Onde foi?", perguntou Hallward, com um leve franzir.

"Não me olhe tão bravo, Basil. Foi em casa de minha tia, lady Agatha. Ela me disse que descobrira um maravilhoso jovem, que iria ajudá-la em East End e que seu nome era Dorian Gray. Sou levado a afirmar que ela nunca me disse que ele era bonito. As mulheres não apreciam a boa aparência. Pelo menos as boas mulheres. Ela disse que ele era muito sincero e tinha uma bela natureza. Imediatamente imaginei uma criatura de óculos

e cabelos lisos, com terríveis sardas e passeando com seus enormes pés. Quisera eu saber que era seu amigo".

"Estou muito contente que você não sabia, Harry".

"Por quê?"

"Não quero que você o conheça".

"O senhor Dorian Gray está no estúdio, senhor", disse o mordomo, vindo até o jardim.

"Agora você tem de me apresentá-lo", exclamou Lorde Henry, rindo.

Basil Hallward voltou-se para o criado, que estava cego pela luz do sol. "Peça ao senhor Gray que aguarde, Parker: entrarei em alguns minutos". O homem inclinou-se e partiu pelo caminho.

Então ele olhou para lorde Henry. "Dorian Gray é meu amigo mais querido", ele disse. "Ele tem uma natureza simples e bela. Sua tia estava muito certa no que disse sobre ele. Não o estrague, por mim. Não tente influenciá-lo. Sua influência seria má. O mundo é enorme e há muitas pessoas maravilhosas nele. Não me tire a única pessoa que torna a vida absolutamente agradável para mim e que dá à minha arte qualquer maravilha ou encanto que ela possui. Veja, Harry, que confio em você." Ele falava muito lentamente e as palavras pareciam extraídas de si quase contra sua vontade.

"Quantas besteiras você fala!", disse Lorde Henry, sorrindo e pegando Hallward pelo braço, quase o conduzindo até a casa.

[1] Uma das únicas quatro instituições acadêmicas que formam barristers (advogados que dividem uma causa com os solicitors, que têm contato com o cliente, enquanto os barristers fazem a defesa do cliente na corte). Localizada em Londres, foi formada após a dissolução da Ordem dos Templários no Reino Unido, em 1312, e existe até hoje.

[2] Os estudantes de advocacia em Middle Temple são obrigados a jantar na instituição pelo menos doze vezes. Após a refeição, seguem-se debates e palestras.

[3] No original, "Stars and Garters". A expressão refere-se a dois elementos: primeiro, a constatação de que a maior parte das medalhas da cavalaria britânica tinha o formato de uma estrela; depois, à Order of the Garter, criada por Eduardo III em 1344 como a mais alta condecoração da cavalaria britânica. Por meio da literatura, utilizada por Pope, Shakespeare e Dickens, entre outros, a

expressão ganhou forma de dito popular, como a versão norte-americana “Oh, my stars and garters!”.

[4] O verso “A Dream of Form in Days of Thought” é do poema “To a Greek Girl”, do inglês Austin Henry Dobson (1840-1921).

CAPÍTULO 2

Viram Dorian Gray assim que entraram. Ele estava sentado ao piano, de costas para eles, folheando um volume das "Kinderscenen", de Schumann[1]. "Você tem de me emprestá-las, Basil", ele exclamou. "Tenho de aprendê-las. São perfeitamente encantadoras".

"Isso depende inteiramente de como você posar hoje, Dorian".

"Oh, estou cansado de posar e não quero um retrato meu de tamanho natural", respondeu o rapazote, balançando sobre o banco do piano, de modo determinado e petulante. Quando ele se apercebeu de lorde Henry, um leve rubor pintou seu rosto por um momento e ele se levantou. "Desculpe-me, Basil, mas não sabia que havia alguém com você".

"Este é lorde Henry Wotton, Dorian, um velho amigo meu de Oxford. Estava justamente lhe contando que você era um modelo importante, mas agora você estragou tudo".

"Você não estragou meu prazer em conhecê-lo, senhor Gray", disse lorde Henry, adiantando-se e apertando-lhe sua mão. "Minha tia frequentemente fala de você para mim. Você é um dos prediletos dela e, temo eu, uma de suas vítimas também".

"Estou na lista negra de Lady Agatha no momento", respondeu Dorian, com um olhar divertido de penitência. "Prometi acompanhá-la ao clube dela, em Whitechapel na última terça-feira e realmente me esqueci completamente disso. Deveríamos tocar um dueto juntos – três duetos, acho. Não sei o que ela dirá de mim. Estou muito amedrontado para visitá-la".

"Oh, eu o reconciliarei com minha tia. Ela é muito devotada a você. E não acredito que importava muito você não estar lá. O público provavelmente pensou que era um dueto. Quando tia Agatha senta-se ao piano, ela faz barulho suficiente por duas pessoas".

"Isso é péssimo para ela e não é muito bom para mim", respondeu Dorian, rindo.

Lorde Henry olhou para ele. Sim, de fato ele era maravilhosamente bonito, com seus lábios escarlates finamente encurvados, seus olhos azuis diretos e seu cabelo dourado e revolto. Havia algo em seu rosto que fazia

alguém confiar nele imediatamente. Toda a candura da juventude estava ali, assim como toda a jovem pureza apaixonada. Podia-se sentir que ele se mantivera intacto pelo mundo. Não era de surpreender que Basil Hallward o venerasse. Ele fora feito para ser cultuado.

"Você é muito encantador para se dedicar à filantropia, senhor Gray – por demais encantador". E lorde Henry atirou-se ao divã, abrindo a sua cigarreira.

Hallward estava ocupado em misturar suas cores e em aprontar seus pincéis. Ele parecia preocupado, e quando ouviu a última observação de lorde Henry, olhou para ele de soslaio, hesitou por um momento e então disse, "Harry, quero terminar este retrato hoje. Você me acharia terrivelmente rude se lhe pedisse para ir embora?"

Lorde Henry sorriu e olhou para Dorian Gray. "Devo ir, senhor Gray?", perguntou.

"Oh, por favor não, lorde Henry. Vejo que Basil está em um dos seus humores rabugentos; e não posso suportá-lo quando ele fica assim. Além do mais, quero que me conte porque não devo entrar para a filantropia".

"Não sei se devo lhe contar isso, senhor Gray. Mas certamente não fugirei, agora que pediu-me para parar. Você realmente não se importa, não é Basil? Com frequência, você me diz que gosta que seus modelos tenham alguém com quem conversar".

Hallward mordeu seu lábio. "Se Dorian assim deseja, claro que você deve ficar. Os caprichos de Dorian são leis para todos, exceto para mim".

Lorde Henry tirou seu chapéu e suas luvas. "Você é muito insistente, Basil, mas temo que devo ir. Prometi encontrar um senhor no Orleans. Adeus, senhor Gray. Venha me ver uma tarde dessas em Curzon Street. Quase sempre estou em casa por volta das cinco horas. Escreva-me quando vier. Ficarei triste em desencontrá-lo".

"Basil", exclamou Dorian Gray, "se lorde Henry partir, deverei ir também. Você nunca abre seus lábios enquanto pinta e é terrivelmente tedioso ficar em uma plataforma tentando parecer simpático. Peça a ele que fique. Eu insisto".

"Fique, Harry, por Dorian e por mim", disse Hallward, olhando fixamente para seu retrato. "É bem verdade que nunca falo enquanto trabalho e nunca ouço também, e deve ser pavorosamente chato para meus desafortunados modelos. Imploro que fique".

"Mas e o meu senhor no Orleans?"

O pintor riu. "Não acho que haja dificuldade alguma sobre isto. Sente-se novamente, Harry. E agora, Dorian, suba na plataforma e não se mova muito ou preste muita atenção ao que lorde Henry disser. Ele tem uma influência bastante má sobre todos os seus amigos com exceção de mim".

Dorian subiu ao palco, com um ar de jovem mártir grego e fez uma pequena careta de descontentamento para lorde Henry, a quem ele já tinha se afeiçoado. Ele era muito diferente de Hallward. Eles formavam um prazeroso contraste. E ele tinha uma voz muito bonita. Depois de alguns momentos, ele lhe disse, "Você é de fato uma má influência, lorde Henry? Tão má quanto Basil diz?"

"Não existe esta coisa de boa influência, senhor Gray. Toda influência é imoral – imoral do ponto de vista científico".

"Por quê?"

"Porque influenciar alguém é dar-lhe sua própria alma. Ele já não tem seus pensamentos naturais ou arde com suas paixões naturais. Suas virtudes não lhe são mais verdadeiras. Seus pecados, se é que existe algo como pecados, são emprestados. Ele se torna o eco da música de outro alguém, um ator em um papel que não lhe foi escrito. O objetivo da vida é o autodesenvolvimento. Entender a natureza de alguém perfeitamente – eis o porquê de estarmos aqui. As pessoas temem a si mesmas, hoje em dia. Elas se esqueceram da maior de todas as tarefas, aquela que alguém deve a si mesmo. Claro que são bondosas. Elas alimentam aos famintos e vestem os mendigos. Mas a própria alma delas tem fome e está nua. A coragem se evadiu de nossa raça. Talvez nunca a tivéssemos. O terror da sociedade, que é a base da moral, o terror de Deus, que é o segredo da religião... essas são as duas coisas que nos governam. E, ainda..."

"Vire sua cabeça apenas um pouco mais para a esquerda, Dorian, como um bom garoto", disse Hallward, concentrado em seu trabalho e

ciente apenas de um ar que se instaurara no rosto do rapazote que ele nunca vira antes.

"E, ainda", continuou lorde Henry, em sua voz baixa e musical, e com um gracioso ondear de mãos que era sempre tão característico dele e que ele já tinha em seus dias em Eton[2], "acredito que se um homem fosse viver sua vida intensa e completamente, daria forma a qualquer sentimento, expressão a cada pensamento, realidade a todos os sonhos – acredito que o mundo ganharia tal impulso de alegria que esqueceríamos todas as tristezas do medievalismo e voltaríamos ao ideal helênico, a algo mais fino, mais rico do que o ideal helênico, talvez. Mas o homem mais corajoso entre nós teme a si mesmo. A mutilação do selvagem tem sua trágica sobrevivência na autorrecusa que desfigura nossas vidas. Somos punidos pelas nossas recusas. Cada impulso que lutamos para estrangular reméi em nossas mentes e nos envenena. O corpo peca uma vez e se contenta com seu pecado, pois a ação é um modo de purificação. Nada permanece então além da lembrança do prazer ou da luxúria de um remorso. O único modo de se livrar da tentação é ceder a ela. Resista e sua alma cada vez mais adoece com o anseio pelas coisas que ela mesma se proibiu com o desejo pelo o que suas leis monstruosas tornaram monstruosas e ilegais. Já se disse que os grandes eventos do mundo ocorrem no cérebro. É no cérebro, e apenas lá, que os grandes pecados do mundo também ocorrem. Você, senhor Gray, você mesmo, com sua juventude de rosas vermelhas e sua adolescência de rosas brancas, você teve paixões que lhe deram medo, pensamentos que lhe encheram de terror, delírios e sonhos cuja mera memória poderiam tingir seu rosto de vergonha..."

"Pare!", murmurou Dorian Gray, "pare! Você me desnorteia. Não sei o que dizer. Há alguma resposta para isso, mas não posso encontrá-la. Não fale. Deixe-me pensar, ou melhor, deixe que eu não pense".

Por cerca de dez minutos ele ficou ali, imóvel, com os lábios separados e os olhos estranhamente brilhantes. Ele estava levemente consciente de que impulsos inteiramente novos estavam em operação dentro dele e pareciam-lhe que tinham nascido realmente nele. As poucas palavras que o amigo de Basil lhe dissera – palavras ditas ao acaso, sem dúvida, e com um voluntário paradoxo embutido – tinham ainda tocado

algum acorde secreto, que nunca fora tocado antes, mas que ele sentia estar vibrando e pulsando agora em curiosas palpitações.

A música o havia eriçado daquela maneira. A música o inquietara muitas vezes. Mas a música não era articulada. Não era um novo mundo, mas, ao invés, um novo caos, que ela criara em nós. Palavras! Meras palavras! Como eram terríveis! Como eram límpidas e vívidas, crueis! Ninguém poderia escapar delas. E ainda uma mágica sutil havia nelas! Pareciam ser capazes de dar forma plástica a coisas sem dimensão e ter uma música própria tão doce quanto aquela da viola ou do alaúde. Meras palavras! Havia algo tão real quanto as palavras?

Sim; havia coisas em sua adolescência que ele não compreendia. Agora ele as compreendia. A vida subitamente tornou-se ardentemente colorida para ele. Parecia que ele estivera caminhando sobre o fogo. Por que ele não soubera disso?

Lorde Henry o observava, com seu triste sorriso. Ele conhecia o momento psicológico preciso para não dizer nada. Ele se sentia intensamente interessado. Ele estava surpreso com a súbita impressão que suas palavras tinham causado e, lembrando-se de um livro que ele lera quando tinha dezesseis anos, que lhe revelara muito do que ele não conhecia antes, se perguntou se Dorian Gray estava passando pela mesma experiência. Ele apenas lançara uma flecha pelo ar. Atingira o alvo? Que rapazote fascinante ele era!

Hallward pintava com aquele seu arrojado e maravilhoso toque, que tinha o refinamento verdadeiro e a perfeita delicadeza que vinha apenas da força. Ele estava inconsciente do silêncio.

"Basil, estou cansado de ficar aqui", exclamou Dorian Gray, repentinamente. "Devo sair e posar no jardim. O ar está sufocante aqui dentro".

"Meu caro amigo, lamento muito. Quando estou pintando, não penso em nada mais. Mas você nunca posou melhor. Você está perfeitamente imóvel. E eu capturei o efeito que queria – os lábios semiabertos e o olhar brilhante de seus olhos. Não sei o que Harry estava lhe falando, mas ele certamente lhe fez ter a expressão mais magnífica. Suponho que ele o estava elogiando. Você não deve acreditar em uma palavra do que ele diz".

"Por certo que ele não estava me elogiando. Talvez seja esta a razão por eu não acreditar em uma palavra sequer do que ele me disse".

"Você sabe que acredita em tudo", disse lorde Henry, olhando para ele com seus olhos nebulosos e as pálpebras pesadas. "Irei ao jardim com você. Está terrivelmente quente no estúdio. Basil, sirva-nos algo gelado para beber, algo com morangos".

"Claro, Harry. Apenas toque a sineta e quando Parker chegar lhe direi o que querem. Tenho de trabalhar neste fundo, assim, juntar-me-ei a vocês logo mais. Não segure Dorian por muito tempo. Nunca estive em melhor forma para pintar como estou hoje. Esta será minha obra-prima. Já é minha obra-prima, como está agora".

Lorde Henry saiu para o jardim e encontrou Dorian Gray enterrando seu rosto nas grandes e frias flores de lilás, bebendo febrilmente seu perfume como se fosse vinho. Ele se aproximou dele e colocou a mão em seu ombro. "Você está muito certo em fazer isso", ele murmurou. "Nada pode curar a alma além dos sentidos, assim como nada pode curar os sentidos além da alma".

O rapazote pulou e recuou. Ele não usava chapéu e as folhas tinham jogado seus cachos rebeldes e emaranhado todos os seus fios dourados. Havia um olhar de medo em seus olhos, como as pessoas têm quando são repentinamente despertadas. Suas narinas finamente esculpidas agitavam-se e algum nervo oculto abalava o escarlate de seus lábios e os deixava trêmulos.

"Sim", continuou lorde Henry, "este é um dos grandes segredos da vida – curar a alma por meio dos sentidos e os sentidos por meio da alma. Você é uma criatura maravilhosa. Você sabe mais do que pensa que sabe, assim como sabe menos do que deseja saber".

Dorian Gray fechou a cara e virou sua cabeça. Ele não podia evitar gostar do jovem alto e gracioso à sua frente. Seu rosto romântico e cor de oliva, com sua expressão desgastada, o interessava. Havia algo em sua voz baixa e lânguida que era absolutamente fascinante. Suas mãos frias e brancas, como uma flor, tinham ainda um encanto curioso. Elas se moviam, enquanto ele falava, como música, e pareciam ter uma linguagem própria. Mas ele o temia e se envergonhava por temer. Por que fora deixado a um estranho revelá-lo a si mesmo? Ele conhecia Basil Hallward há meses, mas a

amizade entre eles nunca o alterara. De repente, alguém que cruzara sua vida parecia ter lhe desvendado o mistério da existência. E, ainda, o que havia para se temer? Ele não era um garoto de escola ou uma menina. Era absurdo estar assustado.

"Vamos nos sentar sob a sombra", disse lorde Henry. "Parker trouxe nossas bebidas e se você ficar mais tempo nesta claridade, ficará bem prejudicado e Basil nunca mais lhe pintará. Você realmente não deve se deixar queimar pelo sol. Seria muito inapropriado de sua parte".

"E o que isso importa?", exclamou Dorian, rindo, enquanto se sentava no assento ao fim do jardim.

"Tudo deve importar para você, senhor Gray".

"Por quê?"

"Porque agora você tem a mais maravilhosa juventude e a juventude é a única coisa que vale a pena se ter".

"Não sinto isso, lorde Henry".

"Não, você não sente isso agora. Algum dia, quando estiver velho, enrugado e feio, quando o pensamento tiver sulcado sua testa com suas linhas e a paixão tiver marcado os seus lábios com seu fogo repugnante, você sentirá isso, sentirá terrivelmente. Agora, onde quer que vá, você encanta o mundo. Sempre será assim? Você tem um rosto maravilhosamente belo, senhor Gray. Não o feche. Você o tem. E a Beleza é uma forma de Inspiração – maior, sem dúvida, que a Inspiração, pois não necessita explicar-se. É um dos grandes fatos do mundo, como a luz do sol ou a primavera, ou o reflexo nas águas escuras daquele escudo prateado a que chamamos de lua. Não pode ser questionada. Tem seu direito divino de soberania. Torna príncipes todos aqueles que a têm. Você sorri? Ah! Quando a tiver perdido, você não sorrirá. As pessoas dizem, às vezes, que a Beleza é apenas superficial. Pode ser que seja. Mas, pelo menos, não é tão superficial quanto o Pensamento. Para mim, a Beleza é a maravilha das maravilhas. São apenas as pessoas superficiais que não julgam pelas aparências. O verdadeiro mistério do mundo é o visível, não o invisível. Sim, senhor Gray, os deuses foram bondosos com você. Mas o que os deuses dão, também tiram rapidamente. Você tem somente poucos anos com o que realmente viver. Quando sua juventude se esvair, sua beleza irá com ela

e você subitamente descobrirá que não há muitos triunfos que lhe restarão ou terá de se contentar com aqueles medíocres triunfos que a memória de seu passado tornará mais amargo do que as derrotas. Cada mês que míngua lhe trará mais próximo de algo terrível. O tempo tem ciúmes de você e luta contra seus lírios e suas rosas. Você se tornará pálido e de rosto murcho, e seus olhos ficarão inertes. Você sofrerá horrivelmente. Compreenda sua juventude enquanto a tem. Não desperdice o ouro dos seus dias, ouvindo aos tediosos, tentando corrigir a falha desesperançada ou dando sua vida ao ignorante, ao comum, ao vulgar, que são os objetivos, os falsos ideais, de nossa época. Viva! Viva a maravilhosa vida que há em você! Não deixe que nada se perca sobre você. Procure sempre por novas sensações. Não tema nada. Um novo hedonismo – isso é o que nosso século deseja. Você poderia ser seu símbolo visível. Com a sua personalidade, não há nada que você não possa fazer. O mundo pertence a você por uma temporada. No momento em que o conheci, vi que você estava bem inconsciente do que realmente é, do que poderia ser. Há tanto em você que me encanta que eu senti o dever de lhe falar tudo sobre si mesmo. Pensei em como seria trágico se você fosse desperdiçado. Pois será por um tempo muito pequeno que sua juventude durará – um tempo muito pequeno. As comuns flores da montanha murcham, mas florescem novamente. O laburno será tão dourado em junho quanto o é hoje. Em um mês, haverá estrelas púrpuras nas clematis e, ano após ano, a verde noite de suas folhas ganhará suas estrelas púrpuras. Mas nós nunca recuperamos nossa juventude. O pulso da alegria que reverbera em nós aos vinte anos se torna letárgico. Nossos membros falham, nossos sentidos apodrecem. Degeneramo-nos em marionetes horrendas, assombrados pela memória das paixões das quais tivemos tanto medo e as intensas tentações às quais não ousamos ceder. Juventude! Juventude! Não há absolutamente nada no mundo além de juventude!"

Dorian Gray ouvia, com olhos escancarados e maravilhados. O ramalhete de lilás caiu de sua mão sobre o cascalho. Uma abelha peluda se aproximou e zumbiu ao redor por um momento. Depois, começou a se arrastar sobre a púrpura corroída das pequenas florescências. Ele observava a cena com aquele estranho interesse nas coisas triviais que tentamos desenvolver quando assuntos de alta importância nos assustam ou quando

somos eriçados por alguma nova emoção, para a qual não conseguimos encontrar expressão, ou quando algum pensamento que nos amedronta arma um cerco súbito ao cérebro e nos convoca a capitular. Depois de um tempo, a abelha voou. Ele a viu trepando em uma trombeta manchada de uma corriola de Tiro. A flor pareceu tremer e, então, se inclinou gentilmente para frente e para trás.

De súbito Hallward apareceu à porta do estúdio e fez sinais frenéticos para que eles entrassem. Viraram-se um para o outro e sorriram.

"Estou esperando", exclamou Hallward. "Entrem. A luz está bastante perfeita e vocês podem trazer suas bebidas".

Eles se ergueram e saracotearam pelo passeio juntos. Duas borboletas verdes e brancas revolutearam atrás deles, e na pereira ao final do jardim, um melro começou a cantar.

"Você está feliz por me conhecer, senhor Gray", disse lorde Henry, olhando para ele.

"Sim, estou feliz agora. Pergunto-me se sempre ficarei feliz".

"Sempre! Esta é uma palavra assustadora. Faz-me tremer quando a ouço. As mulheres gostam tanto de usá-la. Elas estragam cada romance ao tentá-lo fazer durar para sempre. É, também, uma palavra sem sentido. A única diferença entre um capricho e uma paixão para a toda vida é que o capricho dura um pouco mais".

Assim que entraram no estúdio, Dorian Gray colocou sua mão sobre o braço de lorde Henry. "Neste caso, deixe que nossa amizade seja um capricho", ele murmurou, corando com sua própria ousadia e então pisou sobre a plataforma, retomando sua pose.

Lorde Henry jogou-se em uma grande poltrona de vime e o observou. O mover e a arremetida do pincel sobre a tela faziam os únicos sons que quebravam o silêncio, exceto quando Hallward recuava, de vez em quando, para olhar seu trabalho à distância. Nos raios inclinados que corriam pelo corredor aberto, o pó dançava e era dourado. O forte perfume das rosas parecia dar origem a tudo.

Depois de uns quinze minutos, Hallward parou de pintar, olhou por um bom tempo para Dorian Gray e depois por muito tempo para a pintura; e mordendo a ponta de um de seus enormes pincéis, sorriu. "Está

completamente terminado", ele exclamou, por fim, e inclinando-se, escreveu seu nome em pequenas letras bem vermelhas no canto esquerdo da tela.

Lorde Henry se aproximou e examinou o retrato. Certamente era um trabalho de arte maravilhoso e uma maravilhosa semelhança também.

"Meu caro amigo, eu lhe felicito efusivamente", ele disse. "Senhor Gray, venha e olhe você mesmo".

O rapaz pulou, como se despertado de algum sonho. "Está realmente terminado?", ele murmurou, descendo da plataforma.

"Completamente terminado", disse Hallward. "E você posou esplendidamente hoje. Devo-lhe muito".

"Isto é totalmente um mérito meu", interrompeu lorde Henry. "Não é, senhor Gray?"

Dorian não respondeu, mas passou indiferentemente defronte ao seu retrato e voltou-se para ele. Quando o viu, recuou, e seu rosto corou de prazer por um momento. Um ar de alegria chegou-lhe aos olhos, como se ele se reconhecesse pela primeira vez. Ele permaneceu imóvel e maravilhado, pouco consciente de que Hallward falava com ele, mas não apreendia o significado de suas palavras. A sensação de sua própria beleza lhe viera como uma revelação. Ele nunca a sentira antes. Os elogios de Basil Hallward lhe pareciam ser somente os encantadores exageros da amizade. Ele os ouvia, ria deles e os esquecia. Não haviam influenciado sua natureza. Então chegara lorde Henry, com sua estranha apologia sobre sua juventude e o seu terrível alerta sobre sua brevidade. Isso o eriçara naquele momento e agora, enquanto permanecia fitando à sombra de seu próprio encanto, a realidade plena da descrição relampejava através dele. Sim, haveria um dia quando seu rosto ficaria enrugado e decaído, seus olhos obscuros e sem cor, a graça de sua figura quebrada e disforme. O escarlate morreria em seus lábios e o ouro eliminado de seus cabelos. A vida que deveria fazer sua alma, arruinaria seu corpo. Ele se tornaria ignóbil, horrível e rude.

Enquanto ele pensava nisso, uma aguda pontada de dor atingiu-lhe como uma faca e fez cada delicada fibra de sua natureza tremer. Seus olhos afundaram em ametistas e uma névoa de lágrimas veio até eles. Ele sentia como se uma mão de gelo tivesse pousado em seu coração.

"Você não gostou?", exclamou Hallward por fim, um pouco incomodado pelo silêncio do rapaz, sem entender o que significava.

"Claro que ele gostou", disse lorde Henry. "Quem não gostaria? É uma das maiores coisas na arte moderna. Eu lhe darei qualquer coisa que você pedir por ele. Tenho de possuí-lo".

"Ele não é me pertence, Harry".

"A quem pertence então?"

"A Dorian, é claro".

"Ele é um rapaz de muita sorte".

"Como isso é triste!", murmurou Dorian Gray, com seus olhos ainda fixos em seu próprio retrato. "Como isso é triste! Deverei envelhecer, e ficar horrível e assustador. Mas este retrato sempre permanecerá jovem. Nunca ficará mais velho do que neste dia particular de junho... se fosse ao contrário! Se fosse como eu sempre ficar jovem e o retrato envelhecer! Por isto – por isto – eu daria qualquer coisa! Sim, não há nada em todo o mundo que eu não daria!"

"De pouco lhe serviria este arranjo, Basil", exclamou lorde Henry, rindo. "Seria uma desgraça para você".

"Eu me oporia veementemente, Harry".

Dorian Gray voltou-se e o encarou. "Acredito que sim, Basil. Você gosta mais da sua arte do que de seus amigos. Não sou mais para você do que uma figura verde de bronze. Talvez nem mesmo isso, ouso dizer".

Hallward olhava surpreso. Era tão o oposto de Dorian falar daquele jeito. O que acontecera? Ele parecia quase nervoso. Sua face estava rubra e seu rosto, ardente.

"Sim", ele continuou, "sou menos para você do que seu Hermes de marfim ou seu Fauno de prata. Você sempre gostará deles. Por quanto tempo gostará de mim? Até eu ter a primeira ruga, suponho. Sei, agora, que quando alguém perde a sua boa aparência, seja quem for, perde tudo. Seu retrato me ensinou isso. Lorde Henry está perfeitamente certo. A juventude é a única coisa que vale a pena ter. Quando eu me aperceber envelhecendo, matar-me-ei".

Hallward empalideceu e pegou a sua mão. "Dorian! Dorian!", ele exclamou, "não fale assim. Nunca tive um amigo assim como você e nunca

deverei ter outro. Não tenha ciúmes de coisas materiais, está bem?"

"Tenho ciúmes de tudo cuja beleza não morre. Tenho ciúmes do retrato que você pintou de mim. Porque eu deveria guardar o que seguramente perderei? Cada momento que passa leva algo de mim e dá algo a ele. Oh, se pudesse ser o inverso! Se o retrato pudesse mudar e eu puder sempre ser o que sou agora! Por que você o pintou? Ele zombará de mim, algum dia – zombará terrivelmente!" As quentes lágrimas empoçaram em seus olhos; ele retirou sua mão e, jogando-se no divã, enterrou seu rosto nas almofadas, como se estivesse rezando.

"Isto é obra sua, Harry", disse Hallward, amargamente.

"Minha?"

"Sim, sua, e você sabe disso".

Lorde Henry deu de ombros. "É o verdadeiro Dorian Gray – isto é tudo", ele respondeu.

"Não é."

"Se não for, o que eu tenho a ver com isso?"

"Você deveria ter ido embora quando lhe pedi".

"Fiquei quando você me pediu".

"Harry, não posso discutir com meus dois melhores amigos de uma só vez, mas entre vocês dois, foi você que me fez odiar o melhor trabalho que eu já fiz e o destruirei. O que é isso, além de tela e cores? Não deixarei que ele atravesse nossas três vidas e as embote".

Dorian Gray ergueu sua cabeça dourada do travesseiro e olhou para ele com o rosto pálido e os olhos mareados de lágrimas, enquanto ele caminhava para a própria mesa de pintura que estava sob a grande janela acortinada. O que ele iria fazer lá? Seus dedos vadiavam por entre os restos de tubos de lata e pincéis secos, procurando por algo. Sim, era a grande faca de paleta, com sua fina lâmina de aço flexível. Ele a encontrara, por fim. Ele ia rasgar a tela.

Com um soluço reprimido, ele pulou do sofá e, correndo até Hallward, tirou a faca de sua mão e a arremessou para a outra parte do ateliê. "Não, Basil, não!", ele exclamou. "Seria assassinato!"

"Estou feliz que finalmente você tenha apreciado meu trabalho, Dorian", disso Hallward, friamente, quando se recuperou de sua surpresa. "Nunca pensei que você gostaria".

"Apreciado? Estou apaixonado por ele, Basil. Sinto que é parte de mim mesmo".

"Bem, assim que 'você' secar, deverá ser envernizado, emoldurado e enviado para casa. Então, você poderá fazer o que quiser consigo mesmo". E caminhando pela sala, tocou a sineta para pedir chá. "Você quer chá, não é Dorian? E você também, Harry? Chá é o único prazer simples que nos restou".

"Não gosto de prazeres simples", disse lorde Henry. "E não gosto de cenas, exceto no palco. Que pessoas absurdas vocês dois são! Eu me pergunto quem definiu o homem como animal racional. Foi a definição mais prematura já dada. O homem é muitas coisas, mas não é racional. Fico feliz por não ser, no fim das contas: embora eu gostaria que vocês rapazes não se alvoroçassem pelo retrato. Você faria muito melhor em me dá-lo, Basil. Esse garoto tolo realmente não o quer, mas eu sim".

"Se você der o retrato para qualquer outra pessoa além de mim, Basil, eu nunca o perdoarei!", exclamou Dorian Gray. "E eu não permito que as pessoas me chamem de garoto tolo."

"Você sabe que o retrato é seu, Dorian. Eu lhe dei antes de fazê-lo".

"E você sabe que tem sido um pouco tolo, senhor Gray e que realmente não se importa que o chamem de garoto".

"Eu deveria ter me importado muito nesta manhã, lorde Henry".

"Ah! Nesta manhã! Você viveu depois disso".

Então bateram à porta e o mordomo entrou com a bandeja de chá e a colocou sobre uma pequena mesa japonesa. Havia um chacoalhar de xícaras e de pires e o sibilar de um cântaro estriado georgiano. Duas porcelanas em forma de globo chinesas foram trazidas por um criado. Dorian Gray se aproximou e serviu o chá. Os dois homens se dirigiram indolentemente até a mesa e examinaram o que estava sob as tampas.

"Vamos ao teatro esta noite", convidou lorde Henry. "Certamente há algo em algum lugar. Prometi jantar na casa de White, mas é só um

velho amigo, então posso enviar-lhe um telegrama e dizer que estou doente ou que estou impedido de ir por causa de um compromisso subsequente. Acho que esta seria uma desculpa muito boa: teria a surpresa da sinceridade".

"É um tédio enorme ter de colocar roupas formais", murmurou Hallward. "E, quando alguém as veste, fica tão horrível".

"Sim", respondeu lorde Henry, etereamente, "a moda de nossos dias é detestável. É tão sombria, tão deprimente. O pecado é o único elemento colorido que resta na vida moderna".

"Você realmente não deveria dizer tais coisas diante de Dorian, Harry".

"Diante de qual Dorian? Este que nos serve o chá ou aquele em seu retrato?"

"Ambos".

"Eu gostaria de ir ao teatro com você, lorde Henry", disse o rapaz.

"Então venha; e você irá também, Basil, não é?"

"Não posso, realmente. Prefiro não ir. Tenho muito trabalho a fazer".

"Bem, então, iremos apenas nós dois, senhor Gray".

"Gostaria muito".

Basil Hallward mordeu o lábio e se afastou, de xícara na mão, para o retrato. "Ficarei com o verdadeiro Dorian", ele disse, com tristeza.

"Este é o verdadeiro Dorian?", perguntou o original do retrato, correndo até ele. "Sou realmente como ele?"

"Sim; você é exatamente como ele".

"Que maravilha, Basil!"

"Pelo menos você é como ele na aparência. Mas ele nunca mudará", disse Hallward. "Já é alguma coisa".

"Que estardalhaço as pessoas fazem sobre a fidelidade!", murmurou lorde Henry. E, no fim das contas, é puramente uma questão para a fisiologia. Não tem nada a ver com a nossa própria vontade. É tanto uma coincidência desafortunada quanto um resultado desagradável do

temperamento. Os jovens querem ser fieis e não o são; os velhos querem perder a fé, mas não o podem; isso é tudo o que se pode dizer".

"Não vá ao teatro esta noite, Dorian", aconselhou Hallward. "Fique e jante comigo".

"Não posso, realmente".

"Por quê?"

"Porque prometi a lorde Henry acompanhá-lo".

"Ele não vai gostar mais de você por você manter suas promessas. Ele sempre quebra as dele. Imploro que não vá".

Dorian Gray riu e balançou a cabeça.

"Eu lhe rogo".

O garoto hesitou e olhou para lorde Henry, que os observava da mesa de chá com um sorriso divertido.

"Devo ir, Basil", ele murmurou.

"Muito bem", disse Hallward; e ele caminhou até deixar sua xícara sobre a bandeja. "Já está tarde e como vocês devem se vestir, é melhor que não percam tempo. Adeus, Harry; adeus, Dorian. Venham me visitar logo. Venham amanhã".

"Certamente".

"Você não esquecerá?"

"Não, claro que não".

"E... Harry!"

"Sim, Basil".

"Lembre-se do que lhe pedi no jardim esta manhã".

"Eu já esqueci".

"Eu confio em você".

"Eu gostaria de confiar em mim mesmo", disse lorde Henry, rindo. "Vamos, Senhor Gray, minha trole está lá fora e posso deixá-lo em casa. Adeus, Basil. Foi uma tarde muito interessante."

Assim que a porta se fechou atrás deles, Hallward jogou-se em um sofá e um olhar de dor assomou sua face.

[1] “Cenas das Florestas”, obra para piano solo de Robert Alexander Schumann, composta em 1838.

[2] Eton College, fundado por Henrique IV em 1440, é um colégio apenas para garotos e localiza-se no mesmo local até os dias de hoje, nas proximidades do Castelo de Windsor, tendo formado dezoito primeiros-ministros britânicos e inúmeros membros da nobreza, além dos herdeiros da casa real inglesa.

CAPÍTULO 3

Uma tarde, um mês depois, Dorian Gray estava se reclinando em uma luxuosa poltrona na pequena biblioteca da casa de lorde Henry em Curzon Street. Era, a seu modo, uma sala bem encantadora, com seu alto lambril almofadado, de carvalho manchado de oliva, seu friso cor de creme, o teto de elevado trabalho em gesso, e seu carpete de veludo cor de tijolo alternado com tapetes persas de seda e longas franjas. Em uma pequena mesa de cetim, havia uma estatueta de Clodion[1] e ao seu lado estava uma cópia de "Les Cent Nouvelles"[2], compilado para Margaret de Valois por Clovis Eve, polvilhado com margaridas douradas que a rainha selecionou para seu livro. Alguns grandes jarros chineses, cheios de tulipas cor de cenoura, estavam espalhados pelo consolo da lareira, e através das pequenas vidraças chumbadas, jorrava a luz cor de damasco de um dia de verão em Londres.

Lorde Henry ainda não chegara. Ele sempre se atrasava a princípio, seu principio sendo que a pontualidade é o ladrão do tempo. Assim que o rapazote parecia bem irritado, enquanto que com dedos indiferentes ele folheava as páginas de uma edição de "Manon Lescaut"[3] que ele encontrara em uma das estantes. O tique formal e monótono de um relógio Luis XIV o perturbava. Ele considerou ir embora uma ou duas vezes.

Por fim, ele ouviu leves passos ao lado de fora e a porta se abriu. "Como você está atrasado, Harry!", ele murmurou.

"Temo não ser Harry, senhor Gray", disse a voz de uma mulher.

Ele relanceou rapidamente ao seu redor e se levantou. "Peço-lhe perdão. Pensei..."

"Você pensou que fosse meu marido. É apenas sua esposa. Deixe-me que eu me apresente. Conheço-o muito bem pelas suas fotografias. Acho que meu marido tem vinte e sete delas."

"Certa de que são vinte e sete, lady Henry?"

"Bem, vinte e seis, então. E eu o vi com ele outra noite na Ópera". Ela riu nervosamente, enquanto falava, e o observava com seus vagos olhos de miosótis. Ela era uma mulher curiosa, cujos vestidos sempre pareciam como se fossem desenhados em fúria e colocados em uma tempestade. Ela

sempre estava apaixonada por alguém e, como sua paixão nunca era correspondida, ela mantinha todas as suas ilusões. Ela tentava soar pitoresca, mas apenas conseguia parecer desarrumada. Seu nome era Victoria e ela tinha uma mania perfeita de ir à igreja.

"Isso foi em 'Lohengrin'[4], lady Henry, penso eu".

"Sim; foi na querida 'Lohengrin'. Gosto mais da música de Wagner do que qualquer outra música. É tão alta que se pode conversar por todo o tempo, sem que as pessoas ouçam o que se diz. Esta é uma grande vantagem: não concorda, senhor Gray?"

A mesma risada nervosa em staccato irrompeu de seus finos lábios e seus dedos começaram a brincar com uma longa faca de papel.

Dorian sorriu e balançou a cabeça: "Temo não concordar, lady Henry. Eu nunca falo durante a música – pelo menos não durante boa música. Se alguém ouve música ruim, é seu dever aprofundar-se em uma conversa".

"Ah! Esta é uma das opiniões de Harry, não é, senhor Gray? Mas não pense que não gosto de boa música. Eu a adoro, mas a temo. Torna-me muito romântica. Eu simplesmente cultuo os pianistas – dois por vez, às vezes. Eu não sei o que eles têm. Talvez seja por que são estrangeiros. Todos eles são, não? Mesmo aqueles nascidos na Inglaterra se tornam estrangeiros depois de um tempo, não é? É tão inteligente da parte deles e um grande elogio à arte. Torna-a bem cosmopolita, não é? Você nunca veio às minhas festas, não é mesmo, senhor Gray? Você deve vir. Não posso pagar por orquídeas, mas não economizo com estrangeiros. Eles fazem a sala de alguém ficar tão pitoresca. Mas aqui está Harry! Harry, vim procurá-lo aqui para lhe perguntar algo – esqueci o que era – e encontrei o senhor Gray. Estávamos tendo uma agradável conversa sobre música. Temos praticamente as mesmas opiniões. Não; acho que nossas opiniões são bem divergentes. Mas ele foi bem agradável. Estou tão feliz por tê-lo visto".

"Estou encantado, meu amor, muito encantado", disse lorde Henry, elevando suas escuras sobrancelhas em forma de crescente e olhando para ambos com um sorriso divertido. "Então, desculpe-me por estar atrasado, Dorian. Fui procurar uma velha peça de brocado em Wardour Street e tive

de pechinchar por horas. Hoje em dia, as pessoas sabem os preços de tudo e o valor de nada".

"Temo ter de ir", exclamou lady Henry, depois de um silêncio constrangedor, com sua súbita e tola risada. "Prometi passear com a duquesa. Adeus, senhor Gray. Adeus, Harry. Suponho que você jantará fora? Eu também. Talvez o veja na casa de lady Thornbury".

"Ouso dizer, minha querida", disse lorde Henry, fechando a porta atrás dela, enquanto esvoaçava para fora da sala, parecendo uma ave-do-paraíso que estivera sob a chuva e deixando uma débil fragrância de patchuli atrás de si. Então ele cumprimentou Dorian Gray, tomando-lhe as mãos, acendeu um cigarro e lançou-se sobre o sofá.

"Nunca despose uma mulher com cabelo cor de palha, Dorian", ele disse, depois de algumas tragadas.

"Por que, Harry?"

"Porque elas são muito sentimentais".

"Mas eu gosto de pessoas sentimentais".

"De qualquer forma, nunca se case, Dorian. Os homens se casam porque se cansam; as mulheres, porque são curiosas: ambos se desapontam".

"Eu não acho que estou propenso a me casar, Harry. Estou por demais apaixonado. Este é um dos seus aforismos. Estou colocando-o em prática, pois faço tudo o que falo".

"Por quem você está apaixonado?", quis saber lorde Henry, olhando para ele com um sorriso curioso.

"Por uma atriz", disse Dorian Gray, corando.

Lorde Henry deu de ombros. "Esta é uma estreia bem lugar-comum", ele murmurou.

"Eu não diria isso se você a visse, Harry".

"Quem é ela?"

"Seu nome é Sybil Vane".

"Nunca ouvi falar dela".

"Ninguém ouviu. Mas pessoas um dia ouvirão, porém. Ela é talentosa".

"Meu caro garoto, nenhuma mulher é talentosa: as mulheres são um sexo decorativo. Elas nunca têm nada a dizer, mas o dizem encantadoramente. Elas representam o triunfo da matéria sobre a mente, assim como os homens representam a vitória da mente sobre a moral. Há apenas dois tipos de mulher, a comum e a colorida. As mulheres comuns são bem úteis. Se você quiser ganhar reputação por respeitabilidade, você apenas tem de levá-las para jantar. As outras mulheres são muito encantadoras. Elas cometem um engano, porém. Elas se pintam para parecerem mais jovens. Nossas avós se pintavam para tentar falar brilhantemente. Rouge e espírito costumavam andar juntos. Tudo isso se foi, agora. Enquanto uma mulher puder aparentar ser dez anos mais jovem que sua própria filha, ela está perfeitamente satisfeita. Quanto à conversa, há apenas cinco mulheres em Londres com quem vale a pena conversar e duas delas não podem ser admitidas à sociedade decente. Porém, diga-me sobre a sua talentosa. Há quanto tempo você a conhece?"

"Cerca de três semanas. Nem tanto. Cerca de duas semanas e dois dias".

"Como você a conheceu?"

"Eu lhe contarei, Harry; mas você não deve ficar contrariado por causa disso. Afinal, isso nunca teria acontecido se eu não o tivesse conhecido. Você me encheu de um desejo selvagem de conhecer tudo sobre a vida. Dias depois que o encontrei, algo pareceu pulsar em minhas veias. Enquanto eu me demorava no Parque ou passeava por Piccadilly, costumava olhar para qualquer um que passava por mim e me perguntar, com insana curiosidade, que tipo de vidas eles levavam. Alguns deles me fascinaram. Outros me encheram de terror. Havia um delicado veneno no ar. Eu tinha uma paixão pelas sensações. Uma noite, perto das sete horas, decidi sair em busca de alguma aventura. Senti que esta cinza e monstruosa Londres, com sua miríade de pessoas, seus pecadores esplêndidos e seus sórdidos pecados, como você bem disse uma vez, tinha alguma coisa guardada para mim. Imaginei mil coisas. O mero perigo me dava uma sensação de prazer. Lembrei do que você me disse naquela maravilhosa noite quando jantamos juntos pela primeira vez, sobre a busca pela beleza ser o segredo venenoso da vida. Não sei o que eu esperava, mas saí e vagueei a oeste, logo me perdendo em um labirinto de sombrias ruas e praças negras e sem gramado.

Cerca de oito e meia, passei por um pequeno teatro de terceira categoria, com grandes e brilhantes jatos de gás e berrantes cartazes. Um judeu horripilante, no mais surpreendente colete que já vi em minha vida, estava parado à porta, fumando um vil cigarro. Ele tinha cachos sebosos e um enorme diamante resplandecendo no meio de uma camiseta imunda. 'Quer um ingresso, meu senhor?', ele disse ao me ver e tirou seu chapéu com um ato de bela servidão. Havia algo nele, Harry, que me surpreendeu. Ele era um monstro. Você rirá de mim, eu sei, mas realmente entrei e paguei um guinéu[5] por um camarote. Até agora não consigo compreender porque fiz isso; e, ainda, se eu não tivesse... meu caro Harry, se eu não tivesse, teria perdido o grande romance de minha vida. Vejo que está rindo. Isso é horrível de sua parte!"

"Não estou rindo, Dorian; pelo menos, não de você. Mas você não deveria dizer o maior romance de sua vida. Você deveria dizer o primeiro romance de sua vida. Você sempre será amado e você sempre estará apaixonado pelo amor. Há coisas delicadas guardadas para você. Isto é somente o início".

"Você acha que a minha natureza é muito superficial?", perguntou Dorian Gray, nervoso.

"Não; acho que a sua natureza é muito profunda".

"O que você quer dizer?"

"Meu caro garoto, as pessoas que apenas amam uma vez em suas vidas são realmente pessoas superficiais. O que elas chamam de lealdade e de fidelidade, eu chamo tanto de letargia do costume ou falta de imaginação. A falta de fé está para a vida emocional tanto quanto a consistência está para a vida intelectual – simplesmente uma confissão de erro. Mas não quero interrompê-lo. Continue sua história".

"Bem, encontrei-me sentado em um tenebroso e pequeno camarote privado, com um pano de cena vulgar encarando-me o rosto. Olhei atrás da cortina e inspecionei a casa. Era um negócio de mau gosto, todos os cupidos e as cornucópias pareciam ser de um bolo de casamento de terceira categoria. A galeria e o fosso estavam bem cheios, mas as duas fileiras de encardidas cabinas estavam totalmente vazias e mal havia uma pessoa no que eu suponho chamarem primeira fileira. As mulheres entraram com

laranjas e cerveja de gengibre, e havia um terrível consumo de nozes em andamento".

"Devia ter sido como os florescentes dias do drama inglês".

"Igual, imagino eu, e muito ruim. Comecei a me perguntar o que na terra deveria fazer, quando dei uma olhada no programa. Sobre o que você imagina que a peça era, Harry?"

"Acho que 'O Garoto Idiota', ou 'Imbecil, mas Inocente'. Nossos pais costumavam gostar desse tipo de coisa, acredito. Quanto mais eu vivo, Dorian, mais intensamente sinto que qualquer coisa que fosse boa para os nossos pais, não é boa o suficiente para nós. Na arte, assim como na política, les grand-pères ont toujours tort[6]".

"Esta peça era boa o bastante para nós, Harry. Era 'Romeu e Julieta'. Devo admitir que estava bastante perturbado com a ideia de ver Shakespeare ser interpretado em tal buraco acabado. Ainda assim, me senti interessado, de certo modo. De qualquer forma, decidi aguardar o primeiro ato. Havia uma orquestra terrível, regida por um jovem judeu que se sentou-se a um piano arruinado, o que quase me impeliu a ir embora, mas por fim a cortina se ergueu e a peça começou. Romeu era um robusto senhor idoso, com pálpebras tampadas, uma voz áspera de tragédia e uma figura semelhante a um barril de cerveja. Mercutio era quase tão ruim quanto. Ele era interpretado por um baixo comediante, que introduzia piadas próprias e estava muito familiarizado com o fosso. Eram tão grotescos quanto o cenário, que parecia ter saído de uma pantomima de cinquenta anos atrás. Mas Julieta! Harry, imagine uma garota, quase aos dezessete anos de idade, com um pequeno rosto igual a uma flor, uma pequena cabeça grega com cachos franzidos de um cabelo castanho escuro, olhos que eram poços violeta de paixão, lábios que eram como as pétalas de uma rosa. Ela era a coisa mais encantadora que eu já vira em minha vida. Você me disse, uma vez, que o pathos não lhe emocionava, mas que a beleza, a simples beleza, poderia encher os seus olhos de lágrimas. Eu lhe digo, Harry, eu mal podia ver essa garota por entre a névoa de lágrimas que me ocorreu. E a sua voz – eu nunca ouvira uma voz assim. Ao início, era bem baixa, com notas profundas e suaves, que pareciam cair isoladamente sobre os ouvidos de alguém. Então, a voz se tornou um pouco mais alta e soava como uma flauta ou um distante oboé. Na cena do jardim, ela tinha todo o êxtase

trêmulo que alguém ouve justamente antes da aurora, quando os rouxinóis cantam. Havia momentos, depois, quando ela possuía a selvagem paixão dos violinos. Você sabe como uma voz pode eriçar alguém. A sua voz e a de Sybil Vane são duas coisas que nunca esquecerei. Quando fecho meus olhos, eu as ouço e cada uma delas diz algo diferente. Não sei qual seguir. Por que não deveria amá-la? Harry, eu realmente a amo. Ela é tudo para mim nesta vida. Noite após noite vou ver sua peça. Uma noite ela foi Rosalinda, e na noite seguinte, Imogênia. Eu a vi morrer em uma sombria tumba italiana, sugando o veneno dos lábios de seu enamorado. Eu a observei vagando pela floresta de Arden, disfarçada como um belo garoto com meias, roupas justas e um delicado boné. Ela já foi louca e esteve em presença de um rei culpado e deu-lhe tristeza como vestes, e amargas ervas para provar. Ela foi inocente e as mãos negras do ciúme esmagaram sua garganta semelhante ao junco. Já a vi em todas as épocas e em cada moda. As mulheres comuns não atraem a imaginação de alguém. Estão limitadas ao seu século. Nenhum encanto as transfigura. Conhece-se suas mentes tão facilmente quanto se conhecem suas toucas. Sempre se pode encontrá-las. Não há mistério em nenhuma delas. Elas cavalgam no Parque pelas manhãs e fofocam durante o chá à tarde. Elas têm seu sorriso estereotipado e seus modos em voga. São muito óbvias. Mas uma atriz! Como uma atriz é diferente! Por que você não me disse que a única que vale a pena amar é uma atriz?"

"Porque já amei muitas delas, Dorian".

"Ah sim, as pessoas horríveis com cabelos tingidos e rostos pintados".

"Não desvalorize os cabelos tingidos e os rostos pintados. Há um charme extraordinário neles, às vezes".

"Gostaria de não ter lhe contado sobre Sybil Vane".

"Você não teria conseguido evitar de me contar, Dorian. Por toda sua vida, você me contará tudo o que fizer".

"Sim, Harry, acredito que seja verdade. Não posso deixar de lhe contar coisas. Você tem uma influência curiosa sobre mim. Se eu cometer um crime, viria e o confidenciaria a você. Você me entenderia".

"Pessoas como você – os voluntariosos raios de sol da vida – não cometem crimes, Dorian. Mas estou muito agradecido pelo elogio, de toda a maneira. E agora, diga-me – pegue a caixa de fósforos, como um bom garoto: obrigado – diga-me, quais são suas relações com Sybil Vane?"

Dorian Gray deu um salto, com o rosto corado e os olhos ardentes. "Harry, Sybil Vane é sagrada!"

"Apenas as coisas sagradas valem a pena ser tocadas, Dorian", disse lorde Henry, com uma estranha entonação patética em sua voz. "Mas por que você fica irritado? Suponho que ela será sua algum dia. Quando alguém se apaixona, sempre começa a enganar a si mesmo e acaba enganando os outros. Suponho que você já a conhece, de qualquer forma?"

"Claro que a conheço. Na primeira noite em que estive no teatro, o velho e horrível judeu se aproximou de meu camarote depois que a apresentação terminou e se ofereceu para me levar à coxia e me apresentar a ela. Eu fiquei furioso com ele e lhe disse que Julieta estivera morta por centenas de anos e que seu corpo jazia em uma tumba de mármore em Verona. Acho que pelo seu pálido olhar de assombro que ele pensou que eu tomara muito champanhe ou algo do tipo".

"Não estou surpreso".

"Eu também não fiquei surpreso. Então ele me perguntou se eu escrevia para algum dos jornais. Disse-lhe que nunca nem mesmo os lia. Ele pareceu terrivelmente desapontado com isso e me confidenciou que todos os críticos dramáticos conspiravam contra ele, e que todos deveriam estar comprados".

"Acho que ele estava bem certo neste ponto. Mas, por outro lado, a maioria deles não é nem um pouco cara".

"Bem, ele parecia pensar que estavam acima dos seus meios. Neste momento, estavam acendendo as luzes do teatro e eu tinha de ir. Ele queria que eu provasse alguns cigarros que recomendava enfaticamente. Declinei. Na noite seguinte, claro, voltei ao teatro. Quando ele me viu, fez-me uma pequena reverência e me assegurou que eu era um patrono da arte. Ele era um bruto dos mais ofensivos, embora tivesse uma extraordinária paixão por Shakespeare. Ele me disse uma vez, com um ar de orgulho, que as suas

três falências foram por causa do poeta, a quem ele insistia em chamar de 'O Bardo'. Ele parecia achar isso uma distinção".

"Era uma distinção, meu caro Dorian – uma grande distinção. Mas quando você falou pela primeira vez com a senhorita Sybil Vane?"

"Na terceira noite. Ela estava interpretando Rosalinda. Não pude evitar de me aproximar. Eu havia jogado para ela algumas flores e ela olhara para mim; pelo menos, imaginei que sim. O velho judeu era persistente. Ele parecia determinado a me levar para trás e, assim, eu consenti. Era curioso que eu não quisesse conhecê-la, não é?"

"Não, não acho".

"Meu caro Harry, por quê?"

"Vou dizer-lhe em alguma outra ocasião. Agora, quero saber mais sobre a garota".

"Sybil? Oh, ela estava tão tímida e foi tão gentil. Há algo de infantil nela. Seus olhos se abriram imensos em delicada surpresa quando lhe disse o que eu pensava de seu desempenho e ela parecia bem ignorante de seu poder. Acho que estávamos os dois bem nervosos. O velho judeu permaneceu rindo no corredor do camarim, fazendo elaborados discursos sobre nós dois, enquanto ficávamos nos olhando feito crianças. Ele insistia em me chamar de 'Meu Lorde', assim eu assegurei a Sybil que eu não era nada do tipo. Ela disse bem simplesmente para mim, "Você parece mais com um príncipe".

"Dou-lhe a minha palavra, Dorian, a senhorita Sybil sabe como retribuir um elogio".

"Você não a compreende, Harry. Ela me considerou apenas como uma pessoa em uma peça. Ela nada sabe da vida. Ela vive com a mãe, uma mulher desbotada e cansada que interpretou lady Capuleto, usando um tipo de roupão cor de magenta na primeira noite, mesmo aparentando ter já vivido dias melhores."

"Conheço esta aparência. Sempre me deprime".

"O judeu quis me contar a história dela, mas eu disse que não estava interessado".

"Você estava muito certo. Sempre há algo de infinitamente medíocre nas tragédias das outras pessoas".

"Sybil é a única coisa com que me importo. O que significa para mim o lugar de onde ela veio? Da sua pequena cabeça aos seus pequenos pés, ela é absoluta e inteiramente divina. Irei vê-la atuar todas as noites de minha vida e a cada noite ela estará mais maravilhosa".

"Esta é a razão, suponho, pela qual você nunca jantará comigo. Pensei que você tinha algum romance curioso à sua disposição. Você tem; mas não é exatamente o que eu esperava".

"Meu caro Harry, tanto almoçaremos quanto jantaremos juntos todos os dias, e eu tenho ido à Ópera com você várias vezes".

"Você sempre chega terrivelmente atrasado".

"Bem, não posso deixar de ver Sybil interpretar, mesmo que seja apenas por um ato. Fico faminto pela presença dela; e, quando penso na maravilhosa alma que se oculta dentro daquele pequeno corpo de marfim, fico tomado de terror".

"Você pode jantar comigo esta noite, Dorian, não é?"

Ele balançou a cabeça. "Esta noite, ela é Imogênia", ele respondeu, "e amanhã à noite, ela será Julieta".

"Quando ela é Sybil Vane?"

"Nunca".

"Eu o felicito".

"Como você é horrível! Ela é todas as grandes heroínas do mundo em uma só pessoa. Ela é mais do que um indivíduo. Você ri, mas eu lhe digo que ela é talentosa. Eu a amo e deverei fazer com que ela me ame. Você, que conhece todos os segredos da vida, diga-me como encantar Sybil Vane para que ela me ame! Quero fazer Romeu ficar com ciúmes. Quero que os mortos enamorados do mundo ouçam risos e fiquem cada vez mais tristes. Quero que um hálito da nossa paixão levante o pó deles para dentro da consciência, para despertar a dor de suas cinzas. Meu Deus, Harry, como a cultuo!" Ele caminhava a esmo pela sala enquanto falava. Manchas frenéticas vermelhas ardiam em seu rosto. Ele estava terrivelmente excitado.

Lorde Henry o observava com uma sutil sensação de prazer. Como ele estava diferente agora do garoto assustado e tímido que conhecera no ateliê de Basil Hallward! Sua natureza se desenvolvera como uma flor e

trazia florescências de chamas escarlates. Sua Alma crepitava para fora de seu esconderijo secreto e o Desejo viera encontrá-la no caminho.

"E o que você propõe fazer?", disse lorde Henry, por fim.

"Quero que você e Basil venham comigo uma noite dessas para vê-la atuar. Não tenho o menor medo do resultado. Vocês não serão capazes de recusar o reconhecimento de seu talento. Então, teremos de tirá-la das mãos do judeu. Ela está presa a ele por três anos – pelo menos dois anos e oito meses – a partir de agora. Terei de pagar-lhe algo, claro. Quando tudo estiver ajustado, tomarei um teatro em West End e a apresentarei apropriadamente. Ela enlouquecerá o mundo, assim como fez comigo".

"Impossível, meu caro garoto!"

"Sim, ela o fará. Ela não tem apenas arte, o instinto consumado da arte, dentro dela, mas também tem personalidade; e você frequentemente me diz que são as personalidades, não os princípios, que movem o tempo".

"Bem, em qual noite deveremos ir?"

"Vejamos. Hoje é terça-feira. Vamos combinar amanhã. Ela interpreta Julieta amanhã".

"Certo. No Bristol, às oito; e eu levarei Basil".

"Não às oito, por favor. Seis e meia. Deveremos estar lá antes que as cortinas se abram. Você deve vê-la no primeiro ato, quando ela se encontra com Romeu".

"Seis e meia! Que horário! Será como tomar um chá tardio. Porém, seja como você quer. Você verá Basil neste meio tempo? Ou devo escrever para ele?"

"Querido Basil! Não o tenho visto já há uma semana. É bastante horrível de minha parte, já que ele me enviou o retrato em uma moldura muito bonita, desenhada por ele mesmo e, embora eu esteja um pouco enciumado por ele ser um mês inteiro mais jovem que eu, devo admitir que tenho muito prazer com ele. Talvez seja melhor que você escreva para ele. Não quero vê-lo sozinho. Ele me diz coisas que me perturbam".

Lorde Henry sorriu. "Ele lhe dá bons conselhos, suponho. As pessoas são apaixonadas em dar o que elas mais precisam".

"Você não quer dizer que Basil tenha alguma paixão, ou algum romance, dentro dele?"

"Não sei se ele tem alguma paixão, mas certamente ele tem romance", disse Lorde Henry, com um olhar divertido. "Ele nunca lhe contou isso?"

"Nunca. Perguntarei a ele. Estou bem surpreso por ouvir isso. Ele é o melhor dos amigos, mas, a mim, parece ser um pouco filisteu. Desde que o conheci, Harry, eu fiz esta constatação".

"Basil, meu caro garoto, coloca tudo o que é encantador nele em seu trabalho. A consequência é que ele nada deixa para a vida senão seus orgulhos, seus princípios e seu senso comum. Os únicos artistas que eu conheci que são pessoalmente prazerosos são os maus artistas. Os bons dão tudo à sua arte e, consequentemente, são perfeitamente desinteressantes em si mesmos. Um grande poeta, um verdadeiro grande poeta, é a criatura mais sem poesia de todas. Mas os poetas inferiores são de fato fascinantes. Quanto piores forem as suas rimas, mais pitorescos eles serão. O simples fato de ter publicado um livro com sonetos de segunda categoria torna um homem bem irresistível. Ele vive a poesia que não consegue escrever. Os outros escrevem a poesia que não ousam empreender".

"Eu me pergunto se é realmente assim, Harry", disse Dorian Gray, despejando um pouco de perfume de um grande frasco de tampa dourada, que estava sobre a mesa, sobre o seu lenço. "Deve ser, se você assim o diz. E agora devo ir. Imogênia me aguarda. Não se esqueça de amanhã. Adeus".

Enquanto ele deixava a sala, as pesadas pálpebras de lorde Henry se fecharam e ele começou a pensar. Certamente poucas pessoas lhe interessaram tanto quanto Dorian Gray e, ainda assim, a louca adoração do rapaz por outro alguém não lhe trazia a menor pontada de irritação ou de ciúmes. Ele estava satisfeito com isso. Isso o tornava um estudo ainda mais interessante. Ele sempre fora fascinado pelos métodos científicos, mas os temas comuns de pesquisa da ciência lhe pareciam triviais e sem importância. E, assim, ele começara fazendo uma vivisseção em si mesmo e terminara repetindo a experiência nos outros. A vida humana parecia ser para ele a única coisa valiosa a ser investigada. Comparado a ela, não havia nada mais de valor. Era verdade que para aquele que observava a vida em seu curioso cadinho de dor e prazer, não era possível cobrir o rosto com uma máscara de vidro, ou evitar que os sulfurosos fumos perturbassem o

seu cérebro, tornando a imaginação turva com monstruosas fantasias e sonhos deformados. Havia venenos tão sutis que, para saber suas propriedades, era necessário se envenenar com eles. Havia doenças tão estranhas que alguém teria de passar por elas, se buscasse entender sua natureza. E, mesmo assim, que grande recompensa se recebia! Quão maravilhoso o mundo inteiro se pareceria! Notar a curiosa e intrincada lógica da paixão, e a vida colorida e emocional do intelecto... observar onde se encontraram e onde se separaram, em que ponto se tornaram una e em qual ponto entraram em discórdia... havia um prazer nisso! Que importa a que custo? Ninguém poderia pagar um preço tão alto por qualquer sensação.

Ele sabia – e a ideia trouxera-lhe um lampejo de prazer em seus olhos de ágata escura – que era por meio de certas palavras dele, palavras musicais ditas com expressão musical, que a alma de Dorian Gray se voltara para aquela garota pura, inclinando-se em reverência por ela. O rapaz era a própria criação dele, em grande parte. Ele o fizera prematuro. Isso era alguma coisa. As pessoas comuns esperavam até que a vida lhes revelasse os seus segredos, mas aos poucos, aos eleitos, os mistérios da vida eram revelados antes que o véu fosse retirado. Às vezes, este era o efeito da arte e principalmente da arte da literatura, que lidava imediatamente com as paixões e com o intelecto. Mas, de vez em quando, uma personalidade complexa ocupava o lugar e assumia o trabalho da arte, claro, de seu modo, um trabalho verdadeiro de arte, a Vida tendo suas obras primas elaboradas, assim como fazia a poesia, ou a escultura ou a pintura.

Sim, o garoto era prematuro. Ele reunia a sua colheita enquanto ainda era primavera. O pulso e a paixão da juventude estavam nele, mas ele se tornava autoconsciente. Era delicioso observá-lo. Com seu belo rosto e sua bela alma, ele era algo de se maravilhar. Não importava como tudo terminava, ou se estava destinado a terminar. Ele era como uma destas graciosas figuras em uma cerimônia ou peça, cujas alegrias parecem ser remotas para alguém, mas cujas mágoas eriçavam seu sentido de beleza e cujas feridas eram como rosas vermelhas. Alma e corpo, corpo e alma – como eram misteriosos! Havia bestialidade na alma e o corpo tinha seus momentos de espiritualidade. Os sentidos poderiam refinar e o intelecto poderia degradar. Quem poderia dizer onde os impulsos carnais se

detinham ou o impulso psíquico começava? Como eram superficiais as definições arbitrárias dos psicólogos comuns! E, ainda, como era difícil decidir entre as alegações das várias escolas! Seria a alma uma sombra instalada na casa dos pecados? Ou estaria o corpo realmente na alma, como pensava Giordano Bruno? A separação do espírito da matéria era um mistério, assim como era a união do espírito com a matéria.

Ele começou a se perguntar se deveríamos tornar a psicologia uma ciência tão absoluta a ponto de nos revelar cada nascente da vida. Como ela se encontrava, nunca nos compreenderíamos, e raramente entenderíamos os outros. A experiência não possuía nenhum valor ético. Era simplesmente o nome que dávamos aos nossos erros. Os homens, via de regra, tinham considerado-a como um meio de alerta, clamaram-na por certa eficácia moral na formação do caráter, elogiaram-na como algo que nos ensinava ao que se seguir e nos mostrava o que se evitar. Mas não havia força motriz na experiência. Tinha tão pouco de causa ativa como a própria consciência. Tudo o que ela realmente demonstrava era que o nosso futuro seria igual ao passado e que o pecado cometido uma vez, com abominação, seria repetido outras vezes, e com alegria.

Estava claro para ele que o método experimental era o único meio pelo qual se poderia chegar a qualquer análise científica das paixões; e certamente Dorian Gray era um assunto adequado à sua aptidão, e parecia prometer resultados ricos e frutíferos. Seu súbito e insano arroubo por Sybil Vane era um fenômeno psicológico de grande interesse. Não havia dúvida que a curiosidade tivesse muito a ver com isso, a curiosidade e o desejo por novas experiências; ainda assim, não era uma paixão simples, ao contrário, era muito complexa. O que havia ali de puro instinto sensual da adolescência fora transformado pelos trabalhos da imaginação, alterado em algo que parecia ao próprio garoto estar distante dos sentidos e, por esta mesma razão, ainda mais perigoso. Eram as paixões sobre cuja origem nos engana que mais forte nos tiranizavam. Nossos fracos motivos eram aqueles sobre cuja natureza estamos conscientes. Acontecia frequentemente que, quando pensamos que estamos fazendo experiências nos outros, estamos na verdade experimentando em nós mesmos.

Enquanto lorde Henry estava sentado, sonhando sobre essas coisas, bateram à porta e seu criado entrou, lembrando-o de que estava na

hora de se vestir para o jantar. Ele se levantou e olhou para a rua. O pôr do sol havia convertido em ouro escarlate as janelas superiores das casas em frente. As vidraças reluziam como placas de metal incandescente. O céu logo acima era de um rosa desbotado. Ele pensou na jovem vida de cores ardentes de Dorian Gray e se perguntou como tudo aquilo terminaria.

Quando ele retornou para casa, perto da meia-noite e meia, viu um telegrama sobre a mesa do corredor. Ele o abriu e viu que era de Dorian. Era para lhe dizer que ele se comprometera a se casar com Sybil Vane.

[1] Pseudônimo de Claude Michel, escultor francês (1738 – 1814), de estilo rococó.

[2] Coleção de histórias em francês que teriam ocorrido durante o reinado de Filipe, o Belo, e compiladas por Antoine de la Sale em meados do século 15. É considerada por especialistas como o primeiro trabalho em prosa da literatura francesa. Não está claro porque Wilde credita a compilação das histórias a Clovis Eve. Margaret de Valois foi uma nobre francesa que se casou com o rei navarro Henrique IV.

[3] "L'Histoire du Chevalier des Grieux et de Manon Lescaut" de autoria de Antoine Prévost, publicado em 1731 que inspiraria as óperas do compositor francês Jules Massennet e do compositor italiano Giacomo Puccini, apresentadas em 1884 e 1893, respectivamente.

[4] Ópera em três atos composta por Richard Wagner. Sua estreia ocorreu em Weimar, em 28 de agosto de 1850, sob a direção de Franz Liszt.

[5] Moeda de ouro inglesa em uso a partir de 1663 e que permaneceu em circulação até 1813, equivalente a 20 e depois a 21 xelins.

[6] Adaptação de um ditado francês, "Les grand esprits ont tourjours tort", ou "Os grandes espíritos sempre estão errados". Aqui, a tradução aproximada seria "Os avós estão sempre errados".

CAPÍTULO 4

"Suponho que já saiba das novas, Basil", disse lorde Henry na noite seguinte, enquanto Hallward era levado à pequena sala particular no Bristol, onde o jantar fora posto para três.

"Não, Harry", respondeu Hallward, entregando seu chapéu e seu casaco ao reverente garçom. "O que é? Nada sobre política, espero. Isso não me interessa. Não há uma única pessoa na Câmara dos Comuns que valha a pena pintar; embora que para muitos deles fosse melhor um pouco de caiadura".

"Dorian Gray está comprometido a se casar", disse lorde Henry, olhando-o enquanto falava.

Hallward ficou perfeitamente pálido e um olhar curioso pulsou por um momento em seus olhos, e então sumiu, deixando-os embotados. "Dorian comprometido a se casar!", ele exclamou. "Impossível!"

"É completamente verdade".

"Com quem?"

"Com alguma atriz dessas".

"Não posso acreditar. Dorian é bem mais sensível que isto".

"Dorian é bem mais esperto para não fazer tolices de vez em quando, meu caro Basil".

"O casamento é dificilmente algo que se possa fazer de vez em quando, Harry", disse Hallward, sorrindo.

"Menos nos Estados Unidos. Mas eu não disse que ele estava casado. Disse que ele estava comprometido a se casar. Há uma grande diferença. Tenho uma lembrança distinta de ter me casado, mas não tenho nenhuma lembrança de um dia estar comprometido. Estou inclinado a pensar que nunca estive".

"Mas pense no berço, na posição e na riqueza de Dorian. Seria absurdo se casar com alguém tão abaixo dele".

"Se você quer que ele se case com esta garota, diga-lhe exatamente isto, Basil. Ele está disposto a fazê-lo. Toda vez que um homem faz uma coisa completamente estúpida, é sempre a partir dos mais nobres motivos".

"Espero que essa garota seja boa, Harry. Não quero ver Dorian preso a uma criatura vil, que poderia degradar sua natureza e arruinar seu intelecto".

"Oh, ela é mais que boa... ela é bonita", murmurou lorde Henry, bebericando um copo com vermute com laranjas amargas. "Dorian diz que ela é bonita; e ele não se engana frequentemente com coisas deste tipo. O retrato que pintou dele apressou nele a apreciação das aparências pessoais de toda a gente. Teve este excelente efeito, dentre outros. Iremos vê-la esta noite, se aquele garoto não se esquecer do seu compromisso".

"Mas você aprova isso, Harry?", perguntou Hallward, caminhando pela sala e mordendo os lábios. "Você não pode aprovar isso, evidentemente. É alguma paixão tola".

"Eu nunca aprovo ou desaprovo coisa alguma. É uma atitude absurda com relação à vida. Não fomos enviados a este mundo para divulgar nossos orgulhos morais. Nunca me apercebo do que as pessoas comuns dizem e nunca interfiro nas coisas que as pessoas encantadoras fazem. Se uma personalidade me fascina, seja o que for que esta personalidade decida fazer é absolutamente prazeroso para mim. Dorian Gray se apaixona por uma bela garota que interpreta Shakespeare e a pede em casamento. Por que não? Se ele se casasse com Messalina, ele não deixaria de ser menos interessante. Você sabe que não sou um defensor do casamento. O verdadeiro problema do casamento é que ele elimina o egoísmo de alguém. E pessoas altruístas não têm cor. Elas perdem a individualidade. Ainda, há certos temperamentos que o casamento torna mais complexos. Eles retêm seus egoísmos e acrescentam a ele muitos outros egos. São forçados a ter mais de uma vida. Tornam-se altamente organizados. Além disso, cada experiência tem seu valor e, seja o que for que alguém diga contra o casamento, certamente é uma experiência. Espero que Dorian Gray faça desta garota sua esposa, adore-a apaixonadamente por seis meses e então se torne subitamente fascinado por alguma outra pessoa. Ele seria um estudo maravilhoso".

"Você não foi sincero no que disse, Harry; você sabe que não. Se a vida de Dorian Gray for arruinada, ninguém lamentará mais do que você mesmo. Você é muito melhor do que finge ser".

Lorde Henry riu. "A razão pela qual gostamos tanto de pensar bem sobre os outros é que tememos a nossa opinião sobre nós mesmos. A base do otimismo é o terror absoluto. Pensamos que somos generosos porque creditamos ao vizinho aquelas virtudes que provavelmente irão nos beneficiar. Elogiamos ao banqueiro porque podemos sacar de nossas contas e descobrimos boas qualidades no patrulheiro na esperança de que ele poupe nossas carteiras. Fui sincero em tudo o que eu disse. Tenho o maior desprezo pelo otimismo. E, quanto a uma vida arruinada, nenhuma vida o é além daquela cujo crescimento é impedido. Se quiser desfigurar uma natureza, você tem somente de consertá-la. Mas eis o próprio Dorian. Ele poderá lhe dizer mais do que eu".

"Meu caro Harry, meu caro Basil, vocês devem me felicitar!", disse o garoto, tirando sua capa de noite com suas lapelas de fios de seda e cumprimentando cada um de seus amigos. "Nunca estive tão feliz. Claro que é repentino: todas as coisas verdadeiramente prazerosas assim o são. E ainda, me parece ser a única coisa que estive procurando por toda a minha vida". Ele estava enrubescido de excitação e prazer, e parecia extraordinariamente belo.

"Espero que você sempre seja feliz, Dorian", disse Hallward, "mas não o perdoarei por não ter me comunicado de seu noivado. Você deixou Harry saber".

"E eu não o perdoarei por se atrasar ao jantar", interrompeu lorde Henry, colocando a mão sobre o ombro do rapaz e sorrindo enquanto falava. "Venha, vamos nos sentar e provar como é o novo chef daqui, e então você nos contará como tudo aconteceu".

"Não há realmente muito a ser contado", exclamou Dorian, enquanto tomavam seus assentos na pequena mesa circular. "O que ocorreu foi simplesmente isso. Depois que o deixei ontem à noite, Harry, fui jantar naquele curioso e pequeno restaurante italiano em Rupert Street que você me apresentou e depois fui ao teatro. Sybil interpretava Rosalinda. Claro que o cenário era terrível e o Orlando, absurdo. Mas Sybil! Vocês deveriam tê-la visto! Quando ela entrou com sua roupa de garoto, estava perfeitamente maravilhosa. Ela usava um colete de veludo cor de musgo, com mangas de canela, meias finas de ligas cruzadas marrons, um delicado boné verde com a pena de um falcão preso por uma joia e um casaco de

capuz com linhas vermelhas foscas. Ela nunca estivera tão bela. Ela tinha toda a graça delicada de uma estatueta de Tanagra[1] que você tem em seu estúdio, Basil. Seu cabelo se acumulava ao redor de seu rosto como folhas escuras ao redor de uma pálida rosa. Quanto à sua atuação – bem, vocês a verão esta noite. Ela é simplesmente uma artista inata. Sentei-me na cabina encardida completamente fascinado. Esqueci que estava em Londres, no século dezenove. Eu estava longe, com meu amor, em uma floresta que nenhum homem vira. Depois da apresentação ter terminado, fui para a coxia e falei com ela. Enquanto nos sentávamos juntos, de repente veio um olhar aos olhos dela que eu nunca vira antes. Meus lábios moveram-se rumo aos dela. Nós nos beijamos. Não posso descrever o que senti neste momento. Parecia-me que toda a minha vida fora concentrada em um único ponto perfeito de alegria cor de rosa. Ela tremeu toda e balançou como um narciso branco. Depois ela se jogou em seus joelhos e beijou minhas mãos. Sinto que não deveria lhes contar tudo isso, mas não posso me conter. Claro que nosso noivado é um segredo confidencial. Ela não disse nem mesmo para a sua própria mãe. Não sei o que meus guardiões irão dizer. Lorde Radley certamente ficará furioso. Não me importo. Deverei chegar à maioridade em menos de um ano e então poderei fazer o que eu bem quiser. Fiz o certo, não é Basil, em tirar meu amor da poesia e encontrar minha esposa nas peças de Shakespeare? Lábios que Shakespeare ensinou a falar suspiraram seus segredos em meus ouvidos. Tenho os braços de Rosalinda ao meu redor e beijei Julieta na boca".

"Sim, Dorian, suponho que fez o certo", disse Hallward, lentamente.

"Você a viu hoje?", perguntou lorde Henry.

Dorian Gray balançou sua cabeça. "Deixei-a na floresta de Arden, deverei encontrá-la em um pomar em Verona".

Lorde Henry bebericou seu champanhe de maneira pensativa. "Em qual ponto particular você mencionou a palavra casamento, Dorian? E o que ela disse em resposta? Talvez você tenha esquecido tudo isso".

"Meu caro Harry, não trato disso como uma transação de negócios e eu não fiz nenhuma proposta formal. Eu a disse que a amava e ela disse que não era digna de ser minha esposa. Indigna! Ora, o mundo todo não é nada para mim, comparado a ela".

"As mulheres são maravilhosamente práticas", murmurou lorde Henry, "muito mais práticas do que nós. Em situações deste tipo, frequentemente nos esquecemos de dizer coisa alguma sobre casamento, mas elas sempre nos lembram".

Hallward deitou sua mão sobre o braço dele. "Não, Harry. Você irritou Dorian. Ele não é como os outros homens. Ele nunca entristeceria ninguém. Sua natureza é muito requintada para isso".

Lorde Henry olhou através da mesa. "Dorian nunca se irrita comigo", ele respondeu. "Fiz a pergunta pelo melhor motivo possível, pelo único motivo, de fato, que justifica alguém fazer qualquer pergunta – a simples curiosidade. Tenho uma teoria que é sempre as mulheres que nos pedem em casamento e não nós que as pedimos, exceto, claro, na vida de classe média. Mas é porque as classes médias não são modernas".

Dorian Gray riu e jogou sua cabeça. "Você é bem incorrigível, Harry; mas não me importo. É impossível ficar bravo com você. Quando vir Sybil Vane, você sentirá que o homem que se enganar com ela é uma besta sem um coração. Não posso compreender como alguém pode desejar envergonhar aquele que ama. Eu amo Sybil Vane. Desejo colocá-la em um pedestal de ouro e ver o mundo cultuar uma mulher que é minha. O que é o casamento? Uma promessa irrevogável. E é uma promessa irrevogável a que quero fazer. A confiança dela me faz fiel, sua crença me faz bom. Quando estou com ela, lamento tudo o que você me ensinou. Eu me torno diferente do que sabia ser. Estou mudado e o simples toque da mão de Sybil Vane faz com que me esqueça de você e das suas teorias equivocadas, fascinantes, venenosas e prazerosas".

"Você sempre gostará de mim, Dorian", disse lorde Henry. "Vocês querem café, rapazes? – Garçom, traga-nos café e boa champanhe, e alguns cigarros. Não: esqueça os cigarros, tenho alguns. Basil, não permito que você fume charutos. Acenda um cigarro. Um cigarro é o tipo perfeito de um prazer perfeito. É delicado e deixa as pessoas insatisfeitas. O que mais pode você querer? Sim, Dorian, você sempre será apaixonado por mim. Eu represento para você todos os pecados que você nunca teria coragem de cometer".

"Que besteira você fala, Harry!", exclamou Dorian Gray, acendendo seu cigarro em um dragão de prata soltando fogo, que o garçom colocara

sobre a mesa. “Vamos descer ao teatro. Quando vir Sybil, você terá um novo ideal de vida. Ela irá representar algo que você nunca conheceu”.

“Eu conheço tudo”, respondeu lorde Henry, com um triste olhar, “mas estou sempre pronto para uma nova emoção. Temo que não haja tal coisa, de qualquer forma. De qualquer modo, sua maravilhosa garota poderá me excitar. Amo a interpretação. É muito mais real que a vida. Vamos. Dorian, venha comigo. Lamento, Basil, mas há lugar apenas para dois na sege. Você deve nos seguir em uma trole”.

Levantaram-se e vestiram seus casacos, tomando o café já de pé. Hallward estava quieto e preocupado. Havia sombras escuras sobre ele. Ele não podia suportar aquele casamento e ainda lhe parecia ser melhor do que muitas outras coisas que havia acontecido. Depois de alguns momentos, desceram as escadas. Ele foi sozinho, como combinado e observava as luzes brilhantes da pequena sege diante dele. Uma estranha sensação de perda tomou-lhe conta. Sentia que Dorian Gray nunca seria novamente para ele tudo o que fora antes. Seus olhos se escureceram, e as ruas reluzentes e lotadas se tornaram borrões para ele. Quando o cabriolé estacionou diante das portas do teatro, parecia-lhe que envelhecera anos.

[1] Pequena estatueta de terracota pintada, oriunda da Antiga Grécia, geralmente descrevendo cenas do cotidiano; seu nome se origina de uma pequena cidade na Beócia que foi um importante local produtor das mesmas nas últimas décadas do século 4° a.C.

CAPÍTULO 5

Por uma razão ou outra, a casa estava cheia naquela noite, e o gordo gerente judeu que os recepcionou à porta ostentava um sorriso oleoso e trêmulo de orelha à orelha. Ele os conduziu ao camarote com um tipo de pomposa humildade, balançando suas mãos rechonchudas e cheias de joias, e falando o mais alto que podia. Dorian Gray estava mais avesso a ele do que nunca. Ele sentia como se tivesse vindo procurar por Miranda e fora descoberto por Calibã[1]. Lorde Henry, por outro lado, gostou bastante dele. Pelo menos foi o que disse e insistia em tomar suas mãos, cumprimentando-lhe e assegurando que estava orgulhoso de encontrar um homem que descobrira um verdadeiro talento e fora à falência por Shakespeare. Hallward se divertia vendo os rostos na plateia. O calor era terrivelmente opressivo e a enorme luz do sol brilhava como uma dália monstruosa com pétalas de fogo. Os jovens na galeria tiraram seus casacos e coletes, e os penduravam ao lado. Falavam uns com os outros através do teatro e dividiam suas laranjas com as espalhafatosas garotas maquiadas que se sentavam ao lado deles. Algumas mulheres riam na plateia; as suas vozes eram horrivelmente agudas e desafinadas. O som do tirar das rolhas chegava do bar.

"Que lugar para alguém encontrar sua deusa!", disse lorde Henry.

"Sim!", respondeu Dorian Gray. "Foi aqui que eu a encontrei e ela é divina, além de todas as coisas vivas. Quando ela interpretar, você esquecerá todas as coisas. Estas pessoas comuns aqui, com seus rostos grosseiros e modos brutais, se tornam bem diferentes quando ela está no palco. Sentam-se em silêncio e a observam. Elas choram e riem quando ela deseja que assim façam. Ela as torna tão responsivas quanto a um violino. Ela as espiritualiza e pode se sentir como se fossem da mesma carne e do mesmo sangue quanto a si próprio."

"Oh, espero que não!", murmurou lorde Henry, que estava examinando os ocupantes da galeria por meio de seu óculo de ópera.

"Não preste atenção nele, Dorian", disse Hallward. "Entendo o que você diz e acredito nesta garota. Qualquer pessoa que você ame deve ser maravilhosa e qualquer garota que tenha o efeito que você descreve deve ser fina e nobre. Espiritualizar a época de alguém – isso é algo válido de se

fazer. Se esta garota pode dar alma a estes que têm vivido sem uma, se ela pode criar o sentido de beleza em pessoas cujas vidas têm sido sórdidas e feias, se ela pode arrancá-los do seu egoísmo e trocar-lhes lágrimas por mágoas que não são próprias deles, então ela vale toda a sua adoração, vale toda a adoração do mundo. Este casamento é muito certo. Não o achava no começo, mas admito o ser agora. Deus fez Sybil Vane para você. Sem ela, você seria bem incompleto".

"Obrigado, Basil", respondeu Dorian Gray, apertando-lhe a mão. "Sabia que você me compreenderia. Harry é muito cínico, ele me assusta. Mas eis a orquestra. É bem horrível, mas dura apenas cerca de cinco minutos. Então a cortina se levanta e vocês verão a garota a quem darei toda a minha vida, a quem darei tudo o que existe de bom em mim".

Quinze minutos depois, entre uma confusão extraordinária de aplausos, Sybil Vane pisou no palco. Sim, ela era por certo encantadora de se olhar – uma das mais encantadoras criaturas, pensou lorde Henry, que ele já vira. Havia algo de cervo em sua tímida graça e olhos assustados. Um leve rubor, como a sombra de uma rosa em um espelho de prata, veio ao seu rosto quando ela relanceou para a casa lotada e entusiástica. Ela recuou alguns passos e seus lábios pareceram tremer. Basil Hallward levantou-se e começou a aplaudir. Dorian Gray sentava-se imóvel olhando fixamente para ela, como um homem a sonhar. Lorde Henry espreitava pelo seu monóculo, murmurando, "Encantador, encantador".

A cena era no corredor da casa dos Capuleto e Romeu, em suas vestes de peregrino, entrara com Mercutio e seus amigos. O grupo, tal como estava, cantou alguns compassos de música e a dança começou. Através da turba de atores toscos e mal vestidos, Sybil Vane movia-se como uma criatura de um mundo mais sofisticado. Seu corpo se inclinava, enquanto ela dançava, como uma planta que oscila sobre a água. As curvas de sua garganta eram como as curvas de um lírio branco. Suas mãos pareciam ser feitas de frio marfim.

Ainda assim, ela estava curiosamente indiferente. Ela não exibia nenhum sinal de alegria quando seus olhos pousaram em Romeu. As poucas linhas que ela tinha de falar:

Bom peregrino, em excesso agistes mal com vossa mão,

Que demonstraste cortês devoção;
Pois santos possuem mãos que as mãos de peregrinos de fato tocam,
E unir as palmas com as palmas das mãos é o sagrado beijo dos mártires,

com o breve diálogo que segue, foram pronunciadas de maneira completamente artificial. A voz era delicada, mas do ponto de vista do tom, era absolutamente falsa. Estava com a cor errada. Extraia toda a vida dos versos. Tornava a paixão irreal.

Dorian Gray empalidecia enquanto a observava. Nenhum dos seus amigos ousou dizer nada para ele. Ela lhes parecia totalmente incompetente. Estavam terrivelmente desapontados.

Porém, eles sentiam que o verdadeiro teste de qualquer Julieta era a cena da sacada no segundo ato. Esperaram por ela. Se falhasse ali, não havia nada nela.

Ela parecia encantadora enquanto saía ao luar. Isso não poderia ser negado. Mas a teatralidade de sua interpretação era insuportável e ficava pior na medida em que ela prosseguia. Seus gestos se tornaram absurdamente artificiais. Ela exagerava na ênfase de tudo o que tinha de dizer. A bela passagem,

Conheceste a máscara da noite que cobre minha face,
Pois um rubor de donzela cobriria as maçãs de meu rosto
Pelo que vós ouviste-me falar esta noite.

foi declamada com a dolorosa precisão de uma estudante que fora ensinada a recitar por algum professor de segunda categoria de locução. Quando ela se inclinou sobre a sacada e chegou a estas maravilhosas linhas,

Embora minha alegria resida em vós,
Esta noite, não tenho nenhuma alegria sobre este juramento:
Por demais imprudente, indiscreto e inesperado;
Semelhante ao relâmpago que insiste em deixar de ser
Antes que se diga, 'relampeja'. Meu amor, boa noite!

Que este botão de amor, nascido do hálito do verão,
Se converta em esplêndida flor quando nos reencontrarmos

Ela pronunciava as palavras como se elas não lhe entregassem nenhum sentido. Não era nervosismo. De fato, longe de estar nervosa, ela parecia absolutamente autocontida. Era simplesmente má arte. Ela era um fracasso completo.

Mesmo a plateia inculta e comum, e também a galeria, perdeu o interesse na peça. Tornaram-se inquietos e começaram a falar alto e a assobiar. O gerente judeu, que estava atrás do camarim, sapateou e xingou em fúria. A única pessoa inalterada era a própria garota.

Quando o segundo ato terminou, houve uma tempestade de vaias, e lorde Henry se levantou de seu assento e vestiu seu casaco. "Ela é muito bonita, Dorian", ele disse, "mas ela não consegue interpretar. Vamos".

"Verei a peça até o final", respondeu o rapazote, com uma voz áspera e amarga. "Estou terrivelmente triste por fazê-lo desperdiçar uma noite, Harry. Eu peço desculpas a vocês dois".

"Meu caro Dorian, acredito que a senhorita Vane esteja enferma", interrompeu Hallward. "Devemos vê-la alguma outra noite".

"Quisera eu que ela estivesse doente", ele respondeu. "Mas ela me parece ser simplesmente insensível e fria. Ela está totalmente alterada. Noite passada ela era uma grande artista. Hoje ela é apenas uma atriz lugar-comum e medíocre".

"Não fale assim sobre alguém que você ama, Dorian. O amor é algo mais maravilhoso que a arte."

"Ambos são simplesmente formas de imitação", murmurou lorde Henry. "Mas vamos embora. Dorian, você não deve mais ficar aqui. Não é bom para o moral de alguém ver uma má atuação. Além disso, não suponho que você queira sua esposa atuando. Assim, qual o problema de ela interpretar Julieta como se fosse uma boneca de madeira? Ela é bastante encantadora e se ela conhecer um pouco sobre a vida quanto sabe sobre atuação, ela será uma experiência deliciosa. Há apenas dois tipos de pessoas que são realmente fascinantes – as pessoas que sabem absolutamente tudo e as pessoas que não sabem absolutamente nada.

Minha nossa, meu caro garoto, não seja tão trágico! O segredo de se permanecer jovem é nunca apresentar emoções que são inconvenientes. Venha para o clube comigo e com Basil. Fumaremos cigarros e beberemos à beleza de Sybil Vane. Ela é bonita. O que mais você quer?"

"Vá embora, por favor, Harry", exclamou o rapaz. "Realmente quero ficar sozinho. Basil, você não se importa se eu lhe pedir que vá? Ah! Vocês não podem ver que meu coração está partido?" As lágrimas quentes irromperam de seus olhos. Seus lábios tremiam e, correndo para o fundo do camarote, ele se apoiou contra a parede, escondendo seu rosto entre as mãos.

"Vamos embora, Basil", disse lorde Henry, com uma estranha ternura em sua voz; e os dois jovens saíram juntos.

Poucos momentos depois, as luzes da ribalta se acenderam e a cortina subiu para o terceiro ato. Dorian Gray voltou para o seu assento. Ele estava pálido, orgulhoso e indiferente. A peça se arrastava e parecia interminável. Metade da plateia foi embora, com pisadas fortes e rindo. Toda a coisa era um fiasco. O último ato foi interpretado para poltronas quase vazias.

Assim que terminou, Dorian Gray correu pela coxia até o camarim. A garota estava lá sozinha, com um ar de triunfo em seu rosto. Seus olhos brilhavam com um fogo diferente. Ela estava radiante. Seus lábios separados sorriam com algum segredo escondido neles mesmos.

Quando ele entrou, ela olhou para ele e uma expressão de alegria infinita a dominou. "Como interpretei mal esta noite, Dorian!", ela exclamou.

"Horrível", ele respondeu, olhando para ela atônito, "horrível! Estava péssimo. Você está doente? Você não faz ideia de como foi. Você não tem ideia de como sofri".

A garota sorriu. "Dorian", ela respondeu, detendo-se no nome dele com uma música de longa duração em sua voz, embora fosse mais doce do que o mel para as pétalas vermelhas de seus lábios, "Dorian, você deveria ter entendido. Mas agora você compreende, não é?"

"Compreender o quê?", ele perguntou, nervoso.

"Porque fui tão ruim esta noite. Porque deverei ser sempre ruim. Porque nunca interpretarei bem novamente".

Ele deu de ombros. "Você está enferma, suponho. Quando você adoece, não deve interpretar. Você se torna ridícula. Meus amigos ficaram entediados. Eu me entediei".

Ela não parecia escutá-lo. Ela estava transfigurada de alegria. Um êxtase de felicidade a dominava.

"Dorian, Dorian", ela exclamou, "antes de conhecê-lo, atuar era a única realidade de minha vida. Era apenas no teatro que eu vivia. Eu acreditava que tudo aquilo era verdade. Eu era Rosalinda em uma noite e Portia em outra. A alegria de Beatrice era a minha alegria e as mágoas de Cordélia, as minhas também. Eu acreditava em tudo. As pessoas comuns que interpretavam comigo me pareciam ser divinas. As cenas pintadas eram o meu mundo. Eu não conhecia nada além de sombras e acreditava que fossem reais. Você veio – oh, meu belo amor! – e libertou minha alma da prisão. Você me ensinou o que a realidade é, de fato. Esta noite, pela primeira vez em minha vida, vi além do vazio, do blefe, da puerilidade, da oca cerimônia que eu sempre interpretei. Esta noite, pela primeira vez, me tornei ciente de que Romeu era horrível, e velho, e pintado, que a luz da lua sobre o pomar era falsa, que o cenário era vulgar e que as palavras que eu tinha de falar eram irreais, não eram as minhas, não eram o que eu queria dizer. Você trouxe algo mais elevado, algo do qual a arte é apenas um reflexo. Você me fez entender o que é realmente o amor. Meu amor! Meu amor! Estou farta de sombras. Você é mais para mim do que toda arte pode ser. O que tenho eu a ver com as marionetes de uma peça? Quando cheguei esta noite, eu não podia entender como foi que tudo isso fugiu de mim. Subitamente, o significado disto amanheceu em minha alma. O conhecimento me era estranho. Ouvi-os vaiar e sorri. O que eles conhecem sobre o amor? Leve-me, Dorian – leve-me com você, onde possamos estar completamente sozinhos. Odeio o palco. Posso simular uma paixão que não sinto, mas não posso fingir a paixão que me queima como fogo. Oh Dorian, Dorian, você entende agora o que tudo isso significa? Mesmo se eu pudesse fazê-lo, seria uma profanação para mim interpretar estando apaixonada. Você me fez ver isso".

Ele se jogou no sofá e virou seu rosto. "Você assassinou meu amor", ele proferiu.

Ela olhou para ele atônita e riu. Ele não respondeu. Ela foi até ele e penteou seus cabelos com seus pequenos dedos. Ela se ajoelhou e pressionou as mãos dele contra os lábios dela. Ele as retirou e um tremor o percorreu.

Então ele se levantou e foi até a porta. "Sim", ele exclamou, "você matou o meu amor. Você costumava eriçar minha imaginação. Agora, você nem mesmo excita minha curiosidade. Você simplesmente não produz efeito nenhum. Eu a amava porque você era maravilhosa, porque tinha talento e intelecto, porque compreendia os sonhos dos grandes poetas e dava forma e substância às sombras da arte. Você jogou tudo fora. Você é superficial e estúpida. Meu Deus! Como eu fui louco em amá-la! Como fui tolo! Você não é nada para mim agora. Nunca mais irei vê-la. Nunca mais pensarei em você. Nunca mais mencionarei seu nome. Você definitivamente não sabe o que era para mim. Ora, uma vez... Oh, mal posso suportar pensar nisso! Quisera eu nunca ter colocado meus olhos em você! Você arruinou o romance de minha vida. Quão pouco você pode saber sobre o amor, se diz que ele embota a sua arte! O que é você sem sua arte? Nada. Eu a teria feito famosa, esplêndida, magnífica. O mundo teria lhe cultuado e você pertenceria a mim. O que é você, agora? Uma atriz de terceira categoria com um rosto bonito".

A garota empalidecia e tremia. Ela apertava suas mãos e sua voz parecia presa na garganta. "Você não está sendo sério, Dorian", ela murmurou. "Você está interpretando".

"Interpretando! Eu deixo isso para você. Você faz isso tão bem", ele respondeu, amargamente.

Ela se levantou e, com uma expressão condoída de dor em seu rosto, atravessou a sala na direção dele. Ela colocou a mão sobre braço dele e olhou para os seus olhos. Ele a empurrou. "Não me toque!", ele exclamou.

Um imperceptível lamento soltou-se dela e ela jogou-se aos pés dele, e deitou-se ali como uma flor atropelada. "Dorian, Dorian, não me deixe!", ela sussurrou. "Lamento muito não ter atuado bem. Eu pensava em você todo o tempo. Mas tentarei... de verdade eu tentarei. Meu amor por você irrompeu repentinamente em mim. Acho que nunca teria sabido se

você não me beijasse – se nós não tivéssemos nos beijado. Beije-me de novo, meu amor. Não me deixe. Eu não poderia suportar. Você não pode me perdoar por esta noite? Trabalharei duro e tentarei melhorar. Não seja cruel comigo, porque eu o amo mais do que qualquer coisa no mundo. Afinal de contas, foi só a primeira vez que não lhe agradei. Mas você está muito certo, Dorian. Eu deveria ter me mostrado mais como uma artista. Foi tolice minha; e ainda, não pude evitar. Oh, não me deixe, não me deixe". Um acesso de soluços apaixonados a sufocou. Ela contraiu-se no chão como algo ferido e Dorian Gray, com seus belos olhos, abaixou seu olhar para ela e seus lábios esculpidos se contorceram em um delicado desdém. Sempre há algo de ridículo sobre as paixões das pessoas quando alguém deixou de amar. Sybil Vane lhe soava absurdamente melodramática. Suas lágrimas e soluços o perturbavam.

"Estou indo", ele disse, com sua voz calma e límpida. "Não quero ser rude, mas não posso vê-la novamente. Você me desapontou".

Ela chorava silenciosamente e não respondeu, mas arrastou-se para mais perto dele. Suas pequenas mãos estendiam-se a esmo, parecendo procurar por ele. Ele girou em seus calcanhares e deixou a sala. Poucos momentos depois, estava fora do teatro.

Para onde ele foi, ele mal sabia. Ele se lembrava de perambular por ruas escuras, com frágeis arcos enegrecidos e casas com aspecto demoníaco. Mulheres com vozes rudes e risadas ásperas chamavam por ele. Bêbados cambaleavam aos xingos e tagarelavam entre si feito monstruosos macacos. Ele vira crianças grotescas agachadas em soleiras de portas, e ouvira gritos agudos e maldições vindos de pátios sombrios.

Quando a aurora estava a irromper, ele se viu em Covent Garden. Grandes carroças cheias de lírios balançando desciam lentamente a polida e vazia rua. O ar estava carregado com o perfume das flores e sua beleza parecia lhe trazer um anódino para a sua dor. Ele seguiu na direção do mercado e observou os homens descarregando seus carrinhos. Um carroceiro de jaleco branco lhe ofereceu algumas cerejas. Ele agradeceu, perguntando-se sobre o porquê dele ter recusado dinheiro por elas, e começou a comer indiferentemente. Foram colhidas à meia-noite e a frieza da lua adentrara nelas. Uma longa fila de garotos, carregando cestas de tulipas listradas e de rosas amarelas e vermelhas, desfilou diante dele,

traçando seu caminho através das enormes pilhas de legumes verdes como o jade. Sob o pórtico, com seus pilares cinza descoloridos pelo sol, vadiava uma tropa de garotas sujas sem chapéu, esperando que o leilão terminasse. Depois de algum tempo, ele chamou um trole e seguiu para casa. O céu era de opala puro agora e os telhados das casas cintilavam contra ele como prata. Enquanto ele passava pela biblioteca, na direção de seu quarto, seus olhos se detiveram sobre o retrato que Basil Hallward pintara dele. Ele recuou, surpreso, e então foi na direção dele para examiná-lo. Na parca e contida luz que lutava contra as cortinas de seda cor de creme, o rosto lhe pareceu um pouco mudado. A expressão parecia diferente. Alguém teria dito que havia um toque de crueldade na boca. Certamente, aquilo era curioso.

Ele deu meia volta e, caminhando até a janela, abriu as cortinas. A manhã brilhante invadiu o quarto e varreu as fantásticas sombras para os cantos escuros, onde ficaram, trêmulas. Mas a estranha expressão que ele percebera no rosto do retrato pareceu se demorar ali, mesmo a se intensificar. A luz do sol, ardente e agitada, mostrava-lhe os traços de crueldade sobre a boca tão claramente quanto como se ele estivesse olhando para um espelho depois de ter feito algo terrível.

Ele piscou e, pegando da mesa um espelho oval emoldurado em cupidos de marfim, que lorde Henry lhe dera, relanceou apressadamente para ele. Nenhum traço como aquele distorcia seus lábios vermelhos. O que significava aquilo?

Ele esfregou os seus olhos e se aproximou do retrato, examinando-o novamente. Não havia nenhum sinal de qualquer mudança quando ele olhou para o retrato verdadeiro e, mesmo assim, não havia dúvida de que toda a expressão havia se alterado. Não era uma simples fantasia dele. A coisa estava terrivelmente aparente.

Ele se jogou em uma cadeira e começou a pensar. Repentinamente surgiu em sua cabeça o que ele tinha dito no ateliê de Basil Hallward no dia em que o retrato fora terminado. Sim, ele se lembrava perfeitamente. Ele tinha vociferado um louco desejo de que ele mesmo permanecesse jovem e que o retrato envelhecesse; que a sua própria beleza pudesse ser imaculada e o rosto sobre a tela carregasse o peso de suas paixões e de seus pecados; que a imagem pintada pudesse murchar com os traços de sofrimento e

pensamento, e que ele pudesse manter toda a delicada florescência e encanto de então sua apenas consciente adolescência. Certamente sua prece não fora atendida? Tais coisas eram impossíveis. Parecia monstruoso mesmo pensar nisso. E, contudo, havia o retrato diante dele, com o toque de crueldade na boca.

Crueldade! Tivera ele sido cruel? Fora culpa da garota, não dele. Ele sonhara com ela sendo uma grande artista, dera a ela seu amor porque ele pensou que ela fosse grande. Então, ela o frustrara. Ela fora superficial e indigna. E, ainda, um sentimento de arrependimento infinito lhe abatia, enquanto ele pensava nela jogada aos seus pés, soluçando como uma criança pequena. Ele se lembrou com que frieza ele a observara. Por que ele fora feito assim? Por que tal alma lhe fora dada? Mas ele também sofrera. Durante as três terríveis horas que a peça durara, ele vivera séculos de dor, era após era de sofrimento. Sua vida era bem mais digna que a dela. Ela o embotara por um momento, se ele tivesse a ferido por uma época. Além disso, as mulheres eram mais bem feitas para suportar mágoas do que os homens. Elas viviam em suas emoções. Elas apenas pensavam em suas emoções. Quando obtinham enamorados, era apenas para ter alguém com quem ter cenas. Lorde Henry havia lhe dito isso e lorde Henry sabia quem eram as mulheres. Por que ele se incomodaria com Sybil Vane? Ela não era nada para ele, agora.

Mas e o retrato? O que ele tinha para dizer sobre aquilo? Ele tinha o segredo de sua vida e contava a sua história. Ele lhe ensinara a amar sua própria beleza. Ele lhe ensinaria a detestar sua própria alma? Ele voltaria a olhar novamente para ele?

Não; era apenas uma ilusão operada por sentimentos perturbados. A terrível noite que ele passara deixara fantasmas por trás dela. Repentinamente caíra sobre seu cérebro aquela pequena mancha escarlate que enlouquece os homens. O retrato não havia mudado. Era loucura pensar assim.

Ainda assim, o retrato o observava, com sua bela face embotada e seu sorriso cruel. Seu cabelo brilhante resplandecia na tenra luz do sol. Seus olhos azuis encontravam os dele próprio. Um senso de dó infinito, não por ele mesmo, mas pela imagem pintada de si próprio, lhe abateu. Já tinha se alterado e se alteraria mais. Seu ouro desvaneceria em cinza. Suas rosas

vermelhas e brancas morreriam. Para cada pecado que ele cometesse, uma mancha embotaria e devastaria sua beleza. Mas ele não pecaria. O quadro, alterado ou não, seria para ele o emblema visível de sua consciência. Ele resistiria à tentação. Ele não veria lorde Henry nunca mais – não ouviria, de qualquer maneira, aquelas sutis e venenosas teorias que no jardim de Basil Hallward primeiro levantara dentro dele a paixão por coisas impossíveis. Ele voltaria para Sybil Vane, faria as pazes, a desposaria, tentaria amá-la novamente. Sim, era seu dever agir assim. Ela deve ter sofrido mais do que ele. Pobre criança! Ele fora egoísta e cruel com ela. A fascinação que ela desenvolvera sobre ele voltaria. Eles seriam felizes juntos. Sua vida com ela seria bela e pura.

Ele levantou-se de sua cadeira e puxou uma longa tela para frente do retrato, tremendo enquanto o contemplava. "Que horrível!", ele murmurou para si mesmo e, caminhando em direção à janela, a abriu. Quando ele pisou sobre a grama, respirou fundo. O ar fresco da manhã parecia levar embora todas as suas sombrias paixões. Ele pensava apenas em Sybil Vane. Um débil eco de seu amor retornava até ele. Ele repetia seu nome, e repetia e repetia novamente. Os pássaros que estavam cantando no jardim encharcado de orvalho pareciam estar contando às flores sobre ela.

[1] Miranda e Calibã são personagens da obra "A Tempestade", de William Shakespeare.

CAPÍTULO 6

Já passara muito do meio-dia quando ele despertou. Seu criado havia deslizado várias vezes para dentro do quarto, na ponta dos pés, para ver se ele estava levantando e se perguntava o que fizera seu jovem patrão dormir até tarde. Finalmente sua campainha soou e Victor entrou suavemente com uma xícara de chá e uma pilha de cartas, em uma pequena bandeja de velha porcelana Sèvres, e abriu as cortinas de cetim oliva, com seu cintilante forro azul, que pendia defronte a três altas janelas.

"Monsieur esteve dormindo por toda a manhã", ele disse, sorridente.

"Que horas são, Victor?", perguntou Dorian Gray, sonolento.

"Uma e quinze, monsieur".

Como era tarde! Ele se levantou e, tendo bebido um pouco de chá, voltou-se para as suas cartas. Uma delas era de lorde Henry e fora entregue em mãos naquela manhã. Ele hesitou por um momento e então a deixou de lado. Ele abriu as outras indiferentemente. Continham a habitual coleção de cartões, convites para jantar, ingressos para vernissages, programas para concertos de caridade e similares, despejados em elegantes e jovens rapazes a cada manhã durante a estação. Havia uma conta bem salgada, de um conjunto para banho Louis XV de prata, gravado em relevo, que ele ainda não tivera a coragem de enviar para os seus guardiões, que eram pessoas extremamente antiquadas e não entendiam que vivemos em uma época onde apenas as coisas supérfluas nos são extremamente necessárias; e havia várias mensagens em tom muito cordial dos financistas de Jermyn Street oferecendo o adiantamento de qualquer soma de dinheiro a qualquer momento e com as mais razoáveis taxas de juros.

Depois de quase dez minutos ele se levantou e, vestindo um elaborado roupão, passou para o banheiro de piso de ônix. A água fria o refrescou depois de um longo sono. Ele parecia ter se esquecido de tudo o que passara. Um vago senso de ter tomado parte de alguma estranha tragédia lhe ocorreu uma ou duas vezes, mas era a irrealidade de um sonho tudo aquilo.

Assim que terminou de se vestir, foi até a biblioteca e sentou-se para um leve desjejum francês, que fora disposto para ele em uma pequena

mesa circular próxima de uma janela aberta. Era um belo dia. O ar cálido parecia carregar temperos. Uma abelha voou adentro, zumbindo ao redor de uma cesta azul no formato de dragão, cheia de rosas amarelo-enxofre, que estava à frente dele. Ele se sentia perfeitamente feliz.

De repente, seus olhos pousaram sobre a tela que ele colocara defronte ao retrato e se assustou.

"Muito frio para o Monsieur?", perguntou seu criado, colocando uma omelete sobre a mesa. "Devo fechar a janela?"

Dorian balançou sua cabeça. "Não estou com frio", ele murmurou.

Era então verdade? O retrato tinha mesmo mudado? Ou era simplesmente a sua própria imaginação que o fizera ver um ar diabólico onde havia um tom de alegria? De fato uma tela pintada não poderia mudar? A coisa era absurda. Serviria como uma história para contar a Basil algum dia. Aquilo o faria sorrir.

E, ainda, como era vívida sua lembrança de tudo aquilo! Primeiro, à débil luz do alvorecer e então, na brilhante aurora, ele vira o toque de crueldade em seus lábios curvados. Ele quase temeu que seu criado abandonasse a sala. Ele sabia que, quando estivesse só, teria de examinar o retrato. Ele estava com medo da certeza. Quando o café e os cigarros foram trazidos, e o criado se virou para sair, ele sentiu um louco desejo de pedir para que ficasse. Assim que a porta se fechou atrás de si, ele o chamou de volta. O homem ficou esperando pelas suas ordens. Dorian olhou para ele por um momento. "Não estou em casa para ninguém, Victor", ele disse com um suspiro. O homem se inclinou e saiu.

Ele ergueu-se da mesa, acendeu um cigarro e se jogou em um sofá luxuosamente almofadado que ficava em frente à tela. A tela era feita com um velho couro espanhol dourado, estampado e trabalhado com um padrão Louis XIV bem florido. Ele a observou curiosamente, se perguntando se a tela já cobrira o segredo da vida de um homem alguma vez.

Deveria ele colocá-la de lado, depois de tudo? Por que não deixá-la ficar lá? Qual era a importância de saber? Se a coisa era real, era terrível. Se não fosse, por que se incomodar? Mas e se, por algum destino ou coincidência fatal, outros olhos que não os dele espiassem por trás e vissem a terrível mudança? O que ele faria se Basil Hallward viesse e pedisse para

ver seu próprio retrato? Era certo que ele o faria. Não; a coisa tinha de ser examinada e de uma vez. Qualquer coisa seria melhor que este terrível estado de dúvida.

Ele se levantou e trancou as duas portas. Pelo menos ele estaria sozinho quando pusesse os olhos sobre a máscara de sua vergonha. Então ele puxou a tela para o lado e se viu frente a frente consigo mesmo. Era perfeitamente verdade. O retrato tinha se alterado.

Como ele frequentemente se lembraria depois e sempre sem nenhum estranhamento, ele se encontrou primeiro mirando o retrato com um sentimento de interesse quase científico. Que tal mudança tenha ocorrido lhe era inacreditável. E, ainda, era um fato. Havia alguma sutil afinidade entre os átomos químicos, que se formavam em forma e cor sobre a tela, e a alma estava dentro dele? Poderia ser que o quê aquela alma pensasse, se realizaria? Que o que fosse sonhado, eles fariam acontecer? Ou haveria alguma outra razão, mais terrível? Ele tremeu e sentiu medo e, voltando-se para o sofá, deitou-se lá, olhando o retrato com um doentio terror.

Uma coisa, porém, ele sentiu que aquilo fizera por ele. Tinha feito-o consciente de como ele fora injusto e cruel com Sybil Vane. Não era tarde para se reparar aquilo. Ela ainda poderia ser sua esposa. Seu amor surreal e egoísta poderia ceder a alguma influência, ser transformado em alguma paixão mais nobre e o retrato que Basil Hallward pintara dele poderia ser seu guia pela vida, seria para ele o que o sacro era para alguns e a consciência para outros, e o temor de Deus para todos nós. Havia opiáceos para o remorso, drogas que poderiam entorpecer o senso moral até o sono. Mas aqui havia um símbolo visível da degradação do pecado. Aqui havia um sinal sempre presente da ruína que os homens trouxeram para as suas almas.

Bateram as três horas e as quatro, quatro e meia, mas ele não se levantou. Ele estava tentando juntar as meadas escarlates da vida e tecê-las em um padrão; encontrar seu caminho por entre o ardente labirinto da paixão pelo qual ele vagueava. Ele não sabia o que fazer, nem o que pensar. Finalmente, ele se dirigiu até a mesa e escreveu uma carta apaixonada para a garota que ele amava, implorando o seu perdão e acusando a si mesmo de insanidade. Ele cobria páginas e páginas com loucas palavras de mágoa, e

ainda mais loucas de dor. Havia um luxo na autorreprovação. Quando culpamos a nós mesmos, sentimos que ninguém mais tem o direito de nos culpar. É a confissão, e não o padre, que nos absolve. Quando Dorian Gray terminou sua carta, ele sentia que ele tinha sido perdoado.

Repentinamente bateram à porta e ele ouviu a voz de lorde Henry do lado de fora. "Meu caro Dorian, tenho de vê-lo. Deixe-me entrar de uma vez. Não posso suportar que se tranque desta maneira".

Ele não respondeu de início, mas permaneceu bem imóvel. As batidas continuaram e ficaram mais altas. Sim, era melhor deixar lorde Henry entrar e explicar a ele a nova vida que iria assumir, discutir com ele se fosse necessário discutir, se separar, se a separação fosse inevitável. Ele pulou, arrastou a tela apressadamente sobre o quadro e destrancou a porta.

"Lamento por tudo isso, meu caro garoto", disse lorde Henry, entrando. "Mas não pense muito a respeito."

"Você quer dizer sobre Sybil Vane?", perguntou Dorian.

"Sim, claro", respondeu lorde Henry, afundando-se em uma cadeira e lentamente tirando suas luvas. "É terrível, por um ponto de vista, mas não foi sua culpa. Diga-me, você foi para a coxia vê-la depois que a peça acabou?"

"Sim".

"Eu sabia que você iria. Você fez uma cena com ela?"

"Fui brutal, Harry, perfeitamente brutal. Mas está tudo bem agora. Não lamento por nada do que aconteceu. Isso me ensinou a me conhecer melhor".

"Ah, Dorian, estou tão feliz que você tenha levado deste modo! Temi encontrá-lo enterrado em remorsos e arrancando os seus belos cabelos".

"Passei por tudo isso", disse Dorian, balançando a cabeça e sorrindo. "Estou perfeitamente feliz, agora. Sei o que é consciência, para começar. Não é o que você me disse que era. É a coisa mais divina que há em nós. Não desdenhe, Harry, nunca mais – pelo menos, não diante de mim. Quero ser bom. Não suporto a ideia de minha alma ser repugnante".

"Uma base artística bem encantadora para a ética, Dorian! Felicito-lhe por isso. Mas como você vai começar?"

"Casando-me com Sybil Vane".

"Casando com Sybil Vane!", exclamou lorde Henry, levantando-se e olhando para ele em perplexa surpresa. "Mas, meu querido Dorian..."

"Sim, Harry, sei o que você irá dizer. Algo terrível sobre o casamento. Não o diga. Nunca diga coisas deste tipo para mim novamente. Há dois dias, pedi Sybil Vane em casamento. Não irei quebrar minha palavra. Ela será minha esposa".

"Sua esposa! Dorian!... Você não leu minha carta? Escrevi para você esta manhã e enviei a nota pelo meu próprio criado".

"Sua carta? Oh, sim, me lembro. Ainda não a li, Harry. Temia que houvesse algo nela que eu não gostasse"

Lorde Henry cruzou a sala e, sentando-se próximo de Dorian Gray, tomou suas duas mãos e as apertou com força. "Dorian", ele disse, "minha carta... não se assuste... era para lhe dizer que Sybil Vane está morta".

Um grito de dor se ergueu dos lábios do rapaz e ele se levantou de um salto, arrancando suas mãos do controle de lorde Henry. "Morta! Sybil morta! Não é verdade! É uma mentira terrível!"

"É bem verdade, Dorian", disse lorde Henry, gravemente. "Está em todos os jornais matutinos. Escrevi para que você não lesse nenhum deles até que eu chegasse. Talvez haja um inquérito e você não pode ser envolvido nele. Coisas como estas tornam um homem celebridade em Paris. Mas, em Londres, as pessoas são muito preconceituosas. Aqui, ninguém nunca deve fazer sua estreia com um escândalo. É preciso reservar isso para dar algum interesse à velhice. Não acredito que saibam seu nome no teatro. Se não, bem, está tudo bem. Alguém o viu rondando o camarim dela? Este é um ponto importante".

Dorian não respondeu por alguns instantes. Ele estava entorpecido de terror. Finalmente ele murmurou, com a voz embargada, "Harry, você mencionou um inquérito? O que você quis dizer com isso? Que Sybil...? Oh, Harry, não posso suportar! Mas seja rápido. Conte-me tudo de uma vez".

"Não tenho dúvida de que não foi um acidente, Dorian, embora deva ser colocado desta forma para o público. Assim que saiu do teatro com a sua mãe, perto da meia-noite e meia, ela disse que esquecera algo no andar de cima. Esperaram algum tempo por ela, mas ela não desceu novamente.

Encontraram-na enfim morta, no chão de seu camarim. Ela engolira alguma coisa por engano, alguma coisa terrível que usam nos teatros. Não sei o que era, mas era ácido prússico[1] ou alvaiade. Imagino que seja ácido prússico, pois parece que ela morreu instantaneamente. É muito trágico, claro, mas você não pode se envolver nisso. Li no Standard que ela tinha dezessete anos. Pensava que ela fosse mais jovem ainda. Ela aparentava ser criança e parecia saber tão pouco sobre interpretação. Dorian, você não deve deixar que isso o acometa. Você deve vir jantar comigo e depois iremos à Ópera. É noite de Patti e todos estarão lá. Você poderá ficar no camarote de minha irmã. Ela levará algumas mulheres espertas com ela".

"Então, assassinei Sybil Vane", disse Dorian Gray, quase como para si mesmo – "assassinei-a, tão certamente quanto tivesse cortado sua pequena garganta com uma faca. E as rosas não são menos encantadoras por causa disto. Os pássaros gorjeiam igualmente felizes em meu jardim. E esta noite jantarei com você e então iremos à Ópera e beberemos depois, suponho. Como a vida é extraordinariamente dramática! Se eu tivesse lido tudo isso em um livro, Harry, acho que teria chorado. De alguma forma, já que isso realmente aconteceu, e a mim, parece muito maravilhoso para lágrimas. Eis minha primeira apaixonada carta de amor que escrevi em minha vida. Estranho que minha primeira carta de amor apaixonada tenha sido para uma garota que tenha morrido. Eles podem sentir, me pergunto, estas pálidas e silentes pessoas que chamamos de mortos? Sybil! Ela pode sentir ou saber, ou escutar? Oh, Harry, como eu a amei uma vez! Parece-me que foi há anos, agora. Ela era tudo para mim. Então chegou esta noite terrível – foi realmente apenas a noite passada? – quando ela interpretou de maneira tão ruim e meu coração quase se partiu. Ela me explicou tudo. Foi terrivelmente patético. Mas eu não fiquei nem um pouco emocionado. Eu pensei que ela fosse superficial. Então algo aconteceu que me deu medo. Não posso lhe dizer o que era, mas foi tenebroso. Eu disse que voltaria para ela. Sentia que fiz errado. E agora ela está morta. Meu Deus! Meu Deus! Harry, o que devo fazer? Você não sabe o perigo que corro e não há nada para me manter no prumo. Ela teria feito isso por mim. Ela não tinha o direito de se matar. Foi muito egoísmo da parte dela".

"Meu caro Dorian, o único modo pelo qual uma mulher sempre pode consertar um homem é entediá-lo tão completamente que ele perde

todo o interesse possível na vida. Se você tivesse desposado esta garota, estaria arruinado. Claro que você a teria tratado bem. Sempre se pode ser bondoso com as pessoas com as quais não nos importamos. Mas ela logo teria descoberto que você seria infinitamente indiferente a ela. E, quando uma mulher faz tal descoberta sobre seu marido, ela ou se torna terrivelmente desleixada ou usa algumas toucas muito sofisticadas que o marido de outra mulher terá de comprar também. Nada digo sobre o erro social, mas lhe asseguro que, em todo caso, a coisa toda seria um fracasso completo".

"Suponho que sim", resmungou o rapaz, caminhando a esmo pela sala e com uma aparência terrivelmente pálida. "Mas pensava que era meu dever. Não é minha culpa que esta horrível tragédia tenha evitado que eu fizesse o que era correto. Lembro que me disse uma vez que havia uma fatalidade sobre as boas resoluções... que elas eram sempre decididas muito tarde. A minha certamente o foi".

"As boas resoluções são simplesmente tentativas inúteis de interferir em leis científicas. Sua origem é pura vaidade. Seu resultado, absolutamente nulo. Elas nos dão, de vez em quando, algumas daquelas luxuosas e estéreis emoções que nos proporcionam certo charme. Isto é tudo o que se pode dizer sobre elas".

"Harry", exclamou Dorian Gray, aproximando-se e sentando ao seu lado, "por que não consigo sentir esta tragédia tanto quanto eu quero? Não acho que eu seja insensível. Você acha?"

"Você fez muitas coisas tolas em sua vida para ter o direito de se dar se atribuir este nome, Dorian", respondeu lorde Henry, com seu sorriso doce e melancólico.

O rapaz fez cara feia. "Não gosto desta explicação, Harry", ele replicou, "mas estou feliz por você não pensar que sou insensível. Não sou nada deste tipo. Sei que não sou. E admito, porém, que esta coisa que aconteceu não me afeta como deveria. Parece-me apenas que foi simplesmente um fim maravilhoso para uma peça maravilhosa. Tem toda a terrível beleza de uma grande tragédia, uma tragédia na qual atuei, mas pela qual não fui ferido".

"É uma questão interessante", disse lorde Henry, que descobriu um delicado prazer em brincar com o egoísmo inconsciente do rapaz, "uma

questão extremamente interessante. Imagino que a explicação seja esta. Frequentemente acontece que as tragédias reais da vida ocorram de maneira tão sem arte que elas nos machucam pela sua violência crua, sua absoluta incoerência, seu desejo absurdo de sentido, sua completa falta de estilo. Ela nos afeta da mesma maneira que a vulgaridade. Ela nos dá a impressão de uma força bruta e abrupta e nos revoltamos contra isso. Às vezes, entretanto, uma tragédia que apresenta elementos artísticos de beleza atravessa as nossas vidas. Se esses elementos de beleza são reais, a coisa toda simplesmente apela ao nosso senso de efeito dramático. Repentinamente, descobrimos que não somos mais os atores, mas os espectadores da peça. Ou melhor, somos ambos. Observamo-nos e a mera maravilha do espetáculo nos encanta. No caso presente, o que realmente aconteceu? Alguém se matou pelo seu amor. Quisera eu ter tido tal experiência. Teria me feito apaixonado pelo amor pelo resto da minha vida. As pessoas que me adoraram — não foram tantas, mas foram algumas — sempre insistiram em continuar vivendo, muito tempo após eu ter deixado de me importar com elas ou elas por mim. Tornaram-se valentes e tediosas, e quando as encontro, seguem direto para as reminiscências. Que pavorosa memória esta as das mulheres! Que coisa temerosa ela é! E que extrema estagnação intelectual ela revela! Alguém deveria absorver a cor da vida, mas nunca se lembrar dos seus detalhes. Os detalhes são sempre vulgares".

"Claro, às vezes as coisas se detêm. Uma vez, não usei nada além de violetas por uma temporada inteira, como luto por um romance que não morreria. No fim das contas, porém, ele morreu. Esqueci o que o matou. Acho que foi a proposta dela de sacrificar todo o mundo por mim. Este é sempre um momento terrível. Enche alguém com o terror da eternidade. Bem — você acreditaria? — uma semana atrás, na casa de lady Hampshire, encontrei-me à mesa com a dama em questão e ela insistia em voltar sobre a coisa toda outra vez, e a escavar o passado e remexer o futuro. Enterrei meu romance em uma cama de papoulas. Ela o puxou novamente e me assegurou que arruinei sua vida. Estou inclinado a afirmar que ela comeu um jantar enorme, assim, eu não senti nenhuma ansiedade. Mas que falta de gosto ela demonstrou! O único encanto do passado é que ele pertence ao passado. Mas as mulheres nunca sabem quando as cortinas caem. Sempre querem um sexto ato e, assim que o interesse na peça acaba por completo, elas

propõem continuá-la. Se fossem permitidas a fazer do seu modo, toda comédia teria um final trágico e toda tragédia terminaria em uma farsa. Elas são encantadoramente artificiais, mas não têm senso de arte. Você é mais afortunado do que eu. Eu lhe asseguro, Dorian, que nenhuma das mulheres que conheci teria feito por mim o que Sybil Vane fez por você. As mulheres ordinárias sempre consolam a si mesmas. Algumas delas o fazem buscando cores sentimentais. Nunca confie em uma mulher que usa lilás, seja qual for a idade dela ou uma mulher com mais de trinta e cinco anos que seja apaixonada por faixas cor de rosa. Isso sempre significa que elas têm história. Outras encontram grande consolo em descobrir repentinamente as boas qualidades de seus maridos. Elas ostentam sua felicidade conjugal na frente de outras, como se fosse o mais fascinante dos pecados. A religião conforta algumas. Seus mistérios têm todo o charme do flerte, uma mulher uma vez me disse; e posso entender isso muito bem. Além disso, nada torna alguém tão vão quanto saber que alguém é pecador. Realmente, não há fim para o consolo que uma mulher pode obter na vida moderna. De fato, nem mencionei o mais importante de todos".

"O que é, Harry?", perguntou Dorian Gray, indiferente.

"Oh, o mais óbvio. Roubar a admiradora de alguém quando se perde a própria. Em boa companhia que sempre dá uma caiação a uma mulher. Mas, realmente, Dorian, como Sybil Vane deveria ser diferente de todas as mulheres que se pode encontrar! Há algo que me é muito bonito em sua morte. Estou feliz por viver em um século em que tais maravilhas ocorrem. Elas nos fazem crer na realidade das coisas com as quais pessoas superficiais e modernas brincam, como romance, paixão e amor".

"Fui terrivelmente cruel com ela. Você esquece-se disso".

"Acredito que as mulheres apreciam a crueldade mais do que ninguém. Elas têm instintos maravilhosamente primitivos. Nós as libertamos, mas elas permanecem escravas procurando por seus amos, do mesmo modo. Elas amam ser dominadas. Estou certo de que você foi esplêndido. Eu nunca o vi nervoso, mas posso imaginar como você parecia prazeroso. E, no fim das contas, você me disse algo anteontem que me pareceu, naquele momento, ser meramente fantasioso, mas que vejo agora ser perfeitamente verdadeiro e que explica tudo".

"O que era, Harry?"

"Você me disse que Sybil Vane representava para você todas as heroínas do romance – que em uma noite ela era Desdêmona, em outra, Ofélia; que, se ela morresse como Julieta, ela ressuscitaria como Imogênia".

"Ela nunca voltará a viver agora", murmurou o rapaz, enterrando seu rosto entre as mãos.

"Não, ela nunca voltará à vida. Ela interpretou seu último papel. Mas você deve pensar nesta solitária morte, naquele camarim barato, simplesmente como um estranho e fúnebre fragmento de uma tragédia jacobina, como uma cena maravilhosa de Webster ou Ford, ou Cyril Tourneur. A garota nunca vivera realmente e, portanto, nunca morreu de fato. Ela foi, pelo menos, sempre um sonho para você, um fantasma que esvoaçou sobre as peças de Shakespeare e as deixou ainda mais encantadoras com a sua presença, uma flauta pela qual a música de Shakespeare soou mais sofisticada e com a mais completa alegria. No momento em que ela tocou a vida real, ela a embotou e a vida a embotou, e então ela morreu. Lamente por Ofélia, se quiser. Derrame cinzas em sua cabeça, porque Cordélia se estrangulou. Chore aos céus porque a filha de Brabantio morreu[2]. Mas não desperdice suas lágrimas por Sybil Vane. Ela foi menos real do que suas lágrimas o são".

Fez-se silêncio. A noite escurecia a sala. As sombras arrastavam-se para dentro, vindas do jardim, sem barulho, com seus pés de prata. As cores se desvaneciam das coisas com cansaço.

Depois de algum tempo, Dorian Gray ergueu os olhos. "Você me explicou para mim mesmo, Harry", ele murmurou, com algo de um suspiro de alívio. "Senti tudo o que disse, mas de alguma forma eu temia aquilo e não podia expressá-lo para mim mesmo. Você me conhece muito bem! Mas não falaremos novamente do que aconteceu. Foi uma experiência maravilhosa. Isso é tudo. Pergunto-me se a vida ainda me reserva algo tão maravilhoso".

"A vida tem tudo reservado para você, Dorian. Não há nada que você, com sua extraordinária aparência, não seja capaz de realizar".

"Mas suponha, Harry, que eu me torne emaciado, velho e enrugado? E então?"

"Ah, então", disse lorde Henry, erguendo-se para partir, "então, meu caro Dorian, você teria de lutar pelas suas vitórias. Do jeito que está, elas lhe serão trazidas. Não, você deve se manter belo. Vivemos em uma época que se lê demais para ser sábio e que se pensa demais para ser belo. Não podemos poupá-lo. E agora é melhor que você se vista e venha para o clube. Estamos bem atrasados, agora".

"Acho que me juntarei a você na Ópera, Harry. Sinto-me muito cansado para comer qualquer coisa. Qual é o número do camarote de sua irmã?"

"Vinte e sete, acredito. Está na fileira principal. Você verá o nome dela na porta. Mas lamento que você não venha ao jantar".

"Não estou com vontade", disse Dorian, cansadamente. "Mas estou terrivelmente em dívida com você por tudo o que me disse. Você certamente é meu melhor amigo. Ninguém me entendeu como você".

"Estamos apenas no começo de nossa amizade, Dorian", respondeu lorde Henry, apertando-lhe a mão. "Adeus. Espero vê-lo antes das nove e meia. Lembre-se, Patti irá cantar".

Assim que a porta fechou-se atrás dele, Dorian Gray tocou a sineta e, em poucos minutos, Victor apareceu com as lâmpadas e fechou as cortinas. Ele esperou impacientemente que se fosse. O homem parecia gastar um tempo interminável com tudo.

Assim que o criado se foi, ele correu para a tela e a afastou. Não; não havia mudanças posteriores no retrato. O quadro recebera a notícia da morte de Sybil Vane antes que ele mesmo a soubesse. Tomava ciência dos fatos da vida assim que aconteciam. A viciosa crueldade que amarrotava as finas linhas dos lábios tinha, sem dúvida, aparecido no exato momento em que a garota tinha bebido o veneno ou seja lá o que fosse. Ou era indiferença aos resultados? Será que o quadro apenas tomava conhecimento do que se passava dentro da alma? Ele se perguntou e esperou que em algum dia visse a mudança ocorrendo diante de seus próprios olhos, tremendo enquanto desejava aquilo.

Pobre Sybil! Que romance teria sido! Às vezes ela imitava a morte sobre o palco e, por fim, a própria Morte a tocara e a levara consigo. Como teria ela interpretado esta última cena? Teria ela amaldiçoado-o enquanto

falecia? Não; ela morrera pelo amor dele e o amor sempre seria um sacramento para ele, agora. Ela havia expiado por tudo, pelo sacrifício que ela fizera de sua vida. Ele não pensaria mais no que ela lhe fizera passar, naquela terrível noite no teatro. Quando ele pensasse nela, seria como uma trágica figura maravilhosa a mostrar que o Amor foi uma grande realidade. Uma trágica figura maravilhosa? As lágrimas vieram aos olhos enquanto ele se lembrava daquele ar infantil, seus modos cativantes e extravagantes e sua tímida e trêmula graça. Ele as secou rapidamente e olhou mais uma vez para o retrato.

Ele sentiu que a hora de fazer a sua escolha tinha realmente chegado. Ou sua escolha já teria sido feita? Sim, a vida decidira por ele – a vida e a sua infinita curiosidade sobre ela. A juventude eterna, a paixão infinita, prazeres sutis e secretos, loucas alegrias e ainda mais loucos pecados – ele estava para possuir todas estas coisas. O retrato carregaria o peso de sua vergonha: isso era tudo.

Um sentimento de dor lhe abateu enquanto pensava na profanação que estava reservada para o belo rosto sobre a tela. Uma vez, em uma adolescente zombaria à Narciso, ele beijara ou fingira beijar, aqueles lábios pintados que agora sorriam tão cruelmente para ele. Manhã após manhã, ele se sentara diante do retrato maravilhado com sua beleza, quase enamorado por ela, como lhe parecia às vezes. Deveria isso mudar agora, a cada sensação que ele cedesse? Deveria se tornar uma coisa pavorosa e repulsiva a ser escondida em uma sala trancada, a ser afastada da luz do sol que tinha tão frequentemente transformado em outro ainda mais brilhante a maravilha ondulada de seu cabelo? Que pena! Que pena!

Por um momento, ele pensou em pedir que a terrível simpatia que existia entre ele e o retrato pudesse cessar. O retrato mudou em resposta a um pedido; talvez, em resposta a um pedido, pudesse permanecer inalterado. E, ainda, quem, que sabia tudo sobre a Vida, renunciaria à oportunidade de ficar sempre jovem, embora esta oportunidade fosse fantástica ou de quais consequências fatais ela poderia estar carregada? Além do mais, isso estava realmente sob seu controle? Tinha sido de fato um pedido que produzira as mudanças? Não poderia haver alguma razão científica para isso? Se o pensamento pudesse exercer sua influência sobre um organismo vivo, não poderia exercer alguma influência sob coisas

inertes e inorgânicas? Não, sem um pensamento ou um desejo consciente, não poderiam as coisas externas a nós vibrar em uníssono com nossas sensações e paixões, átomo convocando átomo, em amor secreto ou estranha afinidade? Mas o motivo era insignificante. Ele nunca mais tentaria, por um pedido, qualquer força terrível. Se o quadro tivesse de mudar, que mudasse. Isso era tudo. Por que pesquisar isso tão a fundo?

Pois havia um verdadeiro prazer em observá-lo. Ele seria capaz de seguir sua mente até seus recônditos secretos. Este retrato lhe seria o mais mágico dos espelhos. Assim como lhe revelara seu próprio corpo, agora lhe revelaria sua própria alma. E, quando o inverno chegasse, ele estaria ainda onde a primavera treme com a iminência do verão. Quando o sangue escorresse de seu rosto e deixasse uma pálida máscara de giz com olhos pesados, ele manteria o glamour da adolescência. Nenhum dos botões de seu encanto desvaneceria. Nenhum pulso de sua vida seria mesmo enfraquecido. Como os deuses dos gregos, ele seria forte, ligeiro e alegre. O que importava o que acontecia à imagem colorida sobre a tela? Ele estaria a salvo. Isso era tudo.

Ele puxou a tela de volta para o seu lugar original, defronte ao quadro, sorrindo como estava e passou para o seu quarto, onde seu criado já estava lhe esperando. Uma hora depois ele estava na Ópera e lorde Henry estava se debruçando sobre sua poltrona.

[1] Ácido prússico: uma variação de cianeto de hidrogênio, de extrema volatilidade, e um dos mais poderosos venenos da antiguidade. Possui forte aroma de amêndoas amargas, sendo encontrado em caroços de pêssego e de algumas variedades de maçãs.

[2] Desdêmona é a filha de Brabantio, na obra Otelo, de William Shakespeare.

CAPÍTULO 7

Quando ele estava se sentando para o desjejum, na manhã seguinte, Basil Hallward foi conduzido para a sala.

"Estou tão feliz por tê-lo encontrado, Dorian", ele disse, gravemente. "Vim aqui na noite passada e me disseram que você estava na Ópera. Claro que eu sabia que isso era impossível. Mas eu desejei que você tivesse avisado onde estaria de fato. Passei uma noite terrível, meio temeroso que uma tragédia se seguisse à outra. Penso que você deveria ter me enviado um telegrama quando você soube a princípio. Li sobre o caso acidentalmente na última edição do The Globe, que peguei no clube. Vim aqui imediatamente e fiquei triste por não encontrá-lo. Não posso lhe dizer como estou desolado com a coisa toda. Sei que você deve estar sofrendo. Mas onde você estava? Você foi até lá para ver a mãe da garota? Por um momento, pensei em segui-lo até lá. Deram o endereço no jornal. Algum lugar em Euston Road, não é? Mas temi me intrometer em uma mágoa que eu não poderia aliviar. Pobre mulher! Em que estado ela deve estar! E sua filha única, também! O que ela disse sobre isso tudo?"

"Meu caro Basil, como posso saber?", murmurou Dorian, bebericando um pouco de vinho amarelo pálido de uma delicada taça em bolhas douradas efervescentes e aparentando estar terrivelmente entediado. "Eu estava na Ópera. Você deveria ter ido lá. Encontrei lady Gwendolen, a irmã de Harry, pela primeira vez. Estávamos em seu camarote. Ela é perfeitamente encantadora; e Patti cantou divinamente. Não fale de assuntos horríveis. Se alguém não menciona uma coisa, ela nunca existiu. É a simples expressão, como Harry diz, que dá realidade às coisas. Fale-me sobre você e o que está pintando".

"Você foi à Ópera?", disse Hallward, falando bem devagar e com um tenso toque de dor em sua voz. "Você foi à Ópera, enquanto Sybil Vane estava caída, morta em algum sórdido alojamento? Você pode me contar de outras mulheres sendo encantadoras e de Patti cantando divinamente, antes que a garota que você amou tivesse mesmo o silêncio de uma tumba para dormir? Ora, rapaz, há horrores reservados para aquele pequeno corpo branco dela!"

"Pare, Basil! Não ouvirei isso!", exclamou Dorian, pondo-se de pé em um salto. "Você não deve me contar as coisas. O que está feito, está feito. O que é passado, é passado".

"Você chama ontem de passado?"

"O que o verdadeiro lapso de tempo tem a ver com isto? Apenas as pessoas superficiais que precisam de anos para se livrar de uma emoção. Um homem que é mestre de si mesmo pode liquidar uma mágoa tão facilmente quanto pode inventar um prazer. Não quero estar sob o jugo de minhas emoções. Quero usar, apreciar e dominá-las".

"Dorian, isso é terrível! Algo o transformou por completo. Você parece o mesmo maravilhoso garoto que costumava frequentar meu ateliê, dia após dia, para o seu retrato. Mas você era então simples, natural e carinhoso. Você era a mais impoluta criatura de todo o mundo. Agora, não sei o que se apoderou de você. Você fala como se não tivesse nenhum coração, nem comiseração. É tudo influência de Harry. Eu percebo isso".

O rapaz corou e, indo à janela, olhou para o gramado verde e cintilante por alguns momentos. "Devo muito a Harry, Basil", ele disse, por fim, "mais do que devo a você. Tudo o que você me ensinou foi ser vaidoso".

"Bom, sou punido por isso, Dorian... ou serei algum dia".

"Não sei o que você quer dizer, Basil", ele exclamou, voltando-se. "Não sei o que você deseja. O que você quer?"

"Quero o Dorian Gray que eu costumava conhecer".

"Basil", disse o rapaz, caminhando até ele e colocando sua mão sobre seu ombro, "você chegou muito tarde. Ontem, quando soube que Sybil Vane tinha se suicidado..."

"Suicidado! Pelos céus! Não há dúvidas sobre isso?", exclamou Hallward, olhando para ele com uma expressão de horror.

"Meu caro Basil! Está certo de não pensar que foi um acidente vulgar? Claro que ela se matou. É uma das grandes tragédias românticas da nossa era. Via de regra, as pessoas que agem levam a mais ordinária das vidas. São bons maridos ou devotadas esposas, ou algo tedioso. Você sabe o que quero dizer – a virtude da classe média e todo esse tipo de coisa. Como Sybil era diferente! Ela viveu sua melhor tragédia. Ela sempre foi uma heroína. A última noite em que ela interpretou – a noite em que você a viu

– ela foi péssima porque descobrira a realidade do amor. Quando ela soube que era irreal, morreu, assim como Julieta poderia ter morrido. Ela passou novamente para a esfera da arte. Há algo de mártir nela. Sua morte tem toda a patética inutilidade do martírio, toda a sua beleza desperdiçada. Mas, como eu dizia, você não deve pensar que não sofri. Se você tivesse vindo ontem, em um momento particular – perto das cinco e meia, talvez, ou quinze para as seis – você teria me encontrado em lágrimas. Mesmo Harry, que estava aqui, que me trouxe a notícia, de fato, não fazia ideia do que eu passava. Sofri imensamente e então passou. Não posso repetir uma emoção. Ninguém pode, exceto os sentimentalistas. E você é terrivelmente injusto, Basil. Você veio aqui para me consolar. Isso é encantador de sua parte. Você me encontra consolado e fica furioso. Igual a uma pessoa solidária! Você me lembra uma história que Harry me contou sobre um certo filântropo que passou vinte anos de sua vida tentando reparar uma injustiça ou alterar uma lei injusta – esqueci exatamente o que era. Finalmente ele conseguiu e nada podia exceder seu desapontamento. Ele não tinha absolutamente nada para fazer, quase morreu de fastio e se tornou um misantropo efetivo. E, além disso, meu caro Basil, se você realmente quer me consolar, é melhor ensinar-me a esquecer o que de fato aconteceu ou a vê-lo de um ponto de vista estritamente artístico. Não foi Gaultier que costumava escrever sobre la consolation des arts? Lembro de ter pego um livro coberto por um véu, em seu estúdio um dia e tropeçado nesta magnífica frase. Bem, não sou como este jovem que costumava dizer que o cetim amarelo poderia consolar alguém por todas as misérias da vida. Amo as belas coisas que se podem tocar e manipular. Velhos brocados, bronzes esverdeados, laquê, marfins gravados, paisagens delicadas, luxo, pompa – há muito para se conseguir em tudo isso. Mas o temperamento artístico que elas criam ou de qualquer forma revelam, é ainda mais para mim. Tornar-se o espectador da vida de alguém é, como Harry diz, escapar do sofrimento da vida. Sei que você está surpreso por lhe falar deste modo. Você não compreendeu como eu me desenvolvi. Eu era um estudante quando você me conheceu. Sou um homem, agora. Tenho novas paixões, novos pensamentos, novas ideias. Estou diferente, mas você não deveria gostar menos de mim. Claro que gosto muito de Harry. Mas sei que você é melhor do que ele. Você não é mais forte – você teme muito a vida – mas é

melhor. E como costumávamos ser felizes juntos! Não me deixe, Basil e não discuta comigo. Sou o que sou. Nada mais há para ser dito".

Hallward sentiu-se fortemente emocionado. Áspero e direto como ele era, havia algo em sua natureza que era puramente feminino em sua ternura. O rapaz lhe era infinitamente querido e sua personalidade fora o grande ponto de mudança em sua arte. Ele não podia suportar a ideia de reprová-lo mais. Depois de tudo, sua indiferença era, provavelmente, apenas um humor que logo passaria. Havia tanto nele que era bom, tanto quanto havia nele de nobre.

"Bem, Dorian", ele disse por fim, com um triste sorriso, "não falarei novamente com você sobre esta terrível coisa, depois de hoje. Confio apenas que seu nome não seja mencionado em conexão com isso. O inquérito deverá ocorrer esta tarde. Você foi convocado?"

Dorian balançou sua cabeça e um olhar de irritação passou por sobre o seu rosto com a menção da palavra "inquérito". Havia algo tão cru e vulgar sobre tudo aquilo. "Eles não sabem meu nome".

"Mas certamente ela sabia, não?"

"Apenas meu nome de batismo e estou bem certo de que ela nunca o mencionou para ninguém. Ela me disse uma vez que todos estavam muito curiosos para descobrir quem eu era e que ela invariavelmente lhes dizia que meu nome era Príncipe Encantado. Era muito bonito da parte dela. Você tem de me fazer um retrato dela, Basil. Gostaria de ter algo mais dela do que a memória de poucos beijos e algumas palavras quebradas e patéticas".

"Tentarei fazer algo, Dorian, se isso agradá-lo. Mas você deve posar para mim novamente. Não consigo continuar sem você".

"Nunca posarei novamente para você, Basil. É impossível!", ele exclamou, recuando com um pulo.

Hallward fixou seus olhos nele. "Meu caro garoto, que bobagem!", ele exclamou. "Você quer dizer que não gostou do que eu fiz de você? Onde está? Por que você colocou uma tela na frente dele? Deixe-me olhá-lo. É a melhor coisa que eu já pintei. Tire a tela, Dorian. É simplesmente horrível que seu criado esconda meu trabalho desta maneira. Senti que a sala parecia diferente assim que entrei".

"Meu criado nada tem a ver com isso, Basil. Você não imagina que eu o deixe arrumar a sala para mim, não é? Ele coloca as flores para mim, às vezes – isso é tudo. Não; eu mesmo o escondi. A luz estava muito forte sobre o retrato".

"Muito forte! Impossível, meu caro amigo! É um lugar admirável para ele. Deixe-me vê-lo." E Hallward caminhou para o canto da sala.

Um grito de terror irrompeu dos lábios de Dorian Gray e ele correu para se colocar entre Hallward e o retrato. "Basil", ele disse, muito pálido, "você não deve olhá-lo. Eu não quero".

"Não olhar meu próprio trabalho! Você não fala sério. Por que eu não deveria olhá-lo?", exclamou Hallward, rindo.

"Se você tentar olhá-lo, Basil, dou-lhe minha palavra de honra, nunca conversarei com você novamente enquanto eu viver. Falo muito sério. Não lhe dou nenhuma explicação e você não deve pedir-me uma. Mas, lembre-se, se tocar esta tela, tudo acabará entre nós".

Hallward estava atônito. Ele olhava para Dorian Gray tomado por uma absoluta surpresa. Ele nunca o vira daquele jeito antes. O rapaz estava completamente pálido de raiva. Suas mãos estavam agarradas e as pupilas de seus olhos eram discos de puro fogo. Ele tremia por inteiro.

"Dorian!"

"Fique quieto!"

"Mas qual é o problema? Claro que não olharei para ele se você não quiser", ele disse, agora com frieza, voltando-se e indo para a janela. "Mas, realmente, parece bastante absurdo que eu não possa olhar meu próprio trabalho, especialmente quando irei exibi-lo em Paris, no outono. Provavelmente terei de dar outra mão de verniz antes disso, portanto tenho de vê-lo algum dia e por que não hoje?"

"Exibi-lo! Você quer exibi-lo?", exclamou Dorian Gray, um estranho sentimento de terror se apoderando dele. Seu segredo seria exibido ao mundo? As pessoas engasgariam com o mistério de sua vida? Isso era impossível. Algo – ele não sabia bem o quê – tinha de ser feito imediatamente.

"Sim; suponho que você não proíba isso. Georges Petit irá reunir todas as minhas melhores pinturas para uma exibição especial na Rue de

Sèzes[1], que será inaugurada na primeira semana de outubro. O retrato ficará longe apenas por um mês. Acho que você poderia ficar sem ele por este período. Na verdade, você deverá sair da cidade. E, se você o esconde sempre atrás de uma tela, não deve se importar muito com ele".

Dorian Gray passou sua mão pela testa. Havia gotas de suor ali. Ele sentia que estava à beira de um perigo iminente. "Você me disse há um mês que não o exibiria", ele disse. "O que o fez mudar de ideia? Pessoas como você, que tentam ser coerentes, mudam de humor como qualquer um. A única diferença é que seus humores são bem sem sentido. Você não pode ter se esquecido que me assegurou, de forma bem solene, que nada no mundo o induziria a enviá-lo para qualquer exibição. Você disse exatamente o mesmo para Harry". Ele parou de repente e um raio de luz tomou-lhe os olhos. Ele se lembrou que lorde Henry lhe dissera, uma vez, meio sério e meio em pilhéria, "se você quiser ter uns quinze minutos bem interessantes, faça com que Basil lhe explique porque não irá exibir seu retrato. Ele me disse o porquê e foi uma revelação e tanto para mim". Sim, talvez Basil, também, tenha seu segredo. Ele lhe perguntaria.

"Basil", ele disse, chegando bem perto e olhando diretamente para o seu rosto, "cada um de nós tem um segredo. Deixe-me saber o seu e eu lhe contarei o meu. Qual era a sua razão para recusar-se a exibir meu quadro?"

Hallward tremeu, apesar de si mesmo. "Dorian, se eu lhe dissesse, você poderia gostar de mim menos do que gosta e certamente riria de mim. Não posso suportar que faça ambas as coisas. Se deseja nunca mais olhar seu retrato novamente, eu me conformo. Sempre terei você para olhar. Se você deseja que o melhor trabalho que eu já fiz seja escondido do mundo, estou satisfeito. Sua amizade me é mais importante do que qualquer fama ou reputação".

"Não, Basil, você tem de me dizer", murmurou Dorian Gray. "Acho que tenho o direito de saber". Seu sentimento de terror já se dissipara e a curiosidade ocupou seu lugar. Ele estava determinado a descobrir o mistério de Basil Hallward.

"Vamos nos sentar, Dorian", disse Hallward, aparentando palidez e dor. "Vamos nos sentar. Vou me sentar à sombra, e você, à luz do sol. Nossas vidas são assim. Apenas responda-me uma questão. Você percebeu

algo na pintura que não gostou? – algo que, provavelmente, passou-lhe despercebido de início, mas que se lhe revelou subitamente?"

"Basil!", exclamou o rapaz, agarrando os braços de sua poltrona com as mãos trêmulas, e olhando para ele com olhos loucos e assustados.

"Vejo que sim. Não fale. Espere até ouvir tudo o que tenho a lhe dizer. É bem verdade que o cultuei com muito mais romance de sentimentos do que um homem geralmente dá a seu amigo. De alguma forma, nunca amei uma mulher. Suponho que nunca tivesse tempo. Talvez, como Harry diz, uma verdadeira grande passion é o privilégio daqueles que nada têm a fazer e é o costume das classes ociosas em um país. Bem, desde o momento em que o conheci, sua personalidade teve a mais extraordinária influência sobre mim. Eu bem que admito que o adorei loucamente, extravagantemente, absurdamente. Eu tinha ciúmes de qualquer um com quem você falava. Queria você inteiro para mim. Eu só ficava feliz quando estava com você. Quando estava longe, ainda havia você presente em minha arte. Tudo era erro e tolice. Tudo ainda é erro e tolice. Claro que nunca deixei que você soubesse nada disso. Teria sido impossível. Você não entenderia; nem mesmo eu entenderia. Um dia, decidi pintar um maravilhoso retrato seu. Deveria ser minha obra-prima. É minha obra-prima. Mas, à medida que eu trabalhava nele, cada partícula e película de cor me parecia revelar meu segredo. Fiquei cada vez mais temeroso de que o mundo soubesse do meu segredo. Senti, Dorian, que eu tinha falado demais. Foi então que resolvi nunca permitir que o retrato fosse exibido. Você estava um pouco irritado; mas então não compreendia tudo o que aquilo significava para mim. Harry, a quem primeiro contei a respeito, riu de mim. Mas não me importo com isso. Quando o quadro ficou pronto e me sentei sozinho com ele, senti que eu estava certo. Bem, depois de alguns dias que o retrato saiu de meu ateliê e, assim que me livrei da intolerável fascinação de sua presença, pareceu-me que fui ingênuo ao imaginar que eu dissera qualquer coisa nele, mais do que você era extremamente bonito e que eu poderia pintar. Ainda agora não posso evitar achar que é um erro pensar que a paixão que alguém sente na criação realmente é exibida no trabalho que se cria. A arte é mais abstrata do que fantasiamos. A forma e a cor nos dizem sobre a forma e a cor – isso é tudo. Parece-me, com frequência, que a arte oculta o artista bem mais completamente do que o revela. E assim,

quando recebi esta oferta de Paris, decidi fazer de seu retrato a peça principal da exposição. Nunca me ocorreu que você recusaria. Vejo agora que você estava certo. O retrato não deve ser exibido. Você não deve ficar bravo comigo, Dorian, pelo o que lhe contei. Como eu disse para Harry, uma vez, você foi feito para ser cultuado".

Dorian Gray respirou fundo. Sua cor voltou ao rosto e um sorriso brincou com seus lábios. O perigo passara. Ele estava a salvo naquele momento. Porém, ele não podia evitar sentir uma misericórdia infinita pelo jovem rapaz que acabara de lhe fazer essa estranha confissão. Ele se perguntava se poderia ficar tão dominado pela personalidade de um amigo. Lorde Henry tinha o encanto de ser muito perigoso. Mas aquilo era tudo. Ele era muito inteligente e muito cínico para realmente se apaixonar. Haveria alguém que lhe encheria com uma esquisita idolatria? Seria esta uma das coisas que a vida lhe reservara?

"Isso é extraordinário para mim, Dorian", disse Hallward, "que você tenha visto o quadro. Você realmente o viu?"

"Claro que sim".

"Bem, você não se importa que eu o olhe agora?"

Dorian balançou sua cabeça. "Você não deve me pedir isso, Basil. Possivelmente eu não poderia deixar que fique diante daquele quadro".

"Você deixará algum dia, não?"

"Nunca".

"Bem, talvez você esteja certo. E agora, adeus, Dorian. Você foi a única pessoa em minha vida por quem realmente estive apaixonado. Não suponho que eu deva vê-lo com frequência novamente. Você não sabe o que me custou lhe dizer tudo o que lhe contei".

"Meu caro Basil", exclamou Dorian, "o que você me contou? Simplesmente que você acreditava gostar muito de mim. Isso nem mesmo é um elogio".

"Não tinha a intenção de que fosse um elogio. Foi uma confissão".

"Uma confissão muito desapontadora".

"Ora, o que você esperava, Dorian? Você não via nada disso na pintura, não é? Não havia nada mais para ver?"

"Não: nada mais havia para ver. Por que você pergunta? Mas você não deveria falar em não me encontrar mais ou qualquer coisa do tipo. Você e eu somos amigos, Basil, e sempre deveremos continuar assim".

"Você tem Harry", disse Hallward, tristemente.

"Oh, Harry!", exclamou o rapaz, com uma onda de risos. "Harry passa seus dias dizendo o que é incrível e suas noites a fazer o que é improvável. Apenas o tipo de vida que eu queria levar. Mas, contudo, não acho que eu recorreria a Harry se eu estivesse com problemas. Ao contrário, iria até você, Basil".

"Mas você não posaria para mim novamente?"

"Impossível!"

"Você arruína minha vida como artista por esta recusa, Dorian. Ninguém descobre duas coisas ideais. Poucos descobrem uma".

"Não posso lhe explicar, Basil, mas nunca mais devo posar para você. Irei beber chá com você. Isto será mais agradável".

"Mais agradável para você, temo", murmurou Hallward, arrependidamente. "E, agora, adeus. Lamento que você não me deixará olhar para o quadro mais uma vez. Mas isso não pode ser evitado. Entendo bem como você se sente por ele".

Assim que ele deixou a sala, Dorian Gray sorriu para si mesmo. Pobre Basil! Quão pouco ele sabia do verdadeiro motivo! E como era estranho que, ao invés de ter sido forçado a revelar seu próprio segredo, ele lograra, quase por acidente, extrair um segredo de seu amigo! Os absurdos acessos de ciúmes de Basil, sua louca devoção, suas extravagantes apologias, suas curiosas reticências... ele entendia tudo agora e se sentia desgostoso. Havia algo trágico em uma amizade tão colorida pelo romance.

Ele suspirou e tocou a sineta. O retrato tinha de ser escondido a qualquer custo. Ele não poderia correr tal risco de ser descoberto novamente. Seria loucura sua manter a coisa, mesmo por uma hora, em uma sala onde todos os seus amigos tinham acesso.

[1] A galeria de fato existe, assim como Georges Petit. O endereço completo é 8, Rue de Sèzes, Paris. Petit (1856–1920) foi um nome-chave no mundo artístico de Paris, ligado principalmente aos

Impressionistas. Sua galeria foi aberta inicialmente no número 12 da rue Godot de Mauroy, em 1881, sendo fechada em 1933.

CAPÍTULO 8

Quando seu criado entrou, ele o olhou firmemente e se perguntou se ele pensara em bisbilhotar atrás da tela. O homem estava bem impassível e esperou pelas suas ordens. Dorian acendeu um cigarro, caminhou até a janela e olhou para ela. Ele podia ver o reflexo do rosto de Victor claramente. Era como uma plácida máscara de servidão. Nada havia a temer ali. Mesmo assim, ele achou ser melhor vigiá-lo.

Falando muito devagar, ele lhe pediu para que dissesse à governanta que ele queria vê-la e então que fosse ao moldureiro e enviasse dois de seus empregados de uma vez só. Parecera-lhe que o homem, ao deixar a sala, dera uma olhadela na direção da tela. Ou era apenas sua imaginação?

Depois de alguns momentos, a senhora Leaf, uma gentil e idosa senhora, portando um grande vestido negro de seda, com uma fotografia do finado senhor Leaf emoldurada em um grande broche dourado em torno de seu pescoço, e antiquadas luvas de fio em suas mãos enrugadas, apressou-se pela sala.

"Bem, Mestre Dorian", ela disse, "em que posso ajudar? Peço desculpas, senhor" – lá vinha a cortesia – "não pude visitar o Mestre Dorian mais. Mas, que Deus o abençoe, senhor, eu o conheço desde que era um bebê e as muitas travessuras que pregou no pobre e velho senhor Leaf. Não que você nunca fosse um bom garoto, senhor; mas os garotos são garotos, Mestre Dorian, e a travessura é uma tentação para os jovens, não é, senhor?"

Ele riu. "Você deve me chamar de Mestre Dorian, sempre, Leaf. Ficarei muito bravo se não o fizer. E eu lhe asseguro que gosto tanto de travessuras agora quanto costumava antes. Apenas que hoje, quando me convidam para o chá, eu nunca ofereço um retribuição. Quero que me dê a chave da sala do andar de cima da casa".

"A velha sala de aula, Mestre Dorian? Ora, está totalmente empoeirada. Deverei arrumar e limpá-la antes que entre. Não está adequada para que a veja, Mestre Dorian. De maneira alguma".

"Não a quero limpa, Leaf. Apenas quero a chave".

"Bem, Mestre Dorian, você será coberto por teias de aranha se entrar lá. Ora, a sala não foi aberta por quase cinco anos – desde que sua senhoria faleceu".

Ele recuou com a menção do nome de seu falecido tio. Ele tinha memórias odiosas dele. "Isso não importa, Leaf", ele replicou. "Tudo o que quero é a chave".

"E aqui está a chave, Mestre Dorian", disse a velha senhora, depois de remexer o conteúdo de seu molho de chaves, com mãos trêmulas e incertas. "Eis a chave. Vou tirá-la da argola em um instante. Mas você não pensa em morar lá, Mestre Dorian, estando tão confortável aqui?"

"Não, Leaf, não penso. Apenas quero ver o lugar e, talvez, guardar algo lá... é tudo. Obrigado, Leaf. Espero que seu reumatismo esteja melhor; e veja se me traga geleia para o café da manhã".

A senhora Leaf balançou a cabeça. "Estes estrangeiros não compreendem geleia, Mestre Dorian. Eles a chamam de 'compota'. Mas eu mesma lhe trarei uma manhã destas, se me permitir".

"Seria muita bondade de sua parte, Leaf", ele respondeu, olhando para a chave; e, tendo feito-lhe uma elaborada cortesia, a velha senhora deixou a sala, seu rosto coroado de sorrisos. Ela tinha uma forte objeção contra o criado francês. Era uma pobreza, ela sentia, para qualquer um que nascesse estrangeiro.

Assim que a porta se fechou, Dorian guardou a chave em seu bolso e olhou ao redor da sala. Seu olho deteve-se em um grande cobertor de cetim púrpura pesadamente bordado de ouro, uma esplêndida peça veneziana do final do século 17 que seu tio descobrira em um convento perto de Bolonha. Sim, aquilo serviria para embrulhar a coisa. Talvez tivesse servido com frequência como um pálio para os mortos. Agora, deveria esconder algo que tinha a corrupção dele próprio, pior que a própria corrupção da morte – algo que daria luz a horrores e, mesmo assim, nunca morreria. O que o verme era para o cadáver, seus pecados seriam para a imagem pintada sobre a tela. Elas embotariam sua beleza e corroeriam sua graça. Elas a poluiriam, a tornariam vergonhosa. E, ainda assim, a coisa viveria. Seria sempre viva.

Ele tremeu e por um momento se arrependeu de não ter contado a Basil o verdadeiro motivo de querer ocultar o quadro. Basil o teria ajudado a resistir à influência de lorde Henry e às influências ainda mais venenosas que vinham do seu próprio temperamento. O amor que Basil carregava por ele – pois era realmente amor – tinha algo de nobre e intelectual em si. Não era meramente a admiração física da beleza que nasce dos sentidos e que morre quando os sentidos se cansam. Era o mesmo amor que Michelangelo conhecera e Montaigne, e Winckelmann, e o próprio Shakespeare. Sim, Basil poderia tê-lo salvado. Mas agora, era muito tarde. O passado sempre poderia ser aniquilado. O arrependimento, a recusa ou o esquecimento poderiam fazer isso. Mas o futuro era inevitável. Havia paixões dentro dele que nunca encontrariam sua terrível saída, sonhos que fariam verdadeira a sombra do seu mal.

Ele tirou do sofá a grande textura púrpura e dourada que o cobria e, segurando-a nas mãos, passou por trás da tela. Estaria o rosto no quadro ainda mais vil que antes? Parecia-lhe inalterado; mesmo assim, seu asco por ele se intensificou. Cabelos dourados, olhos azuis e lábios avermelhados – estavam todos ali. Era simplesmente a expressão que mudara. Estava horrível em sua crueldade. Comparado ao que vira nele de censura ou reprovação, como foram rasas as reprovações de Basil sobre Sybil Vane! Como foram superficiais e de pequena monta! Sua própria alma olhava para ele, a partir do quadro e o convocava ao julgamento. Um ar de dor lhe abateu e ele jogou o belo pálio sobre a pintura. Enquanto o fazia, ouviu uma batida na porta. Ele se afastou enquanto seu criado entrava.

"As pessoas chegaram, monsieur".

Ele sentiu que deveria se livrar do homem imediatamente. Ele não deveria ser permitido saber para onde a pintura estava sendo levada. Havia algo de dissimulado a seu respeito e ele tinha olhos pensativos e traiçoeiros. Sentando-se à mesa de escrever, ele redigiu uma nota para lorde Henry, pedindo-lhe que enviasse algo para ler e lembrando-lhe que deveriam se encontrar às oito e quinze daquela noite.

"Espere por uma resposta", ele disse, entregando o bilhete para ele, "e traga os homens aqui".

Em dois ou três minutos, bateram à porta novamente e o próprio senhor Ashton, o celebrado moldureiro de South Audley Street, entrou com

um jovem assistente de aspecto um pouco rude. O senhor Ashton era um homem pequeno, avermelhado, de bigodes ruivos, cuja admiração por arte era consideravelmente temperada pela inveterada falta de dinheiro da maioria dos artistas que negociava com ele. Via de regra, ele nunca saía de sua oficina. Aguardava que as pessoas fossem até ele. Mas sempre fazia uma exceção em benefício de Dorian Gray. Havia algo em Dorian que encantava a todos. Era até mesmo um prazer vê-lo.

"Em que posso ajudá-lo, senhor Gray?", ele disse, esfregando suas mãos gordas e sardentas. "Pensei que faria um favor a mim mesmo se viesse pessoalmente. Tenho uma bela moldura, senhor. Escolhi-a em uma liquidação. Velha, de Florença. Veio de Fonthill, acredito. Admiravelmente adequada para uma pintura religiosa, senhor Gray".

"Lamento muito que eu tenha lhe dado o incômodo de vir até aqui, senhor Ashton. Certamente passarei para ver a moldura – embora não goste muito de arte sacra – mas hoje quero apenas que uma pintura seja carregada até o sótão para mim. É bem pesada, então pensei em lhe pedir emprestado um par de seus homens".

"Sem problema algum, senhor Gray. Tenho prazer em lhe ser útil. Qual é a obra de arte, senhor?"

"Esta", replicou Dorian, movendo a tela para trás. "Você pode movê-la, coberta e tudo, do jeito que está? Não quero que fique arranhada ao subir as escadas".

"Não será difícil, senhor", disse o cordato moldureiro, começando, com a ajuda de seu assistente, a tirar a tela das longas correntes de metal às quais estava suspensa. "E, agora, para onde deveremos levá-la, senhor Gray?"

"Vou mostrar-lhe o caminho, senhor Ashton, se tiver a bondade de me seguir. Ou talvez seja melhor ir à minha frente. Temo que seja em cima da casa. Iremos pela escada frontal, por ser mais larga".

Ele segurou a porta aberta para eles, e passaram pelo corredor e começaram a subir. O caráter elaborado da moldura tornava o quadro extremamente volumoso e, de vez em quando, apesar dos obsequiosos protestos do senhor Ashton, que tinha o verdadeiro desprazer de um

comerciante ao ver um cavalheiro fazer qualquer coisa útil, Dorian se intrometeu a ajudá-los.

"Um pouco pesado de se carregar, senhor", engasgou o pequeno homem, ao atingirem o final da escada. E ele enxugou sua brilhante testa.

"Uma carga terrível de carregar", murmurou Dorian, enquanto destrancava a porta que abria para a sala que deveria guardar para ele o curioso segredo de sua vida e esconder sua alma dos olhos dos homens.

Ele não entrava ali há mais de quatro anos – não, de fato, desde que ele a utilizara como quarto de brincar quando criança e, em seguida, como sala de estudo depois de ficar um pouco mais velho. Era uma sala grande e de boa proporção, que fora construída especialmente pelo finado lorde Sherard para o uso de seu pequeno sobrinho e quem, não tendo ele próprio filhos e talvez por outras razões, sempre odiara e quisera manter distância. Não parecia a Dorian que tinha mudado muito. Estava lá a enorme cassone italiana, com seus painéis fantasticamente pintados e seus moldes dourados embaciados, no qual ele frequentemente se escondera quando garoto. Havia a estante de cetim com seus livros escolares de ponta dobrada. Na parede detrás, estava suspensa a mesma tapeçaria flamenca, desgastada, onde um rei e uma rainha difusos jogavam xadrez em um jardim, enquanto um grupo de falcoeiros passava, carregando pássaros encapuzados em seus pulsos enluvados. Como ele se lembrava tão bem de tudo! Cada momento de sua solitária infância voltava-se para si, enquanto ele olhava ao redor. Ele relembrou a imaculada pureza de sua vida adolescente e lhe parecia terrível que fosse ali que o retrato fatal fosse escondido. Quão pouco ele pensara, naqueles dias mortos, em tudo o que lhe estava reservado!

Mas não havia outro lugar tão protegido de olhos intrometidos como aquele. Ele tinha a chave e ninguém mais poderia entrar lá. Embaixo de seu pálio púrpuro, o rosto pintado sobre a tela poderia se tornar bestial, obtuso e sujo. O que importava? Ninguém poderia vê-lo. Ele mesmo não o veria. Porque ele observaria a abominável corrupção de sua alma? Ele mantinha a sua juventude – isso bastava. E, além disso, não poderia ficar sua natureza mais sofisticada, depois de tudo? Não havia razão para que o futuro devesse ser tão repleto de vergonha. Algum amor poderia cruzar sua vida e purificá-lo, e blindá-lo daqueles pecados que pareciam já se eriçar

em espírito e em carne – aqueles pecados curiosos e não retratados, cujo próprio mistério lhes emprestava sutileza e encanto. Talvez, algum dia, o ar cruel pudesse sair da sensível boca escarlate e ele poderia mostrar ao mundo a obra-prima de Basil Hallward.

Não; isso era impossível. A coisa sobre a tela estava envelhecendo, hora a hora, semana a semana. Mesmo se escapasse da repugnância do pecado, a repugnância da idade estava reservada para ela. O rosto se tornaria oco ou flácido. Pés de galinha crepitariam ao redor dos olhos cansados e os tornaria horríveis. O cabelo perderia seu brilho, a boca ficaria embasbacada ou pensa, ficaria tola ou rude, como são as bocas dos velhos. Haveria a garganta de se enrugar, as mãos esfriar com suas veias azuis, o corpo deformar, como ele se lembrava do tio que fora tão duro com ele em sua adolescência. O retrato tinha de ser escondido. Não havia como evitar.

"Traga-o, senhor Ashton, por favor", ele disse, cansado, ao se voltar. "Desculpe-me por retê-lo por tanto tempo. Estava pensando em outra coisa".

"Sempre feliz por ter um descanso, senhor Gray", respondeu o moldureiro, que ainda estava ofegante. "Onde devemos colocá-lo, senhor?"

"Oh, em qualquer lugar. Aqui, está bem. Não quero que fique suspenso. Apenas o apóie contra a parede. Obrigado."

"Poderia dar uma olhada nesta obra de arte, senhor?"

Dorian se assustou. "Não lhe interessaria, senhor Ashton", ele respondeu, mantendo seus olhos sobre o homem. Ele se sentia pronto para pular e jogá-lo ao chão se ele ousasse erguer a bela cobertura que ocultava o segredo de sua vida. "Não lhe importunarei mais. Devo muito pela sua bondade em vir aqui".

"Não há de que, não há de que, senhor Gray. Sempre à sua disposição para qualquer coisa, senhor." E o senhor Ashton desceu a escada, seguido pelo seu assistente, que olhou de volta para Dorian com um ar de tímido assombro em seu rosto rude e inapropriado. Ele nunca vira alguém tão bonito.

Quando o som de suas passadas se esvaiu, Dorian trancou a porta e colocou a chave em seu bolso. Ele se sentia seguro, agora. Ninguém nunca

olharia para aquela coisa horrível. Nenhum olhos, além dos seus, veriam a sua vergonha.

Ao chegar à biblioteca, ele descobriu que eram quase cinco horas e que o chá já fora trazido. Em uma pequena mesa de madeira escura e perfumada, espessamente decorada de madrepérolas – um presente da esposa de seu guardião, lady Radley, que passara o inverno anterior no Cairo – repousava um bilhete de lorde Henry e ao seu lado havia um livro encapado em papel amarelo, a capa levemente amassada e as beiradas, sujas. Um exemplar da terceira edição do St. James's Gazette fora colocada no carrinho de chá. Era evidente que Victor retornara. Ele se perguntou se o criado encontrara os homens no corredor enquanto deixavam a casa e insinuara-se entre eles para saber o que fizeram. Ele se asseguraria de sentir falta do quadro – sem dúvida já sentira, enquanto colocava os pertences para o chá. A tela não fora substituída e o espaço em branco na parede era visível. Talvez, em alguma noite, ele poderia descobri-lo se arrastando escada acima e tentando forçar a porta do quarto. Era uma coisa horrível ter um espião na casa de alguém. Ele tinha ouvido falar de homens ricos que foram chantageados por toda a sua vida por algum criado que lera uma carta, escutara uma conversa ou pegara um cartão com um endereço, ou encontrara sob o travesseiro uma flor ressecada ou um pequeno laço amarrotado.

Ele suspirou e, tendo despejado um pouco de chá, abriu o bilhete de lorde Henry. Era simplesmente para dizer que ele lhe enviara um jornal vespertino, um livro que poderia interessá-lo e que estaria no clube às oito e quinze. Ele abriu o jornal languidamente e o olhou por cima. Uma marca de caneta vermelha na página cinco chamou sua atenção. Ele leu o seguinte parágrafo:

INQUÉRITO SOBRE A ATRIZ.

Um inquérito foi realizado nesta manhã na Taverna Bell, Hoxton Road, pelo senhor Danby, o delegado do distrito, sobre o corpo de Sybil Vane, uma jovem atriz recentemente empregada no Teatro Royal, Holborn. Um veredito de morte por acidente foi a conclusão. Simpatia considerável foi expressada pela mãe da falecida, que foi muito afetada durante seu depoimento e pelo doutor Birrell, que executou a autópsia do cadáver.

Ele franziu o rosto levemente e, rasgando o jornal, atravessou a sala e arremessou os pedaços em uma cesta dourada. Como era feio aquilo! E como a verdadeira feiura horrivelmente fazia suas coisas! Ele se sentia um pouco incomodado com lorde Henry por ter-lhe enviado a notícia. E, certamente, fora estúpido da parte dele tê-la marcado com caneta vermelha. Victor poderia ter lido. O homem sabia mais que o inglês médio para compreender aquilo.

Talvez ele o lera e começara a suspeitar de algo. Mas, mesmo assim, o que isso importava? O que Dorian Gray tinha a ver com a morte de Sybil Vane? Não havia nada a temer. Dorian Gray não a havia assassinado.

Seus olhos caíram sobre o livro amarelo que lorde Henry lhe enviara. Ele se perguntou sobre o que seria aquele livro. Ele foi até o pequeno cavalete octogonal cor de pérola, que sempre lhe parecera o trabalho de alguma estranha abelha egípcia que elaborava em prata e pegou o volume. Ele se jogou em uma poltrona e começou a virar as páginas. Depois de alguns minutos, ele foi absorvido. Era o livro mais estranho que jamais lera. Parecia-lhe que, em delicado traje e ao suave som de flautas, os pecados do mundo desfilavam estupidamente diante dele. Coisas que ele mal havia sonhado repentinamente lhe eram tornadas real. Coisas que ele nunca sonhara eram gradualmente reveladas.

Era um romance sem uma trama e com apenas um personagem, sendo, de fato, simplesmente um estudo psicológico de certo jovem parisiense que passou sua vida tentando realizar, no século 19, todas as paixões e modos de pensamento que pertenciam a todos os séculos menos o dele, e para concentrar em si mesmo, como eram, os vários climas pelos quais o espírito do mundo passara, enamorado pela simples artificialidade aquelas renúncias que os homens imbecilmente chamara de virtude, tanto quanto as rebeliões naturais que os sábios ainda chamam de pecado. O estilo em que foi escrito era aquele curioso e rebuscado estilo, vívido e obscuro de uma só vez, cheio de gírias e arcaísmos, de expressões técnicas e de elaboradas paráfrases que caracteriza o trabalho de alguns dos melhores artistas da escola francesa dos Décadents. Havia metáforas tão monstruosas quanto orquídeas e tão más quanto todas as cores. A vida dos sentidos era descrita em termos de filosofia mística. Mal se podia saber, às

vezes, se se lia sobre o êxtase espiritual de um algum santo medieval ou sobre as mórbidas confissões de um pecador contemporâneo. Era um livro venenoso. O carregado odor de incenso parecia prender-se às suas páginas e a perturbar o cérebro. A simples cadência das frases, a sutil monotonia de sua música, tão cheia quanto estava de complexos refrões e movimentos elaboradamente repetidos, produzia na mente do rapaz, enquanto ele passava de capítulo em capítulo, uma forma de delírio, uma doença de sonho, que o fazia desligado do dia que caía e das sombras se arrastando.

Sem nuvens e perfurado por uma única estrela solitária, um céu de um verde azinabrado irradiava pelas janelas. Ele lia pela sua luz pálida até que não pôde mais. Então, depois de seu criado tê-lo lembrado várias vezes do tardio da hora, ele se levantou e, indo ao quarto seguinte, colocou o livro na pequena mesa florentina que sempre ficava ao lado de sua cama e começou a se vestir para o jantar.

Já era quase nove quando ele chegou ao clube, onde encontrou lorde Henry sentado, sozinho, na sala de espera, aparentando muito tédio.

"Lamento muito, Harry", ele exclamou, "mas, de fato, a culpa é toda sua. Aquele livro que você enviou me fascinou tanto que me esqueci do horário".

"Achei que você iria gostar", replicou seu anfitrião, erguendo-se da cadeira.

"Eu não disse que gostei, Harry. Disse que me fascinou. Há uma grande diferença".

"Ah, se você descobriu isso, então fez uma grande descoberta", murmurou lorde Henry, com seu curioso sorriso. "Venha, vamos entrar para jantar. Está terrivelmente tarde e temo que o champanhe esteja muito gelado".

CAPÍTULO 9

Por anos, Dorian Gray não pôde se libertar da memória desse livro. Ou, talvez, seria mais preciso dizer que ele nunca procurou se libertar dele. Ele solicitou, de Paris, nada menos que cinco cópias em tamanho grande da primeira edição e as encadernou em cores diferentes, para que pudessem combinar com seus vários humores e mutantes fantasias de uma natureza sobre a qual ele parecia, às vezes, ter perdido inteiramente o controle. O herói, o maravilhoso jovem parisiense, no qual o temperamento romântico e o temperamento científico eram tão estranhamente mesclados, tornou-se uma espécie de tipo imaginado de si mesmo. E, de fato, todo o livro parecia-lhe conter a história de sua própria vida, escrita antes que ele a vivesse.

Em um ponto, ele foi mais afortunado do que o fantástico herói do livro. Ele nunca teve – nunca, de fato, tivera algum motivo para ter – aquele certo temor grotesco de espelhos e superfícies de metal polido, e ainda a água, que se abatera sobre o jovem parisiense tão cedo em sua vida e foi ocasionado pela súbita decadência de sua beleza que, uma vez, aparentemente, foi tão notável. Era como uma alegria praticamente cruel – e, talvez, em quase todas as alegrias, tão certamente quanto em todos os prazeres, a crueldade tem seu lugar – que ele costumava ler a parte final do livro, com seu realmente trágico, senão exagerado, relato sobre a tristeza e o desespero de alguém que perdera aquilo que, nos outros e no mundo, ele mais apreciava.

Ele, de qualquer forma, não tinha motivo para esse temor. A beleza adolescente que tanto fascinara Basil Hallward e muitos outros depois dele, parecia nunca deixá-lo. Mesmo aqueles que ouviam as piores coisas a seu respeito (e, de tempos em tempos, estranhos boatos sobre seu modo de vida espalhavam-se sobre Londres e tornavam-se assunto principal nos clubes) não podiam acreditar em nada que o desabonasse quando o viam. Ele tinha sempre o ar de quem se mantinha imaculado do mundo. Os homens de fala grosseira se calavam quando Dorian Gray entrava na sala. Havia algo, na pureza de seu rosto, que os reprovava. Sua simples presença parecia lembrar-lhes da inocência que eles maculavam. Eles se perguntavam como alguém tão encantador e gracioso como ele poderia escapar da mácula de uma época que era, por usa vez, sórdida e sensual.

Ele mesmo, ao retornar para casa de uma dessas misteriosas e prolongadas ausências que davam ocasião a tal estranha conjetura entre aqueles que eram seus amigos ou pensavam ser, subiria as escadas até o quarto fechado, abria a porta com a chave que nunca o deixava e, permanecia, com um espelho, em frente ao retrato que Basil Hallward pintara dele, olhando agora para o rosto envelhecido e mau na tela, e então para a bela e jovem face rindo-lhe de volta através do vidro polido. A própria agudeza do contraste costumava animar seu sentimento de prazer. Ele se tornava cada vez mais enamorado de sua própria beleza e cada vez mais interessado na corrupção de sua alma. Ele examinava com um cuidado intenso, e frequentemente com um prazer monstruoso e terrível, as abomináveis linhas que endureciam a enrugada testa ou se espalhavam pela forte e sensual boca, se perguntando às vezes quais eram os mais horríveis, os sinais de pecado ou os sinais da velhice. Ele colocava suas mãos brancas ao lado das mãos grosseiras e inchadas do retrato, e sorria. Ele zombava do corpo deformado e dos membros derrotados.

Havia momentos, na verdade, durante a noite, quando, deitado insone em sua própria câmara delicadamente perfumada ou no quarto sórdido da pequena taverna de má fama próxima às Docas, a qual, com um nome falso e disfarçado, era seu hábito frequentar, ele pensava na ruína que trouxera sobre sua alma, com uma misericórdia que era ainda mais pungente porque era completamente egoísta. Mas, momentos como este eram raros. Aquela curiosidade sobre a vida que, muitos anos antes, lorde Henry tinha primeiro eriçado nele, enquanto sentavam-se juntos no jardim de seu amigo, parecia aumentar com a satisfação. Quanto mais ele sabia, mais desejava saber. Ele tinha uma fome insana que se tornava mais voraz à medida que a alimentava.

Mesmo assim, ele não era realmente impulsivo, de qualquer forma em suas relações sociais. Uma ou duas vezes em todos os meses durante o inverno e em cada noite de quarta-feira enquanto a estação durava, ele abria ao mundo sua bela casa e tinha os músicos mais celebrados do momento para encantar seus convidados com as maravilhas de sua arte. Seus pequenos jantares, em cuja arrumação lorde Henry sempre o ajudava, eram comentados tanto pela cuidadosa seleção e disposição daqueles que eram convidados, quanto pelo sofisticado gosto exibido na decoração da

mesa, com seus sutis e sinfônicos arranjos de flores exóticas e toalhas bordadas, e louças antigas de ouro e de prata. De fato, eram muitos, especialmente entre os rapazes bem jovens, que viam ou imaginavam ver, em Dorian Gray a realização verdadeira de um tipo que eles frequentemente sonhavam em seus dias de Eton ou de Oxford, um tipo que deveria combinar algo da cultura real do acadêmico com toda a graça e a distinção e modos perfeitos de um cidadão do mundo. Para eles, ele parecia pertencer àqueles a quem Dante descreve como tendo se esforçado a "fazer de si mesmos perfeitos pelo culto à beleza". Como Gautier, ele era aquele por quem "o mundo visível existia".

E, certamente, para ele a própria vida era a primeira, a maior das artes, e para ela todas as outras artes pareciam ser apenas uma preparação. A moda, pela qual o que era realmente fantástico se torna por um momento universal e o Dandismo que, de sua própria forma, é uma tentativa de expressar a modernidade absoluta da beleza, tinham, claramente, sua fascinação por ele. Seu modo de se vestir e os estilos particulares que ele fingia de vez em quando tinham sua influência marcada nos jovens delicados nas janelas dos bailes de Mayfair[1] e do clube de Pall Mall[2], que o copiavam em tudo o que fazia e tentavam reproduzir o encanto acidental de suas graciosas, embora para ele apenas meio sérias, galanterias.

Pois, embora ele estivesse muito pronto a aceitar a posição que quase lhe era imediatamente oferecida ao passar para a vida adulta e encontrasse, com efeito, um prazer sutil com a ideia de que ele pudesse ser para a Londres de seu tempo o que para a Roma imperial de Nero o autor de "Satyricon" fora um vez, ainda em seu mais íntimo âmago ele desejava ser mais que um mero arbiter elegantiarum[3] a ser consultado sobre o uso de uma joia ou sobre o nó de uma gravata, ou a condução de uma bengala. Ele buscava elaborar algum novo plano de vida que teria sua filosofia racional e seus princípios ordenados e encontraria na espiritualização dos sentidos sua mais alta realização.

O culto aos sentidos tinha frequentemente sido, e com muita justiça, desprezado pelos homens que, sentindo um instinto natural de terror sobre paixões e sensações, pareciam mais fortes que nós mesmos, nós que conscientemente nos compartilhamos com as formas menos organizadas de existência. Mas parecia a Dorian Gray que a verdadeira

natureza dos sentidos nunca fora compreendida e que eles permaneciam selvagens e animais somente porque o mundo buscara submetê-los pela fome ou matá-los pela dor, ao invés de tentar fazê-los elementos de uma nova espiritualidade, da qual um instinto sofisticado pela beleza deveria ser a característica dominante. Enquanto ele observava o homem movendo-se através da História, ele era tomado por um sentimento de perda. Tanto fora entregue! E para propósitos tão pequenos! Houvera insanas rejeições voluntárias, formas monstruosas de autotortura e autorrecusa, cuja origem era o medo e cujo resultado era uma degradação infinitamente mais terrível do que a degradação imaginada da qual, em sua ignorância, eles buscaram escapar, a Natureza em sua maravilhosa ironia conduzindo o eremita para longe da multidão em direção aos animais selvagens do deserto e dando ao ermitão as bestas do campo como companhias.

Sim, deveria haver, como lorde Henry profetizara, um novo hedonismo que deveria recriar a vida e salvá-la daquele duro e medonho puritanismo que estava tendo, em nossos próprios dias, seu curioso renascimento. Certamente estaria a serviço do intelecto; porém, nunca deveria aceitar qualquer teoria ou sistema que envolvesse o sacrifício de qualquer modo de experiência apaixonada. Seu objetivo, com efeito, era o de ser a própria experiência e não os frutos da experiência, doces ou amargos como podem ser. Do ascetismo que mortifica os sentidos, como da vulgar libertinagem que os entorpece, era como saber nada. Mas deveria ensinar ao homem a se concentrar nos momentos da vida que são em si mesmos apenas um momento.

Há poucos de nós que, às vezes, não acordam antes da aurora, tanto depois de uma destas noites sem sonhos que fazem alguém quase se enamorar da morte ou uma destas noites de horror e alegria desfigurada, quando através das câmaras do cérebro vagam fantasmas mais terríveis do que a própria realidade e aptos com aquela vívida vida que espreita em tudo o que é grotesco e que empresta à arte gótica sua resistente vitalidade, esta arte sendo, pode-se imaginar, especialmente a arte daquelas mentes que foram perturbadas com a doença da imaginação. Aos poucos, dedos brancos surgem pelas cortinas e parecem tremer. Fantásticas sombras negras espalham-se pelos cantos do quarto e se aninham lá. Do lado de fora, há o eriçar dos pássaros entre as folhas ou o som dos homens indo para o

trabalho, ou o suspiro e o soluço do vento descendo a colina e vagando pela casa silenciosa, embora temendo despertar os que dormem. Véu após véu de fina renda escurecida se ergue e, gradualmente, as formas e as cores das coisas lhes são devolvidas, e observamos a aurora refazer o mundo em seu padrão antigo. Os cansados espelhos retornam à sua vida de imitação. Os castiçais sem chama ficam onde os deixamos e, ao lado deles, se deita o livro lido pela metade que estivemos estudando ou a flor com seu cabo que usamos no baile, ou a carta que tememos ler, ou que lemos com muita frequência. Nada nos parece alterado. Além das sombras irreais da noite, retorna a vida que conhecíamos. Temos de retomá-la de onde paramos e lá nos domina um terrível sentimento de necessidade pela continuidade de energia na mesma volta cansativa de hábitos estereotipados ou uma louca ânsia, pode ser, que nossas pálpebras se abram em alguma manhã para um mundo que fora renovado para o nosso prazer, na escuridão, um mundo no qual as coisas teriam formas e cores novas, e ser alterado ou ter outros segredos, um mundo no qual o passado teria um lugar pequeno, se algum, ou sobrevive, de qualquer forma, em uma forma inconsciente de dívida ou lamento, a lembrança mesmo da alegria tendo seu amargor e as memórias de prazer, sua dor.

Era a criação de mundos como aqueles que pareciam ser para Dorian Gray o verdadeiro objetivo ou entre os verdadeiros objetivos da vida; e, em sua busca por sensações que seriam por sua vez novas e prazerosas, e possuir aquele elemento de estranheza que era tão essencial para o romance, ele frequentemente adotava certos modos de pensamento que ele sabia serem completamente alheios à sua natureza, abandonava a si mesmo às suas sutis influências e então tendo, como acontecia, apreendido suas cores e satisfeito sua curiosidade intelectual, as deixava com aquela curiosa indiferença que não é incompatível com um real ardor de temperamento e que, de fato, de acordo com alguns psicólogos modernos, normalmente é uma condição dela.

Corriam boatos de que ele estava prestes a se juntar à comunhão católica romana; e, certamente, o ritual romano sempre exercera uma grande atração sobre ele. O sacrifício diário, mais pavoroso, de fato, do que todos os sacrifícios do mundo antigo, o excitava tanto quanto pela extraordinária rejeição da evidência dos sentidos por causa da primitiva

simplicidade dos seus elementos e o pathos eterno da tragédia humana que buscava simbolizar. Ele amava se ajoelhar no frio pavimento de mármore, e com o padre, em sua rígida casula florida, lentamente e com mãos brancas, mover-se para além do véu do tabernáculo, e erguer acima do rebuscado ostensório em forma de lanterna com aquela pálida hóstia que às vezes, poderia pensar-se com resignação que de fato é o panis caelestis, o pão dos anjos ou, se vestir com os trajes da Paixão de Cristo, quebrando a hóstia dentro do cálice e golpeando seu peito pelos seus pecados. Os incensórios fumegantes, que os bravos garotos, com laços e roupas vermelhas, rodavam pelo ar como grandes flores douradas, tinham uma sutil fascinação sobre ele. Enquanto ele divagava, costumava olhar com admiração para os confessionários pretos e desejava se sentar sob a tênue luz de um deles para ouvir homens e mulheres sussurrando, através da grade empanada, a verdadeira história de suas vidas.

Mas ele nunca incorreu no erro de submeter seu desenvolvimento intelectual a alguma aceitação formal de credo ou de sistema, ou de confundir a casa na qual vivia com um alojamento apenas compatível com a estadia por uma noite, ou por poucas horas de uma noite, na qual não há estrelas e a lua está parindo. O misticismo, com seu poder maravilhoso de tornar as coisas que nos são comuns estranhas para nós e o sutil antinomianismo que sempre parece acompanhá-lo, o movia por uma temporada; e por uma temporada, ele se inclinou para as doutrinas materialísticas do movimento darwinista na Alemanha e encontrou um prazer curioso em traçar as ideias e as paixões do homem a alguma célula perolada no cérebro ou a algum nervo branco no corpo, se regozijando com o conceito de absoluta dependência do espírito em certas condições físicas, mórbidas ou saudáveis, normais ou doentias. Ainda, como fora dito dele antes, nenhuma teoria de vida parecia ser-lhe de alguma importância se comparada com a própria vida. Ele se sentia agudamente consciente de quão estéril toda a especulação intelectual é quando separada da ação e do experimento. Ele sabia que os sentidos, tanto quanto a alma, têm mistérios a serem revelados.

E assim, ele estudava perfumes e o segredo de sua fabricação, destilando óleos de odores fortes e queimando gomas cheirosas do Oriente. Ele via que não havia disposição da mente que não tivesse a sua

contraparte na vida sensual e se dispunha a descobrir suas verdadeiras relações, se perguntando o que havia no olíbano que tornava alguém místico e no âmbar cinza que eriçava as paixões de alguém, e nas violetas que despertavam a memória de romances passados, e no almíscar que perturbava o cérebro, e no champak[4] que embotava a imaginação; e buscava, frequentemente, elaborar uma verdadeira psicologia dos perfumes e estimar as várias influências das raízes de cheiro adocicado, e das fragrantes flores carregadas de pólen, de bálsamos aromáticos e das madeiras escuras e odoríferas, do nardo que envenena, da hovênia que enlouquece os homens, e do aloé que se diz ser capaz de expelir a melancolia da alma.

Em outra ocasião, ele se devotou inteiramente à música e, em uma ampla sala fasquiada, com um teto vermelho e dourado e paredes de laquê verde-oliva, ele costumava dar curiosos concertos nos quais loucos ciganos choravam insanas músicas de pequenas cítaras ou tunisianos graves e em xales amarelos, as arrancavam de tensas cordas de monstruosos alaúdes, enquanto negros risonhos batiam monotonamente em tambores de cobre, ou indianos de turbante, agachando-se sobre esteiras vermelhas, assopravam através de longos tubos de junco ou metal e encantavam, ou fingiam encantar, grandes serpentes encapuzadas e horríveis víboras de chifre. Os ásperos intervalos e agudas dissonâncias da bárbara música lhe excitavam às vezes quando a graça de Schubert e as belas mágoas de Chopin, e as poderosas harmonias do próprio Beethoven, caíam indiferentes em seus ouvidos. Ele colecionava, de todas as partes do mundo, os mais estranhos instrumentos que podiam ser encontrados, tanto nas tumbas das nações mortas ou entre as poucas tribos selvagens que sobreviveram ao contato com as civilizações ocidentais, e amava encostar e tentar tocá-las. Ele tinha os misteriosos juruparis dos índios do Rio Negro, cujas mulheres não são permitidas olhar, e que mesmo os jovens não podem ver até que sejam submetidos ao jejum e ao espancamento, e as jarras de argila dos peruanos, que guardam os agudos gritos de pássaros, e flautas de ossos humanos como as que Alfonso de Ovalle ouvira no Chile, e as pedras verdes e sonoras que são encontradas próximas a Cuzco e dão uma nota de singular doçura. Ele tinha cabaças pintadas, cheias de seixos que chacoalhavam quando eram balançadas; o longo clarim dos mexicanos,

através do qual o intérprete não assopra, mas pelo qual inala o ar; o rude turé das tribos amazônicas, que era tocado pelos sentinelas que se sentavam por todo o dia nas árvores e que pode ser ouvido, como se afirma, a uma distância de três léguas; o teponaztli que tem duas línguas de madeira vibrantes e se bate com varetas untadas com uma goma elástica obtida do suco leitoso das plantas; os sinos yotl dos astecas que são suspensos em cachos, como as uvas; e um enorme tambor cilíndrico, coberto com a pele de grandes serpentes, como aquela que Bernal Diaz viu quando foi com Cortéz ao templo mexicano e daquele triste som do qual ele nos deixou uma vívida descrição. O caráter fantástico daqueles instrumentos o fascinava e ele sentia um curioso prazer em pensar que a Arte, como a Natureza, tinha seus monstros, coisas de forma bestial e com vozes horrendas. No entanto, depois de algum tempo, ele se cansava delas e sentava em seu camarote na Ópera, seja sozinho ou com lorde Henry, ouvindo em arrebatado êxtase "Tannhäuser" e vendo naquela grande obra de arte uma apresentação da tragédia de sua própria alma.

Em outra ocasião, ele tomava o estudo das joias e apareceu em um baile à fantasia como Anne de Joyeuse, almirante de França, em um vestido coberto com quinhentas e sessenta pérolas. Com frequência, ele passava um dia inteiro arrumando e rearrumando em seus estojos as várias pedras que ele juntara, tal como o crisoberilo verde-oliva que fica vermelho pela luz de uma lanterna, o cimofânio com sua linha igual a um fio de prata, o peridoto de cor de pistache, topázios avermelhados e amarelados, carbúnculos de forte escarlate com trêmulas estrelas de quatro raios, granadas vermelhas como o fogo, espinélios laranja e violeta e ametistas com suas camadas alternadas de rubi e de safira. Ele amava o vermelho dourado da aventurina e a brancura perolada da selenita, e o arco-íris quebrado da leitosa opala. Ele adquirira de Amsterdã três esmeraldas de extraordinário tamanho e riqueza de cores, e tinha uma turquesa de la vieille roche que era a inveja de todos os connoisseurs.

Ele descobria maravilhosas histórias, também sobre joias. No "Clericalis Disciplina", de Alfonsi, uma serpente era mencionada com olhos de jacinto real e na história romântica de Alexandre, dizia que ele encontrara cobras, no vale do Jordão, "com colares de verdadeiras esmeraldas crescendo em suas costas". Havia uma gema no cérebro do

dragão, Filostrato nos conta, e "pela exibição de letras douradas e de um robe vermelho", o monstro seria lançado em um sono mágico e decapitado. De acordo com o grande alquimista Pierre de Boniface, um diamante tornava um homem invisível e a ágata da Índia o fazia eloquente. A cornalina apaziguava a ira e o jacinto provocava o sono, e a ametista dissipava os vapores do vinho. A granada espantava os demônios e o hidrópico privava a lua de sua cor. A selenita aumentava e diminuía com a lua e a morganita, que descobre ladrões, pode ser afetada apenas pelo sangue de garotos. Leonardus Camillus vira uma pequena pedra branca, tirada de uma rã recém-morta, que era um determinado antídoto contra venenos. O bezoar, que era encontrado no coração do cervo árabe[5], era um encanto que poderia curar a peste negra. Nos ninhos de pássaros árabes havia o aspilates que, de acordo com Demócrito, mantinha quem o detivesse a salvo de qualquer perigo pelo fogo.

O rei do Ceilão cavalgava pela sua cidade com um enorme rubi em mãos, como a cerimônia de sua coroação. Os portões do palácio de Preste João eram "feitos de sárdio, com o corno da serpente de chifres gravado, portanto nenhum homem poderia inocular seu veneno". Sobre a cumeeira havia "duas maçãs douradas, nas quais havia dois carbúnculos", assim o ouro poderia brilhar ao dia e os carbúnculos, à noite. No estranho romance de Lodge, "A Margarite of América"[6], estava escrito que na câmara de Margarite eram vistas "todas as damas castas do mundo, decoradas em prata, olhando para belos espelhos de crisólitas, carbúnculos, safiras e verdes esmeraldas". Marco Pólo observara os habitantes de Zipangu colocar uma pérola rosada na boca dos mortos. Um monstro marinho havia se enamorado pela pérola que o mergulhador levara para o rei Perozes e decapitara o ladrão, e lamentara por sete luas sobre a sua perda. Quando os hunos atraíram o rei para o grande fosso, ele a jogou para longe – Procópio conta a história – e nunca foi encontrada novamente, embora o imperador Anastácio oferecesse quinhentas barras de ouro por ela. O rei de Malabar mostrara a um veneziano um rosário de cento e quatro pérolas, uma para cada deus que ele adorava.

Quando o Duque de Valentinois, filho de Alexandre IV, visitou Louis XII da França, seu cavalo estava carregado com folhas de ouro, de acordo com Brantôme e seu chapéu tinha linhas duplas de rubi que

irradiavam uma grande luz. Carlos da Inglaterra montava com estribos suspensos por trezentos e vinte e um diamantes. Ricardo III tinha um casaco, avaliado em trinta mil marcos, que era coberto com rubis opacos. Hall descreveu Henrique VIII, em seu caminho para a Torre, antes de sua coroação, como usando "uma jaqueta de ouro em relevo, a placa rendada com diamantes e outras pedras preciosas, e um grande bauderike[7] ao redor de seu pescoço de grandes rubis". Os favoritos de Jaime I usavam brincos de esmeraldas ajustados em filigranas de ouro. Eduardo II deu a Piers Gaveston um conjunto de armadura de ouro vermelho, ornado de jacintos e um colar de rosas de ouro dispostas com turquesas, e um pequeno boné parsemé com pérolas. Henrique II usava luvas rebuscadas que chegavam aos cotovelos, e tinha uma luva de falcoaria[8] com doze rubis e cinquenta e duas grandes pérolas. O chapéu ducal de Carlos, o Temerário, o último Duque de Burgundy de sua estirpe, era ornado de safiras e suspenso com pérolas no formato de pera.

Como a vida fora uma vez delicada! Como fora bela em sua pompa e decoração! Mesmo ler sobre o luxo dos mortos era maravilhoso. Então ele voltava sua atenção para os bordados e para as tapeçarias que executavam o ofício de afrescos nas frias salas das nações ao norte da Europa. Enquanto ele pesquisava o assunto – e ele sempre tinha uma facilidade extraordinária em se tornar absolutamente absorto no momento em que pegava qualquer coisa – ele quase se entristecia pelo reflexo da ruína que o tempo lançava sobre as coisas belas e maravilhosas. Ele, de alguma forma, escapara a isso. O verão seguia ao verão e os narcisos amarelos floresciam e pereciam muitas vezes, e as noites de horror repetiam a história de sua vergonha, mas ele permanecia igual. Nenhum inverno embotava seu rosto ou manchava seu frescor igual a de uma flor. Como era diferente com as coisas materiais! Para onde tinham ido? Onde estava o grande robe cor de açafrão, com o qual os deuses lutaram contra os gigantes e que tinha sido tecido para Atenas? Onde estava o enorme velarium que Nero estendera sobre o Coliseu, em Roma, no qual estava representado o céu estrelado e Apolo conduzindo uma carruagem puxada por garanhões brancos sob rédeas douradas? Ele ansiava por ver os curiosos guardanapos de mesa trabalhados por Elagabalus, nos quais eram exibidos todas as fadas e provisões que se poderiam desejar para um banquete; a túnica mortuária do rei Chilperic,

com suas trezentas abelhas douradas; os fantásticos robes que suscitaram a indignação do Bispo de Pontus e que eram decorados com "leões, panteras, ursos, florestas, rochas, caçadores – tudo, na verdade, que um pintor pode copiar da natureza"; e o casaco que uma vez vestiu Carlos de Orléans, nas mangas do qual estavam bordadas os versos de uma canção que começava com "Madame, je suis tout joyeux", o acompanhamento musical das palavras sendo trabalhado em linhas de ouro, e cada nota, uma forma quadrada naqueles dias, constituída por quatro pérolas. Ele lera sobre a sala que foi preparada no palácio em Rheims para o uso da rainha Joana de Burgundy, e que era decorada com "mil, trezentos e vinte e um papagaios, feitos em bordado, e adornados com as armas do rei, e quinhentas e sessenta e uma borboletas, cujas asas eram similarmente ornadas com as armas da rainha, tudo trabalhado em ouro". Catarina de Médici tinha uma cama de lamentações feita para ela de veludo negro, polvilhado com luas crescentes e sóis. Suas cortinas eram de damasquim, com frondosas grinaldas e guirlandas, desenhadas sobre uma base de ouro e de prata, e adereçadas com rendas bordadas, que permanecia em um quarto com pilhas de apetrechos da rainha, em um veludo negro cortado sobre um tecido de prata. Louis XIV tinha cariátidas bordadas em ouro, medindo quatro metros e meio, em seu apartamento. A cama principal de Sobieski, rei da Polônia, era feita de brocados de ouro de Smyrna gravada em turquesas com versos do Alcorão. Seus pés eram feitos de prata dourada, ricamente gravados em relevo e profusamente adornados com medalhas esmaltadas e rebuscadas. Fora saqueada de um acampamento turco diante de Viena e o estandarte de Maomé estivera sobre ele.

E assim, por um ano inteiro, ele buscara acumular os espécimes mais sofisticados que podia encontrar de trabalhos têxteis e gravados, obtendo as delicadas musselinas de Déli, finamente trabalhadas, com palmípedes de fios de ouro e alinhavados translúcidos como asas de abelhas; as gazes de Daca, que pela sua transparência eram conhecidas no Oriente como "tecido do ar", "água corrente" e "orvalho da noite"; estranhos tecidos estampados de Java; elaborados suspensórios chineses amarelos; livros encadernados em cetim fulvo ou belas sedas azuis e trabalhadas em flores de lis, pássaros e imagens; véus trançados, trabalhados em ponto húngaro; brocados sicilianos e rígidos veludos espanhóis; trabalhos

georgianos com suas moedas douradas e Foukousas japonesas com seus ouros esverdeados e seus pássaros de plumagem maravilhosa.

Ele tinha uma paixão especial, também, por vestes eclesiásticas, como de fato ele tinha por tudo relacionado ao serviço da Igreja. Nos grandes bustos de cedro que se alinhavam pela galeria oeste de sua casa, ele armazenara muitos espécimes raros e belos do que realmente é o vestuário da Noiva de Cristo, que deve usar púrpura e joias, e fino linho para que ela possa ocultar o corpo pálido e macerado que foi abatido pelo sofrimento que ela procurara e ferido pela dor imposta por si mesma. Ele tinha uma bela cobertura de seda carmesim e de dourados fios damasquim, retratando um padrão repetitivo de um conjunto dourado de romãs em florescências formais de seis pétalas; além disso, em cada lado havia um apetrecho de abacaxi trabalhado em minúsculas pérolas. Os aurifrígios eram divididos em painéis representando cenas da vida da Virgem e a sua coroação era retratada em sedas coloridas sobre o capuz. Era um trabalho italiano do século 15. Outra cobertura era de veludo verde, bordado com folhas de acanto agrupadas em forma de coração, dos quais se espalhavam longos caules de florescências brancas, seus detalhes realçados com fios prateados e cristais coloridos. A fivela trazia a cabeça de um serafim em fios de ouro em alto relevo. Os aurifrígios eram tecidos em losangos alternados de seda vermelha e dourada, e eram estrelados com medalhões de muitos santos e mártires, entre eles São Sebastião. Ele tinha casulos, também, de seda cor de âmbar e seda azul, e brocados dourados, e damasquins de seda amarela e pano de ouro, desenhado com representações da Paixão e da Crucificação de Cristo e bordados com leões, pavões e outros emblemas; dalmáticas de cetim branco e seda adamascada rosa, decoradas com tulipas, golfinhos e flores de lis; lençóis de altar de veludo carmesim e linho azul; e muitos corporais, véus de cálice e o sudário. Nos místicos ofícios às quais esses objetos eram usados, havia algo que acelerava a sua imaginação.

Pois essas coisas, e tudo o que ele colecionara em sua encantadora casa, deveriam ser meios de esquecimento, modos pelos quais ele poderia escapar, por uma temporada, do medo que lhe parecia ser às vezes quase maior do que ele poderia aguentar. Sobre as paredes da solitária sala trancada, onde ele passara muito de sua adolescência, suspendera com as suas próprias mãos o terrível retrato, cujos traços mutantes lhe mostravam

a real degradação de sua vida e tinha guarnecido o pálio púrpuro e dourado defronte dele como uma cortina. Por semanas ele não pôde ir até lá, esquecera da abominável coisa pintada e voltava com o coração leve, sua maravilhosa alegria, seu prazer apaixonado pela simples existência. Então, repentinamente, em uma noite qualquer ele se arrastava para fora da casa, ia aos lugares pavorosos perto de Blue Gate Fields, e ficava lá, dia após dia, até que fosse levado para fora. Ao voltar, ele se sentava diante do quadro, às vezes amaldiçoando-o e a si mesmo, mas cheio, em outras ocasiões, com aquele orgulho pela rebelião que é a metade da fascinação pelo pecado, sorrindo, com prazer secreto, da sombra deformada que tinha de carregar, o fardo que seria dele próprio.

Depois de poucos anos, ele não podia suportar se ausentar por muito tempo da Inglaterra e cedera a vila que dividia com lorde Henry em Trouville, assim como a pequena casa branca cercada na Argélia, onde ele passara seus invernos mais de uma vez. Ele odiava ser separado do quadro que tanto fazia parte de sua vida e, também, temia que, em sua ausência, alguém pudesse ter acesso à sala, apesar das elaboradas trancas e barras que ele fizera serem colocados na porta.

Ele estava bem ciente que isso nada lhes dizia. Era verdade que o retrato ainda preservava, sob toda podridão e feiura do rosto, sua marcada semelhança consigo mesmo; mas o que poderiam descobrir a partir disso? Ele riria de qualquer um que tentasse provocá-lo; ele não o pintara. O que importava para ele se o quadro parecesse ser tão vil e cheio de vergonha? Mesmo se ele lhes contasse, quem acreditaria?

Mesmo assim, ele temia. Às vezes, quando ele estava em sua grande casa em Nottighamshire, entretendo os sofisticados jovens de sua mesma posição social, que eram seus principais companheiros e surpreendendo o condado com a sua devassa luxúria e belo esplendor de seu modo de vida, repentinamente deixava seus convidados e corria para a cidade, para ver se a porta não havia sido violada e se o retrato ainda estava lá. E se ele fosse roubado? O mero pensamento o fazia gelar de horror. Certamente o mundo descobriria seu segredo, então. Talvez o mundo já suspeitasse dele.

Pois, enquanto ele fascinava muitos, havia uns poucos que desconfiavam dele. Ele fora rejeitado em um clube de West End, o qual seu berço e sua posição social o habilitavam completamente a se tornar

membro e em uma ocasião, quando ele fora levado por um amigo à sala de fumar do Carlton, o Duque de Berwick e outro cavalheiro se levantaram de maneira acentuada e saíram. Histórias curiosas se tornaram correntes sobre ele, depois que ele passara dos vinte e cinco anos. Dizia-se que ele brigara com marinheiros estrangeiros em um recanto escondido nas partes distantes de Whitechapel e que ele se associara a ladrões e falsificadores e que conhecia os mistérios daquelas ocupações. Suas ausências extraordinárias se tornaram notórias e, quando ele costumava reaparecer novamente na sociedade, os homens sussurravam entre si pelos cantos ou passavam por ele com desprezo, ou lhe encaravam com olhos frios e perscrutadores, como se estivessem determinados a descobrir seu segredo.

De tais insolências e atentados desprezos ele, claro, não tomava ciência, e na opinião de muitas pessoas, sua maneira franca e alegre, seu encantador sorriso adolescente e a infinita graça daquela maravilhosa juventude, que nunca parecia deixá-lo, eram em si mesmas uma resposta suficiente para as calúnias (pois assim eles as chamavam) que circulavam sobre ele. Observava-se, porém, que aqueles que foram muito íntimos dele pareciam, depois de algum tempo, evitá-lo. De todos os seus amigos, ou assim chamados, lorde Henry Wotton era o único que permanecia leal a ele. As mulheres que loucamente o adoravam e que pelo seu bem tinham enfrentado todas as censuras sociais e convencionado desafiá-las, se viam tornar mais pálidas de vergonha ou de horror se Dorian Gray adentrasse pelo recinto.

Ainda, esses escândalos sussurrados apenas lhe davam, na visão de muitos, seu estranho e perigoso encanto. Sua grande saúde certamente era um elemento de segurança. A sociedade, pelo menos a civilizada, nunca está muito preparada para acreditar em qualquer coisa em detrimento daqueles que são, ao mesmo tempo, ricos e encantadores. Ela sente, instintivamente, que os modos têm maior importância que a moral e a mais alta respeitabilidade é de menor valor, em sua opinião, do que a posse de um bom chef. E, no fim das contas, é de muito pouco consolo ouvir que um homem que ofereceu um péssimo jantar ou um vinho ruim é impecável em sua vida privada. Mesmo as virtudes cardeais não podem desculpar primeiros pratos frios, como lorde Henry observou uma vez, discutindo o tema; e há, possivelmente, muito a ser dito sobre essa opinião. Pois os

cânones da boa sociedade são, ou deveriam ser, os mesmos da arte. A forma é essencial à sociedade. Deveria ter a dignidade de uma cerimônia, assim como sua irrealidade, e deveria combinar o personagem insincero de uma peça romântica com o gênio e a beleza que fazem tais peças charmosas. A insinceridade é uma coisa tão terrível? Acho que não. É apenas um método pelo qual podemos multiplicar nossas personalidades.

Esta era, de qualquer forma, a opinião de Dorian Gray. Ele costumava ficar estupefato com a rasa psicologia daqueles que concebem o Ego no homem como uma simples coisa, permanente, confiável e de essência única. Para ele, o homem era um ser com uma miríade de vidas e de sensações, uma criatura complexa e multiforme que trazia em si mesma estranhos legados de pensamentos e paixões, e cuja própria carne estava conspurcada com as monstruosas doenças dos mortos. Ele amava passear pela sombria galeria de quadros de sua casa de campo e olhar aos vários retratos daqueles cujo sangue corria em suas veias. Ali estava Philip Herbert, descrito por Francis Osborne, em suas "Memórias dos Reinados da rainha Elizabeth e do rei Jaime", "como alguém que era paparicado pela corte por causa de seu belo rosto, que não lhe dava companhias muito longas". Foi a vida do jovem Herbert que ele às vezes levava? Teria algum estranho e venenoso germe se arrastado de corpo para corpo até que chegasse ao dele próprio? Teria sido aquele obscuro sentimento de arruinada graça que teria feito ele, tão repentinamente, e quase sem propósito, dar expressão, no estúdio de Basil Hallward, àquele pedido insano que tanto mudara sua vida? Aqui, em gibão vermelho com rendas douradas, sobretudo sofisticado, rufo e punhos com bordas douradas, estava sir Anthony Sherard, com sua armadura prateada e negra empilhada a seus pés. Qual fora o legado deste homem? Teria o amante de Giovanna de Nápoles lhe deixado alguma herança de pecado e de vergonha? Seriam as suas ações simplesmente os sonhos que aquele louco homem não tinha ousado realizar? Aqui, da tela desgastada, sorria lady Elizabeth Devereux, em sua touca difusa, seu corpete de pérolas e suas luvas cor de rosa, cortadas. Uma flor em sua mão direita e a esquerda segurando um colar esmaltado de rosas brancas e adamascadas. Em uma mesa, ao seu lado, estavam um bandolim e uma maçã. Havia grandes rosetas verdes sobre seus sapatos de ponta pequena. Ele conhecia a vida dela e as estranhas histórias

que se contavam sobre seus amantes. Teria ele algo do temperamento dela? Aqueles olhos ovais, de pálpebras pesadas, pareciam olhar de modo curioso para ele. E George Willoughby, com seu cabelo esparso e seus fantásticos sinais? Como ele parecia mau! O rosto era melancólico e trigueiro, e os lábios sensuais pareciam se contorcer de desprezo. Delicados laços ondulados caíam sobre as pequenas mãos amarelas que estavam tão sobrecarregadas de anéis. Ele fora um macaroni do século 18, e amigo, em sua juventude, de lorde Ferrars. E o segundo lorde Sherard, o companheiro do Príncipe Regente em seus dias mais loucos, e uma das testemunhas do casamento secreto com a senhora Fitzherbert? Como ele era orgulhoso e belo, com seus cachos castanhos e pose insolente! Quais paixões ele legara? O mundo o via como infame. Ele conduzira as orgias em Carlton House. A Estrela da Jarreteira brilhava em seu peito. Ao lado dele estava o retrato de sua esposa, uma mulher pálida e de lábios finos, vestida de preto. O sangue dela, também, se levantava dentro dele. Como tudo aquilo parecia curioso!

Ainda tinha ancestrais na literatura, assim como na própria descendência de outros, mais próximo talvez em tipo e temperamento, muitos deles, e certamente com uma influência da qual era ainda mais consciente. Havia momentos que parecia a Dorian Gray que toda a história era apenas o registro de sua própria vida, não como ele a vivera em ato e circunstância, mas como a sua imaginação as criara, como teria sido em seu cérebro e em suas paixões. Ele sentia que conhecia a todos, aquelas estranhas e terríveis figuras que tinham passado pelo palco do mundo e tornado o pecado tão maravilhoso e o mau tão cheio de surpresas. Parecia-lhe que, de algum modo misterioso, suas vidas tinham sido a dele próprio.

O herói do perigoso romance que tanto tinha influenciado sua vida também tinha, ele mesmo, esta curiosa fantasia. Em um capítulo do livro ele conta como, coroado com laurel, a menos que um relâmpago lhe atingisse, ele se sentara, como Tibério, em um jardim em Capri, lendo os vergonhosos livros de Elefantis, enquanto anões e pavões andavam e dançavam ao seu redor, e o flautista imitava o balanço do turíbulo; e, como Calígula, tinha farreado com os montadores de camisa verde em seus estábulos e jantado em uma manjedoura de marfim com um cavalo que tinha uma joia na fronte; e, como Domiciano, tinha perambulado por um corredor ladeado de espelhos de mármore, olhando ao redor com olhos perturbados com o

reflexo do punhal que deveria dar cabo de seus dias, e farto daquele fastio, daquele tédio vital que vem àqueles a quem a vida nada recusa; e tinha perscrutado através de uma esmeralda verde no picadeiro vermelho do circo e então, em uma liteira púrpura de pérolas, carregada por mulas de ferradura de prata, fora levado pelas Ruas das Romãs até a Casa de Ouro, e ouvira os homens chorarem por Nero César enquanto ele passava; e, como Heliogábalo, pintara sua face e pregara o fuso entre as mulheres, e trouxe ra a Lua de Cartagena e a concedera em místico casamento com o Sol.

Dorian costumava ler este fantástico capítulo repetidamente e o capítulo imediatamente seguinte, no qual o herói descreve as curiosas tapeçarias que lhe haviam tecido pelos desígnios de Gustave Moreau, e nos quais eram retratados as formas terríveis e belas daqueles que o Vício, o Sangue e o Cansaço tinham tornado monstros ou loucos: Filippo, Duque de Milão, que esfolou sua esposa e pintou seus lábios com um veneno escarlate; Pietro Barbi, o Veneziano, conhecido como Paulo, o Segundo, que buscou em sua vaidade assumir o título de Formoso, e cuja tiara, avaliada em duzentos mil florins, foi adquirida ao preço de um terrível pecado; Gian Maria Visconti, que usava cães de caça para perseguir homens vivos e cujo corpo assassinado foi coberto de rosas por uma prostituta que o amava; o Borgia em seu cavalo branco, com o Fratricida erguendo-se ao seu lado e seu manto manchado com o sangue de Perotto; Pietro Riario, o jovem Cardeal Arcebispo de Florença, filho e subordinado de Sisto IV, cuja beleza era igualada apenas pela sua libertinagem e que recebera Leonor de Aragão em um pavilhão de sedas brancas e carmesins, cheias de ninfas e centauros, e ornou um garoto para que ele pudesse servi-la na festa como Ganimedes ou Hylas; Ezzelin, cuja melancolia podia ser curada apenas pelo espetáculo da morte e que tinha uma paixão por sangue vermelho, como outros homens teriam pelo vinho tinto – o filho do Demônio, como se dizia, e aquele que roubara seu pai no jogo de dados quando apostara com ele sua própria alma; Gianbattista Cibo, que por zombaria adotou o nome de Inocente e em cujas torpes veias o sangue de três rapazes foi infundido por um médico judeu; Sigismondo Malatesta, o amante de Isotta e senhor de Rimini, cuja efígie foi queimada em Roma como inimigo de Deus e dos homens, que estrangulou Polissena com um guardanapo e deu veneno em uma taça de esmeraldas para Ginevra d'Este, e em honra de uma paixão vergonhosa,

construiu uma igreja pagã para o culto de Cristo; Charles IV, que adorava tão loucamente a esposa de seu irmão que um leproso lhe avisou da insanidade que estava se abatendo sobre ele e que poderia ser aplacada apenas por cartas saracenas pintadas com as imagens do Amor, da Morte e da Loucura; e, em seu bem colocado colete e sofisticado boné e cachos como acanto, Grifonetto Baglioni, que assassinou Astorre com sua noiva e Simonetto com seu pajem, e cuja beleza era tal que, enquanto ele estava a morrer na piazza amarela de Perugia, aqueles que o odiavam não podiam deixar de chorar, e Atalanta, que o amaldiçoara, o abençoou.

Havia uma horrível fascinação em todos eles. Ele os via à noite e perturbavam sua imaginação durante o dia. O Renascimento conhecia estranhas maneiras de envenenar – por um capacete e uma tocha acesa, por uma luva bordada e um leque sofisticado, por uma caixa de perfumes dourada e por uma corrente de âmbar. Dorian Gray fora envenenado por um livro. Havia momentos em que via o mau apenas como um modo através do qual ele poderia realizar seu conceito de beleza.

[1] Bairro elegante de Londres.

[2] Rua principal do distrito de St. James, em Londres, onde se situavam muitos clubes privativos.

[3] Expressão latina para aquele que é uma reconhecida autoridade em questões de estilo e de gosto.

[4] Árvore da família da Magnólia que produz uma flor de forte odor.

[5] Wilde comete um equívoco já que bezoares são retirados do estômago do animal.

[6] Escrita em prosa, em 1596, por Thomas Lodge (1557-1625), poeta e romancista inglês, contemporâneo de William Shakespeare.

[7] Colar.

[8] Ocupação de criar, treinar e cuidar de falcões para caça. Muito comum na Idade Média.

CAPÍTULO 10

Era 7 de novembro, a véspera de seu trigésimo segundo aniversário, como ele frequentemente se lembraria depois.

Ele estava voltando para casa, perto das onze horas, vindo da residência de lorde Henry, onde ele jantara e estava envolto em pesadas peles, pois a noite estava fria e cheia de neblina. Na esquina de Grosvenor Square e South Adley Street, um homem passou por ele pela névoa, caminhando apressadamente e com a gola de seu sobretudo levantada. Ele tinha uma sacola em sua mão. Ele o reconhecera. Era Basil Hallward. Um estranho sentimento de medo, que ele não podia entender, se apoderou dele. Ele não fez nenhum sinal de reconhecimento e continuou lentamente, na direção de sua própria casa.

Mas Hallward o vira. Dorian escutou primeiro ele parar e então se apressar em sua direção. Em poucos momentos, sua mão estava sobre o braço dele.

"Dorian! Que sorte extraordinária! Estive esperando por você desde as nove horas em sua biblioteca. Finalmente, me apiedei de seu criado cansado e disse-lhe para ir dormir, enquanto ele me deixava sair. Estou indo para Paris no trem da meia-noite e queria vê-lo em particular antes de partir. Pensei que era você, ou melhor, seu casaco de peles, quando passou por mim. Mas eu não estava muito certo. Você não me reconheceu?"

"Nesta neblina, meu caro Basil? Ora, não pude nem reconhecer Grosvenor Square. Acho que minha casa está por aqui, mas não me sinto muito seguro a respeito. Lamento que você esteja indo embora, pois não o vejo há muito tempo. Mas suponho que volte logo?"

"Não: estou saindo da Inglaterra por seis meses. Pretendo ocupar um estúdio em Paris e me trancar lá até terminar um grande retrato que tenho em mente. Porém, não era sobre mim que queria conversar. Aqui estamos, em sua porta. Deixe-me entrar por um momento. Tenho algo a lhe dizer".

"Ficarei encantado. Mas você não irá perder seu trem?", disse Dorian Gray languidamente, enquanto ele subia os degraus e abria a porta com sua chave de ferrolho.

A luz do lampião lutava contra a neblina e Hallward olhou para seu relógio. "Tenho muito tempo", ele respondeu. "O trem não sairá até meia-noite e quinze, e ainda são onze horas. Na verdade, eu estava indo ao clube para procurá-lo, quando o encontrei. Você vê, nem deverei me atrasar com as bagagens, pois já despachei as coisas pesadas. Tudo o que tenho comigo é esta sacola e posso chegar tranquilamente à Victoria[1] em vinte minutos".

Dorian olhou para ele e sorriu. "Que maneira para um pintor sofisticado viajar! Uma bolsa Gladstone e um sobretudo! Entre ou a neblina invadirá a casa. E veja se não falará algo sério. Nada, hoje em dia, é sério. Pelo menos não deveria ser".

Hallward balançou a cabeça, enquanto entrava e seguiu Dorian até a biblioteca. Havia um brilhante fogo reluzindo na grande abertura da lareira. As lâmpadas estavam acesas e um estojo holandês de prata para bebidas estava aberto, com alguns sifões de água gaseificada e grandes copos de vidro lapidado, em uma pequena mesa.

"Veja que seu criado fez com que eu me sentisse bem confortável, Dorian. Ele me deu tudo o que eu queria, incluindo seus melhores cigarros. Ele é uma criatura bem hospitaleira. Gosto dele muito mais do aquele francês que você tinha. Por falar nisso, o que aconteceu com ele?"

Dorian deu de ombros. "Acho que ele se casou com a empregada de lady Ashton e a estabeleceu em Paris como uma estilista. A anglomania está muito em voga por lá, agora, ouvi dizer. Parece tolice dos franceses, não é? Mas – você sabe? – ele não era um mau empregado. Nunca gostei dele, mas nada tinha a reclamar. Sempre se imaginam coisas que são bem absurdas. Ele era, realmente, bastante leal a mim e parecia se lamentar muito quando ele se foi. Quer outro conhaque com soda? Ou você gostaria de um hock and seltzer[2]? Eu sempre tomo um hock and seltzer. Estou certo de que há um pouco na sala ao lado".

"Obrigado, não beberei mais nada", disse Hallward, tirando seu boné e seu casaco, e os jogando sobre a bolsa que ele colocara no canto. "E agora, meu caro amigo, quero lhe falar seriamente. Não franza o rosto assim. Você torna tudo mais difícil para mim".

"Sobre o que é?", perguntou Dorian de modo petulante, arremessando-se sobre o sofá. "Espero que não seja sobre mim mesmo.

Estou cansado de mim, esta noite. Gostaria de ser outra pessoa".

"É sobre você", respondeu Hallward, em sua voz grave e profunda, "e devo contar a você. Irei detê-lo por meia hora".

Dorian suspirou e acendeu um cigarro. "Meia hora!", ele murmurou.

"Não é muito o que eu lhe peço, Dorian, e é totalmente para o seu próprio bem que lhe conto. Acho certo que você saiba as mais terríveis coisas que são ditas sobre você em Londres, coisas que eu dificilmente repetiria para você".

"Não desejo saber nada sobre isso. Amo escândalos mais que as outras pessoas, mas os escândalos sobre mim mesmo não me interessam. Não têm o encanto da novidade".

"Eles devem lhe interessar, Dorian. Todo cavalheiro está interessando em seu bom nome. Você não deseja que as pessoas falem de você como algo vil e degradado. Claro que você tem a sua posição e sua riqueza, e todo esse tipo de coisa. Mas posição e riqueza não são tudo. Veja você, não acredito nem um pouco nestes rumores. Pelo menos, não posso crer neles quando o vejo. O pecado é algo que se inscreve no rosto de um homem. Não pode ser ocultado. As pessoas falam de vícios secretos. Não há tais coisas. Se um homem arruinado tem seu vício, ele se mostra nas linhas de sua boca, no cair de suas pálpebras, no próprio formato de suas mãos. Alguém – não mencionarei seu nome, mas você o conhece – veio até a mim, no ano passado, para que fizesse seu retrato. Nunca o vira antes e nunca ouvira nada sobre ele até aquele momento, porém ouvi muito, depois. Ele oferecera um valor extravagante. Eu o recusei. Havia algo no formato de seus dedos que eu odiei. Sei agora que eu estava bem certo no que imaginei a seu respeito. Sua vida é terrível. Mas você, Dorian, com seu rosto puro, brilhante e inocente e sua maravilhosa juventude imperturbável – não posso crer em nada contra você. E, ainda, o vejo raramente e nunca vai ao estúdio, e quando estou longe de você, e escuto todas estas coisas abomináveis que as pessoas sussurram sobre você, não sei o que dizer. Por que, Dorian, que um homem como o Duque de Berwick deixa a sala de um clube quando você entra? Por que tantos cavalheiros em Londres não irão à sua casa e nem o convidarão às deles? Você era amigo de lorde Cawdor. Encontrei-o em um jantar na semana passada. Ocorreu que seu nome

surgira na conversa, em conexão com as miniaturas que você emprestou para a mostra em Dudley. Cawdor curvou os lábios e disse que você tem um gosto muito artístico, mas que era um homem que nenhuma garota de mente pura deveria ser permitida conhecer e com quem nenhuma mulher casta deveria se sentar na mesma sala. Lembrei-o que eu era um amigo seu e quis saber qual era o significado daquilo. Ele me disse. Ele me disse bem na frente de todos. Foi horrível! Por que sua amizade é tão fatídica aos jovens rapazes? Houve aquele garoto arruinado em Guards que cometeu suicídio. Você era seu grande amigo. Houve sir Henry Ashton, que teve de deixar a Inglaterra com o nome manchado. Você e ele eram inseparáveis. O que dizer sobre Adrian Singleton e seu terrível fim? O que dizer do filho único de lorde Kent e sua carreira? Encontrei seu pai ontem, em St. James Street. Ele parecia partido de vergonha e de mágoa. O que dizer sobre o jovem Duque de Perth? Que tipo de vida ele tem agora? Qual cavalheiro andaria com ele? Dorian, Dorian, sua reputação é infame. Sei que você e Harry são grandes amigos. Nada digo sobre isso agora, mas certamente você não precisava tornar o nome da irmã dele uma palavra da moda. Quando você conheceu lady Gwendolen, nem uma lufada de escândalo havia a tocado. Há alguma única mulher decente em Londres agora que passearia com ela pelo Parque? Ora, mesmo seus filhos não são permitidos viver com ela. Então, há outras histórias – histórias sobre você ter sido visto se arrastado para fora das mais terríveis casas e esgueirando-se disfarçado nos mais infames covis em Londres. São verdadeiras? Podem ser verdadeiras? Quando as ouvi, primeiro eu ri. Ouço-as agora e elas me fazem tremer. O que dizer sobre sua casa de campo e a vida que se leva lá? Dorian, você não sabe o que se diz a seu respeito. Não lhe direi que não quero fazer uma pregação para você. Lembro-me de Harry ter dito, uma vez, que todo homem que se transformava em um padre amador de momento sempre dizia isso e então quebrava sua palavra. Quero fazer um sermão para você. Quero que você leve uma vida que faça o mundo respeitá-lo. Quero que você tenha um nome limpo e um histórico bom. Quero que você se livre das terríveis pessoas com quem anda. Não dê de ombros desta maneira. Não seja tão indiferente. Você tem uma influência maravilhosa. Deixe que seja boa, e não má. Eles dizem que você corrompe qualquer um com quem se torna íntimo e que isso é bastante suficiente para entrar em uma casa, pela vergonha de algum tipo em segui-lo. Não sei se é assim ou não. Como

poderia saber? Mas é o que se diz de você. Ouço coisas que parecem impossíveis de duvidar. Lorde Gloucester era um de meus maiores amigos em Oxford. Ele me mostrou uma carta que sua esposa lhe escrevera quando estava morrendo sozinha, em sua villa em Mentone. Seu nome estava implicado na mais terrível confissão que já li. Eu lhe disse que era um absurdo – que eu o conhecia completamente e que você era incapaz de algo do tipo. Conheço você? Eu me pergunto, eu o conheço? Antes de eu poder responder a isso, teria de ver sua alma."

"Ver minha alma!", proferiu Dorian Gray, pulando do sofá e ficando quase branco de medo.

"Sim", respondeu Hallward, gravemente, e com uma mágoa infinita em sua voz – "ver sua alma. Mas apenas Deus pode fazer isso".

Um riso amargo irrompeu dos lábios do jovem rapaz. "Você tem de vê-la você mesmo, esta noite!", ele exclamou, pegando um lampião da mesa. "Venha: é o seu próprio trabalho. Por que você não deveria olhar para ele? Você pode dizer ao mundo depois, se quiser. Ninguém acreditará em você. E, se acreditarem, gostariam ainda mais de mim. Conheço este tempo melhor que você, embora tagarele a respeito tão tediosamente. Venha, eu lhe direi. Você já parolou o suficiente sobre corrupção. Agora, você deve encará-la frente à frente".

Havia a loucura do orgulho em cada palavra que ele emitia. Ele bateu seu pé sobre o chão em seu modo adolescente e insolente. Ele sentia uma terrível alegria com a ideia de que alguém mais iria compartilhar seu segredo e que o homem que pintara o retrato era a origem de toda a sua vergonha, que deveria ser carregada pelo resto de sua vida com a repugnante memória do que ele fizera.

"Sim", ele continuou, chegando perto dele e olhando fixamente em seus olhos ríspidos, "eu lhe mostrarei minha alma. Você verá a coisa que imagina apenas Deus ser capaz de ver".

Hallward recuou. "Isso é blasfêmia, Dorian!", ele exclamou. "Você não deve dizer isso. Elas são horríveis e sem significado algum".

"Você acha?", ele riu novamente.

"Sei que sim. E, quanto ao que lhe disse esta noite, disse-o para o seu bem. Você sabe que sempre fui devotado a você".

"Não me toque. Termine o que tem a dizer".

Um retorcido acesso de dor varreu o rosto de Hallward. Ele parou por um momento e um louco sentimento de dó abateu sobre ele. Afinal de contas, que direito ele tinha de se intrometer na vida de Dorian Gray? Se ele tinha feito um décimo do que se dizia a seu respeito, quanto deveria ter sofrido! Então ele se endireitou e caminhou para a lareira, e lá ficou, olhando as achas ardentes com suas cinzas iguais à neve e seus pulsantes núcleos de fogo.

"Estou esperando, Basil", disse o jovem rapaz, com uma voz límpida e firme.

Ele se voltou. "O que tenho a dizer é isto", ele exclamou. "Você deve me dar uma resposta a estas acusações horríveis que são feitas contra você. Se me disser que são completamente falsas, do início ao fim, acreditarei em você. Negue-as, Dorian, negue-as! Você não pode ver pelo o que estou passando? Meu Deus! Não me diga que você é infame!"

Dorian Gray sorriu. Havia uma curva de desprezo em seus lábios. "Suba as escadas, Basil", ele disse, calmamente. "Tenho um diário de minha vida, dia após dia e ele nunca sai da sala em que é escrito. Eu lhe mostrarei se vier comigo".

"Irei com você, Dorian, se assim desejar. Vejo que perdi meu trem. Isso não me importa. Posso ir amanhã. Mas não me peça para ler nada esta noite. Tudo o que quero é uma resposta direta à minha pergunta".

"Ela será dada lá em cima. Não posso responder aqui. Você não terá de ler muito. Não me faça esperar".

[1] Principal estação ferroviária de Londres naquele momento. Hoje, é uma estação ferroviária com partidas e chegadas apenas locais.

[2] Vinho branco diluído com água gaseificada. Bebida muito popular na Inglaterra vitoriana.

CAPÍTULO 11

Ele atravessou a sala e começou a subir as escadas, Basil Hallward seguindo-o de perto. Caminhavam suavemente, como os homens agem instintivamente à noite. O lampião lançava sombras fantásticas sobre a parede e a escadaria. Um vento crescente fazia algumas janelas chacoalhar.

Quando chegaram ao fim da escada, Dorian colocou o lampião sobre o chão e, tirando a chave, virou-a na fechadura. "Você insiste em saber, Basil?", ele perguntou com voz baixa.

"Sim".

"Estou contente", ele murmurou, sorrindo. Então ele acrescentou, um pouco amargo, "Você é o único homem no mundo habilitado a saber tudo sobre mim. Você tem mais a ver com a minha vida do que pensa". E, pegando o lampião, abriu a porta e entrou. Uma fria corrente de ar passou por eles e a luz balançou por um momento, com uma chama de triste laranja. Ele tremeu. "Feche a porta atrás de você", ele disse, enquanto punha o lampião sobre a mesa.

Hallward olhou ao seu redor, com uma expressão intrigada. A sala parecia como se não fosse habitada há anos. Uma gasta tapeçaria flamenga, um quadro acortinado, uma velha cassone italiana e uma estante quase vazia – era tudo o que parecia conter, além de uma poltrona e uma mesa. Enquanto Dorian Gray estava acendendo uma vela meio gasta que estava sobre uma prateleira de cornija, ele viu que todo o lugar estava recoberto de poeira e que o carpete estava furado. Um rato correu tumultuosamente atrás dos lambris. Havia o úmido odor de fungos.

"Então você acha que apenas Deus enxerga a alma, Basil? Puxe a cortina e você verá a minha".

A voz que falava era fria e cruel. "Você está louco, Dorian, ou pregando uma peça", murmurou Hallward, carrancudo.

"Não o fará? Então deverei fazê-lo eu", disse o jovem; e ele arrastou a cortina de sua haste e a jogou sobre o chão.

Uma exclamação de horror saiu dos lábios de Hallward enquanto via na parca luz a repugnante coisa sobre a tela olhando de soslaio para ele. Havia algo em sua expressão que o enchia de desgosto e ódio. Bons céus!

Era a própria face de Dorian Gray que ele estava olhando! O horror, seja qual fosse, ainda não tinha embotado aquela beleza maravilhosa. Havia ainda um pouco de dourado no cabelo que rareava e algum escarlate nos lábios sensuais. Os olhos saturados ainda mantinham algo do encanto do seu azul, as curvas nobres não tinham ainda se esvaído das narinas esculpidas e da plástica garganta. Sim, era o próprio Dorian. Mas quem o fizera? Ele parecia reconhecer suas pinceladas e a moldura era de seu próprio desenho. A ideia era monstruosa, e assim, ele tremia de medo. Ele agarrou a vela acesa e a segurou contra o quadro. No canto esquerdo estava seu próprio nome, traçado em longas letras de vermelho brilhante.

Era alguma paródia asquerosa, alguma sátira infame e ignóbil. Ele nunca tinha feito aquilo. Porém, era o seu próprio quadro. Ele o sabia e sentia como se seu sangue mudara de fogo para o indolente gelo em um instante. Seu próprio quadro! O que significava aquilo? Por que tinha se alterado? Ele se voltou e olhou para Dorian Gray com os olhos de um homem doente. Sua boca se agitava e sua língua ressecada parecia incapaz de se articular. Ele passou sua mão pela testa. Estava úmida de um suor pegajoso.

O jovem rapaz estava apoiado contra a prateleira, observando-o com aquela estranha expressão que toma os rostos daqueles que estão absortos em uma peça quando um grande artista está interpretando. Não havia nem uma mágoa real, nem uma verdadeira alegria. Havia simplesmente a paixão do espectador, com talvez um adejar de triunfo nos olhos. Ele tinha retirado a flor de seu casaco e a cheirava ou fingia fazê-lo.

"O que isto significa?", exclamou Hallward, por fim. Sua própria voz soava aguda e curiosa aos seus ouvidos.

"Anos atrás, quando eu era um garoto", disse Dorian Gray, "você me encontrou, devotou-se a mim, bajulou-me e me ensinou a ser vaidoso com relação à minha própria beleza. Um dia, você me apresentou a um amigo seu, que me explicou a maravilha da juventude e você terminou um retrato meu que me revelou a maravilha da juventude. Em um momento insano, que não sei, mesmo agora, se lamento ou não, fiz um desejo. Talvez você chame isso de invocação..."

"Eu me lembro disso! Ah, como me lembro bem disso! Não! A coisa é impossível. A sala está úmida. O míldio está na tela. As tintas que usei

tinham algum maldito veneno mineral. Eu lhe digo que a coisa é impossível".

"Ah, o que é impossível?", murmurou o jovem homem, indo até a janela e apoiando sua testa contra o vidro frio e manchado de névoa.

"Você me disse que o destruíra".

"Eu estava errado. Ele é que me destruiu".

"Não acredito que seja meu quadro".

"Você não pode ver seu romance nele?", disse Dorian, com amargor.

"Meu romance, como você o chama..."

"Como você o chamou".

"Não há nada de mau nele, nada de vergonhoso. Este é o rosto de um sátiro".

"É o rosto da minha alma".

"Deus! Que coisa eu cultuei! Este tem os olhos de um demônio".

"Cada um de nós tem o Céu e o Inferno dentro de si, Basil", exclamou Dorian, com um gesto louco de desespero.

Hallward voltou-se novamente para o quadro e o fitou. "Meu Deus! Se for verdade", ele exclamou, "e isto for o que você fez de sua vida, ora, deve ser pior do que imaginam aqueles que lhe denigrem!". Ele segurou novamente a vela contra a tela e a examinou. A superfície parecia estar intacta e da maneira como ele a deixara. Era de dentro, aparentemente, que a vilania e o horror vinham. Por alguma estranha aceleração da vida interior, as lepras do pecado devoravam a coisa lentamente. O apodrecer de um cadáver em uma cova cheia de água não era tão amedrontador.

Sua mão balançou, e a vela caiu de seu castiçal e ficou faiscando no chão. Ele a apagou com seus pés. Em seguida, ele se jogou sobre a frágil cadeira que estava à mesa e enterrou seu rosto nas mãos.

"Bom Deus, Dorian, que lição! Que terrível lição!" Não houve resposta, mas ele podia ouvir o jovem rapaz soluçar à janela.

"Reze, Dorian, reze", ele murmurou. "O que é que nos ensinaram a dizer na adolescência? 'Não nos deixei cair em tentação. Perdoe nossos pecados. Limpe nossas injustiças'. Vamos dizer isso juntos. A oração de

nosso orgulho foi atendida. A oração de nosso arrependimento também será. Eu o cultuei demais. Sou punido por isso. Você se cultuou demais. Somos ambos punidos".

Dorian Gray voltou-se lentamente, e o olhou com os olhos embaçados de lágrimas. "É muito tarde, Basil", ele murmurou.

"Nunca é tarde demais, Dorian. Vamos nos ajoelhar e ver se podemos nos lembrar de uma prece. Não há um verso que diz, 'Embora seus pecados sejam escarlates, ainda Eu os farei tão brancos quanto a neve'?"

"Essas palavras não significam nada para mim agora".

"Quieto! Não diga isto. Você já fez bastante mal em sua vida. Meu Deus! Você não vê esta coisa maldita nos espreitando?"

Dorian Gray olhou para o quadro e, repentinamente, um sentimento incontrolável de ódio por Basil Hallward se apoderou dele. As insanas paixões de um animal perseguido levantaram-se dentro dele e ele amaldiçoou o homem que estava sentado à mesa mais do que já amaldiçoara qualquer coisa em sua vida. Ele olhava ao redor descontroladamente. Algo brilhou acima do peito pintado que os encarava. Seus olhos caíram sobre isso. Ele sabia o que era. Era uma faca que ele trouxera, alguns dias antes, para cortar um pedaço de corda e esquecera de levar consigo. Ele se moveu lentamente na direção dela, passando por Hallward enquanto o fazia. Assim que ele ficou atrás dele, ele a agarrou e voltou-se. Hallward moveu-se em sua cadeira, como se fosse levantar. Ele correu até Hallward e enterrou a faca na grande veia atrás de sua orelha, esmagando a cabeça do homem contra a mesa e o esfaqueando repetidas vezes.

Houve um grito sufocado e o som terrível de alguém engasgando com o seu próprio sangue. Os braços estendidos balançaram três vezes, ondulando as grotescas mãos com os dedos rígidos pelo ar. Ele o esfaqueou uma vez mais, mas o homem não se moveu. Algo começou a gotejar sobre o chão. Ele esperou um momento, ainda pressionando a cabeça para baixo. Então ele jogou a faca sobre a mesa e ouviu.

Ele nada podia escutar além do gotejar, as gotas caindo sobre o carpete puído. Ele abriu a porta e foi para o alto da escada. A casa estava

bem quieta. Ninguém se levantara.

Ele tirou a chave e voltou para o quarto, trancando-se lá dentro.

A coisa ainda estava sentada na cadeira, caída sobre a mesa com a cabeça baixa, as costas corcundas e longos e fantásticos braços. Não fosse pelo rasgo dentado e vermelho no pescoço, e a piscina coagulada negra que lentamente se alargava sobre a mesa, alguém teria dito que o homem estava simplesmente dormindo.

Como tudo fora feito tão rápido! Ele se sentia estranhamente calmo e, caminhando até a janela, a abriu e saiu para a sacada. O vento dissipara a neblina e o céu era como uma cauda monstruosa de pavão, estrelada com uma miríade de olhos dourados. Ele olhou para baixo e viu o policial fazendo sua ronda e acendendo sua lanterna olho de boi contra a porta das casas silenciosas. A mancha carmesim de uma carruagem brilhou na esquina e então se desvaneceu. Uma mulher, usando um xale esgarçado, arrastava-se pela balaustrada, cambaleando enquanto andava. Ela parava de vez em quando e olhava para trás. Uma hora, ela começou a cantar com uma voz rouca. O policial se aproximou e disse algo para ela. Ela retomou o seu caminhar trôpego, rindo. Uma rajada de vento amarga varreu a praça. As luzes dos postes dançaram e se tornaram azuis, e as árvores nuas sacudiram seus galhos de aço negro como se estivessem doendo. Ele tremeu e voltou para dentro, fechando a janela.

Ele passou pela porta, virou a chave e a abriu. Ele nem mesmo olhava para o homem assassinado. Ele sentia que o segredo da coisa toda era não compreender a situação. O amigo que pintara o retrato fatal, o retrato ao qual toda a sua miséria se devia, saíra de sua vida. Isso bastava.

Então, ele se lembrou do lampião. Era um bem curioso, de artesanato mouro, feito de prata opaca marchetado com arabescos de aço polido. Talvez o criado sentisse falta dele, e fizesse perguntas. Ele se voltou e o pegou da mesa. Como o homem estava rígido! Como suas mãos enormes pareciam brancas! Ele era como uma terrível imagem de cera.

Ele trancou a porta e desceu calmamente pelas escadas. A madeira rangeu e parecia gritar de dor. Ele parou várias vezes e esperou. Não: tudo estava imóvel. Era apenas o som de suas passadas.

Ao chegar à biblioteca, ele viu a sacola e o casaco em um canto. Deveriam ser escondidos em algum lugar. Ele destrancou um armário secreto que estava entre os lambris e colocou as coisas dentro. Ele poderia queimá-los facilmente, depois. Em seguida, ele tomou o seu relógio. Faltavam vinte minutos para as duas.

Ele se sentou e começou a pensar. A cada ano – cada mês, talvez – homens eram enforcados na Inglaterra pelo o que ele acabara de ter feito. Havia a loucura de um assassinato pelo ar. Alguma estrela vermelha tinha chegado muito perto da terra.

Provas? Quais provas havia contra ele? Basil Hallward deixara a casa às onze horas. Ninguém o vira voltar. A maioria dos criados estava em Selby Royal. Seu pajem tinha ido dormir.

Paris! Sim. Era para Paris que Basil tinha ido, no trem da meia-noite, como planejara. Com seus curiosos hábitos reservados, levaria meses até que as suspeitas surgissem. Meses? Tudo poderia ser destruído antes disso.

Uma ideia repentina lhe ocorreu. Ele colocou seu casaco de peles e seu chapéu, saiu para o corredor. Lá ele parou, ouvindo o lento e pesado andar do policial do lado de fora, na rua e vendo o reflexo da luz da lanterna na janela. Ele esperou, segurando a respiração.

Depois de alguns momentos, ele abriu a porta e deslizou para fora, fechando-a bem levemente. Então, ele começou a tocar a sineta. Cerca de dez minutos depois, seu pajem apareceu, meio vestido e aparentando estar muito modorrento.

"Desculpe-me por ter de acordá-lo, Francis", ele disse, adiantando-se; "mas esqueci minhas chaves. Que horas são?"

"Duas e cinco, senhor", respondeu o homem, olhando para o relógio e bocejando.

"Duas e cinco? Como está terrivelmente tarde! Você deve me acordar às nove, amanhã. Tenho trabalho a fazer".

"Está bem senhor".

"Alguém veio me visitar nesta noite?"

"O senhor Hallward, meu senhor. Ele ficou aqui até às onze e então saiu para pegar seu trem".

"Oh! Lamento não tê-lo encontrado. Ele deixou alguma mensagem?"

"Não, senhor, exceto que ele lhe escreverá".

"Está bem, Francis. Não se esqueça de me acordar às nove, amanhã".

"Sim, senhor"

O homem bamboleou pela passagem em seus chinelos.

Dorian Gray jogou seu chapéu e seu casaco sobre a mesa de mármore amarela e passou para a biblioteca. Ele caminhou a esmo por quinze minutos, mordendo os lábios e pensando. Então, ele pegou o registro social das pessoas importantes de uma das estantes e começou a virar as folhas. "Alan Campbell, 152, Hertford Street, Mayfair". Sim; este era o homem que ele buscava.

CAPÍTULO 12

Às nove horas da manhã seguinte, seu criado veio com uma xícara de chocolate em uma bandeja e abriu as cortinas. Dorian dormia pacificamente, deitado ao lado direito, com uma mão debaixo de seu rosto. Ele parecia um garoto cansado de brincar ou de estudar.

O homem teve de tocá-lo duas vezes no ombro antes que ele acordasse, e enquanto abria os olhos, um débil sorriso passou pelos seus lábios, como se ele estivesse tendo algum sonho delicioso. Porém, ele não sonhara nada. Sua noite não fora incomodada por quaisquer imagens de prazer ou de dor. Mas o jovem sorria sem nenhuma razão. Era um dos seus principais encantos.

Ele se virou e, apoiando-se no cotovelo, começou a beber seu chocolate. O suave sol de novembro irradiava-se pelo quarto. O céu era de um azul brilhante e havia um calor ameno no ar. Parecia quase uma manhã de maio.

Aos poucos, os eventos da noite passada se erguiam em silenciosos pés manchados de sangue em seu cérebro e se reconstruíam lá com uma terrível clareza. Ele estremeceu com a memória de tudo o que tinha passado e, por um momento, o mesmo sentimento curioso de amaldiçoar Basil Hallward, que lhe fizera matá-lo enquanto estava sentado na cadeira, voltou a si e esfriou a sua paixão. O homem morto estava sentado lá, também com o sol da manhã sobre ele. Como era horrível aquilo! Coisas repugnantes como essas eram pertenciam à escuridão, não ao dia.

Ele sentiu que se pensasse sobre o que ele tinha passado, adoeceria ou enlouqueceria. Havia pecados cuja fascinação estava mais na memória do que em cometê-los, estranhos triunfos que satisfaziam o orgulho mais do que as paixões e davam ao intelecto um excitado sentimento de alegria, maior que a alegria proporcionada ou que poderiam ser proporcionadas por eles, aos sentidos. Mas aquele não era o caso. Era uma coisa a ser retirada da mente, a ser entorpecida com ópio, a ser estrangulada antes que ela mesma pudesse estrangular alguém.

Ele passou sua mão pela testa e então se levantou apressadamente e se vestiu com ainda mais atenção do que a habitual, se dedicando

bastante à seleção de sua gravata e ao alfinete de seu lenço, e trocando seus anéis mais de uma vez.

Ele ficou muito tempo no café da manhã, provando os vários pratos, conversando com seu pajem sobre novos uniformes que ele estava pensando em confeccionar para os criados em Selby e verificando sua correspondência. Ele sorriu com algumas de suas cartas. Três delas o entediaram. Uma ele releu várias vezes e então rasgou com um leve ar de irritação em seu rosto. "Que coisa horrível, a memória de uma mulher!", como dissera uma vez lorde Henry.

Quando terminou de beber seu café, ele sentou-se à mesa e escreveu duas cartas. Uma, ele colocou em seu bolso, a outra, entregou para seu pajem.

"Leve isto para o número 152 da Hertford Street, Francis, e se o senhor Campbell estiver fora da cidade, obtenha seu endereço".

Assim que ficou sozinho, ele acendeu um cigarro e começou a rabiscar em um pedaço de papel, desenhando flores, um pouco de arquitetura, primeiro, e depois rostos. Logo ele notou que cada rosto que desenhava parecia ter uma extraordinária semelhança com Basil Hallward. Ele fechou a cara e, se levantando, foi até a estante e retirou um volume qualquer. Ele se determinara a não pensar sobre o que acontecera, até que fosse absolutamente necessário fazê-lo.

Quando ele se esticou sobre o sofá, olhou para o título do livro. Era Emaux et Camées, de Gautier[1], em uma edição de papel-arroz da Carpentier, com o entalhe de Jacquemart. A encadernação era de couro verde-cidra, com um desenho de treliças douradas e romãs pontilhadas. Fora lhe dado por Adrian Singleton. Enquanto ele virava as páginas, seus olhos descobriram o poema sobre as mãos de Lacenaire, a mão amarela e fria du supplice encore mal lavée[2], com seus abundantes pêlos ruivos e seus "dedos de fauno[3]". Ele olhava para os seus próprios dedos finos e continuou, até chegar a estes vívidos versos sobre Veneza:

Sur une gamme chromatique,
Le sein de perles ruisselant,
La Vénus de l'Adriatique

Sort de l'eau son corps rose et blanc.
Les dômes, sur l'azur des ondes
Suivant la phrase au pur contour,
S'enflent comme des gorges rondes
Que soulève un soupir d'amour.
L'esquif aborde et me dépose,
Jetant son amarre au pilier,
Devant une façade rose,
Sur le marbre d'un escalier.[4]

Como eram sofisticados! Enquanto os lia, parecia que se flutuava sobre os caminhos de águas verdes da cidade rosa e perolada, deitado em uma gôndola negra com a proa de prata e um rastro de tela. As simples linhas lhe pareciam como aquelas linhas diretas de azul turquesa que seguem alguém enquanto se segue para o Lido[5]. Os clarões repentinos de cor o relembravam do brilho dos pássaros e garganta cor de opala e íris que voavam ao redor do alto Campanário em forma de colmeia ou revoavam altivamente, com tamanha graça majestosa, pelas obscuras arcadas. Recostando-se com os olhos semicerrados, ele ficou a repetir, inúmeras vezes, para si mesmo,

Devant une façade rose,
Sur le marbre d'un escalier.

Toda Veneza estava nesses dois versos. Ele se lembrou do outono que passara lá e de um amor maravilhoso que lhe excitara às mais prazerosas e fantásticas insensates. Havia romances por todos os lugares. Mas Veneza, como Oxford, mantinha o cenário para o romance e o cenário era tudo, ou quase tudo. Basil estivera com ele por metade do tempo e tinha enlouquecido com Tintoretto. Pobre Basil! Que modo horrível de um homem morrer!

Ele suspirou e tomou o livro novamente, e tentou se esquecer. Ele lia sobre as andorinhas que voavam para dentro e para fora do pequeno café

em Smyrna, onde os Hadjis sentam-se para contar as contas de âmbar, e os mercadores em turbantes fumam seus cachimbos de longas franjas, conversando gravemente entre si; do Obelisco na Place de la Concorde, que derruba lágrimas de granito em seu solitário exílio de sombras, e anseia ser devolvido ao quente Nilo, recoberto de lótus, onde estão as Esfinges e íbis avermelhadas abutres brancos com garras douradas, e crocodilos, com pequenos olhos de berilo que se arrastam sobre a lama verde e fumegante; e daquela curiosa estátua que Gautier compara a uma voz em contralto, o monstre charmant[6] que repousa na sala de alabastro do Louvre. Mas, depois de algum tempo, o livro caiu de sua mão. Ele ficou nervoso e um terrível acesso de horror se apoderou dele. E se Alan Campbell estivesse fora da Inglaterra? Dias se passariam antes que ele voltasse. Talvez ele se recusasse a vir. O que ele faria, então? Cada momento era de vital importância.

Eles foram grandes amigos uma vez, cinco anos antes – quase inseparáveis, de fato. Então, a intimidade repentinamente terminou. Quando se encontravam na sociedade, agora, era apenas Dorian Gray que sorria: Alan Campbell, nunca.

Ele era um jovem extremamente inteligente, embora não tivesse nenhum real apreço pelas artes visíveis e seu pequeno senso de beleza pela poesia que possuía, ganhara inteiramente de Dorian. Sua paixão intelectual dominante era pela ciência. Em Cambridge, ele passara muito tempo trabalhando no laboratório e tinha tirado boas notas nos exames preparatórios de Ciência Natural de seu ano. De fato, ele ainda se dedicava ao estudo de química e tinha seu próprio laboratório, no qual costumava se trancar por todo o dia, em muito para a irritação de sua mãe, que tinha grande expectativa de vê-lo adentrar ao Parlamento e tinha a vaga ideia que um químico era uma pessoa que dava prescrições. Ele, também, era um excelente músico, porém, e tocava tanto o violino quanto o piano melhor que muitos amadores. Na verdade, fora a música que primeiro unira-o a Dorian Gray – música e aquela indefinível atração que Dorian parecia ser capaz de exercer sempre quem ele quisesse e que de fato a exercia frequentemente, sem estar consciente disso. Encontraram-se na casa de lady Berkshire, na noite em que Rubinstein tocara lá e, depois disso, costumavam ser vistos sempre juntos na Ópera e sempre onde se tocava boa

música. A intimidade deles durou dezoito meses. Campbell estava sempre em Selby Royal ou em Grosvenor Square. Para ele, assim como para muitos outros, Dorian Gray era o exemplo de tudo que é maravilhoso e fascinante na vida. Se uma discussão entre os dois ocorreu ou não, ninguém sabia. Mas, de repente, as pessoas notaram que eles mal se falavam quando se encontravam e que Campbell parecia sempre sair mais cedo de qualquer festa na qual Dorian Gray estava presente. Ele mudara, também – ficava estranhamente melancólico, às vezes, parecia quase detestar ouvir música de algum caráter apaixonado e nunca tocava, dando como desculpa, quando era convidado, que estava tão absorto na ciência que não tinha tempo para praticar. E isso era certamente verdade. A cada dia, ele parecia se tornar mais interessado em biologia e seu nome aparecera uma ou duas vezes em algumas revistas científicas, vinculado a certas experiências curiosas.

Este era o homem que Dorian Gray esperava, andando a esmo pela sala, olhando a cada momento para o relógio e se tornando horrivelmente agitado enquanto os minutos se passavam. Por fim, a porta abriu e seu criado entrou.

"O senhor Alan Campbell, senhor".

Um suspiro de alívio irrompeu de seus lábios separados e a cor voltou ao seu rosto.

"Peça para que ele entre de uma vez, Francis".

O homem se inclinou e se retirou. Em poucos momentos, Alan Campbell surgiu, com um ar austero e bem pálido, sua brancura ficando intensificada pelo seu cabelo cor de carvão e suas sobrancelhas escuras.

"Alan! Muita bondade sua. Agradeço por ter vindo".

"Eu pretendia nunca mais entrar em sua casa, Gray. Mas você disse que era uma questão de vida e morte". Sua voz era dura e fria. Ele falava com lenta deliberação. Havia um ar de desprezo no olhar fixo e intrigante que ele deitava sobre Dorian. Ele mantinha suas mãos nos bolsos de seu casaco Astrakhan e não parecia ter notado o gesto com que fora cumprimentado.

"É uma questão de vida ou morte, Alan, e para mais de uma pessoa. Sente-se".

Campbell pegou uma cadeira junto da mesa e Dorian sentou-se ao lado oposto dele. Os olhos dos dois homens se encontraram. Nos de Dorian, havia uma infinita tristeza. Ele sabia que iria fazer algo terrível.

Depois de um tenso momento de silêncio, ele se inclinou e disse, muito tranquilo, mas observando o efeito de cada palavra sobre o rosto do homem que solicitara, "Alan, em uma sala trancada em cima desta casa, uma sala à qual ninguém tem acesso além de mim, um homem morto está sentado à mesa. Ele morreu há dez horas. Não se levante e não me olhe assim. Quem é o homem, porque ele morreu, como ele morreu, são questões que não lhe interessam. O que você tem de fazer é isso..."

"Pare, Gray. Não quero ouvir mais nada. Se o que você disse é verdadeiro ou não, isso não me interessa. Recuso-me inteiramente a ser envolvido em sua vida. Mantenha os seus segredos horríveis para si mesmo. Eles já não me interessam mais".

"Alan, eles têm de interessá-lo. Este terá de interessá-lo. Lamento muito por você, Alan. Mas não posso me conter. Você é o único homem capaz de me salvar. Sou forçado a metê-lo nisto. Não tenho opções. Alan, você é um cientista. Você conhece química e coisas deste tipo. Você fez experimentos. O que você tem de fazer é destruir aquela coisa lá em cima – destruir de forma que nenhum vestígio seja deixado. Ninguém viu esta pessoa entrar na casa. De fato, neste exato momento, espera-se que ele esteja em Paris. Ninguém sentirá a falta dele por meses. Quando a ausência for sentida, não deverá haver traço algum dele por aqui. Você, Alan... você deve transformá-lo e tudo o que pertence a ele, em um punhado de cinzas que eu possa espalhar pelo ar".

"Você está louco, Dorian".

"Ah! Eu esperava que me chamasse de Dorian".

"Você está louco, é o que lhe digo – louco ao imaginar que eu ergueria um dedo para ajudá-lo, louco ao fazer esta monstruosa confissão. Não terei nada a ver com este assunto, seja qual for. Você acha que arriscarei minha reputação por você? O que isto me importa, seja qual for o trabalho demoníaco a que você se prestou?"

"Foi um suicídio, Alan".

"Fico feliz por isso. Mas quem o conduziu a isso? Você, posso bem imaginar".

"Você ainda se recusa a fazer isso, por mim?"

"Claro que eu me recuso. Não terei absolutamente nada a ver com isto. Não me importo com o que possa lhe acontecer. Você merece tudo. Não me lamentarei ao vê-lo desgraçado, desgraçado em público. Como você ousa me pedir, dentre todos os homens do mundo, para me envolver neste horror? Eu pensei que você soubesse mais sobre o caráter das pessoas. Seu amigo, lorde Henry Wotton, não pôde lhe ensinar muito sobre psicologia, seja o que tenha sido o que ele lhe ensinou. Nada me levará a dar um passo para ajudá-lo. Você procurou o homem errado. Vá até algum de seus amigos. Não me procure".

"Alan, foi assassinato. Eu o matei. Você não sabe o que ele me fez sofrer. Seja o que a minha vida for, ele tinha mais a ver em fazê-la ou embotá-la, do que o pobre Harry teve. Ele pode não ter tido a intenção, mas o resultado foi o mesmo".

"Assassinato! Bom Deus, Dorian, você chegou a este ponto? Não irei denunciá-lo. Não é problema meu. Além disso, certamente você será preso, sem que eu me meta nisto. Ninguém nunca comete um assassinato sem fazer algo estúpido. Mas eu não terei nada a ver com isto".

"Tudo o que lhe peço é que realize um certo experimento científico. Você vai a hospitais e a necrotérios, e os horrores que faz lá não o afetam. Se em alguma repugnante sala de dissecação ou em um fétido laboratório, você encontrasse este homem deitado sobre uma mesa de chumbo, com canaletas vermelhas escavadas, você simplesmente olharia para ele como um admirável objeto. Você não levantaria um fio de cabelo. Você não acreditaria que estava fazendo algo errado. Ao contrário, você provavelmente se sentiria ajudando a raça humana, ou aumentando a soma de conhecimento no mundo, ou satisfazendo uma curiosidade intelectual, ou algo do tipo. O que eu quero que faça é simplesmente o que você já tem feito com frequência, antes. De fato, destruir um corpo deve ser menos horrível do que as coisas com que se acostumou a trabalhar. E, lembre-se, é apenas uma prova contra mim. Se for descoberta, estou perdido; e certamente será descoberta, a menos que me ajude".

"Não tenho desejo de ajudá-lo. Esqueça isto. Estou simplesmente indiferente à coisa toda. Isso não tem nada a ver comigo".

"Alan, eu lhe imploro. Pense na posição em que estou. Pouco antes de você chegar, quase desmaiei de terror. Não! Não pense nisto. Olhe para a questão apenas do ponto de vista científico. Você não pergunta de onde vieram as coisas mortas nas quais você faz os seus experimentos. Não pergunte agora. O que eu lhe disse já é o bastante. Mas eu lhe rogo que faça isto. Fomos amigos uma vez, Alan".

"Não fale destes dias, Dorian: eles estão mortos".

"Os mortos permanecem, às vezes. O homem lá em cima não irá embora. Ele está sentado à mesa com a cabeça inclinada e braços estendidos. Alan! Alan! Se você não me ajudar, estarei arruinado. Ora, eles irão me enforcar, Alan! Você não compreende? Eles irão me enforcar pelo o que eu fiz".

"Não há nenhum benefício em prolongar esta cena. Eu me recuso terminantemente a fazer qualquer coisa a respeito. É loucura sua me pedir isto".

"Você se recusa terminantemente?"

"Sim".

O mesmo ar de tristeza atingiu os olhos de Dorian, então ele esticou sua mão, pegou um pedaço de papel e escreveu algo nele. Ele o leu duas vezes, dobrou-o cuidadosamente e o empurrou pela mesa. Tendo feito isso, ele se levantou e foi até a janela.

Campbell olhou para ele com surpresa, então pegou o papel e o abriu. Enquanto o lia, seu rosto tornou-se de uma palidez espectral e ele se recostou na cadeira. Um terrível sentimento de enjoo se apoderou dele. Ele sentia como se seu coração se debatia até a morte em alguma cavidade vazia.

Depois de dois ou três minutos de terrível silêncio, Dorian voltou-se e caminhou até parar detrás dele, colocando a mão em seu ombro.

"Lamento, Alan", ele murmurou, "mas você não me deixou nenhuma alternativa. Já tenho uma carta escrita. Aqui está. Você vê o endereço. Se você não me ajudar, eu a enviarei. Você sabe o que acontecerá. Mas você irá me ajudar. É impossível para você recusar agora.

Tentei poupá-lo. Você me fará justiça ao admitir isso. Você foi rígido, severo, ofensivo. Você me tratou como nenhum homem nunca ousou me tratar – nenhum homem vivo, de qualquer forma. Suportei tudo isto. Agora, é a minha vez de determinar as condições".

Campbell enterrou seu rosto nas mãos e um tremor percorreu seu corpo.

"Sim, é a minha vez de determinar as condições, Alan. Você sabe quais são. A coisa é bem simples. Vamos, não se deixe abater. A coisa tem de ser feita. Encare isso e faça".

Um lamento irrompeu dos lábios de Campbell e ele se tremeu todo. O bater do relógio na cornija da lareira lhe parecia dividir o tempo em átomos de agonia, cada qual deveras terrível de se suportar. Ele se sentia como se uma argola de ferro fosse lentamente apertada ao redor de sua testa e como se a desgraça com que ele fora ameaçado já tivesse lhe abatido. A mão sobre seu ombro pesava como uma mão de chumbo. Era intolerável. Parecia esmagá-lo.

"Vamos, Alan, você tem de decidir de uma vez".

Ele hesitou por um momento. "Há uma lareira na sala lá em cima?"

"Sim, há uma lareira de combustível com amianto".

"Terei de ir para casa e pegar algumas coisas do laboratório".

"Não, Alan, você não precisa deixar a casa. Escreva em um pedaço de papel o que deseja, e meu criado pegará um táxi e trará as coisas para você".

Campbell escreveu algumas poucas linhas, rabiscou-as e endereçou um envelope ao seu assistente. Dorian pegou a nota e a leu cuidadosamente. Então, ele tocou a sineta e deu o bilhete para seu criado, com ordens de voltar o mais rápido possível e trazer as coisas com ele.

Quando a porta do corredor se fechou, Campbell se assustou e, tendo se levantado da cadeira, seguiu até a lareira. Ele tremia como se tomado por algum tipo de febre. Por quase vinte minutos, ninguém falou. Uma mosca voou com barulho pela sala e o tique-taque do relógio era igual ao bater de um martelo.

Quando o carrilhão bateu à uma, Campbell se voltou e, olhando para Dorian Gray, viu que os olhos dele estavam cheios de lágrimas. Havia

algo na pureza e no refinamento daquele rosto triste que parecia enfurecê-lo. "Você é infame, absolutamente infame!", ele murmurou.

"Quieto, Alan: você salvou minha vida", disse Dorian.

"Sua vida? Bons céus! Que vida é essa! Você foi de corrupção em corrupção, e agora culminou em um crime. Ao fazer o que estou preste a fazer, ao que você me força fazer, não é em sua vida que estou pensando".

"Ah, Alan", murmurou Dorian, com um suspiro, "queria que você tivesse por mim um milionésimo da misericórdia que tenho por você". Ele se afastou, enquanto falava e permaneceu olhando para o jardim. Campbell não respondeu.

Depois de uns dez minutos, bateram na porta e o criado entrou, carregando um cesto de mogno cheio de materiais químicos, com uma pequena bateria elétrica em cima de tudo. Ele o colocou sobre a mesa e saiu novamente, voltando com uma longa mola de aço e platina e duas braçadeiras de ferro, com um formato curioso.

"Devo deixar as coisas aqui, senhor?", ele perguntou a Campbell.

"Sim", disse Dorian. "E creio, Francis, que eu tenha outra incumbência para você. Qual é o nome do homem, em Richmond, que fornece orquídeas para Selby?"

"Harden, senhor".

"Sim... Harden. Você deve ir até Richmond de imediato, ver Harden pessoalmente e dizer-lhe que envie duas vezes mais orquídeas do que eu pedi, e inclua algumas brancas, se possível. Na verdade, não quero nenhuma branca. Está um dia encantador, Francis, e Richmond é um lugar bem bonito, caso contrário eu não lhe importunaria com isso".

"Sem problemas, senhor. A que horas devo voltar?"

Dorian olhou para Campbell. "Quanto tempo sua experiência vai levar, Alan?", ele disse com uma voz calma e indiferente. A presença de uma terceira pessoa na sala lhe dava uma coragem extraordinária.

Campbell franziu o rosto e mordeu o lábio. "Levará umas cinco horas", ele respondeu.

"Será o suficiente, então, se voltar às sete e meia, Francis. Ou fique: apenas arrume minhas coisas para vestir. Você pode tirar a noite para você. Não jantarei em casa, portanto, não precisarei de você".

"Obrigado, senhor", disse o homem, deixando a sala.

"Agora, Alan, não há um momento a perder. Como esta cesta está pesada! Eu a levarei para você. Leve o resto". Ele falava rapidamente, de modo autoritário. Campbell se sentia dominado por ele. Deixaram a sala juntos.

Ao chegarem ao final da escada, Dorian tirou a chave e a virou na fechadura. Então ele parou e um olhar perturbado apoderou-se de seus olhos. Ele tremeu. "Não acho que posso entrar, Alan", ele murmurou.

"Isto não me incomoda. Não preciso de você", disse Campbell, friamente.

Dorian entreabriu a porta. Enquanto o fazia, ele viu o rosto do retrato sorrindo maliciosamente à luz do sol. No chão, de frente ao retrato, jazia a coberta. Ele lembrou que, na noite anterior, pela primeira vez em sua vida, esquecera de cobrir o retrato, quando se esgueirou para fora do quarto.

Mas o que era aquela asquerosa umidade vermelha que brilhava, molhada e resplandecente, em uma das mãos, como se a tela estivesse sangrando? Como aquilo era horrível! – ainda mais terrível, parecia-lhe por um momento, que a coisa silenciosa que ele sabia estar esticada sobre a mesa, a coisa cuja sombra grotesca e deformada no carpete manchado não se levantara, mas que estava ainda ali como ele a deixara.

Ele abriu a porta um pouco mais, e entrou rapidamente, com os olhos semicerrados e a cabeça virada, determinado a nem mesmo olhar inclusive para o homem morto. Então, inclinando-se para baixo, e pegando a cobertura dourada e púrpura, jogou-a sobre a pintura.

Ele parou, com medo de se virar e seus olhos vidrados na complexidade do padrão diante dele. Ele ouviu Campbell carregar a pesada cesta, os ferros e as outras coisas que ele solicitara para seu terrível trabalho. Ele começou a se perguntar se ele e Basil Hallward já se conheciam e, caso sim, o que eles achavam um do outro.

"Vá embora, agora", disse Campbell.

Ele se virou e se apressou para fora, apenas ciente de que o homem morto fora jogado de volta à cadeira e estava sentado nela, com Campbell olhando para a reluzente face amarela. Enquanto descia as escadas, ouviu a chave virando na fechadura.

Foi bem depois das sete horas que Campbell reapareceu na biblioteca. Ele estava pálido, mas absolutamente calmo. “Terminei o que você me pediu para fazer”, ele grunhiu. “E agora, adeus. Que nunca mais nos encontremos novamente”.

“Você me salvou da ruína, Alan. Não me esquecerei disso”, disse Dorian, simplesmente.

Assim que Campbell se foi, ele subiu as escadas. Havia um terrível odor químico no quarto. Mas a coisa que estava sentada à mesa se fora.

[1] Livro que reúne 18 poemas, depois expandido para 37, de autoria de Pierre Jules Théophile Gautier (1811-1872), francês precursor do Parnasianismo. O livro foi escrito enquanto Gautier viajava pelo Oriente Médio e é considerado a sua obra-prima.

[2] “Ainda impura pelo tormento”.

[3] “Dedos de fauno”. Ambos os trechos são do poema “Études de Mains” (“Estudo sobre as mãos”).

[4] Sobre uma escala cromática / Seu peito gotejando pérolas / A Vênus do Adriático / Ergue seu corpo das águas rosa e branca. / Os domos, sobre o azul das águas / Seguem o puro contorno da frase, / Balançam como seios redondos, / Erguidos por um suspiro de amor. / O esquife aterra e eu desembarco, / Amarro sua corda ao pilar, / Defronte à uma fachada rosa, / No mármore de uma escada.

(Trecho do poema “Sur les lagunes”).

[5] Ilha próxima à Veneza, onde se localiza um balneário de verão, de grande reputação entre o século XIX e a primeira metade do século XX, frequentando principalmente pela elite europeia.

[6] “Monstro encantador”.

CAPÍTULO 13

"Não há nenhuma vantagem em me dizer que você será bom, Dorian", exclamou lorde Henry, mergulhando seus dedos brancos em um pote de cobre vermelho cheio de água rosada. "Você é bastante perfeito. Por favor, não mude".

Dorian balançou a cabeça. "Não, Harry, já fiz muitas coisas terríveis em minha vida. Não irei fazê-las mais. Comecei minhas boas ações ontem".

"Onde você estava ontem?"

"No campo, Harry. Fiquei sozinho em uma pequena estalagem".

"Meu caro rapaz", disse lorde Henry, sorrindo, "qualquer um pode ser bom no campo. Não há tentações lá. Esta é a razão pela qual as pessoas que não vivem na cidade são tão rústicas. Há apenas dois modos, você sabe, de se tornar civilizado. Um é obter cultura, o outro é se tornar corrupto. Os camponeses não têm a oportunidade de um nem de outro, portanto ficam estagnados".

"Cultura e corrupção", murmurou Dorian. "Conheço um pouco de ambas. Parece-me curioso agora que sejam encontradas juntas. Pois eu tenho um novo ideal, Harry. Mudarei. Acho que já mudei".

"Você ainda não me disse qual foi a sua boa ação. Ou você disse que foi mais de uma?"

"Posso lhe contar, Harry. Não é uma história que poderia dizer a mais ninguém. Poupei uma pessoa. Soa vão, mas você entende o que eu quero dizer. Ela era muito bonita e maravilhosa, tanto quanto Sybil Vane. Acho que isto foi o que me atraiu primeiro nela. Você se lembra de Sybil, não? Como parece que faz tempo! Bem, Hetty não era alguém da nossa própria classe, claro. Ela era simplesmente uma garota de um vilarejo. Mas eu realmente a amei. Estou bem certo de que a amei. Durante todo este maravilhoso maio que tivemos, eu costumava correr para vê-la duas ou três vezes por semana. Ontem, ela me encontrou em um pequeno pomar. Os botões de maçã caíam sobre seus cabelos e ela ria. Deveríamos ter fugido juntos no raiar desta manhã. De repente, decidi deixá-la tão igual a uma flor quando a conheci".

"Acho que a novidade da emoção deve ter lhe dado uma emoção do prazer verdadeiro, Dorian", interrompeu lorde Henry. "Mas posso concluir seu idílio por você. Você deu a ela um bom conselho e partiu o coração dela. Este foi o início de sua regeneração".

"Harry, você é horrível! Você não deve dizer estas coisas terríveis. O coração de Hetty não está partido. Claro que ela chorou e tudo o mais. Mas não houve desgraça sobre ela. Ela pode viver, como Perdita, em seu jardim".

"E chorar sobre um Florizel infiel[1]", disse lorde Henry, rindo. "Meu caro Dorian, você tem os mais curiosos humores adolescentes. Você acha que esta garota ficará realmente satisfeita com alguém de sua própria posição social? Suponho que ela se case, algum dia, com um rude carteiro ou um sorridente lavrador. Bem, tendo lhe conhecido e amado, isso a ensinará a desprezar o seu marido e ela ficará arruinada. De um ponto de vista moral, realmente não aprecio muito sua grande regeneração. Mesmo em seu início, é deficiente. Além do mais, como você sabe que Hetty não está flutuando em algum lago, com nenúfares ao seu lado, igual à Ofélia?"

"Não posso suportar isso, Harry! Você zomba de tudo e então sugere as mais sérias tragédias. Arrependo-me de ter lhe contado isso. Não me importo com o que me diz, sei que estava certo ao agir como agi. Pobre Hetty! Enquanto eu cavalgava da fazenda, nesta manhã, vi seu rosto branco à janela, como um vapor de jasmim. Não me deixe falar mais a respeito e não tente me convencer que minha primeira boa ação em anos, o primeiro bocado de autossacrifício que já vivi, é realmente um tipo de pecado. Quero ser melhor. Serei melhor. Diga-me algo sobre si mesmo. O que está acontecendo na cidade? Não tenho ido ao clube há dias".

"As pessoas ainda discutem o desaparecimento do pobre Basil".

"Eu pensava que já tinham se cansado disso", disse Dorian, servindo-se de um pouco de vinho e franzindo levemente a fronte.

"Meu caro rapaz, eles estão falando disso há apenas seis semanas e o público não é, de fato, igual ao esforço mental de se ter mais de um assunto a cada três meses. Ultimamente, porém, foram bem afortunados. Tiveram o meu próprio divórcio e o suicídio de Alan Campbell. Agora, têm a misteriosa desaparição de um artista. A Scotland Yard ainda sustenta que o homem em um sobretudo cinza que embarcou no trem da meia-noite em

Victoria, em 7 de novembro, era o pobre Basil e a polícia francesa declara que Basil nunca chegou a Paris. Suponho que, em quinze dias, saberemos que ele foi visto em São Francisco. É algo estranho, mas todos os que desaparecem são vistos em São Francisco. Deve ser uma cidade deliciosa e conta com todas as atrações do novo mundo".

"O que você acha que aconteceu a Basil?", indagou Dorian, segurando seu burgundy contra a luz e se perguntando como ele podia discutir o assunto tão calmamente.

"Não tenho a menor ideia. Se Basil escolheu esconder-se, não é problema meu. Se estiver morto, nem quero pensar nele. A morte é a única coisa que me assusta. Eu a odeio. Pode-se sobreviver a tudo hoje em dia, exceto a isto. A morte e a vulgaridade são os dois únicos fatos no século 19 que não podem dar satisfação. Vamos beber nosso café na sala de música, Dorian. Você deve tocar Chopin para mim. O homem com quem minha mulher fugiu tocava Chopin muito bem. Pobre Victoria! Eu gostava muito dela. A casa está bem vazia sem ela".

Dorian nada disse, mas ergueu-se da mesa e, passando para a próxima sala, sentou-se ao piano e deixou seus dedos deslizarem pelas teclas. Depois que o café foi servido, ele parou e, olhando para lorde Henry, disse, "Harry, já lhe ocorreu que Basil pode ter sido assassinado?"

Lorde Henry bocejou. "Basil não tinha inimigos e sempre usou um relógio Waterbury. Por que ele seria assassinado? Ele não era inteligente o suficiente para fazer inimigos. Claro que tinha um gênio maravilhoso para a pintura. Mas um homem pode pintar como Velásquez e, ainda, ser estúpido quanto possível. Basil era realmente estúpido. Ele apenas me interessou uma vez e foi quando ele me disse, anos atrás, que tinha uma louca adoração por você".

"Eu gostava muito de Basil", disse Dorian, com ar triste nos olhos. "Mas as pessoas não dizem que ele foi assassinado?"

"Oh, alguns dos jornais, sim. Não me parece provável. Sei que há lugares terríveis em Paris, mas Basil não era o tipo de homem que iria lá. Ele não era curioso. Era seu grande defeito. Toque um noturno para mim, Dorian e, enquanto toca, conte-me, em voz baixa, como você manteve sua juventude. Você deve ter algum segredo. Sou apenas dez anos mais velho que você e estou enrugado, calvo e amarelo. Você é realmente maravilhoso,

Dorian. Nunca aparentou estar mais encantador do que nesta noite. Você me lembra do dia em que o vi pela primeira vez. Você era bem insolente, muito tímido e absolutamente extraordinário. Você mudou, claro, mas não em aparência. Quero que me conte seu segredo. Para voltar à minha adolescência, eu daria tudo no mundo, menos me exercitar, acordar cedo ou ser respeitável. A juventude! Não há nada como ela. É absurdo falar da ignorância da juventude. As únicas pessoas cujas opiniões eu escuto, agora, com algum respeito, são as das pessoas bem mais jovens que eu. Elas parecem estar adiante de mim. A vida lhes revelou sua última maravilha. Quanto aos velhos, sempre os contradigo. Faço por princípio. Se você lhes perguntar sua opinião sobre algo que aconteceu ontem, eles solenemente darão as opiniões em voga em 1820, quando as pessoas usavam gravatas altas e não sabiam de coisa alguma. Como é encantador isso que você está tocando! Pergunto-me se Chopin escreveu isso em Maiorca, com o mar chorando perto da vila e o vapor salgado arremessando-se contra as janelas... É maravilhosamente romântico. É uma bênção que nos seja deixada uma arte que não seja imitativa! Não pare. Quero música nesta noite. Parece que você é o jovem Apolo e que eu sou Mársias ouvindo-o[2]. Tenho mágoas, Dorian, de mim mesmo, que nem você as conhece. A tragédia da velhice não é que alguém seja velho, mas que alguém seja jovem. Surpreendo-me, às vezes, com a minha própria sinceridade. Ah, Dorian, como você é feliz! Que vida deliciosa você leva! Você se embebeu profundamente de tudo. Você esmagou as uvas contra seu palato. Nada lhe foi escondido. Mas tudo foi para você não mais do que o som da música. Isso não lhe embotou. Você continua o mesmo".

"Pergunto-me como será o resto de sua vida. Não a estrague com renúncias. Neste momento, você é o tipo perfeito. Não se torne incompleto. Você é irretocável, agora. Não precisa balançar a cabeça: você sabe que é. Além disso, Dorian, não se engane. A vida não é governada pela vontade ou pela intenção. A vida é uma questão de nervos, fibras e células lentamente formadas nas quais se escondem o pensamento e a paixão tem seus sonhos. Você pode se imaginar a salvo e se considerar forte. Mas um tom de cor ocasional em um quarto ou no céu da manhã, um perfume particular que você amou uma vez e que carrega estranhas memórias consigo, um verso de um poema esquecido que se lhe ocorre outra vez, uma

cadência de uma peça musical que você já não toca mais – eu lhe direi, Dorian, são de coisas como estas que a nossa vida depende. Browning escreve sobre isso em algum lugar; mas os nossos próprios sentidos serão imaginados para nós. Há momentos em que o odor do heliotrópio passa repentinamente por mim e eu tenho de viver o ano mais estranho de minha vida outra vez".

"Gostaria de trocar de lugar com você, Dorian. O mundo nos execrou juntos, mas sempre o cultuou. Sempre o cultuará. Você é o tipo que a época procura e que teme ter encontrado. Estou tão feliz por você nunca ter feito nada, nunca esculpir uma estátua ou pintar um quadro, ou qualquer coisa além de si mesmo! A vida tem sido a sua arte. Você se afinou com a música. Seus dias têm sido seus sonetos."

Dorian ergueu-se do piano e passou a mão pelos cabelos.

"Sim, a vida tem sido prazerosa", ele murmurou, "mas não terei a mesma vida, Harry. E você não deve dizer estas coisas extravagantes para mim. Você não sabe tudo sobre mim. Acho que, se soubesse, você me abandonaria. Você ri? Não ria".

"Por que parou de tocar, Dorian? Volte e toque o noturno novamente. Olhe para a enorme lua cor de mel suspensa no ar obscuro. Ela o espera para que a encante e se você tocar, ela se aproximará da terra. Você não vai? Vamos ao clube, então. Está sendo uma noite encantadora, e devemos terminá-la igualmente. Há alguém lá que deseja conhecê-lo imensamente – o jovem lorde Poole, o primogênito de Bournmouth. Ele já copiou suas gravatas e me implorou para que eu o apresentasse a ele. Ele é bastante agradável e me lembra muito você".

"Espero que não", disse Dorian, com um toque de pathos em sua voz. "Mas estou cansado esta noite, Harry. Não irei ao clube. Já são quase onze e quero dormir cedo".

"Por favor, fique. Você nunca tocou tão bem quanto nesta noite. Havia algo em seu toque que era maravilhoso. Tinha mais expressão do que eu já ouvira dele antes".

"É porque estou virando uma boa pessoa", ele respondeu sorrindo. "Já estou um pouco mudado".

"Não mude, Dorian; de qualquer forma, não mude comigo. Sempre deveremos ser amigos".

"Porém, você me envenenou com um livro, uma vez. Não poderei perdoar isto. Harry, prometa que nunca emprestará aquele livro para mais ninguém. Aquele livro arruína".

"Meu caro rapaz, você está realmente começando a moralizar. Logo você estará avisando as pessoas contra todos os pecados dos quais já se cansou. Você é muito agradável para fazer isto. Além disso, é inútil. Você e eu somos o que somos, e seremos o que seremos. Venha amanhã. Irei cavalgar às onze e podemos ir juntos. O Parque está muito encantador ultimamente. Acho que não havia tantas lilases quanto no ano em que o conheci".

"Muito bem. Estarei aqui às onze", disse Dorian. "Boa noite, Harry". Quando chegou à porta, hesitou por um momento, como se tivesse algo mais a dizer. Então, suspirou e saiu.

Estava uma noite encantadora, tão quente que ele jogou seu casaco sobre o braço e nem mesmo colocou seu lenço de seda sobre o pescoço. Enquanto caminhava para casa, fumando um cigarro, dois jovens rapazes em roupas de gala passaram por ele. Ele ouviu um deles sussurrar para o outro, "Este é Dorian Gray". Ele se lembrou de que costumava ficar orgulhoso quando era apontado ou encarado, ou comentado. Agora, ele estava cansado de ouvir o seu nome. A metade do encanto da pequena vila onde ele estivera tão frequentemente nos últimos tempos era que ninguém sabia quem ele era. Ele dissera à garota que fizera amá-lo que era pobre e ela acreditara. Ele disse, uma vez, que era ruim e ela riu dele e lhe disse que as pessoas más eram sempre muito velhas e muito feias. Que risada ela tinha! – quase como um tordo cantando. E como ela era bonita em seus vestidos de algodão e chapéus grandes! Ela nada sabia, mas tinha tudo o que ele perdera.

Quando ele chegou em casa, encontrou seu criado esperando-o. Ele dispensou o criado e se jogou sobre o sofá na biblioteca, e começou a pensar sobre algumas coisas que lorde Henry lhe dissera.

Era realmente verdade que não se podia mudar? Ele sentia uma saudade louca pela imaculada pureza de sua adolescência – sua adolescência rosa e branca, como lorde Henry uma vez a chamara. Ele sabia

que tinha manchado a si mesmo, enchido sua mente de corrupção e dado horror à sua imaginação; que ele fora uma má influência para os outros e tinha provado uma alegria terrível, por assim ser; e que as vidas que cruzaram a dele própria foram as mais justas e cheias de promessas que ele envergonhara. Mas seria tudo irrecuperável? Não haveria esperança para ele?

Era melhor não pensar no passado. Nada poderia alterá-lo. Era sobre ele e no seu próprio futuro que ele teria de pensar. Alan Campbell se matara com um tiro em seu laboratório, uma noite, mas não havia revelado o segredo que fora forçado a saber. A excitação, assim como era, sobre o desaparecimento de Basil Hallward logo passaria. Já estava enfraquecendo. Ele estava perfeitamente a salvo disso. De fato, nem era a morte de Basil Hallward que mais lhe pesava a consciência. Era a morte viva de sua própria alma que o incomodava. Basil pintara o retrato que embotara a sua vida. Ele não podia perdoá-lo por isso. Foi o retrato que fez tudo aquilo. Basil lhe dissera coisas que eram insuportáveis e, ainda, ele suportara com paciência. O assassinato fora simplesmente a loucura do momento. Quanto a Alan Campbell, o suicídio fora seu próprio ato. Ele escolhera fazê-lo. Não era nada com ele.

Uma nova vida! Isso era o que ele queria. Isso era o que ele estava esperando. Certamente que já tinha começado. Ele poupara uma coisa inocente, de qualquer forma. Ele nunca mais tentaria a inocência. Ele seria bom.

Enquanto pensava em Hetty Merton, ele começou a se perguntar se o retrato na sala trancada se alterara. Certamente, não deveria estar tão horrível, ainda, quanto fora. Talvez, se a sua vida se tornasse pura, ele seria capaz de expelir cada pecado da má paixão daquele rosto. Talvez os sinais da maldade já tivessem se dissipado. Ele iria olhar.

Pegou o lamparina da mesa e subiu as escadas. Enquanto destrancava a porta, um sorriso de alegria adejou por um momento em seus lábios. Sim, ele seria bom e a coisa repugnante que ele escondera não mais lhe seria um terror. Ele sentia como se a carga já lhe tivesse sido retirada.

Ele entrou calmamente, trancando a porta por detrás de si, como era seu costume e arrastou a cobertura púrpura do retrato. Um grito de dor e de indignação irrompeu dele. Ele não podia ver alterações, a menos nos

olhos, onde havia um olhar manhoso e na boca a ruga encurvada do hipócrita. A coisa ainda era asquerosa – mais asquerosa, se possível, do que antes – e a umidade escarlate que manchava a mão parecia mais brilhante, mais ainda com sangue recém-derramado.

Teria sido apenas a vaidade que o levara a fazer esta boa ação? Ou o desejo de uma nova sensação, como lorde Henry sugerira, com sua risada zombeteira? Ou aquela paixão em interpretar um papel que às vezes nos leva a fazer as coisas melhor do que somos? Ou, talvez, tudo isso?

Por que a mancha vermelha estava maior do que tinha sido? Parecia ter se espalhado como uma terrível doença sobre os dedos enrugados. Havia sangue nos pés pintados, como se a coisa tivesse escorrido – sangue até mesmo na mão que não segurara a faca.

Confessar? Aquilo significava que ele tinha de confessar? Render-se e ser condenado à morte? Ele riu. Sentia que a ideia era monstruosa. Além disso, quem acreditaria nele, mesmo se confessasse? Não havia traços do homem assassinado em lugar algum. Tudo o que pertencia a ele fora destruído. Ele mesmo queimara o que estivera lá embaixo. O mundo simplesmente diria que ele estava louco. Eles o prenderiam se continuasse com a história.

Ainda, era seu dever confessar, sofrer condenação pública e fazer a reconciliação pública. Havia um Deus que convocava os homens a contar seus pecados à terra assim como ao céu. Nada que ele pudesse fazer o limparia até que contasse seu próprio pecado. Seu pecado? Ele deu de ombros. A morte de Basil Hallward lhe parecia muito pequena. Ele estava pensando em Hetty Merton.

Era um espelho injusto, este espelho de sua alma para qual estava olhando. Vaidade? Curiosidade? Hipocrisia? Não havia nada mais em sua renúncia do que isso? Houvera algo mais. Pelo menos, era o que ele achava. Mas quem podia dizer?

E este assassinato – iria persegui-lo por toda a sua vida? Nunca ele estaria livre do passado? Deveria realmente confessar? Não. Havia apenas uma única prova deixada contra ele. O próprio retrato – era aquela prova.

Ele o destruiria. Por que o mantivera por tanto tempo? Isso lhe dera prazer uma vez, ao vê-lo mudar e envelhecer. Nos últimos tempos, ele

não sentia tal prazer. Isso o mantinha acordado de noite. Quando viajava, era tomado de terror com o receio que outros olhos caíssem sobre ele. O retrato lançara a melancolia sobre as suas paixões. Sua simples lembrança embotara muitos momentos de alegria. Fora como a consciência, para ele. Sim, era a consciência. Ele o destruiria.

Ele olhou ao redor e viu a faca que havia golpeado Basil Hallward. Ele a limpara muitas vezes, até que não tivesse mancha alguma deixada sobre ela. Estava brilhante e reluzente. Como tinha assassinado o pintor, a faca mataria o trabalho do pintor e tudo o que ele significava. Mataria o passado e quando o passado estivesse morto, ele estaria livre. Ele a agarrou e esfaqueou a tela com ela, rasgando a coisa de cima a baixo.

Ouviu-se um grito e um estrondo. O grito foi tão horrível em sua agonia, que os criados assustados despertaram e saíram de seus quartos. Dois cavalheiros que passavam pela praça embaixo pararam e olharam para a grande casa. Caminharam até encontrar um policial, que os seguiu de volta até lá. O homem tocou a sineta várias vezes, mas não houve resposta. A casa estava toda escura, exceto por uma luz em uma das janelas superiores. Depois de um tempo, ele foi embora, ficou no pórtico da casa ao lado e aguardou.

"De quem é aquela casa, guarda?", perguntou o mais velho dos dois cavalheiros.

"De Dorian Gray, senhor", respondeu o policial.

Eles se entreolharam, enquanto caminhavam, com um olhar de sarcasmo. Um deles era o tio de sir Henry Ashton.

Lá dentro, na ala dos empregados, os criados semivestidos falavam entre si em sussurros quase inaudíveis. A velha senhora Leaf estava chorando e torcendo as mãos. Francis estava pálido como a morte.

Depois de uns quinze minutos, ele juntou-se ao cocheiro e um dos lacaios e subiram as escadas. Bateram à porta, mas não houve resposta. Chamaram. Tudo estava em silêncio. Finalmente, depois de tentar arrombar a porta em vão, subiram ao telhado e pularam para a varanda. As janelas cederam facilmente: os parafusos estavam velhos.

Quando entraram, encontraram suspenso à parede um esplêndido retrato de seu patrão, como o tinham visto pela última vez, em todo o seu

esplendor de uma delicada juventude e beleza. Deitado no chão havia um homem morto, em roupa de gala, com uma faca em seu coração. Ele estava murcho, enrugado e seu semblante era repugnante. Apenas quando examinaram os anéis reconheceram quem era.

FIM

[1] Perdita e Florizel são namorados na peça "Contos de Inverno", de William Shakespeare.

[2] Apolo e Mársias eram excelentes músicos que estabeleceram, de acordo com a mitologia grega, um desafio onde o vencedor poderia punir quem perdesse. Apolo venceu e escalpelou Mársias.

THE PICTURE OF DORIAN GRAY

PREFACE

The artist is the creator of beautiful things. To reveal art and conceal the artist is art's aim. The critic is he who can translate into another manner or a new material his impression of beautiful things.

The highest as the lowest form of criticism is a mode of autobiography. Those who find ugly meanings in beautiful things are corrupt without being charming. This is a fault.

Those who find beautiful meanings in beautiful things are the cultivated. For these there is hope. They are the elect to whom beautiful things mean only beauty.

There is no such thing as a moral or an immoral book. Books are well written, or badly written. That is all.

The nineteenth century dislike of realism is the rage of Caliban seeing his own face in a glass.

The nineteenth century dislike of romanticism is the rage of Caliban not seeing his own face in a glass. The moral life of man forms part of the subject-matter of the artist, but the morality of art consists in the perfect use of an imperfect medium. No artist desires to prove anything. Even things that are true can be proved. No artist has ethical sympathies. An ethical sympathy in an artist is an unpardonable mannerism of style. No artist is ever morbid. The artist can express everything. Thought and language are to the artist instruments of an art. Vice and virtue are to the artist materials for an art. From the point of view of form, the type of all the arts is the art of the musician. From the point of view of feeling, the actor's craft is the type. All art is at once surface and symbol. Those who go beneath the surface do so at their peril. Those who read the symbol do so at their peril. It is the spectator, and not life, that art really mirrors. Diversity of opinion about a work of art shows that the work is new, complex, and vital. When critics disagree, the artist is in accord with himself. We can forgive a man for making a useful thing as long as he does not admire it. The only excuse for making a useless thing is that one admires it intensely.

ALL ART IS QUITE USELESS.

OSCAR WILDE

CHAPTER 1

The studio was filled with the rich odor of roses, and when the light summer wind stirred amidst the trees of the garden there came through the open door the heavy scent of the lilac, or the more delicate perfume of the pink-flowering thorn.

From the corner of the divan of Persian saddle-bags on which he was lying, smoking, as usual, innumerable cigarettes, lord Henry Wotton could just catch the gleam of the honey-sweet and honey-colored blossoms of the laburnum, whose tremulous branches seemed hardly able to bear the burden of a beauty so flame-like as theirs; and now and then the fantastic shadows of birds in flight flitted across the long tussore-silk curtains that were stretched in front of the huge window, producing a kind of momentary Japanese effect, and making him think of those pallid jade-faced painters who, in an art that is necessarily immobile, seek to convey the sense of swiftness and motion. The sullen murmur of the bees shouldering their way through the long unmown grass, or circling with monotonous insistence round the black-crocketed spires of the early June hollyhocks, seemed to make the stillness more oppressive, and the dim roar of London was like the bourdon note of a distant organ.

In the centre of the room, clamped to an upright easel, stood the full-length portrait of a young man of extraordinary personal beauty, and in front of it, some little distance away, was sitting the artist himself, Basil Hallward, whose sudden disappearance some years ago caused, at the time, such public excitement, and gave rise to so many strange conjectures.

As he looked at the gracious and comely form he had so skilfully mirrored in his art, a smile of pleasure passed across his face, and seemed about to linger there. But he suddenly started up, and, closing his eyes, placed his fingers upon the lids, as though he sought to imprison within his brain some curious dream from which he feared he might awake.

"It is your best work, Basil, the best thing you have ever done", said Lord Henry, languidly. "You must certainly send it next year to the Grosvenor. The Academy is too large and too vulgar. The Grosvenor is the only place".

"I don't think I will send it anywhere", he answered, tossing his head back in that odd way that used to make his friends laugh at him at Oxford. "No: I won't send it anywhere".

Lord Henry elevated his eyebrows, and looked at him in amazement through the thin blue wreaths of smoke that curled up in such fanciful whorls from his heavy opium-tainted cigarette. "Not send it anywhere? My dear fellow, why? Have you any reason? What odd chaps you painters are! You do anything in the world to gain a reputation. As soon as you have one, you seem to want to throw it away. It is silly of you, for there is only one thing in the world worse than being talked about, and that is not being talked about. A portrait like this would set you far above all the young men in England, and make the old men quite jealous, if old men are ever capable of any emotion".

"I know you will laugh at me", he replied, "but I really can't exhibit it. I have put too much of myself into it".

Lord Henry stretched his long legs out on the divan and shook with laughter.

"Yes, I knew you would laugh; but it is quite true, all the same".

"Too much of yourself in it! Upon my word, Basil, I didn't know you were so vain; and I really can't see any resemblance between you, with your rugged strong face and your coal-black hair, and this young Adonis, who looks as if he was made of ivory and rose-leaves. Why, my dear Basil, he is a Narcissus, and you… well, of course you have an intellectual expression, and all that. But beauty, real beauty, ends where an intellectual expression begins. Intellect is in itself an exaggeration, and destroys the harmony of any face. The moment one sits down to think, one becomes all nose, or all forehead, or something horrid. Look at the successful men in any of the learned professions. How perfectly hideous they are! Except, of course, in the Church. But then in the Church they don't think. A bishop keeps on saying at the age of eighty what he was told to say when he was a boy of eighteen, and consequently he always looks absolutely delightful. Your mysterious young friend, whose name you have never told me, but whose picture really fascinates me, never thinks. I feel quite sure of that. He is a brainless, beautiful thing, who should be always here in winter when we have no flowers to look at, and always here in summer when we want

something to chill our intelligence. Don't flatter yourself, Basil: you are not in the least like him".

"You don't understand me, Harry. Of course I am not like him. I know that perfectly well. Indeed, I should be sorry to look like him. You shrug your shoulders? I am telling you the truth. There is a fatality about all physical and intellectual distinction, the sort of fatality that seems to dog through history the faltering steps of kings. It is better not to be different from one's fellows. The ugly and the stupid have the best of it in this world. They can sit quietly and gape at the play. If they know nothing of victory, they are at least spared the knowledge of defeat. They live as we all should live, undisturbed, indifferent, and without disquiet. They neither bring ruin upon others nor ever receive it from alien hands. Your rank and wealth, Harry; my brains, such as they are – my fame, whatever it may be worth; Dorian Gray's good looks – we will all suffer for what the gods have given us, suffer terribly".

"Dorian Gray? is that his name?" said Lord Henry, walking across the studio towards Basil Hallward.

"Yes; that is his name. I didn't intend to tell it to you".

"But why not?"

"Oh, I can't explain. When I like people immensely I never tell their names to any one. It seems like surrendering a part of them. You know how I love secrecy. It is the only thing that can make modern life wonderful or mysterious to us. The commonest thing is delightful if one only hides it. When I leave town I never tell my people where I am going. If I did, I would lose all my pleasure. It is a silly habit, I dare say, but somehow it seems to bring a great deal of romance into one's life. I suppose you think me awfully foolish about it?"

"Not at all", answered Lord Henry, laying his hand upon his shoulder; "not at all, my dear Basil. You seem to forget that I am married, and the one charm of marriage is that it makes a life of deception necessary for both parties. I never know where my wife is, and my wife never knows what I am doing. When we meet – we do meet occasionally, when we dine out together, or go down to the duke's – we tell each other the most absurd stories with the most serious faces. My wife is very good at it – much better, in fact, than I am. She never gets confused over her dates, and I

always do. But when she does find me out, she makes no row at all. I sometimes wish she would; but she merely laughs at me".

"I hate the way you talk about your married life, Harry", said Basil Hallward, shaking his hand off, and strolling towards the door that led into the garden. "I believe that you are really a very good husband, but that you are thoroughly ashamed of your own virtues. You are an extraordinary fellow. You never say a moral thing, and you never do a wrong thing. Your cynicism is simply a pose".

"Being natural is simply a pose, and the most irritating pose I know", cried Lord Henry, laughing; and the two young men went out into the garden together, and for a time they did not speak.

After a long pause Lord Henry pulled out his watch. "I am afraid I must be going, Basil", he murmured, "and before I go I insist on your answering a question I put to you some time ago".

"What is that?" asked Basil Hallward, keeping his eyes fixed on the ground.

"You know quite well".

"I do not, Harry".

"Well, I will tell you what it is".

"Please don't".

"I must. I want you to explain to me why you won't exhibit Dorian Gray's picture. I want the real reason".

"I told you the real reason".

"No, you did not. You said it was because there was too much of yourself in it. Now, that is childish".

"Harry", said Basil Hallward, looking him straight in the face, "every portrait that is painted with feeling is a portrait of the artist, not of the sitter. The sitter is merely the accident, the occasion. It is not he who is revealed by the painter; it is rather the painter who, on the colored canvas, reveals himself. The reason I will not exhibit this picture is that I am afraid that I have shown with it the secret of my own soul".

Lord Harry laughed. "And what is that?" he asked.

"I will tell you", said Hallward; and an expression of perplexity came over his face.

"I am all expectation, Basil", murmured his companion, looking at him.

"Oh, there is really very little to tell, Harry", answered the young painter; "and I am afraid you will hardly understand it. Perhaps you will hardly believe it".

Lord Henry smiled, and, leaning down, plucked a pink-petalled daisy from the grass, and examined it. "I am quite sure I shall understand it", he replied, gazing intently at the little golden white-feathered disk, "and I can believe anything, provided that it is incredible".

The wind shook some blossoms from the trees, and the heavy lilac blooms, with their clustering stars, moved to and fro in the languid air. A grasshopper began to chirrup in the grass, and a long thin dragon-fly floated by on its brown gauze wings. Lord Henry felt as if he could hear Basil Hallward's heart beating, and he wondered what was coming.

"Well, this is incredible", repeated Hallward, rather bitterly – "incredible to me at times. I don't know what it means. The story is simply this. Two months ago I went to a crush at Lady Brandon's. You know we poor painters have to show ourselves in society from time to time, just to remind the public that we are not savages. With an evening coat and a white tie, as you told me once, anybody, even a stock-broker, can gain a reputation for being civilized. Well, after I had been in the room about ten minutes, talking to huge overdressed dowagers and tedious Academicians, I suddenly became conscious that some one was looking at me. I turned half-way round, and saw Dorian Gray for the first time. When our eyes met, I felt that I was growing pale. A curious instinct of terror came over me. I knew that I had come face to face with some one whose mere personality was so fascinating that, if I allowed it to do so, it would absorb my whole nature, my whole soul, my very art itself. I did not want any external influence in my life. You know yourself, Harry, how independent I am by nature. My father destined me for the army. I insisted on going to Oxford. Then he made me enter my name at the Middle Temple. Before I had eaten half a dozen dinners I gave up the Bar, and announced my intention of becoming a painter. I have always been my own master; had at least always

been so, till I met Dorian Gray. Then – But I don't know how to explain it to you. Something seemed to tell me that I was on the verge of a terrible crisis in my life. I had a strange feeling that Fate had in store for me exquisite joys and exquisite sorrows. I knew that if I spoke to Dorian I would become absolutely devoted to him, and that I ought not to speak to him. I grew afraid, and turned to quit the room. It was not conscience that made me do so: it was cowardice. I take no credit to myself for trying to escape".

"Conscience and cowardice are really the same things, Basil. Conscience is the trade-name of the firm. That is all".

"I don't believe that, Harry. However, whatever was my motive – and it may have been pride, for I used to be very proud – I certainly struggled to the door. There, of course, I stumbled against Lady Brandon. 'You are not going to run away so soon, Mr. Hallward?' she screamed out. You know her shrill horrid voice?"

"Yes; she is a peacock in everything but beauty", said Lord Henry, pulling the daisy to bits with his long, nervous fingers.

"I could not get rid of her. She brought me up to Royalties, and people with Stars and Garters, and elderly ladies with gigantic tiaras and hooked noses. She spoke of me as her dearest friend. I had only met her once before, but she took it into her head to lionize me. I believe some picture of mine had made a great success at the time, at least had been chattered about in the penny newspapers, which is the nineteenth-century standard of immortality. Suddenly I found myself face to face with the young man whose personality had so strangely stirred me. We were quite close, almost touching. Our eyes met again. It was mad of me, but I asked Lady Brandon to introduce me to him. Perhaps it was not so mad, after all. It was simply inevitable. We would have spoken to each other without any introduction. I am sure of that. Dorian told me so afterwards. He, too, felt that we were destined to know each other".

"And how did Lady Brandon describe this wonderful young man? I know she goes in for giving a rapid précis of all her guests. I remember her bringing me up to a most truculent and red-faced old gentleman covered all over with orders and ribbons, and hissing into my ear, in a tragic whisper which must have been perfectly audible to everybody in the room,

something like 'Sir Humpty Dumpty – you know -- Afghan frontier – Russian intrigues: very successful man – wife killed by an elephant – quite inconsolable – wants to marry a beautiful American widow – everybody does nowadays – hates Mr. Gladstone – but very much interested in beetles: ask him what he thinks of Schouvaloff. 'I simply fled. I like to find out people for myself. But poor Lady Brandon treats her guests exactly as an auctioneer treats his goods. She either explains them entirely away, or tells one everything about them except what one wants to know. But what did she say about Mr. Dorian Gray?"

"Oh, she murmured, 'Charming boy – poor dear mother and I quite inseparable – engaged to be married to the same man – I mean married on the same day – how very silly of me! Quite forget what he does – afraid he – doesn't do anything – oh, yes, plays the piano – or is it the violin, dear Mr. Gray?' We could neither of us help laughing, and we became friends at once".

"Laughter is not a bad beginning for a friendship, and it is the best ending for one", said Lord Henry, plucking another daisy.

Hallward buried his face in his hands. "You don't understand what friendship is, Harry", he murmured – "or what enmity is, for that matter. You like every one; that is to say, you are indifferent to every one".

"How horribly unjust of you!" cried Lord Henry, tilting his hat back, and looking up at the little clouds that were drifting across the hollowed turquoise of the summer sky, like ravelled skeins of glossy white silk". Yes; horribly unjust of you. I make a great difference between people. I choose my friends for their good looks, my acquaintances for their characters, and my enemies for their brains. A man can't be too careful in the choice of his enemies. I have not got one who is a fool. They are all men of some intellectual power, and consequently they all appreciate me. Is that very vain of me? I think it is rather vain".

"I should think it was, Harry. But according to your category I must be merely an acquaintance".

"My dear old Basil, you are much more than an acquaintance".

"And much less than a friend. A sort of brother, I suppose?"

"Oh, brothers! I don't care for brothers. My elder brother won't die, and my younger brothers seem never to do anything else".

"Harry!"

"My dear fellow, I am not quite serious. But I can't help detesting my relations. I suppose it comes from the fact that we can't stand other people having the same faults as ourselves. I quite sympathize with the rage of the English democracy against what they call the vices of the upper classes. They feel that drunkenness, stupidity, and immorality should be their own special property, and that if any one of us makes an ass of himself he is poaching on their preserves. When poor Southwark got into the Divorce Court, their indignation was quite magnificent. And yet I don't suppose that ten per cent of the lower orders live correctly".

"I don't agree with a single word that you have said, and, what is more, Harry, I don't believe you do either".

Lord Henry stroked his pointed brown beard, and tapped the toe of his patent-leather boot with a tasselled malacca cane. "How English you are, Basil! If one puts forward an idea to a real Englishman – always a rash thing to do – he never dreams of considering whether the idea is right or wrong. The only thing he considers of any importance is whether one believes it one's self. Now, the value of an idea has nothing whatsoever to do with the sincerity of the man who expresses it. Indeed, the probabilities are that the more insincere the man is, the more purely intellectual will the idea be, as in that case it will not be colored by either his wants, his desires, or his prejudices. However, I don't propose to discuss politics, sociology, or metaphysics with you. I like persons better than principles. Tell me more about Dorian Gray. How often do you see him?"

"Every day. I couldn't be happy if I didn't see him every day. Of course sometimes it is only for a few minutes. But a few minutes with somebody one worships mean a great deal".

"But you don't really worship him?"

"I do".

"How extraordinary! I thought you would never care for anything but your painting, – your art, I should say. Art sounds better, doesn't it?"

"He is all my art to me now. I sometimes think, Harry, that there are only two eras of any importance in the history of the world. The first is the appearance of a new medium for art, and the second is the appearance of a new personality for art also. What the invention of oil-painting was to the Venetians, the face of Antinoüs was to late Greek sculpture, and the face of Dorian Gray will some day be to me. It is not merely that I paint from him, draw from him, model from him. Of course I have done all that. He has stood as Paris in dainty armor, and as Adonis with huntsman's cloak and polished boar-spear. Crowned with heavy lotus-blossoms, he has sat on the prow of Adrian's barge, looking into the green, turbid Nile. He has leaned over the still pool of some Greek woodland, and seen in the water's silent silver the wonder of his own beauty. But he is much more to me than that. I won't tell you that I am dissatisfied with what I have done of him, or that his beauty is such that art cannot express it. There is nothing that art cannot express, and I know that the work I have done since I met Dorian Gray is good work, is the best work of my life. But in some curious way – I wonder will you understand me? – his personality has suggested to me an entirely new manner in art, an entirely new mode of style. I see things differently, I think of them differently. I can now re-create life in a way that was hidden from me before. 'A dream of form in days of thought' – who is it who says that? I forget; but it is what Dorian Gray has been to me. The merely visible presence of this lad – for he seems to me little more than a lad, though he is really over twenty – his merely visible presence – ah! I wonder can you realize all that that means? Unconsciously he defines for me the lines of a fresh school, a school that is to have in itself all the passion of the romantic spirit, all the perfection of the spirit that is Greek. The harmony of soul and body, – how much that is! We in our madness have separated the two, and have invented a realism that is bestial, an ideality that is void. Harry! Harry! if you only knew what Dorian Gray is to me! You remember that landscape of mine, for which Agnew offered me such a huge price, but which I would not part with? It is one of the best things I have ever done. And why is it so? Because, while I was painting it, Dorian Gray sat beside me".

"Basil, this is quite wonderful! I must see Dorian Gray".

Hallward got up from the seat, and walked up and down the garden. After some time he came back. "You don't understand, Harry", he said". Dorian Gray is merely to me a motive in art. He is never more present in my work than when no image of him is there. He is simply a suggestion, as I have said, of a new manner. I see him in the curves of certain lines, in the loveliness and the subtleties of certain colors. That is all".

"Then why won't you exhibit his portrait?"

"Because I have put into it all the extraordinary romance of which, of course, I have never dared to speak to him. He knows nothing about it. He will never know anything about it. But the world might guess it; and I will not bare my soul to their shallow, prying eyes. My heart shall never be put under their microscope. There is too much of myself in the thing, Harry – too much of myself!"

"Poets are not so scrupulous as you are. They know how useful passion is for publication. Nowadays a broken heart will run to many editions".

"I hate them for it. An artist should create beautiful things, but should put nothing of his own life into them. We live in an age when men treat art as if it were meant to be a form of autobiography. We have lost the abstract sense of beauty. If I live, I will show the world what it is; and for that reason the world shall never see my portrait of Dorian Gray".

"I think you are wrong, Basil, but I won't argue with you. It is only the intellectually lost who ever argue. Tell me, is Dorian Gray very fond of you?"

Hallward considered for a few moments. "He likes me", he answered, after a pause; "I know he likes me. Of course I flatter him dreadfully. I find a strange pleasure in saying things to him that I know I shall be sorry for having said. I give myself away. As a rule, he is charming to me, and we walk home together from the club arm in arm, or sit in the studio and talk of a thousand things. Now and then, however, he is horribly thoughtless, and seems to take a real delight in giving me pain. Then I feel, Harry, that I have given away my whole soul to some one who treats it as if it were a flower to put in his coat, a bit of decoration to charm his vanity, an ornament for a summer's day".

"Days in summer, Basil, are apt to linger. Perhaps you will tire sooner than he will. It is a sad thing to think of, but there is no doubt that Genius lasts longer than Beauty. That accounts for the fact that we all take such pains to over-educate ourselves. In the wild struggle for existence, we want to have something that endures, and so we fill our minds with rubbish and facts, in the silly hope of keeping our place. The thoroughly well informed man – that is the modern ideal. And the mind of the thoroughly well informed man is a dreadful thing. It is like a bric-à-brac shop, all monsters and dust, and everything priced above its proper value. I think you will tire first, all the same. Some day you will look at Gray, and he will seem to you to be a little out of drawing, or you won't like his tone of color, or something. You will bitterly reproach him in your own heart, and seriously think that he has behaved very badly to you. The next time he calls, you will be perfectly cold and indifferent. It will be a great pity, for it will alter you. The worst of having a romance is that it leaves one so unromantic".

"Harry, don't talk like that. As long as I live, the personality of Dorian Gray will dominate me. You can't feel what I feel. You change too often".

"Ah, my dear Basil, that is exactly why I can feel it. Those who are faithful know only the pleasures of love: it is the faithless who know love's tragedies". And Lord Henry struck a light on a dainty silver case, and began to smoke a cigarette with a self-conscious and self-satisfied air, as if he had summed up life in a phrase. There was a rustle of chirruping sparrows in the ivy, and the blue cloud-shadows chased themselves across the grass like swallows. How leasant it was in the garden! And how delightful other people's emotions were! – much more delightful than their ideas, it seemed to him. One's own soul, and the passions of one's friends – those were the fascinating things in life. He thought with pleasure of the tedious luncheon that he had missed by staying so long with Basil Hallward. Had he gone to his aunt's, he would have been sure to meet Lord Goodbody there, and the whole conversation would have been about the housing of the poor, and the necessity for model lodging-houses. It was charming to have escaped all that! As he thought of his aunt, an idea seemed to strike him. He turned to Hallward, and said, "My dear fellow, I have just remembered".

"Remembered what, Harry?"

"Where I heard the name of Dorian Gray".

"Where was it?" asked Hallward, with a slight frown.

"Don't look so angry, Basil. It was at my aunt's, Lady Agatha's. She told me she had discovered a wonderful young man, who was going to help her in the East End, and that his name was Dorian Gray. I am bound to state that she never told me he was good-looking. Women have no appreciation of good looks. At least, good women have not. She said that he was very earnest, and had a beautiful nature. I at once pictured to myself a creature with spectacles and lank hair, horridly freckled, and tramping about on huge feet. I wish I had known it was your friend".

"I am very glad you didn't, Harry".

"Why?"

"I don't want you to meet him".

"Mr. Dorian Gray is in the studio, sir", said the butler, coming into the garden.

"You must introduce me now", cried Lord Henry, laughing.

Basil Hallward turned to the servant, who stood blinking in the sunlight. "Ask Mr. Gray to wait, Parker: I will be in in a few moments". The man bowed, and went up the walk.

Then he looked at Lord Henry. "Dorian Gray is my dearest friend", he said. "He has a simple and a beautiful nature. Your aunt was quite right in what she said of him. Don't spoil him for me. Don't try to influence him. Your influence would be bad. The world is wide, and has many marvellous people in it. Don't take away from me the one person that makes life absolutely lovely to me, and that gives to my art whatever wonder or charm it possesses. Mind, Harry, I trust you". He spoke very slowly, and the words seemed wrung out of him almost against his will.

"What nonsense you talk!" said Lord Henry, smiling, and, taking Hallward by the arm, he almost led him into the house.

CHAPTER 2

As they entered they saw Dorian Gray. He was seated at the piano, with his back to them, turning over the pages of a volume of Schumann's "Forest Scenes". "You must lend me these, Basil", he cried. "I want to learn them. They are perfectly charming".

"That entirely depends on how you sit today, Dorian".

"Oh, I am tired of sitting, and I don't want a life-sized portrait of myself", answered the lad, swinging round on the music-stool, in a wilful, petulant manner. When he caught sight of Lord Henry, a faint blush colored his cheeks for a moment, and he started up. "I beg your pardon, Basil, but I didn't know you had any one with you".

"This is Lord Henry Wotton, Dorian, an old Oxford friend of mine. I have just been telling him what a capital sitter you were, and now you have spoiled everything".

"You have not spoiled my pleasure in meeting you, Mr. Gray", said Lord Henry, stepping forward and shaking him by the hand. "My aunt has often spoken to me about you. You are one of her favorites, and, I am afraid, one of her victims also".

"I am in Lady Agatha's black books at present", answered Dorian, with a funny look of penitence. "I promised to go to her club in Whitechapel with her last Tuesday, and I really forgot all about it. We were to have played a duet together – three duets, I believe. I don't know what she will say to me. I am far too frightened to call".

"Oh, I will make your peace with my aunt. She is quite devoted to you. And I don't think it really matters about your not being there. The audience probably thought it was a duet. When Aunt Agatha sits down to the piano she makes quite enough noise for two people".

"That is very horrid to her, and not very nice to me", answered Dorian, laughing.

Lord Henry looked at him. Yes, he was certainly wonderfully handsome, with his finely-curved scarlet lips, his frank blue eyes, his crisp gold hair. There was something in his face that made one trust him at once. All the candor of youth was there, as well as all youth's passionate purity.

One felt that he had kept himself unspotted from the world. No wonder Basil Hallward worshipped him. He was made to be worshipped.

"You are too charming to go in for philanthropy, Mr. Gray – far too charming". And Lord Henry flung himself down on the divan, and opened his cigarette-case.

Hallward had been busy mixing his colors and getting his brushes ready. He was looking worried, and when he heard Lord Henry's last remark he glanced at him, hesitated for a moment, and then said, "Harry, I want to finish this picture today. Would you think it awfully rude of me if I asked you to go away?"

Lord Henry smiled, and looked at Dorian Gray. "Am I to go, Mr. Gray?" he asked.

"Oh, please don't, Lord Henry. I see that Basil is in one of his sulky moods; and I can't bear him when he sulks. Besides, I want you to tell me why I should not go in for philanthropy".

"I don't know that I shall tell you that, Mr. Gray. But I certainly will not run away, now that you have asked me to stop. You don't really mind, Basil, do you? You have often told me that you liked your sitters to have some one to chat to".

Hallward bit his lip."If Dorian wishes it, of course you must stay. Dorian's whims are laws to everybody, except himself".

Lord Henry took up his hat and gloves. "You are very pressing, Basil, but I am afraid I must go. I have promised to meet a man at the Orleans. – Good-bye, Mr. Gray. Come and see me some afternoon in Curzon Street. I am nearly always at home at five o'clock. Write to me when you are coming. I should be sorry to miss you".

"Basil", cried Dorian Gray, "if Lord Henry goes I shall go too. You never open your lips while you are painting, and it is horribly dull standing on a platform and trying to look pleasant. Ask him to stay. I insist upon it".

"Stay, Harry, to oblige Dorian, and to oblige me", said Hallward, gazing intently at his picture. "It is quite true, I never talk when I am working, and never listen either, and it must be dreadfully tedious for my unfortunate sitters. I beg you to stay".

"But what about my man at the Orleans?"

Hallward laughed. “I don’t think there will be any difficulty about that. Sit down again, Harry. And now, Dorian, get up on the platform, and don’t move about too much, or pay any attention to what Lord Henry says. He has a very bad influence over all his friends, with the exception of myself”.

Dorian stepped up on the dais, with the air of a young Greek martyr, and made a little moue of discontent to Lord Henry, to whom he had rather taken a fancy. He was so unlike Hallward. They made a delightful contrast. And he had such a beautiful voice. After a few moments he said to him, “Have you really a very bad influence, Lord Henry? As bad as Basil says?”

“There is no such thing as a good influence, Mr. Gray. All influence is immoral – immoral from the scientific point of view”.

“Why?”

“Because to influence a person is to give him one’s own soul. He does not think his natural thoughts, or burn with his natural passions. His virtues are not real to him. His sins, if there are such things as sins, are borrowed. He becomes an echo of some one else’s music, an actor of a part that has not been written for him. The aim of life is self-development. To realize one’s nature perfectly – that is what each of us is here for. People are afraid of themselves, nowadays. They have forgotten the highest of all duties, the duty that one owes to one’s self. Of course they are charitable. They feed the hungry, and clothe the beggar. But their own souls starve, and are naked. Courage has gone out of our race. Perhaps we never really had it. The terror of society, which is the basis of morals, the terror of God, which is the secret of religion, – these are the two things that govern us. And yet…”

“Just turn your head a little more to the right, Dorian, like a good boy”, said Hallward, deep in his work, and conscious only that a look had come into the lad’s face that he had never seen there before.

“And yet”, continued Lord Henry, in his low, musical voice, and with that graceful wave of the hand that was always so characteristic of him, and that he had even in his Eton days, “I believe that if one man were to live his life out fully and completely, were to give form to every feeling, expression to every thought, reality to every dream – I believe that the

world would gain such a fresh impulse of joy that we would forget all the maladies of mediaevalism, and return to the Hellenic ideal – to something finer, richer, than the Hellenic ideal, it may be. But the bravest man among us is afraid of himself. The mutilation of the savage has its tragic survival in the self-denial that mars our lives. We are punished for our refusals. Every impulse that we strive to strangle broods in the mind, and poisons us. The body sins once, and has done with its sin, for action is a mode of purification. Nothing remains then but the recollection of a pleasure, or the luxury of a regret. The only way to get rid of a temptation is to yield to it. Resist it, and your soul grows sick with longing for the things it has forbidden to itself, with desire for what its monstrous laws have made monstrous and unlawful. It has been said that the great events of the world take place in the brain. It is in the brain, and the brain only, that the great sins of the world take place also. You, Mr. Gray, you yourself, with your rose-red youth and your rose-white boyhood, you have had passions that have made you afraid, thoughts that have filled you with terror, day-dreams and sleeping dreams whose mere memory might stain your cheek with shame…"

"Stop!" murmured Dorian Gray, "stop! you bewilder me. I don't know what to say. There is some answer to you, but I cannot find it. Don't speak. Let me think, or, rather, let me try not to think".

For nearly ten minutes he stood there motionless, with parted lips, and eyes strangely bright. He was dimly conscious that entirely fresh impulses were at work within him, and they seemed to him to have come really from himself. The few words that Basil's friend had said to him – words spoken by chance, no doubt, and with willful paradox in them – had yet touched some secret chord, that had never been touched before, but that he felt was now vibrating and throbbing to curious pulses.

Music had stirred him like that. Music had troubled him many times. But music was not articulate. It was not a new world, but rather a new chaos, that it created in us. Words! Mere words! How terrible they were! How clear, and vivid, and cruel! One could not escape from them. And yet what a subtle magic there was in them! They seemed to be able to give a plastic form to formless things, and to have a music of their own as

sweet as that of viol or of lute. Mere words! Was there anything so real as words?

Yes; there had been things in his boyhood that he had not understood. He understood them now. Life suddenly became fiery-colored to him. It seemed to him that he had been walking in fire. Why had he not known it?

Lord Henry watched him, with his sad smile. He knew the precise psychological moment when to say nothing. He felt intensely interested. He was amazed at the sudden impression that his words had produced, and, remembering a book that he had read when he was sixteen, which had revealed to him much that he had not known before, he wondered whether Dorian Gray was passing through the same experience. He had merely shot an arrow into the air. Had it hit the mark? How fascinating the lad was!

Hallward painted away with that marvellous bold touch of his, that had the true refinement and perfect delicacy that come only from strength. He was unconscious of the silence.

"Basil, I am tired of standing", cried Dorian Gray, suddenly. "I must go out and sit in the garden. The air is stifling here".

"My dear fellow, I am so sorry. When I am painting, I can't think of anything else. But you never sat better. You were perfectly still. And I have caught the effect I wanted – the half-parted lips, and the bright look in the eyes. I don't know what Harry has been saying to you, but he has certainly made you have the most wonderful expression. I suppose he has been paying you compliments. You mustn't believe a word that he says".

"He has certainly not been paying me compliments. Perhaps that is the reason I don't think I believe anything he has told me".

"You know you believe it all", said Lord Henry, looking at him with his dreamy, heavy-lidded eyes. "I will go out to the garden with you. It is horridly hot in the studio. Basil, let us have something iced to drink, something with strawberries in it".

"Certainly, Harry. Just touch the bell, and when Parker comes I will tell him what you want. I have got to work up this background, so I will join you later on. Don't keep Dorian too long. I have never been in

better form for painting than I am today. This is going to be my masterpiece. It is my masterpiece as it stands".

Lord Henry went out to the garden, and found Dorian Gray burying his face in the great cool lilac-blossoms, feverishly drinking in their perfume as if it had been wine. He came close to him, and put his hand upon his shoulder. "You are quite right to do that", he murmured. "Nothing can cure the soul but the senses, just as nothing can cure the senses but the soul".

The lad started and drew back. He was bareheaded, and the leaves had tossed his rebellious curls and tangled all their gilded threads. There was a look of fear in his eyes, such as people have when they are suddenly awakened. His finely-chiselled nostrils quivered, and some hidden nerve shook the scarlet of his lips and left them trembling.

"Yes", continued Lord Henry, "that is one of the great secrets of life – to cure the soul by means of the senses, and the senses by means of the soul. You are a wonderful creature. You know more than you think you know, just as you know less than you want to know".

Dorian Gray frowned and turned his head away. He could not help liking the tall, graceful young man who was standing by him. His romantic olive-colored face and worn expression interested him. There was something in his low, languid voice that was absolutely fascinating. His cool, white, flower-like hands, even, had a curious charm. They moved, as he spoke, like music, and seemed to have a language of their own. But he felt afraid of him, and ashamed of being afraid. Why had it been left for a stranger to reveal him to himself? He had known Basil Hallward for months, but the friendship between then had never altered him. Suddenly there had come some one across his life who seemed to have disclosed to him life's mystery. And, yet, what was there to be afraid of? He was not a school-boy, or a girl. It was absurd to be frightened.

"Let us go and sit in the shade", said Lord Henry. "Parker has brought out the drinks, and if you stay any longer in this glare you will be quite spoiled, and Basil will never paint you again. You really must not let yourself become sunburnt. It would be very unbecoming to you".

"What does it matter?" cried Dorian, laughing, as he sat down on the seat at the end of the garden.

"It should matter everything to you, Mr. Gray".

"Why?"

"Because you have now the most marvellous youth, and youth is the one thing worth having".

"I don't feel that, Lord Henry".

"No, you don't feel it now. Some day, when you are old and wrinkled and ugly, when thought has seared your forehead with its lines, and passion branded your lips with its hideous fires, you will feel it, you will feel it terribly. Now, wherever you go, you charm the world. Will it always be so?

"You have a wonderfully beautiful face, Mr. Gray. Don't frown. You have. And Beauty is a form of Genius – is higher, indeed, than Genius, as it needs no explanation. It is one of the great facts of the world, like sunlight, or spring-time, or the reflection in dark waters of that silver shell we call the moon. It cannot be questioned. It has its divine right of sovereignty. It makes princes of those who have it. You smile? Ah! when you have lost it you won't smile.

"People say sometimes that Beauty is only superficial. That may be so. But at least it is not so superficial as Thought. To me, Beauty is the wonder of wonders. It is only shallow people who do not judge by appearances. The true mystery of the world is the visible, not the invisible.

"Yes, Mr. Gray, the gods have been good to you. But what the gods give they quickly take away. You have only a few years in which really to live. When your youth goes, your beauty will go with it, and then you will suddenly discover that there are no triumphs left for you, or have to content yourself with those mean triumphs that the memory of your past will make more bitter than defeats. Every month as it wanes brings you nearer to something dreadful. Time is jealous of you, and wars against your lilies and your roses. You will become sallow, and hollow-cheeked, and dull-eyed. You will suffer horribly.

"Realize your youth while you have it. Don't squander the gold of your days, listening to the tedious, trying to improve the hopeless failure, or giving away your life to the ignorant, the common, and the vulgar, which are the aims, the false ideals, of our age. Live! Live the wonderful life that is

in you! Let nothing be lost upon you. Be always searching for new sensations. Be afraid of nothing.

"A new hedonism – that is what our century wants. You might be its visible symbol. With your personality there is nothing you could not do. The world belongs to you for a season.

"The moment I met you I saw that you were quite unconscious of what you really are, what you really might be. There was so much about you that charmed me that I felt I must tell you something about yourself. I thought how tragic it would be if you were wasted. For there is such a little time that your youth will last – such a little time.

"The common hill-flowers wither, but they blossom again. The laburnum will be as golden next June as it is now. In a month there will be purple stars on the clematis, and year after year the green night of its leaves will have its purple stars. But we never get back our youth. The pulse of joy that beats in us at twenty, becomes sluggish. Our limbs fail, our senses rot. We degenerate into hideous puppets, haunted by the memory of the passions of which we were too much afraid, and the exquisite temptations that we did not dare to yield to. Youth! Youth! There is absolutely nothing in the world but youth!"

Dorian Gray listened, open-eyed and wondering. The spray of lilac fell from his hand upon the gravel. A furry bee came and buzzed round it for a moment. Then it began to scramble all over the fretted purple of the tiny blossoms. He watched it with that strange interest in trivial things that we try to develop when things of high import make us afraid, or when we are stirred by some new emotion, for which we cannot find expression, or when some thought that terrifies us lays sudden siege to the brain and calls on us to yield. After a time it flew away. He saw it creeping into the stained trumpet of a Tyrian convolvulus.The flower seemed to quiver, and then swayed gently to and fro.

Suddenly Hallward appeared at the door of the studio, and made frantic signs for them to come in. They turned to each other, and smiled.

"I am waiting", cried Hallward. "Do come in. The light is quite perfect, and you can bring your drinks".

They rose up, and sauntered down the walk together. Two green-and-white butterflies fluttered past them, and in the pear-tree at the end of the garden a thrush began to sing.

"You are glad you have met me, Mr. Gray", said Lord Henry, looking at him.

"Yes, I am glad now. I wonder shall I always be glad?"

"Always! That is a dreadful word. It makes me shudder when I hear it. Women are so fond of using it. They spoil every romance by trying to make it last forever. It is a meaningless word, too. The only difference between a caprice and a life-long passion is that the caprice lasts a little longer".

As they entered the studio, Dorian Gray put his hand upon Lord Henry's arm. "In that case, let our friendship be a caprice", he murmured, flushing at his own boldness, then stepped upon the platform and resumed his pose.

Lord Henry flung himself into a large wicker arm-chair, and watched him. The sweep and dash of the brush on the canvas made the only sound that broke the stillness, except when Hallward stepped back now and then to look at his work from a distance. In the slanting beams that streamed through the open door-way the dust danced and was golden. The heavy scent of the roses seemed to brood over everything.

After about a quarter of an hour, Hallward stopped painting, looked for a long time at Dorian Gray, and then for a long time at the picture, biting the end of one of his huge brushes, and smiling. "It is quite finished", he cried, at last, and stooping down he wrote his name in thin vermilion letters on the left-hand corner of the canvas.

Lord Henry came over and examined the picture. It was certainly a wonderful work of art, and a wonderful likeness as well.

"My dear fellow, I congratulate you most warmly", he said. "Mr. Gray, come and look at yourself".

The lad started, as if awakened from some dream. "Is it really finished?" he murmured, stepping down from the platform.

"Quite finished", said Hallward. "And you have sat splendidly today. I am awfully obliged to you".

"That is entirely due to me", broke in Lord Henry. "Isn't it, Mr. Gray?"

Dorian made no answer, but passed listlessly in front of his picture and turned towards it. When he saw it he drew back, and his cheeks flushed for a moment with pleasure. A look of joy came into his eyes, as if he had recognized himself for the first time. He stood there motionless, and in wonder, dimly conscious that Hallward was speaking to him, but not catching the meaning of his words. The sense of his own beauty came on him like a revelation. He had never felt it before. Basil Hallward's compliments had seemed to him to be merely the charming exaggerations of friendship. He had listened to them, laughed at them, forgotten them. They had not influenced his nature. Then had come Lord Henry, with his strange panegyric on youth, his terrible warning of its brevity. That had stirred him at the time, and now, as he stood gazing at the shadow of his own loveliness, the full reality of the description flashed across him. Yes, there would be a day when his face would be wrinkled and wizen, his eyes dim and colorless, the grace of his figure broken and deformed. The scarlet would pass away from his lips, and the gold steal from his hair. The life that was to make his soul would mar his body. He would become ignoble, hideous, and uncouth.

As he thought of it, a sharp pang of pain struck like a knife across him, and made each delicate fibre of his nature quiver. His eyes deepened into amethyst, and a mist of tears came across them. He felt as if a hand of ice had been laid upon his heart.

"Don't you like it?" cried Hallward at last, stung a little by the lad's silence, and not understanding what it meant.

"Of course he likes it", said Lord Henry. "Who wouldn't like it? It is one of the greatest things in modern art. I will give you anything you like to ask for it. I must have it".

"It is not my property, Harry".

"Whose property is it?"

"Dorian's, of course".

"He is a very lucky fellow".

"How sad it is!" murmured Dorian Gray, with his eyes still fixed upon his own portrait. "How sad it is! I shall grow old, and horrid, and dreadful. But this picture will remain always young. It will never be older than this particular day of June... If it was only the other way! If it was I who were to be always young, and the picture that were to grow old! For this – for this – I would give everything! Yes, there is nothing in the whole world I would not give!"

"You would hardly care for that arrangement, Basil", cried Lord Henry, laughing. "It would be rather hard lines on you".

"I should object very strongly, Harry".

Dorian Gray turned and looked at him. "I believe you would, Basil. You like your art better than your friends. I am no more to you than a green bronze figure. Hardly as much, I dare say".

Hallward stared in amazement. It was so unlike Dorian to speak like that. What had happened? He seemed almost angry. His face was flushed and his cheeks burning.

"Yes", he continued, "I am less to you than your ivory Hermes or your silver Faun. You will like them always. How long will you like me? Till I have my first wrinkle, I suppose. I know, now, that when one loses one's good looks, whatever they may be, one loses everything. Your picture has taught me that. Lord Henry is perfectly right. Youth is the only thing worth having. When I find that I am growing old, I will kill myself".

Hallward turned pale, and caught his hand. "Dorian! Dorian!" he cried, "don't talk like that. I have never had such a friend as you, and I shall never have such another. You are not jealous of material things, are you?"

"I am jealous of everything whose beauty does not die. I am jealous of the portrait you have painted of me. Why should it keep what I must lose? Every moment that passes takes something from me, and gives something to it. Oh, if it was only the other way! If the picture could change, and I could be always what I am now! Why did you paint it? It will mock me some day – mock me horribly!" The hot tears welled into his eyes; he tore his hand away, and, flinging himself on the divan, he buried his face in the cushions, as if he was praying.

"This is your doing, Harry", said Hallward, bitterly.

"My doing?"

"Yes, yours, and you know it".

Lord Henry shrugged his shoulders. "It is the real Dorian Gray – that is all" he answered.

"It is not".

"If it is not, what have I to do with it?"

"You should have gone away when I asked you".

"I stayed when you asked me".

"Harry, I can't quarrel with my two best friends at once, but between you both you have made me hate the finest piece of work I have ever done, and I will destroy it. What is it but canvas and color? I will not let it come across our three lives and mar them".

Dorian Gray lifted his golden head from the pillow, and looked at him with pallid face and tear-stained eyes, as he walked over to the deal painting-table that was set beneath the large curtained window. What was he doing there? His fingers were straying about among the litter of tin tubes and dry brushes, seeking for something. Yes, it was the long palette-knife, with its thin blade of lithe steel. He had found it at last. He was going to rip up the canvas.

With a stifled sob he leaped from the couch, and, rushing over to Hallward, tore the knife out of his hand, and flung it to the end of the studio. "Don't, Basil, don't!" he cried. "It would be murder!"

"I am glad you appreciate my work at last, Dorian", said Hallward, coldly, when he had recovered from his surprise. "I never thought you would".

"Appreciate it? I am in love with it, Basil. It is part of myself, I feel that".

"Well, as soon as you are dry, you shall be varnished, and framed, and sent home. Then you can do what you like with yourself". And he walked across the room and rang the bell for tea. "You will have tea, of course, Dorian? And so will you, Harry? Tea is the only simple pleasure left to us".

“I don’t like simple pleasures”, said Lord Henry. “And I don’t like scenes, except on the stage. What absurd fellows you are, both of you! I wonder who it was defined man as a rational animal. It was the most premature definition ever given. Man is many things, but he is not rational. I am glad he is not, after all: though I wish you chaps would not squabble over the picture. You had much better let me have it, Basil. This silly boy doesn’t really want it, and I do”.

“If you let any one have it but me, Basil, I will never forgive you!” cried Dorian Gray. “And I don’t allow people to call me a silly boy”.

“You know the picture is yours, Dorian. I gave it to you before it existed”.

“And you know you have been a little silly, Mr. Gray, and that you don’t really mind being called a boy”.

“I should have minded very much this morning, Lord Henry”.

“Ah! this morning! You have lived since then”.

There came a knock to the door, and the butler entered with the tea-tray and set it down upon a small Japanese table. There was a rattle of cups and saucers and the hissing of a fluted Georgian urn. Two globe-shaped china dishes were brought in by a page. Dorian Gray went over and poured the tea out. The two men sauntered languidly to the table, and examined what was under the covers.

“Let us go to the theatre tonight”, said Lord Henry. “There is sure to be something on, somewhere. I have promised to dine at White’s, but it is only with an old friend, so I can send him a wire and say that I am ill, or that I am prevented from coming in consequence of a subsequent engagement. I think that would be a rather nice excuse: it would have the surprise of candor”.

“It is such a bore putting on one’s dress-clothes”, muttered Hallward. “And, when one has them on, they are so horrid”.

“Yes”, answered Lord Henry, dreamily, “the costume of our day is detestable. It is so sombre, so depressing. Sin is the only color- element left in modern life”.

“You really must not say things like that before Dorian, Harry”.

"Before which Dorian? The one who is pouring out tea for us, or the one in the picture?"

"Before either".

"I should like to come to the theatre with you, Lord Henry", said the lad.

"Then you shall come; and you will come too, Basil, won't you?"

"I can't, really. I would sooner not. I have a lot of work to do".

"Well, then, you and I will go alone, Mr. Gray".

"I should like that awfully".

Basil Hallward bit his lip and walked over, cup in hand, to the picture. "I will stay with the real Dorian", he said, sadly.

"Is it the real Dorian?" cried the original of the portrait, running across to him. "Am I really like that?"

"Yes; you are just like that".

"How wonderful, Basil!"

"At least you are like it in appearance. But it will never alter", said Hallward. "That is something".

"What a fuss people make about fidelity!" murmured Lord Henry.

"And, after all, it is purely a question for physiology. It has nothing to do with our own will. It is either an unfortunate accident, or an unpleasant result of temperament. Young men want to be faithful, and are not; old men want to be faithless, and cannot: that is all one can say".

"Don't go to the theatre tonight, Dorian", said Hallward. "Stop and dine with me".

"I can't, really".

"Why?"

"Because I have promised Lord Henry to go with him".

"He won't like you better for keeping your promises. He always breaks his own. I beg you not to go".

Dorian Gray laughed and shook his head.

"I entreat you".

The lad hesitated, and looked over at Lord Henry, who was watching them from the tea-table with an amused smile.

"I must go, Basil", he answered.

"Very well", said Hallward; and he walked over and laid his cup down on the tray. "It is rather late, and, as you have to dress, you had better lose no time. Good-bye, Harry; good-bye, Dorian. Come and see me soon. Come tomorrow".

"Certainly".

"You won't forget?"

"No, of course not".

"And... Harry!"

"Yes, Basil?"

"Remember what I asked you, when in the garden this morning".

"I have forgotten it".

"I trust you".

"I wish I could trust myself", said Lord Henry, laughing. "Come, Mr. Gray, my hansom is outside, and I can drop you at your own place. Good-bye, Basil. It has been a most interesting afternoon".

As the door closed behind them, Hallward flung himself down on a sofa, and a look of pain came into his face.

CHAPTER 3

One afternoon, a month later, Dorian Gray was reclining in a luxurious arm-chair, in the little library of Lord Henry's house in Curzon Street. It was, in its way, a very charming room, with its high panelled wainscoting of olive-stained oak, its cream-colored frieze and ceiling of raised plaster-work, and its brick-dust felt carpet strewn with long-fringed silk Persian rugs. On a tiny satinwood table stood a statuette by Clodion, and beside it lay a copy of "Les Cent Nouvelles", bound for Margaret of Valois by Clovis Eve, and powdered with the gilt daisies that the queen had selected for her device. Some large blue china jars, filled with parrot-tulips, were ranged on the mantel-shelf, and through the small leaded panes of the window streamed the apricot-colored light of a summer's day in London.

Lord Henry had not come in yet. He was always late on principle, his principle being that punctuality is the thief of time. So the lad was looking rather sulky, as with listless fingers he turned over the pages of an elaborately-illustrated edition of "Manon Lescaut" that he had found in one of the bookcases. The formal monotonous ticking of the Louis Quatorze clock annoyed him. Once or twice he thought of going away.

At last he heard a light step outside, and the door opened. "How late you are, Harry!" he murmured.

"I am afraid it is not Harry, Mr. Gray", said a woman's voice.

He glanced quickly round, and rose to his feet. "I beg your pardon. I thought..."

"You thought it was my husband. It is only his wife. You must let me introduce myself. I know you quite well by your photographs. I think my husband has got twenty-seven of them".

"Not twenty-seven, Lady Henry?"

"Well, twenty-six, then. And I saw you with him the other night at the Opera". She laughed nervously, as she spoke, and watched him with her vague forget-me-not eyes. She was a curious woman, whose dresses always looked as if they had been designed in a rage and put on in a tempest. She was always in love with somebody, and, as her passion was never returned, she had kept all her illusions. She tried to look picturesque, but only

succeeded in being untidy. Her name was Victoria, and she had a perfect mania for going to church.

"That was at 'Lohengrin,' Lady Henry, I think?"

"Yes; it was at dear 'Lohengrin'. I like Wagner's music better than any other music. It is so loud that one can talk the whole time, without people hearing what one says. That is a great advantage: don't you think so, Mr. Gray?"

The same nervous staccato laugh broke from her thin lips, and her fingers began to play with a long paper-knife.

Dorian smiled, and shook his head: "I am afraid I don't think so, Lady Henry. I never talk during music – at least during good music. If one hears bad music, it is one's duty to drown it by conversation".

"Ah! that is one of Harry's views, isn't it, Mr. Gray? But you must not think I don't like good music. I adore it, but I am afraid of it. It makes me too romantic. I have simply worshipped pianists – two at a time, sometimes. I don't know what it is about them. Perhaps it is that they are foreigners. They all are, aren't they? Even those that are born in England become foreigners after a time, don't they? It is so clever of them, and such a compliment to art. Makes it quite cosmopolitan, doesn't it? You have never been to any of my parties, have you, Mr. Gray? You must come. I can't afford orchids, but I spare no expense in foreigners. They make one's rooms look so picturesque. But here is Harry! – Harry, I came in to look for you, to ask you something, – I forget what it was, – and I found Mr. Gray here. We have had such a pleasant chat about music. We have quite the same views. No; I think our views are quite different. But he has been most pleasant. I am so glad I've seen him".

"I am charmed, my love, quite charmed", said Lord Henry, elevating his dark crescent-shaped eyebrows and looking at them both with an amused smile. "So sorry I am late, Dorian. I went to look after a piece of old brocade in Wardour Street, and had to bargain for hours for it. Nowadays people know the price of everything, and the value of nothing".

"I am afraid I must be going", exclaimed Lady Henry, after an awkward silence, with her silly sudden laugh. "I have promised to drive

with the duchess. Good-bye, Mr. Gray. Good-bye, Harry. You are dining out, I suppose? So am I. Perhaps I shall see you at Lady Thornbury's".

"I dare say, my dear", said Lord Henry, shutting the door behind her, as she flitted out of the room, looking like a bird-of-paradise that had been out in the rain, and leaving a faint odor of patchouli behind her. Then he shook hands with Dorian Gray, lit a cigarette, and flung himself down on the sofa.

"Never marry a woman with straw-colored hair, Dorian", he said, after a few puffs.

"Why, Harry?"

"Because they are so sentimental".

"But I like sentimental people".

"Never marry at all, Dorian. Men marry because they are tired; women, because they are curious: both are disappointed".

"I don't think I am likely to marry, Harry. I am too much in love. That is one of your aphorisms. I am putting it into practice, as I do everything you say".

"Whom are you in love with?" said Lord Henry, looking at him with a curious smile.

"With an actress", said Dorian Gray, blushing.

Lord Henry shrugged his shoulders. "That is a rather commonplace début", he murmured.

"You would not say so if you saw her, Harry".

"Who is she?"

"Her name is Sibyl Vane".

"Never heard of her".

"No one has. People will some day, however. She is a genius".

"My dear boy, no woman is a genius: women are a decorative sex. They never have anything to say, but they say it charmingly. They represent the triumph of matter over mind, just as we men represent the triumph of mind over morals. There are only two kinds of women, the plain and the colored. The plain women are very useful. If you want to gain a reputation for respectability, you have merely to take them down to supper. The other

women are very charming. They commit one mistake, however. They paint in order to try to look young. Our grandmothers painted in order to try to talk brilliantly. Rouge and esprit used to go together. That has all gone out now. As long as a woman can look ten years younger than her own daughter, she is perfectly satisfied. As for conversation, there are only five women in London worth talking to, and two of these can't be admitted into decent society. However, tell me about your genius. How long have you known her?"

"About three weeks. Not so much. About two weeks and two days".

"How did you come across her?"

"I will tell you, Harry; but you mustn't be unsympathetic about it. After all, it never would have happened if I had not met you. You filled me with a wild desire to know everything about life. For days after I met you, something seemed to throb in my veins. As I lounged in the Park, or strolled down Piccadilly, I used to look at every one who passed me, and wonder with a mad curiosity what sort of lives they led. Some of them fascinated me. Others filled me with terror. There was an exquisite poison in the air. I had a passion for sensations.

"One evening about seven o'clock I determined to go out in search of some adventure. I felt that this gray, monstrous London of ours, with its myriads of people, its splendid sinners, and its sordid sins, as you once said, must have something in store for me. I fancied a thousand things.

"The mere danger gave me a sense of delight. I remembered what you had said to me on that wonderful night when we first dined together, about the search for beauty being the poisonous secret of life. I don't know what I expected, but I went out, and wandered eastward, soon losing my way in a labyrinth of grimy streets and black, grassless squares. About half-past eight I passed by a little third-rate theatre, with great flaring gas-jets and gaudy play-bills. A hideous Jew, in the most amazing waistcoat I ever beheld in my life, was standing at the entrance, smoking a vile cigar. He had greasy ringlets, and an enormous diamond blazed in the centre of a soiled shirt. ''Ave a box, my lord?' he said, when he saw me, and he took off his hat with an act of gorgeous servility. There was something about him, Harry, that amused me. He was such a monster. You will laugh at me, I know, but

I really went in and paid a whole guinea for the stage-box. To the present day I can't make out why I did so; and yet if I hadn't! – my dear Harry, if I hadn't, I would have missed the greatest romance of my life. I see you are laughing. It is horrid of you!"

"I am not laughing, Dorian; at least I am not laughing at you. But you should not say the greatest romance of your life. You should say the first romance of your life. You will always be loved, and you will always be in love with love. There are exquisite things in store for you. This is merely the beginning".

"Do you think my nature so shallow?" cried Dorian Gray, angrily.

"No; I think your nature so deep".

"How do you mean?"

"My dear boy, people who only love once in their lives are really shallow people. What they call their loyalty, and their fidelity, I call either the lethargy of custom or the lack of imagination. Faithlessness is to the emotional life what consistency is to the intellectual life – simply a confession of failure. But I don't want to interrupt you. Go on with your story".

"Well, I found myself seated in a horrid little private box, with a vulgar drop-scene staring me in the face. I looked out behind the curtain, and surveyed the house. It was a tawdry affair, all Cupids and cornucopias, like a third-rate wedding-cake. The gallery and pit were fairly full, but the two rows of dingy stalls were quite empty, and there was hardly a person in what I suppose they called the dress-circle. Women went about with oranges and ginger-beer, and there was a terrible consumption of nuts going on".

"It must have been just like the palmy days of the British Drama".

"Just like, I should fancy, and very horrid. I began to wonder what on earth I should do, when I caught sight of the play-bill. What do you think the play was, Harry?"

"I should think 'The Idiot Boy, or Dumb but Innocent. ' Our fathers used to like that sort of piece, I believe. The longer I live, Dorian, the more keenly I feel that whatever was good enough for our fathers is not good enough for us. In art, as in politics, les grand pères ont toujours tort".

"This play was good enough for us, Harry. It was 'Romeo and Juliet. ' I must admit I was rather annoyed at the idea of seeing Shakespeare done in such a wretched hole of a place. Still, I felt interested, in a sort of way. At any rate, I determined to wait for the first act. There was a dreadful orchestra, presided over by a young Jew who sat at a cracked piano, that nearly drove me away, but at last the drop-scene was drawn up, and the play began. Romeo was a stout elderly gentleman, with corked eyebrows, a husky tragedy voice, and a figure like a beer-barrel. Mercutio was almost as bad. He was played by the low-comedian, who had introduced gags of his own and was on most familiar terms with the pit. They were as grotesque as the scenery, and that looked as if it had come out of a pantomime of fifty years ago. But Juliet! Harry, imagine a girl, hardly seventeen years of age, with a little flower-like face, a small Greek head with plaited coils of dark-brown hair, eyes that were violet wells of passion, lips that were like the petals of a rose. She was the loveliest thing I had ever seen in my life. You said to me once that pathos left you unmoved, but that beauty, mere beauty, could fill your eyes with tears. I tell you, Harry, I could hardly see this girl for the mist of tears that came across me. And her voice — I never heard such a voice. It was very low at first, with deep mellow notes, that seemed to fall singly upon one's ear. Then it became a little louder, and sounded like a flute or a distant hautbois. In the garden-scene it had all the tremulous ecstasy that one hears just before dawn when nightingales are singing. There were moments, later on, when it had the wild passion of violins. You know how a voice can stir one. Your voice and the voice of Sibyl Vane are two things that I shall never forget. When I close my eyes, I hear them, and each of them says something different. I don't know which to follow. Why should I not love her? Harry, I do love her. She is everything to me in life. Night after night I go to see her play. One evening she is Rosalind, and the next evening she is Imogen. I have seen her die in the gloom of an Italian tomb, sucking the poison from her lover's lips. I have watched her wandering through the forest of Arden, disguised as a pretty boy in hose and doublet and dainty cap. She has been mad, and has come into the presence of a guilty king, and given him rue to wear, and bitter herbs to taste of. She has been innocent, and the black hands of jealousy have crushed her reed-like throat. I have seen her in every age and in every costume. Ordinary women never appeal to one's imagination. They are

limited to their century. No glamour ever transfigures them. One knows their minds as easily as one knows their bonnets. One can always find them. There is no mystery in one of them. They ride in the Park in the morning, and chatter at tea-parties in the afternoon. They have their stereotyped smile, and their fashionable manner. They are quite obvious. But an actress! How different an actress is! Why didn't you tell me that the only thing worth loving is an actress?"

"Because I have loved so many of them, Dorian".

"Oh, yes, horrid people with dyed hair and painted faces".

"Don't run down dyed hair and painted faces. There is an extraordinary charm in them, sometimes".

"I wish now I had not told you about Sibyl Vane".

"You could not have helped telling me, Dorian. All through your life you will tell me everything you do".

"Yes, Harry, I believe that is true. I cannot help telling you things. You have a curious influence over me. If I ever did a crime, I would come and confide it to you. You would understand me".

"People like you – the wilful sunbeams of life – don't commit crimes, Dorian. But I am much obliged for the compliment, all the same. And now tell me – reach me the matches, like a good boy: thanks – tell me, what are your relations with Sibyl Vane?"

Dorian Gray leaped to his feet, with flushed cheeks and burning eyes". Harry, Sibyl Vane is sacred!"

"It is only the sacred things that are worth touching, Dorian", said Lord Henry, with a strange touch of pathos in his voice. "But why should you be annoyed? I suppose she will be yours some day. When one is in love, one always begins by deceiving one's self, and one always ends by deceiving others. That is what the world calls romance. You know her, at any rate, I suppose?"

"Of course I know her. On the first night I was at the theatre, the horrid old Jew came round to the box after the performance was over, and offered to bring me behind the scenes and introduce me to her. I was furious with him, and told him that Juliet had been dead for hundreds of years, and that her body was lying in a marble tomb in Verona. I think, from

his blank look of amazement, that he thought I had taken too much champagne, or something".

"I am not surprised".

"I was not surprised either. Then he asked me if I wrote for any of the newspapers. I told him I never even read them. He seemed terribly disappointed at that, and confided to me that all the dramatic critics were in a conspiracy against him, and that they were all to be bought".

"I believe he was quite right there. But, on the other hand, most of them are not at all expensive".

"Well, he seemed to think they were beyond his means. By this time the lights were being put out in the theatre, and I had to go. He wanted me to try some cigars which he strongly recommended. I declined. The next night, of course, I arrived at the theatre again. When he saw me he made me a low bow, and assured me that I was a patron of art. He was a most offensive brute, though he had an extraordinary passion for Shakespeare. He told me once, with an air of pride, that his three bankruptcies were entirely due to the poet, whom he insisted on calling 'The Bard'. He seemed to think it a distinction".

"It was a distinction, my dear Dorian – a great distinction. But when did you first speak to Miss Sibyl Vane?"

"The third night. She had been playing Rosalind. I could not help going round. I had thrown her some flowers, and she had looked at me; at least I fancied that she had. The old Jew was persistent. He seemed determined to bring me behind, so I consented. It was curious my not wanting to know her, wasn't it?"

"No; I don't think so".

"My dear Harry, why?"

"I will tell you some other time. Now I want to know about the girl".

"Sibyl? Oh, she was so shy, and so gentle. There is something of a child about her. Her eyes opened wide in exquisite wonder when I told her what I thought of her performance, and she seemed quite unconscious of her power. I think we were both rather nervous. The old Jew stood grinning at the door-way of the dusty greenroom, making elaborate

speeches about us both, while we stood looking at each other like children. He would insist on calling me 'My Lord,' so I had to assure Sibyl that I was not anything of the kind. She said quite simply to me, 'You look more like a prince'".

"Upon my word, Dorian, Miss Sibyl knows how to pay compliments".

"You don't understand her, Harry. She regarded me merely as a person in a play. She knows nothing of life. She lives with her mother, a faded tired woman who played Lady Capulet in a sort of magenta dressing-wrapper on the first night, and who looks as if she had seen better days".

"I know that look. It always depresses me".

"The Jew wanted to tell me her history, but I said it did not interest me".

"You were quite right. There is always something infinitely mean about other people's tragedies".

"Sibyl is the only thing I care about. What is it to me where she came from? From her little head to her little feet, she is absolutely and entirely divine. I go to see her act every night of my life, and every night she is more marvellous".

"That is the reason, I suppose, that you will never dine with me now. I thought you must have some curious romance on hand. You have; but it is not quite what I expected".

"My dear Harry, we either lunch or sup together every day, and I have been to the Opera with you several times".

"You always come dreadfully late".

"Well, I can't help going to see Sibyl play, even if it is only for an act. I get hungry for her presence; and when I think of the wonderful soul that is hidden away in that little ivory body, I am filled with awe".

"You can dine with me tonight, Dorian, can't you?"

He shook his head. "Tonight she is Imogen", he answered, "and tomorrow night she will be Juliet".

"When is she Sibyl Vane?"

"Never".

"I congratulate you".

"How horrid you are! She is all the great heroines of the world in one. She is more than an individual. You laugh, but I tell you she has genius. I love her, and I must make her love me. You, who know all the secrets of life, tell me how to charm Sibyl Vane to love me! I want to make Romeo jealous. I want the dead lovers of the world to hear our laughter, and grow sad. I want a breath of our passion to stir their dust into consciousness, to wake their ashes into pain. My God, Harry, how I worship her!" He was walking up and down the room as he spoke. Hectic spots of red burned on his cheeks. He was terribly excited.

Lord Henry watched him with a subtle sense of pleasure. How different he was now from the shy, frightened boy he had met in Basil Hallward's studio! His nature had developed like a flower, had borne blossoms of scarlet flame. Out of its secret hiding-place had crept his Soul, and Desire had come to meet it on the way.

"And what do you propose to do?" said Lord Henry, at last.

"I want you and Basil to come with me some night and see her act. I have not the slightest fear of the result. You won't be able to refuse to recognize her genius. Then we must get her out of the Jew's hands. She is bound to him for three years – at least for two years and eight months – from the present time. I will have to pay him something, of course. When all that is settled, I will take a West-End theatre and bring her out properly. She will make the world as mad as she has made me".

"Impossible, my dear boy!"

"Yes, she will. She has not merely art, consummate art-instinct, in her, but she has personality also; and you have often told me that it is personalities, not principles, that move the age".

"Well, what night shall we go?"

"Let me see. Today is Tuesday. Let us fix tomorrow. She plays Juliet tomorrow".

"All right. The Bristol at eight o'clock; and I will get Basil".

"Not eight, Harry, please. Half-past six. We must be there before the curtain rises. You must see her in the first act, where she meets Romeo".

"Half-past six! What an hour! It will be like having a meat-tea. However, just as you wish. Shall you see Basil between this and then? Or shall I write to him?"

"Dear Basil! I have not laid eyes on him for a week. It is rather horrid of me, as he has sent me my portrait in the most wonderful frame, designed by himself, and, though I am a little jealous of it for being a whole month younger than I am, I must admit that I delight in it. Perhaps you had better write to him. I don't want to see him alone. He says things that annoy me".

Lord Henry smiled. "He gives you good advice, I suppose. People are very fond of giving away what they need most themselves".

"You don't mean to say that Basil has got any passion or any romance in him?"

"I don't know whether he has any passion, but he certainly has romance", said Lord Henry, with an amused look in his eyes. "Has he never let you know that?"

"Never. I must ask him about it. I am rather surprised to hear it. He is the best of fellows, but he seems to me to be just a bit of a Philistine. Since I have known you, Harry, I have discovered that".

"Basil, my dear boy, puts everything that is charming in him into his work. The consequence is that he has nothing left for life but his prejudices, his principles, and his common sense. The only artists I have ever known who are personally delightful are bad artists. Good artists give everything to their art, and consequently are perfectly uninteresting in themselves. A great poet, a really great poet, is the most unpoetical of all creatures. But inferior poets are absolutely fascinating. The worse their rhymes are, the more picturesque they look. The mere fact of having published a book of second-rate sonnets makes a man quite irresistible. He lives the poetry that he cannot write. The others write the poetry that they dare not realize".

"I wonder is that really so, Harry?" said Dorian Gray, putting some perfume on his handkerchief out of a large gold-topped bottle that stood on the table. "It must be, if you say so. And now I must be off. Imogen is waiting for me. Don't forget about tomorrow. Good-bye".

As he left the room, Lord Henry's heavy eyelids drooped, and he began to think. Certainly few people had ever interested him so much as Dorian Gray, and yet the lad's mad adoration of some one else caused him not the slightest pang of annoyance or jealousy. He was pleased by it. It made him a more interesting study. He had been always enthralled by the methods of science, but the ordinary subject-matter of science had seemed to him trivial and of no import. And so he had begun by vivisecting himself, as he had ended by vivisecting others. Human life, that appeared to him the one thing worth investigating. There was nothing else of any value, compared to it. It was true that as one watched life in its curious crucible of pain and pleasure, one could not wear over one's face a mask of glass, or keep the sulphurous fumes from troubling the brain and making the imagination turbid with monstrous fancies and misshapen dreams. There were poisons so subtle that to know their properties one had to sicken of them. There were maladies so strange that one had to pass through them if one sought to understand their nature. And, yet, what a great reward one received! How wonderful the whole world became to one! To note the curious hard logic of passion, and the emotional colored life of the intellect – to observe where they met, and where they separated, at what point they became one, and at what point they were at discord – there was a delight in that! What matter what the cost was? One could never pay too high a price for any sensation.

He was conscious – and the thought brought a gleam of pleasure into his brown agate eyes – that it was through certain words of his, musical words said with musical utterance, that Dorian Gray's soul had turned to this white girl and bowed in worship before her. To a large extent, the lad was his own creation. He had made him premature. That was something. Ordinary people waited till life disclosed to them its secrets, but to the few, to the elect, the mysteries of life were revealed before the veil was drawn away. Sometimes this was the effect of art, and chiefly of the art of literature, which dealt immediately with the passions and the intellect. But now and then a complex personality took the place and assumed the office of art, was indeed, in its way, a real work of art, Life having its elaborate masterpieces, just as poetry has, or sculpture, or painting.

Yes, the lad was premature. He was gathering his harvest while it was yet spring. The pulse and passion of youth were in him, but he was becoming self-conscious. It was delightful to watch him. With his beautiful face, and his beautiful soul, he was a thing to wonder at. It was no matter how it all ended, or was destined to end. He was like one of those gracious figures in a pageant or a play, whose joys seem to be remote from one, but whose sorrows stir one's sense of beauty, and whose wounds are like red roses. Soul and body, body and soul – how mysterious they were! There was animalism in the soul, and the body had its moments of spirituality. The senses could refine, and the intellect could degrade. Who could say where the fleshly impulse ceased, or the psychical impulse began? How shallow were the arbitrary definitions of ordinary psychologists! And yet how difficult to decide between the claims of the various schools! Was the soul a shadow seated in the house of sin? Or was the body really in the soul, as Giordano Bruno thought? The separation of spirit from matter was a mystery, and the union of spirit with matter was a mystery also.

He began to wonder whether we should ever make psychology so absolute a science that each little spring of life would be revealed to us. As it was, we always misunderstood ourselves, and rarely understood others. Experience was of no ethical value. It was merely the name we gave to our mistakes. Men had, as a rule, regarded it as a mode of warning, had claimed for it a certain moral efficacy in the formation of character, had praised it as something that taught us what to follow and showed us what to avoid. But there was no motive power in experience. It was as little of an active cause as conscience itself. All that it really demonstrated was that our future would be the same as our past, and that the sin we had done once, and with loathing, we would do many times, and with joy.

It was clear to him that the experimental method was the only method by which one could arrive at any scientific analysis of the passions; and certainly Dorian Gray was a subject made to his hand, and seemed to promise rich and fruitful results. His sudden mad love for Sibyl Vane was a psychological phenomenon of no small interest. There was no doubt that curiosity had much to do with it, curiosity and the desire for new experiences; yet it was not a simple but rather a very complex passion. What there was in it of the purely sensuous instinct of boyhood had been

transformed by the workings of the imagination, changed into something that seemed to the boy himself to be remote from sense, and was for that very reason all the more dangerous. It was the passions about whose origin we deceived ourselves that tyrannized most strongly over us. Our weakest motives were those of whose nature we were conscious. It often happened that when we thought we were experimenting on others we were really experimenting on ourselves.

While Lord Henry sat dreaming on these things, a knock came to the door, and his valet entered, and reminded him it was time to dress for dinner. He got up and looked out into the street. The sunset had smitten into scarlet gold the upper windows of the houses opposite. The panes glowed like plates of heated metal. The sky above was like a faded rose. He thought of Dorian Gray's young fiery-colored life, and wondered how it was all going to end.

When he arrived home, about half-past twelve o'clock, he saw a telegram lying on the hall-table. He opened it and found it was from Dorian. It was to tell him that he was engaged to be married to Sibyl Vane.

CHAPTER 4

"I suppose you have heard the news, Basil?" said Lord Henry on the following evening, as Hallward was shown into a little private room at the Bristol where dinner had been laid for three.

"No, Harry", answered Hallward, giving his hat and coat to the bowing waiter. "What is it? Nothing about politics, I hope? They don't interest me. There is hardly a single person in the House of Commons worth painting; though many of them would be the better for a little whitewashing".

"Dorian Gray is engaged to be married", said Lord Henry, watching him as he spoke.

Hallward turned perfectly pale, and a curious look flashed for a moment into his eyes, and then passed away, leaving them dull". Dorian engaged to be married!" he cried. "Impossible!"

"It is perfectly true".

"To whom?"

"To some little actress or other".

"I can't believe it. Dorian is far too sensible".

"Dorian is far too wise not to do foolish things now and then, my dear Basil".

"Marriage is hardly a thing that one can do now and then, Harry", said Hallward, smiling.

"Except in America. But I didn't say he was married. I said he was engaged to be married. There is a great difference. I have a distinct remembrance of being married, but I have no recollection at all of being engaged. I am inclined to think that I never was engaged".

"But think of Dorian's birth, and position, and wealth. It would be absurd for him to marry so much beneath him".

"If you want him to marry this girl, tell him that, Basil. He is sure to do it then. Whenever a man does a thoroughly stupid thing, it is always from the noblest motives".

"I hope the girl is good, Harry. I don't want to see Dorian tied to some vile creature, who might degrade his nature and ruin his intellect".

"Oh, she is more than good – she is beautiful", murmured Lord Henry, sipping a glass of vermouth and orange-bitters."Dorian says she is beautiful; and he is not often wrong about things of that kind. Your portrait of him has quickened his appreciation of the personal appearance of other people. It has had that excellent effect, among others. We are to see her tonight, if that boy doesn't forget his appointment".

"But do you approve of it, Harry?" asked Hallward, walking up and down the room, and biting his lip. "You can't approve of it, really. It is some silly infatuation".

"I never approve, or disapprove, of anything now. It is an absurd attitude to take towards life. We are not sent into the world to air our moral prejudices. I never take any notice of what common people say, and I never interfere with what charming people do. If a personality fascinates me, whatever the personality chooses to do is absolutely delightful to me. Dorian Gray falls in love with a beautiful girl who acts Shakespeare, and proposes to marry her. Why not? If he wedded Messalina he would be none the less interesting. You know I am not a champion of marriage. The real drawback to marriage is that it makes one unselfish. And unselfish people are colorless.They lack individuality. Still, there are certain temperaments that marriage makes more complex. They retain their egotism, and add to it many other egos. They are forced to have more than one life. They become more highly organized. Besides, every experience is of value, and, whatever one may say against marriage, it is certainly an experience. I hope that Dorian Gray will make this girl his wife, passionately adore her for six months, and then suddenly become fascinated by some one else. He would be a wonderful study".

"You don't mean all that, Harry; you know you don't. If Dorian Gray's life were spoiled, no one would be sorrier than yourself. You are much better than you pretend to be".

Lord Henry laughed. "The reason we all like to think so well of others is that we are all afraid for ourselves. The basis of optimism is sheer terror. We think that we are generous because we credit our neighbor with those virtues that are likely to benefit ourselves. We praise the banker that

we may overdraw our account, and find good qualities in the highwayman in the hope that he may spare our pockets. I mean everything that I have said. I have the greatest contempt for optimism. And as for a spoiled life, no life is spoiled but one whose growth is arrested. If you want to mar a nature, you have merely to reform it. But here is Dorian himself. He will tell you more than I can".

"My dear Harry, my dear Basil, you must both congratulate me!" said the boy, throwing off his evening cape with its satin-lined wings, and shaking each of his friends by the hand in turn. "I have never been so happy. Of course it is sudden: all really delightful things are. And yet it seems to me to be the one thing I have been looking for all my life". He was flushed with excitement and pleasure, and looked extraordinarily handsome.

"I hope you will always be very happy, Dorian", said Hallward, "but I don't quite forgive you for not having let me know of your engagement. You let Harry know".

"And I don't forgive you for being late for dinner", broke in Lord Henry, putting his hand on the lad's shoulder, and smiling as he spoke. "Come, let us sit down and try what the new chef here is like, and then you will tell us how it all came about".

"There is really not much to tell", cried Dorian, as they took their seats at the small round table. "What happened was simply this. After I left you yesterday evening, Harry, I had some dinner at that curious little Italian restaurant in Rupert Street, you introduced me to, and went down afterwards to the theatre.Sibyl was playing Rosalind. Of course the scenery was dreadful, and the Orlando absurd. But Sibyl! You should have seen her! When she came on in her boy's dress she was perfectly wonderful. She wore a moss-colored velvet jerkin with cinnamon sleeves, slim brown cross-gartered hose, a dainty little green cap with a hawk's feather caught in a jewel, and a hooded cloak lined with dull red. She had never seemed to me more exquisite. She had all the delicate grace of that Tanagra figurine that you have in your studio, Basil. Her hair clustered round her face like dark leaves round a pale rose. As for her acting – well, you will see her tonight. She is simply a born artist. I sat in the dingy box absolutely enthralled. I forgot that I was in London and in the nineteenth century. I was away with my love in a forest that no man had ever seen. After the

performance was over I went behind, and spoke to her. As we were sitting together, suddenly there came a look into her eyes that I had never seen there before. My lips moved towards hers. We kissed each other. I can't describe to you what I felt at that moment. It seemed to me that all my life had been narrowed to one perfect point of rose-colored joy. She trembled all over, and shook like a white narcissus. Then she flung herself on her knees and kissed my hands. I feel that I should not tell you all this, but I can't help it. Of course our engagement is a dead secret. She has not even told her own mother. I don't know what my guardians will say. Lord Radley is sure to be furious. I don't care. I shall be of age in less than a year, and then I can do what I like. I have been right, Basil, haven't I, to take my love out of poetry, and to find my wife in Shakespeare's plays? Lips that Shakespeare taught to speak have whispered their secret in my ear. I have had the arms of Rosalind around me, and kissed Juliet on the mouth".

"Yes, Dorian, I suppose you were right", said Hallward, slowly.

"Have you seen her today?" asked Lord Henry.

Dorian Gray shook his head. "I left her in the forest of Arden, I shall find her in an orchard in Verona".

Lord Henry sipped his champagne in a meditative manner. "At what particular point did you mention the word marriage, Dorian? and what did she say in answer? Perhaps you forgot all about it".

"My dear Harry, I did not treat it as a business transaction, and I did not make any formal proposal. I told her that I loved her, and she said she was not worthy to be my wife. Not worthy! Why, the whole world is nothing to me compared to her".

"Women are wonderfully practical", murmured Lord Henry – "much more practical than we are. In situations of that kind we often forget to say anything about marriage, and they always remind us".

Hallward laid his hand upon his arm. "Don't, Harry. You have annoyed Dorian. He is not like other men. He would never bring misery upon any one. His nature is too fine for that".

Lord Henry looked across the table. "Dorian is never annoyed with me", he answered. "I asked the question for the best reason possible, for the only reason, indeed, that excuses one for asking any question – simple

curiosity. I have a theory that it is always the women who propose to us, and not we who propose to the women, except, of course, in middle-class life. But then the middle classes are not modern".

Dorian Gray laughed, and tossed his head. "You are quite incorrigible, Harry; but I don't mind. It is impossible to be angry with you. When you see Sibyl Vane you will feel that the man who could wrong her would be a beast without a heart. I cannot understand how any one can wish to shame what he loves. I love Sibyl Vane. I wish to place her on a pedestal of gold, and to see the world worship the woman who is mine. What is marriage? An irrevocable vow. And it is an irrevocable vow that I want to take. Her trust makes me faithful, her belief makes me good. When I am with her, I regret all that you have taught me. I become different from what you have known me to be. I am changed, and the mere touch of Sibyl Vane's hand makes me forget you and all your wrong, fascinating, poisonous, delightful theories".

"You will always like me, Dorian", said Lord Henry. "Will you have some coffee, you fellows? Waiter, bring coffee, and fine-champagne, and some cigarettes. No: don't mind the cigarettes; I have some. Basil, I can't allow you to smoke cigars. You must have a cigarette. A cigarette is the perfect type of a perfect pleasure. It is exquisite, and it leaves one unsatisfied. What more can you want? Yes, Dorian, you will always be fond of me. I represent to you all the sins you have never had the courage to commit".

"What nonsense you talk, Harry!" cried Dorian Gray, lighting his cigarette from a fire-breathing silver dragon that the waiter had placed on the table. "Let us go down to the theatre. When you see Sibyl you will have a new ideal of life. She will represent something to you that you have never known".

"I have known everything", said Lord Henry, with a sad look in his eyes, "but I am always ready for a new emotion. I am afraid that there is no such thing, for me at any rate. Still, your wonderful girl may thrill me. I love acting. It is so much more real than life. Let us go. Dorian, you will come with me. I am so sorry, Basil, but there is only room for two in the brougham. You must follow us in a hansom".

They got up and put on their coats, sipping their coffee standing. Hallward was silent and preoccupied. There was a gloom over him. He could not bear this marriage, and yet it seemed to him to be better than many other things that might have happened. After a few moments, they all passed down-stairs. He drove off by himself, as had been arranged, and watched the flashing lights of the little brougham in front of him. A strange sense of loss came over him. He felt that Dorian Gray would never again be to him all that he had been in the past. His eyes darkened, and the crowded flaring streets became blurred to him. When the cab drew up at the doors of the theatre, it seemed to him that he had grown years older.

CHAPTER 5

For some reason or other, the house was crowded that night, and the fat Jew manager who met them at the door was beaming from ear to ear with an oily, tremulous smile. He escorted them to their box with a sort of pompous humility, waving his fat jewelled hands, and talking at the top of his voice. Dorian Gray loathed him more than ever. He felt as if he had come to look for Miranda and had been met by Caliban. Lord Henry, upon the other hand, rather liked him. At least he declared he did, and insisted on shaking him by the hand, and assured him that he was proud to meet a man who had discovered a real genius and gone bankrupt over Shakespeare. Hallward amused himself with watching the faces in the pit. The heat was terribly oppressive, and the huge sunlight flamed like a monstrous dahlia with petals of fire. The youths in the gallery had taken off their coats and waistcoats and hung them over the side. They talked to each other across the theatre, and shared their oranges with the tawdry painted girls who sat by them. Some women were laughing in the pit; their voices were horribly shrill and discordant. The sound of the popping of corks came from the bar.

"What a place to find one's divinity in!" said Lord Henry.

"Yes!" answered Dorian Gray. "It was here I found her, and she is divine beyond all living things. When she acts you will forget everything. These common people here, with their coarse faces and brutal gestures, become quite different when she is on the stage. They sit silently and watch her. They weep and laugh as she wills them to do. She makes them as responsive as a violin. She spiritualizes them, and one feels that they are of the same flesh and blood as one's self".

"Oh, I hope not!" murmured Lord Henry, who was scanning the occupants of the gallery through his opera-glass.

"Don't pay any attention to him, Dorian", said Hallward. "I understand what you mean, and I believe in this girl. Any one you love must be marvellous, and any girl that has the effect you describe must be fine and noble. To spiritualize one's age – that is something worth doing. If this girl can give a soul to those who have lived without one, if she can create the sense of beauty in people whose lives have been sordid and ugly, if she can strip them of their selfishness and lend them tears for sorrows that are not

their own, she is worthy of all your adoration, worthy of the adoration of the world. This marriage is quite right. I did not think so at first, but I admit it now. God made Sibyl Vane for you. Without her you would have been incomplete".

"Thanks, Basil", answered Dorian Gray, pressing his hand. "I knew that you would understand me. Harry is so cynical, he terrifies me. But here is the orchestra. It is quite dreadful, but it only lasts for about five minutes. Then the curtain rises, and you will see the girl to whom I am going to give all my life, to whom I have given everything that is good in me".

A quarter of an hour afterwards, amidst an extraordinary turmoil of applause, Sibyl Vane stepped on to the stage. Yes, she was certainly lovely to look at – one of the loveliest creatures, Lord Henry thought, that he had ever seen. There was something of the fawn in her shy grace and startled eyes. A faint blush, like the shadow of a rose in a mirror of silver, came to her cheeks as she glanced at the crowded, enthusiastic house. She stepped back a few paces, and her lips seemed to tremble. Basil Hallward leaped to his feet and began to applaud. Dorian Gray sat motionless, gazing on her, like a man in a dream. Lord Henry peered through his opera-glass, murmuring, "Charming! charming!"

The scene was the hall of Capulet's house, and Romeo in his pilgrim's dress had entered with Mercutio and his friends. The band, such as it was, struck up a few bars of music, and the dance began. Through the crowd of ungainly, shabbily-dressed actors, Sibyl Vane moved like a creature from a finer world. Her body swayed, as she danced, as a plant sways in the water. The curves of her throat were like the curves of a white lily. Her hands seemed to be made of cool ivory.

Yet she was curiously listless. She showed no sign of joy when her eyes rested on Romeo. The few lines she had to speak,

Good pilgrim, you do wrong your hand too much,
Which mannerly devotion
shows in this;
For saints have hands that pilgrims' hands do touch,
And palm to palm is holy palmers' kiss,

with the brief dialogue that follows, were spoken in a thoroughly artificial manner. The voice was exquisite, but from the point of view of tone it was absolutely false. It was wrong in color. It took away all the life from the verse. It made the passion unreal.

Dorian Gray grew pale as he watched her. Neither of his friends dared to say anything to him. She seemed to them to be absolutely incompetent. They were horribly disappointed.

Yet they felt that the true test of any Juliet is the balcony scene of the second act. They waited for that. If she failed there, there was nothing in her.

She looked charming as she came out in the moonlight. That could not be denied. But the staginess of her acting was unbearable, and grew worse as she went on. Her gestures became absurdly artificial. She over-emphasized everything that she had to say. The beautiful passage,

Thou knowest the mask of night is on my face,
Else would a maiden blush bepaint my cheek
For that which thou hast heard me speak tonight,

was declaimed with the painful precision of a school-girl who has been taught to recite by some second-rate professor of elocution.When she leaned over the balcony and came to those wonderful lines,

Although I joy in thee,
I have no joy of this contract tonight:
It is too rash, too unadvised, too sudden;
Too like the lightning, which doth cease to be
Ere one can say, "It lightens". Sweet, good-night!
This bud of love by summer's ripening breath
May prove a beauteous flower when next we meet,

she spoke the words as if they conveyed no meaning to her. It was not nervousness. Indeed, so far from being nervous, she seemed absolutely self-contained. It was simply bad art. She was a complete failure.

Even the common uneducated audience of the pit and gallery lost their interest in the play. They got restless, and began to talk loudly and to whistle. The Jew manager, who was standing at the back of the dress-circle, stamped and swore with rage. The only person unmoved was the girl herself.

When the second act was over there came a storm of hisses, and Lord Henry got up from his chair and put on his coat. "She is quite beautiful, Dorian", he said, "but she can't act. Let us go".

"I am going to see the play through", answered the lad, in a hard, bitter voice. "I am awfully sorry that I have made you waste an evening, Harry. I apologize to both of you".

"My dear Dorian, I should think Miss Vane was ill", interrupted Hallward."We will come some other night".

"I wish she was ill", he rejoined. "But she seems to me to be simply callous and cold. She has entirely altered. Last night she was a great artist. Tonight she is merely a commonplace, mediocre actress".

"Don't talk like that about any one you love, Dorian. Love is a more wonderful thing than art".

"They are both simply forms of imitation", murmured Lord Henry. "But do let us go. Dorian, you must not stay here any longer. It is not good for one's morals to see bad acting. Besides, I don't suppose you will want your wife to act. So what does it matter if she plays Juliet like a wooden doll? She is very lovely, and if she knows as little about life as she does about acting, she will be a delightful experience. There are only two kinds of people who are really fascinating, people who know absolutely everything, and people who know absolutely nothing. Good heavens, my dear boy, don't look so tragic! The secret of remaining young is never to have an emotion that is unbecoming. Come to the club with Basil and myself. We will smoke cigarettes and drink to the beauty of Sibyl Vane. She is beautiful. What more can you want?"

"Please go away, Harry", cried the lad. "I really want to be alone. Basil, you don't mind my asking you to go? Ah! can't you see that my heart is breaking?" The hot tears came to his eyes. His lips trembled, and, rushing to the back of the box, he leaned up against the wall, hiding his face in his hands.

"Let us go, Basil", said Lord Henry, with a strange tenderness in his voice; and the two young men passed out together.

A few moments afterwards the footlights flared up, and the curtain rose on the third act. Dorian Gray went back to his seat. He looked pale, and proud, and indifferent. The play dragged on, and seemed interminable. Half of the audience went out, tramping in heavy boots, and laughing. The whole thing was a fiasco. The last act was played to almost empty benches.

As soon as it was over, Dorian Gray rushed behind the scenes into the greenroom. The girl was standing alone there, with a look of triumph on her face. Her eyes were lit with an exquisite fire. There was a radiance about her. Her parted lips were smiling over some secret of their own.

When he entered, she looked at him, and an expression of infinite joy came over her. "How badly I acted tonight, Dorian!" she cried.

"Horribly!" he answered, gazing at her in amazement, "horribly! It was dreadful. Are you ill? You have no idea what it was. You have no idea what I suffered".

The girl smiled."Dorian", she answered, lingering over his name with long-drawn music in her voice, as though it were sweeter than honey to the red petals of her lips. "Dorian, you should have understood. But you understand now, don't you?"

"Understand what?" he asked, angrily.

"Why I was so bad tonight. Why I shall always be bad. Why I shall never act well again".

He shrugged his shoulders. "You are ill, I suppose. When you are ill you shouldn't act. You make yourself ridiculous. My friends were bored. I was bored".

She seemed not to listen to him. She was transfigured with joy. An ecstasy of happiness dominated her.

"Dorian, Dorian", she cried, "before I knew you, acting was the one reality of my life. It was only in the theatre that I lived. I thought that it was all true. I was Rosalind one night and Portia the other. The joy of Beatrice was my joy, and the sorrows of Cordelia were mine also. I believed in everything. The common people who acted with me seemed to me to be godlike. The painted scenes were my world. I knew nothing but shadows, and I thought them real. You came – oh, my beautiful love! – and you freed my soul from prison. You taught me what reality really is. Tonight, for the first time in my life, I saw through the hollowness, the sham, the silliness, of the empty pageant in which I had always played. Tonight, for the first time, I became conscious that the Romeo was hideous, and old, and painted, that the moonlight in the orchard was false, that the scenery was vulgar, and that the words I had to speak were unreal, were not my words, not what I wanted to say. You had brought me something higher, something of which all art is but a reflection. You have made me understand what love really is. My love! my love! I am sick of shadows. You are more to me than all art can ever be. What have I to do with the puppets of a play? When I came on tonight, I could not understand how it was that everything had gone from me. Suddenly it dawned on my soul what it all meant. The knowledge was exquisite to me. I heard them hissing, and I smiled. What should they know of love? Take me away, Dorian – take me away with you, where we can be quite alone. I hate the stage. I might mimic a passion that I do not feel, but I cannot mimic one that burns me like fire. Oh, Dorian, Dorian, you understand now what it all means? Even if I could do it, it would be profanation for me to play at being in love. You have made me see that".

He flung himself down on the sofa, and turned away his face. "You have killed my love", he muttered.

She looked at him in wonder, and laughed. He made no answer. She came across to him, and stroked his hair with her little fingers. She knelt down and pressed his hands to her lips. He drew them away, and a shudder ran through him.

Then he leaped up, and went to the door. "Yes", he cried, "you have killed my love. You used to stir my imagination. Now you don't even stir my curiosity. You simply produce no effect. I loved you because you were

wonderful, because you had genius and intellect, because you realized the dreams of great poets and gave shape and substance to the shadows of art. You have thrown it all away. You are shallow and stupid. My God! how mad I was to love you! What a fool I have been! You are nothing to me now. I will never see you again. I will never think of you. I will never mention your name. You don't know what you were to me, once. Why, once... Oh, I can't bear to think of it! I wish I had never laid eyes upon you! You have spoiled the romance of my life. How little you can know of love, if you say it mars your art! What are you without your art? Nothing. I would have made you famous, splendid, magnificent. The world would have worshipped you, and you would have belonged to me. What are you now? A third-rate actress with a pretty face".

The girl grew white, and trembled. She clinched her hands together, and her voice seemed to catch in her throat. "You are not serious, Dorian?" she murmured. "You are acting".

"Acting! I leave that to you. You do it so well", he answered, bitterly.

She rose from her knees, and, with a piteous expression of pain in her face, came across the room to him. She put her hand upon his arm, and looked into his eyes. He thrust her back. "Don't touch me!" he cried.

A low moan broke from her, and she flung herself at his feet, and lay there like a trampled flower. "Dorian, Dorian, don't leave me!" she whispered. "I am so sorry I didn't act well. I was thinking of you all the time. But I will try – indeed, I will try. It came so suddenly across me, my love for you. I think I should never have known it if you had not kissed me – if we had not kissed each other. Kiss me again, my love. Don't go away from me. I couldn't bear it. Can't you forgive me for tonight? I will work so hard, and try to improve. Don't be cruel to me because I love you better than anything in the world. After all, it is only once that I have not pleased you. But you are quite right, Dorian. I should have shown myself more of an artist. It was foolish of me; and yet I couldn't help it. Oh, don't leave me, don't leave me". A fit of passionate sobbing choked her. She crouched on the floor like a wounded thing, and Dorian Gray, with his beautiful eyes, looked down at her, and his chiselled lips curled in exquisite disdain. There is always something ridiculous about the passions of people whom one has

ceased to love. Sibyl Vane seemed to him to be absurdly melodramatic. Her tears and sobs annoyed him.

"I am going", he said at last, in his calm, clear voice. "I don't wish to be unkind, but I can't see you again. You have disappointed me".

She wept silently, and made no answer, but crept nearer to him. Her little hands stretched blindly out, and appeared to be seeking for him. He turned on his heel, and left the room. In a few moments he was out of the theatre.

Where he went to, he hardly knew. He remembered wandering through dimly-lit streets with gaunt black-shadowed archways and evil-looking houses. Women with hoarse voices and harsh laughter had called after him. Drunkards had reeled by cursing, and chattering to themselves like monstrous apes. He had seen grotesque children huddled upon door-steps, and had heard shrieks and oaths from gloomy courts.

When the dawn was just breaking he found himself at Covent Garden. Huge carts filled with nodding lilies rumbled slowly down the polished empty street. The air was heavy with the perfume of the flowers, and their beauty seemed to bring him an anodyne for his pain. He followed into the market, and watched the men unloading their wagons.A white-smocked carter offered him some cherries. He thanked him, wondered why he refused to accept any money for them, and began to eat them listlessly. They had been plucked at midnight, and the coldness of the moon had entered into them. A long line of boys carrying crates of striped tulips, and of yellow and red roses, defiled in front of him, threading their way through the huge jade-green piles of vegetables. Under the portico, with its gray sun-bleached pillars, loitered a troop of draggled bareheaded girls, waiting for the auction to be over. After some time he hailed a hansom and drove home. The sky was pure opal now, and the roofs of the houses glistened like silver against it. As he was passing through the library towards the door of his bedroom, his eye fell upon the portrait Basil Hallward had painted of him. He started back in surprise, and then went over to it and examined it. In the dim arrested light that struggled through the cream-colored silk blinds, the face seemed to him to be a little changed. The expression looked different. One would have said that there was a touch of cruelty in the mouth. It was certainly curious.

He turned round, and, walking to the window, drew the blinds up. The bright dawn flooded the room, and swept the fantastic shadows into dusky corners, where they lay shuddering. But the strange expression that he had noticed in the face of the portrait seemed to linger there, to be more intensified even. The quivering, ardent sunlight showed him the lines of cruelty round the mouth as clearly as if he had been looking into a mirror after he had done some dreadful thing.

He winced, and, taking up from the table an oval glass framed in ivory Cupids, that Lord Henry had given him, he glanced hurriedly into it. No line like that warped his red lips. What did it mean?

He rubbed his eyes, and came close to the picture, and examined it again. There were no signs of any change when he looked into the actual painting, and yet there was no doubt that the whole expression had altered. It was not a mere fancy of his own. The thing was horribly apparent.

He threw himself into a chair, and began to think. Suddenly there flashed across his mind what he had said in Basil Hallward's studio the day the picture had been finished. Yes, he remembered it perfectly. He had uttered a mad wish that he himself might remain young, and the portrait grow old; that his own beauty might be untarnished, and the face on the canvas bear the burden of his passions and his sins; that the painted image might be seared with the lines of suffering and thought, and that he might keep all the delicate bloom and loveliness of his then just conscious boyhood. Surely his prayer had not been answered? Such things were impossible. It seemed monstrous even to think of them. And, yet, there was the picture before him, with the touch of cruelty in the mouth.

Cruelty! Had he been cruel? It was the girl's fault, not his. He had dreamed of her as a great artist, had given his love to her because he had thought her great. Then she had disappointed him. She had been shallow and unworthy. And, yet, a feeling of infinite regret came over him, as he thought of her lying at his feet sobbing like a little child. He remembered with what callousness he had watched her. Why had he been made like that? Why had such a soul been given to him? But he had suffered also. During the three terrible hours that the play had lasted, he had lived centuries of pain, aeon upon aeon of torture. His life was well worth hers. She had marred him for a moment, if he had wounded her for an age.

Besides, women were better suited to bear sorrow than men. They lived on their emotions. They only thought of their emotions. When they took lovers, it was merely to have some one with whom they could have scenes. Lord Henry had told him that, and Lord Henry knew what women were. Why should he trouble about Sibyl Vane? She was nothing to him now.

But the picture? What was he to say of that? It held the secret of his life, and told his story. It had taught him to love his own beauty. Would it teach him to loathe his own soul? Would he ever look at it again?

No; it was merely an illusion wrought on the troubled senses.The horrible night that he had passed had left phantoms behind it. Suddenly there had fallen upon his brain that tiny scarlet speck that makes men mad. The picture had not changed. It was folly to think so.

Yet it was watching him, with its beautiful marred face and its cruel smile. Its bright hair gleamed in the early sunlight. Its blue eyes met his own. A sense of infinite pity, not for himself, but for the painted image of himself, came over him. It had altered already, and would alter more. Its gold would wither into gray. Its red and white roses would die. For every sin that he committed, a stain would fleck and wreck its fairness. But he would not sin. The picture, changed or unchanged, would be to him the visible emblem of conscience. He would resist temptation. He would not see Lord Henry any more — would not, at any rate, listen to those subtle poisonous theories that in Basil Hallward's garden had first stirred within him the passion for impossible things. He would go back to Sibyl Vane, make her amends, marry her, try to love her again. Yes, it was his duty to do so. She must have suffered more than he had. Poor child! He had been selfish and cruel to her. The fascination that she had exercised over him would return. They would be happy together. His life with her would be beautiful and pure.

He got up from his chair, and drew a large screen right in front of the portrait, shuddering as he glanced at it. "How horrible!" he murmured to himself, and he walked across to the window and opened it. When he stepped out on the grass, he drew a deep breath. The fresh morning air seemed to drive away all his sombre passions. He thought only of Sibyl Vane. A faint echo of his love came back to him. He repeated her name over

and over again. The birds that were singing in the dew-drenched garden seemed to be telling the flowers about her.

CHAPTER 6

It was long past noon when he awoke. His valet had crept several times into the room on tiptoe to see if he was stirring, and had wondered what made his young master sleep so late. Finally his bell sounded, and Victor came in softly with a cup of tea, and a pile of letters, on a small tray of old Sèvres china, and drew back the olive-satin curtains, with their shimmering blue lining, that hung in front of the three tall windows.

"Monsieur has well slept this morning", he said, smiling.

"What o'clock is it, Victor?" asked Dorian Gray, sleepily.

"One hour and a quarter, monsieur".

How late it was! He sat up, and, having sipped some tea, turned over his letters. One of them was from Lord Henry, and had been brought by hand that morning. He hesitated for a moment, and then put it aside. The others he opened listlessly. They contained the usual collection of cards, invitations to dinner, tickets for private views, programmes of charity concerts, and the like, that are showered on fashionable young men every morning during the season. here was a rather heavy bill, for a chased silver Louis-Quinze toilet-set, that he had not yet had the courage to send on to his guardians, who were extremely old-fashioned people and did not realize that we live in an age when only unnecessary things are absolutely necessary to us; and there were several very courteously worded communications from Jermyn Street money-lenders offering to advance any sum of money at a moment's notice and at the most reasonable rates of interest.

After about ten minutes he got up, and, throwing on an elaborate dressing-gown, passed into the onyx-paved bath-room. The cool water refreshed him after his long sleep. He seemed to have forgotten all that he had gone through. A dim sense of having taken part in some strange tragedy came to him once or twice, but there was the unreality of a dream about it.

As soon as he was dressed, he went into the library and sat down to a light French breakfast, that had been laid out for him on a small round table close to an open window. It was an exquisite day. The warm air seemed laden with spices. A bee flew in, and buzzed round the blue-dragon

bowl, filled with sulphur-yellow roses, that stood in front of him. He felt perfectly happy.

Suddenly his eye fell on the screen that he had placed in front of the portrait, and he started.

"Too cold for Monsieur?" asked his valet, putting an omelette on the table. "I shut the window?"

Dorian shook his head. "I am not cold", he murmured.

Was it all true? Had the portrait really changed? Or had it been simply his own imagination that had made him see a look of evil where there had been a look of joy? Surely a painted canvas could not alter? The thing was absurd. It would serve as a tale to tell Basil some day. It would make him smile.

And, yet, how vivid was his recollection of the whole thing! First in the dim twilight, and then in the bright dawn, he had seen the touch of cruelty in the warped lips. He almost dreaded his valet leaving the room. He knew that when he was alone he would have to examine the portrait. He was afraid of certainty. When the coffee and cigarettes had been brought and the man turned to go, he felt a mad desire to tell him to remain. As the door closed behind him he called him back. The man stood waiting for his orders. Dorian looked at him for a moment. "I am not at home to any one, Victor", he said, with a sigh. The man bowed and retired.

He rose from the table, lit a cigarette, and flung himself down on a luxuriously-cushioned couch that stood facing the screen. The screen was an old one of gilt Spanish leather, stamped and wrought with a rather florid Louis-Quatorze pattern. He scanned it curiously, wondering if it had ever before concealed the secret of a man's life.

Should he move it aside, after all? Why not let it stay there? What was the use of knowing? If the thing was true, it was terrible. If it was not true, why trouble about it? But what if, by some fate or deadlier chance, other eyes than his spied behind, and saw the horrible change? What should he do if Basil Hallward came and asked to look at his own picture? He would be sure to do that. No; the thing had to be examined, and at once. Anything would be better than this dreadful state of doubt.

He got up, and locked both doors. At least he would be alone when he looked upon the mask of his shame. Then he drew the screen aside, and saw himself face to face. It was perfectly true. The portrait had altered.

As he often remembered afterwards, and always with no small wonder, he found himself at first gazing at the portrait with a feeling of almost scientific interest. That such a change should have taken place was incredible to him. And yet it was a fact. Was there some subtle affinity between the chemical atoms, that shaped themselves into form and color on the canvas, and the soul that was within him? Could it be that what that soul thought, they realized? – that what it dreamed, they made true? Or was there some other, more terrible reason? He shuddered, and felt afraid, and, going back to the couch, lay there, gazing at the picture in sickened horror.

One thing, however, he felt that it had done for him. It had made him conscious how unjust, how cruel, he had been to Sibyl Vane. It was not too late to make reparation for that. She could still be his wife. His unreal and selfish love would yield to some higher influence, would be transformed into some nobler passion, and the portrait that Basil Hallward had painted of him would be a guide to him through life, would be to him what holiness was to some, and conscience to others, and the fear of God to us all. There were opiates for remorse, drugs that could lull the moral sense to sleep. But here was a visible symbol of the degradation of sin. Here was an ever-present sign of the ruin men brought upon their souls.

Three o'clock struck, and four, and half-past four, but he did not stir. He was trying to gather up the scarlet threads of life, and to weave them into a pattern; to find his way through the sanguine labyrinth of passion through which he was wandering. He did not know what to do, or what to think. Finally, he went over to the table and wrote a passionate letter to the girl he had loved, imploring her forgiveness, and accusing himself of madness. He covered page afterpage with wild words of sorrow, and wilder words of pain. There is a luxury in self-reproach. When we blame ourselves we feel that no one else has a right to blame us. It is the confession, not the priest, that gives us absolution. When Dorian Gray had finished the letter, he felt that he had been forgiven.

Suddenly there came a knock to the door, and he heard Lord Henry's voice outside. "My dear Dorian, I must see you. Let me in at once. I can't bear your shutting yourself up like this".

He made no answer at first, but remained quite still. The knocking still continued, and grew louder. Yes, it was better to let Lord Henry in, and to explain to him the new life he was going to lead, to quarrel with him if it became necessary to quarrel, to part if parting was inevitable. He jumped up, drew the screen hastily across the picture, and unlocked the door.

"I am so sorry for it all, my dear boy", said Lord Henry, coming in". But you must not think about it too much".

"Do you mean about Sibyl Vane?" asked Dorian.

"Yes, of course", answered Lord Henry, sinking into a chair, and slowly pulling his gloves off. "It is dreadful, from one point of view, but it was not your fault. Tell me, did you go behind and see her after the play was over?"

"Yes".

"I felt sure you had. Did you make a scene with her?"

"I was brutal, Harry, perfectly brutal. But it is all right now. I am not sorry for anything that has happened. It has taught me to know myself better".

"Ah, Dorian, I am so glad you take it in that way! I was afraid I would find you plunged in remorse, and tearing your nice hair".

"I have got through all that", said Dorian, shaking his head, and smiling. "I am perfectly happy now. I know what conscience is, to begin with. It is not what you told me it was. It is the divinest thing in us. Don't sneer at it, Harry, any more – at least not before me. I want to be good. I can't bear the idea of my soul being hideous".

"A very charming artistic basis for ethics, Dorian! I congratulate you on it. But how are you going to begin?"

"By marrying Sibyl Vane".

"Marrying Sibyl Vane!" cried Lord Henry, standing up, and looking at him in perplexed amazement. "But, my dear Dorian…"

"Yes, Harry, I know what you are going to say. Something dreadful about marriage. Don't say it. Don't ever say things of that kind to me again. Two days ago I asked Sibyl to marry me. I am not going to break my word to her. She is to be my wife".

"Your wife! Dorian!... Didn't you get my letter? I wrote to you this morning, and sent the note down, by my own man".

"Your letter? Oh, yes, I remember. I have not read it yet, Harry. I was afraid there might be something in it that I wouldn't like".

Lord Henry walked across the room, and, sitting down by Dorian Gray, took both his hands in his, and held them tightly. "Dorian", he said, "my letter – don't be frightened – was to tell you that Sibyl Vane is dead".

A cry of pain rose from the lad's lips, and he leaped to his feet, tearing his hands away from Lord Henry's grasp. "Dead! Sibyl dead! It is not true! It is a horrible lie!"

"It is quite true, Dorian", said Lord Henry, gravely. "It is in all the morning papers. I wrote down to you to ask you not to see any one till I came. There will have to be an inquest, of course, and you must not be mixed up in it. Things like that make a man fashionable in Paris. But in London people are so prejudiced. Here, one should never make one's d**é**but with a scandal. One should reserve that to give an interest to one's old age. I don't suppose they know your name at the theatre. If they don't, it is all right. Did any one see you going round to her room? That is an important point".

Dorian did not answer for a few moments. He was dazed with horror. Finally he murmured, in a stifled voice, "Harry, did you say an inquest? What did you mean by that? Did Sibyl...? Oh, Harry, I can't bear it! But be quick. Tell me everything at once".

"I have no doubt it was not an accident, Dorian, though it must be put in that way to the public. As she was leaving the theatre with her mother, about half-past twelve or so, she said she had forgotten something up-stairs. They waited some time for her, but she did not come down again. They ultimately found her lying dead on the floor of her dressing-room. She had swallowed something by mistake, some dreadful thing they use at theatres. I don't know what it was, but it had either prussic acid or white

lead in it. I should fancy it was prussic acid, as she seems to have died instantaneously. It is very tragic, of course, but you must not get yourself mixed up in it. I see by the Standard that she was seventeen. I should have thought she was almost younger than that. She looked such a child, and seemed to know so little about acting. Dorian, you mustn't let this thing get on your nerves. You must come and dine with me, and afterwards we will look in at the Opera. It is a Patti night, and everybody will be there. You can come to my sister's box. She has got some smart women with her".

"So I have murdered Sibyl Vane", said Dorian Gray, half to himself – "murdered her as certainly as if I had cut her little throat with a knife. And the roses are not less lovely for all that. The birds sing just as happily in my garden. And tonight I am to dine with you, and then go on to the Opera, and sup somewhere, I suppose, afterwards. How extraordinarily dramatic life is! If I had read all this in a book, Harry, I think I would have wept over it. Somehow, now that it has happened actually, and to me, it seems far too wonderful for tears. Here is the first passionate love-letter I have ever written in my life. Strange, that my first passionate love-letter should have been addressed to a dead girl. Can they feel, I wonder, those white silent people we call the dead? Sibyl! Can she feel, or know, or listen? Oh, Harry, how I loved her once! It seems years ago to me now. She was everything to me. Then came that dreadful night – was it really only last night? – when she played so badly, and my heart almost broke. She explained it all to me. It was terribly pathetic. But I was not moved a bit. I thought her shallow. Then something happened that made me afraid. I can't tell you what it was, but it was awful. I said I would go back to her. I felt I had done wrong. And now she is dead. My God! my God! Harry, what shall I do? You don't know the danger I am in, and there is nothing to keep me straight. She would have done that for me. She had no right to kill herself. It was selfish of her".

"My dear Dorian, the only way a woman can ever reform a man is by boring him so completely that he loses all possible interest in life. If you had married this girl you would have been wretched. Of course you would have treated her kindly. One can always be kind to people about whom one cares nothing. But she would have soon found out that you were absolutely indifferent to her. And when a woman finds that out about her husband,

she either becomes dreadfully dowdy, or wears very smart bonnets that some other woman's husband has to pay for. I say nothing about the social mistake, but I assure you that in any case the whole thing would have been an absolute failure".

"I suppose it would", muttered the lad, walking up and down the room, and looking horribly pale. "But I thought it was my duty. It is not my fault that this terrible tragedy has prevented my doing what was right. I remember your saying once that there is a fatality about good resolutions, — that they are always made too late. Mine certainly were".

"Good resolutions are simply a useless attempt to interfere with scientific laws. Their origin is pure vanity. Their result is absolutely nil. They give us, now and then, some of those luxurious sterile emotions that have a certain charm for us. That is all that can be said for them".

"Harry", cried Dorian Gray, coming over and sitting down beside him, "why is it that I cannot feel this tragedy as much as I want to? I don't think I am heartless. Do you?"

"You have done too many foolish things in your life to be entitled to give yourself that name, Dorian", answered Lord Henry, with his sweet, melancholy smile.

The lad frowned. "I don't like that explanation, Harry", he rejoined, "but I am glad you don't think I am heartless. I am nothing of the kind. I know I am not. And yet I must admit that this thing that has happened does not affect me as it should. It seems to me to be simply like a wonderful ending to a wonderful play. It has all the terrible beauty of a great tragedy, a tragedy in which I took part, but by which I have not been wounded".

"It is an interesting question", said Lord Henry, who found an exquisite pleasure in playing on the lad's unconscious egotism — "an extremely interesting question. I fancy that the explanation is this. It often happens that the real tragedies of life occur in such an inartistic manner that they hurt us by their crude violence, their absolute incoherence, their absurd want of meaning, their entire lack of style. They affect us just as vulgarity affects us. They give us an impression of sheer brute force, and we revolt against that. Sometimes, however, a tragedy that has artistic elements of beauty crosses our lives. If these elements of beauty are real, the

whole thing simply appeals to our sense of dramatic effect. Suddenly we find that we are no longer the actors, but the spectators of the play. Or rather we are both. We watch ourselves, and the mere wonder of the spectacle enthralls us. In the present case, what is it that has really happened? Some one has killed herself for love of you. I wish I had ever had such an experience. It would have made me in love with love for the rest of my life. The people who have adored me – there have not been very many, but there have been some – have always insisted on living on, long after I had ceased to care for them, or they to care for me. They have become stout and tedious, and when I meet them they go in at once for reminiscences. That awful memory of woman! What a fearful thing it is! And what an utter intellectual stagnation it reveals! One should absorb the color of life, but one should never remember its details. Details are always vulgar.

"Of course, now and then things linger. I once wore nothing but violets all through one season, as mourning for a romance that would not die. Ultimately, however, it did die. I forget what killed it. I think it was her proposing to sacrifice the whole world for me. That is always a dreadful moment. It fills one with the terror of eternity. Well – would you believe it? – a week ago, at Lady Hampshire's, I found myself seated at dinner next the lady in question, and she insisted on going over the whole thing again, and digging up the past, and raking up the future. I had buried my romance in a bed of poppies. She dragged it out again, and assured me that I had spoiled her life. I am bound to state that she ate an enormous dinner, so I did not feel any anxiety. But what a lack of taste she showed! The one charm of the past is that it is the past. But women never know when the curtain has fallen. They always want a sixth act, and as soon as the interest of the play is entirely over they propose to continue it. If they were allowed to have their way, every comedy would have a tragic ending, and every tragedy would culminate in a farce. They are charmingly artificial, but they have no sense of art. You are more fortunate than I am. I assure you, Dorian, that not one of the women I have known would have done for me what Sibyl Vane did for you. Ordinary women always console themselves. Some of them do it by going in for sentimental colors. Never trust a woman who wears mauve, whatever her age may be, or a woman over thirty-five who is fond of pink ribbons. It always means that they have a history. Others find a great

consolation in suddenly discovering the good qualities of their husbands. They flaunt their conjugal felicity in one's face, as if it was the most fascinating of sins. Religion consoles some. Its mysteries have all the charm of a flirtation, a woman once told me; and I can quite understand it. Besides, nothing makes one so vain as being told that one is a sinner. There is really no end to the consolations that women find in modern life. Indeed, I have not mentioned the most important one of all".

"What is that, Harry?" said Dorian Gray, listlessly.

"Oh, the obvious one. Taking some one else's admirer when one loses one's own. In good society that always whitewashes a woman. But really, Dorian, how different Sibyl Vane must have been from all the women one meets! There is something to me quite beautiful about her death. I am glad I am living in a century when such wonders happen. They make one believe in the reality of the things that shallow, fashionable people play with, such as romance, passion, and love".

"I was terribly cruel to her. You forget that".

"I believe that women appreciate cruelty more than anything else. They have wonderfully primitive instincts. We have emancipated them, but they remain slaves looking for their masters, all the same. They love being dominated. I am sure you were splendid. I have never seen you angry, but I can fancy how delightful you looked. And, after all, you said something to me the day before yesterday that seemed to me at the time to be merely fanciful, but that I see now was absolutely true, and it explains everything".

"What was that, Harry?"

"You said to me that Sibyl Vane represented to you all the heroines of romance – that she was Desdemona one night, and Ophelia the other; that if she died as Juliet, she came to life as Imogen".

"She will never come to life again now", murmured the lad, burying his face in his hands.

"No, she will never come to life. She has played her last part. But you must think of that lonely death in the tawdry dressing-room simply as a strange lurid fragment from some Jacobean tragedy, as a wonderful scene from Webster or Ford or Cyril Tourneur. The girl never really lived, and so

she has never really died. To you at least she was always a dream, a phantom that flitted through Shakespeare's plays and left them lovelier for its presence, a reed through which Shakespeare's music sounded richer and more full of joy. The moment she touched actual life, she marred it, and it marred her, and so she passed away. Mourn for Ophelia, if you like. Put ashes on your head because Cordelia was strangled. Cry out against Heaven because the daughter of Brabantio died. But don't waste your tears over Sibyl Vane. She was less real than they are".

There was a silence. The evening darkened in the room. Noiselessly, and with silver feet, the shadows crept in from the garden. The colors faded wearily out of things.

After some time Dorian Gray looked up. "You have explained me to myself, Harry", he murmured, with something of a sigh of relief. "I felt all that you have said, but somehow I was afraid of it, and I could not express it to myself. How well you know me! But we will not talk again of what has happened. It has been a marvelous experience. That is all. I wonder if life has still in store for me anything as marvellous".

"Life has everything in store for you, Dorian. There is nothing that you, with your extraordinary good looks, will not be able to do".

"But suppose, Harry, I became haggard, and gray, and wrinkled? What then?"

"Ah, then", said Lord Henry, rising to go, – "then, my dear Dorian, you would have to fight for your victories. As it is, they are brought to you. No, you must keep your good looks. We live in an age that reads too much to be wise, and that thinks too much to be beautiful. We cannot spare you. And now you had better dress, and drive down to the club. We are rather late, as it is".

"I think I shall join you at the Opera, Harry. I feel too tired to eat anything. What is the number of your sister's box?"

"Twenty-seven, I believe. It is on the grand tier. You will see her name on the door. But I am sorry you won't come and dine".

"I don't feel up to it", said Dorian, wearily. "But I am awfully obliged to you for all that you have said to me. You are certainly my best friend. No one has ever understood me as you have".

"We are only at the beginning of our friendship, Dorian", answered Lord Henry, shaking him by the hand. "Good-bye. I shall see you before nine-thirty, I hope. Remember, Patti is singing".

As he closed the door behind him, Dorian Gray touched the bell, and in a few minutes Victor appeared with the lamps and drew the blinds down. He waited impatiently for him to go. The man seemed to take an interminable time about everything.

As soon as he had left, he rushed to the screen, and drew it back. No; there was no further change in the picture. It had received the news of Sibyl Vane's death before he had known of it himself. It was conscious of the events of life as they occurred. The vicious cruelty that marred the fine lines of the mouth had, no doubt, appeared at the very moment that the girl had drunk the poison, whatever it was. Or was it indifferent to results? Did it merely take cognizance of what passed within the soul? he wondered, and hoped that some day he would see the change taking place before his very eyes, shuddering as he hoped it.

Poor Sibyl! what a romance it had all been! She had often mimicked death on the stage, and at last Death himself had touched her, and brought her with him. How had she played that dreadful scene? Had she cursed him, as she died? No; she had died for love of him, and love would always be a sacrament to him now. She had atoned for everything, by the sacrifice she had made of her life. He would not think any more of what she had made him go through, that horrible night at the theatre. When he thought of her, it would be as a wonderful tragic figure to show Love had been a great reality. A wonderful tragic figure? Tears came to his eyes as he remembered her child-like look and winsome fanciful ways and shy tremulous grace. He wiped them away hastily, and looked again at the picture.

He felt that the time had really come for making his choice. Or had his choice already been made? Yes, life had decided that for him – life, and his own infinite curiosity about life. Eternal youth, infinite passion, pleasures subtle and secret, wild joys and wilder sins – he was to have all these things. The portrait was to bear the burden of his shame: that was all.

A feeling of pain came over him as he thought of the desecration that was in store for the fair face on the canvas. Once, in boyish mockery of

Narcissus, he had kissed, or feigned to kiss, those painted lips that now smiled so cruelly at him. Morning after morning he had sat before the portrait wondering at its beauty, almost enamoured of it, as it seemed to him at times. Was it to alter now with every mood to which he yielded? Was it to become a hideous and loathsome thing, to be hidden away in a locked room, to be shut out from the sunlight that had so often touched to brighter gold the waving wonder of the hair? The pity of it! the pity of it!

For a moment he thought of praying that the horrible sympathy that existed between him and the picture might cease. It had changed in answer to a prayer; perhaps in answer to a prayer it might remain unchanged. And, yet, who, that knew anything about Life, would surrender the chance of remaining always young, however fantastic that chance might be, or with what fateful consequences it might be fraught? Besides, was it really under his control? Had it indeed been prayer that had produced the substitution? Might there not be some curious scientific reason for it all? If thought could exercise its influence upon a living organism, might not thought exercise an influence upon dead and inorganic things? Nay, without thought or conscious desire, might not things external to ourselves vibrate in unison with our moods and passions, atom calling to atom, in secret love or strange affinity? But the reason was of no importance. He would never again tempt by a prayer any terrible power. If the picture was to alter, it was to alter. That was all. Why inquire too closely into it?

For there would be a real pleasure in watching it. He would be able to follow his mind into its secret places. This portrait would be to him the most magical of mirrors. As it had revealed to him his own body, so it would reveal to him his own soul. And when winter came upon it, he would still be standing where spring trembles on the verge of summer. When the blood crept from its face, and left behind a pallid mask of chalk with leaden eyes, he would keep the glamour of boyhood. Not one blossom of his loveliness would ever fade. Not one pulse of his life would ever weaken. Like the gods of the Greeks, he would be strong, and fleet, and joyous. What did it matter what happened to the colored image on the canvas? He would be safe. That was everything.

He drew the screen back into its former place in front of the picture, smiling as he did so, and passed into his bedroom, where his valet

was already waiting for him. An hour later he was at the Opera, and Lord Henry was leaning over his chair.

CHAPTER 7

As he was sitting at breakfast next morning, Basil Hallward was shown into the room.

"I am so glad I have found you, Dorian", he said, gravely. "I called last night, and they told me you were at the Opera. Of course I knew that was impossible. But I wish you had left word where you had really gone to. I passed a dreadful evening, half afraid that one tragedy might be followed by another. I think you might have telegraphed for me when you heard of it first. I read of it quite by chance in a late edition of the Globe, that I picked up at the club. I came here at once, and was miserable at not finding you. I can't tell you how heart-broken I am about the whole thing. I know what you must suffer. But where were you? Did you go down and see the girl's mother? For a moment I thought of following you there. They gave the address in the paper. Somewhere in the Euston Road, isn't it? But I was afraid of intruding upon a sorrow that I could not lighten. Poor woman! What a state she must be in! And her only child, too! What did she say about it all?"

"My dear Basil, how do I know?" murmured Dorian, sipping some pale-yellow wine from a delicate gold-beaded bubble of Venetian glass, and looking dreadfully bored. "I was at the Opera. You should have come on there. I met Lady Gwendolen, Harry's sister, for the first time. We were in her box. She is perfectly charming; and Patti sang divinely. Don't talk about horrid subjects. If one doesn't talk about a thing, it has never happened. It is simply expression, as Harry says, that gives reality to things. Tell me about yourself and what you are painting".

"You went to the Opera?" said Hallward, speaking very slowly, and with a strained touch of pain in his voice. "You went to the Opera while Sibyl Vane was lying dead in some sordid lodging? You can talk to me of other women being charming, and of Patti singing divinely, before the girl you loved has even the quiet of a grave to sleep in? Why, man, there are horrors in store for that little white body of hers!"

"Stop, Basil! I won't hear it!" cried Dorian, leaping to his feet". You must not tell me about things. What is done is done. What is past is past".

"You call yesterday the past?"

"What has the actual lapse of time got to do with it? It is only shallow people who require years to get rid of an emotion. A man who is master of himself can end a sorrow as easily as he can invent a pleasure. I don't want to be at the mercy of my emotions. I want to use them, to enjoy them, and to dominate them".

"Dorian, this is horrible! Something has changed you completely. You look exactly the same wonderful boy who used to come down to my studio, day after day, to sit for his picture. But you were simple, natural, and affectionate then. You were the most unspoiled creature in the whole world. Now, I don't know what has come over you. You talk as if you had no heart, no pity in you. It is all Harry's influence. I see that".

The lad flushed up, and, going to the window, looked out on the green, flickering garden for a few moments. "I owe a great deal to Harry, Basil", he said, at last – "more than I owe to you. You only taught me to be vain".

"Well, I am punished for that, Dorian – or shall be some day".

"I don't know what you mean, Basil", he exclaimed, turning round. "I don't know what you want. What do you want?"

"I want the Dorian Gray I used to know".

"Basil", said the lad, going over to him, and putting his hand on his shoulder, "you have come too late. Yesterday when I heard that Sibyl Vane had killed herself..."

"Killed herself! Good heavens! is there no doubt about that?" cried Hallward, looking up at him with an expression of horror.

"My dear Basil! Surely you don't think it was a vulgar accident? Of course she killed herself It is one of the great romantic tragedies of the age. As a rule, people who act lead the most commonplace lives. They are good husbands, or faithful wives, or something tedious. You know what I mean – middle-class virtue, and all that kind of thing. How different Sibyl was! She lived her finest tragedy. She was always a heroine. The last night she played -- the night you saw her – she acted badly because she had known the reality of love. When she knew its unreality, she died, as Juliet might have died. She passed again into the sphere of art. There is something of the martyr about her. Her death has all the pathetic uselessness of martyrdom,

all its wasted beauty. But, as I was saying, you must not think I have not suffered. If you had come in yesterday at a particular moment – about half-past five, perhaps, or a quarter to six – you would have found me in tears. Even Harry, who was here, who brought me the news, in fact, had no idea what I was going through. I suffered immensely, then it passed away. I cannot repeat an emotion. No one can, except sentimentalists. And you are awfully unjust, Basil. You come down here to console me. That is charming of you. You find me consoled, and you are furious. How like a sympathetic person! You remind me of a story Harry told me about a certain philanthropist who spent twenty years of his life in trying to get some grievance redressed, or some unjust law altered – I forget exactly what it was. Finally he succeeded, and nothing could exceed his disappointment. He had absolutely nothing to do, almost died of ennui, and became a confirmed misanthrope. And besides, my dear old Basil, if you really want to console me, teach me rather to forget what has happened, or to see it from a proper artistic point of view. Was it not Gautier who used to write about la consolation des arts? I remember picking up a little vellum-covered book in your studio one day and chancing on that delightful phrase. Well, I am not like that young man you told me of when we were down at Marlowe together, the young man who used to say that yellow satin could console one for all the miseries of life. I love beautiful things that one can touch and handle. Old brocades, green bronzes, lacquer-work, carved ivories, exquisite surroundings, luxury, pomp – there is much to be got from all these. But the artistic temperament that they create, or at any rate reveal, is still more to me. To become the spectator of one's own life, as Harry says, is to escape the suffering of life. I know you are surprised at my talking to you like this. You have not realized how I have developed. I was a school-boy when you knew me. I am a man now. I have new passions, new thoughts, new ideas. I am different, but you must not like me less. I am changed, but you must always be my friend. Of course I am very fond of Harry. But I know that you are better than he is. You are not stronger – you are too much afraid of life – but you are better. And how happy we used to be together! Don't leave me, Basil, and don't quarrel with me. I am what I am. There is nothing more to be said".

Hallward felt strangely moved. Rugged and straightforward as he was, there was something in his nature that was purely feminine in its tenderness. The lad was infinitely dear to him, and his personality had been the great turning-point in his art. He could not bear the idea of reproaching him any more. After all, his indifference was probably merely a mood that would pass away. There was so much in him that was good, so much in him that was noble.

"Well, Dorian", he said, at length, with a sad smile, "I won't speak to you again about this horrible thing, after today. I only trust your name won't be mentioned in connection with it. The inquest is to take place this afternoon. Have they summoned you?"

Dorian shook his head, and a look of annoyance passed over his face at the mention of the word "inquest". There was something so crude and vulgar about everything of the kind. "They don't know my name", he answered.

"But surely she did?"

"Only my Christian name, and that I am quite sure she never mentioned to any one. She told me once that they were all rather curious to learn who I was, and that she invariably told them my name was Prince Charming. It was pretty of her. You must do me a drawing of her, Basil. I should like to have something more of her than the memory of a few kisses and some broken pathetic words".

"I will try and do something, Dorian, if it would please you. But you must come and sit to me yourself again. I can't get on without you".

"I will never sit to you again, Basil. It is impossible!" he exclaimed, starting back.

Hallward stared at him, "My dear boy, what nonsense!" he cried. "Do you mean to say you don't like what I did of you? Where is it? Why have you pulled the screen in front of it? Let me look at it. It is the best thing I have ever painted. Do take that screen away, Dorian. It is simply horrid of your servant hiding my work like that. I felt the room looked different as I came in".

"My servant has nothing to do with it, Basil. You don't imagine I let him arrange my room for me? He settles my flowers for me sometimes –

that is all. No; I did it myself. The light was too strong on the portrait".

"Too strong! Impossible, my dear fellow! It is an admirable place for it. Let me see it". And Hallward walked towards the corner of the room.

A cry of terror broke from Dorian Gray's lips, and he rushed between Hallward and the screen. "Basil", he said, looking very pale, "you must not look at it. I don't wish you to".

"Not look at my own work! you are not serious. Why shouldn't I look at it?" exclaimed Hallward, laughing.

"If you try to look at it, Basil, on my word of honor I will never speak to you again as long as I live. I am quite serious. I don't offer any explanation, and you are not to ask for any. But, remember, if you touch this screen, everything is over between us".

Hallward was thunderstruck. He looked at Dorian Gray in absolute amazement. He had never seen him like this before. The lad was absolutely pallid with rage. His hands were clinched, and the pupils of his eyes were like disks of blue fire. He was trembling all over.

"Dorian!"

"Don't speak!"

"But what is the matter? Of course I won't look at it if you don't want me to", he said, rather coldly, turning on his heel, and going over towards the window. "But, really, it seems rather absurd that I shouldn't see my own work, especially as I am going to exhibit it in Paris in the autumn. I shall probably have to give it another coat of varnish before that, so I must see it some day, and why not today?"

"To exhibit it! You want to exhibit it?" exclaimed Dorian Gray, a strange sense of terror creeping over him. Was the world going to be shown his secret? Were people to gape at the mystery of his life? That was impossible. Something – he did not know what – had to be done at once.

"Yes: I don't suppose you will object to that. Georges Petit is going to collect all my best pictures for a special exhibition in the Rue de S**è**ze, which will open the first week in October. The portrait will only be away a month. I should think you could easily spare it for that time. In fact, you are sure to be out of town. And if you hide it always behind a screen, you can't care much about it".

Dorian Gray passed his hand over his forehead. There were beads of perspiration there. He felt that he was on the brink of a horrible danger. "You told me a month ago that you would never exhibit it", he said. "Why have you changed your mind? You people who go in for being consistent have just as many moods as others. The only difference is that your moods are rather meaningless. You can't have forgotten that you assured me most solemnly that nothing in the world would induce you to send it to any exhibition. You told Harry exactly the same thing". He stopped suddenly, and a gleam of light came into his eyes. He remembered that Lord Henry had said to him once, half seriously and half in jest, "If you want to have an interesting quarter of an hour, get Basil to tell you why he won't exhibit your picture. He told me why he wouldn't, and it was a revelation to me". Yes, perhaps Basil, too, had his secret. He would ask him and try.

"Basil", he said, coming over quite close, and looking him straight in the face, "we have each of us a secret. Let me know yours, and I will tell you mine. What was your reason for refusing to exhibit my picture?"

Hallward shuddered in spite of himself. "Dorian, if I told you, you might like me less than you do, and you would certainly laugh at me. I could not bear your doing either of those two things. If you wish me never to look at your picture again, I am content. I have always you to look at. If you wish the best work I have ever done to be hidden from the world, I am satisfied. Your friendship is dearer to me than any fame or reputation".

"No, Basil, you must tell me", murmured Dorian Gray. "I think I have a right to know". His feeling of terror had passed away, and curiosity had taken its place. He was determined to find out Basil Hallward's mystery.

"Let us sit down, Dorian", said Hallward, looking pale and pained". Let us sit down. I will sit in the shadow, and you shall sit in the sunlight. Our lives are like that. Just answer me one question. Have you noticed in the picture something that you did not like? – something that probably at first did not strike you, but that revealed itself to you suddenly?"

"Basil!" cried the lad, clutching the arms of his chair with trembling hands, and gazing at him with wild, startled eyes.

"I see you did. Don't speak. Wait till you hear what I have to say. It is quite true that I have worshipped you with far more romance of feeling

than a man usually gives to a friend. Somehow, I had never loved a woman. I suppose I never had time. Perhaps, as Harry says, a really 'grande passion' is the privilege of those who have nothing to do, and that is the use of the idle classes in a country. Well, from the moment I met you, your personality had the most extraordinary influence over me. I quite admit that I adored you madly, extravagantly, absurdly. I was jealous of every one to whom you spoke. I wanted to have you all to myself. I was only happy when I was with you. When I was away from you, you were still present in my art. It was all wrong and foolish. It is all wrong and foolish still. Of course I never let you know anything about this. It would have been impossible. You would not have understood it; I did not understand it myself. One day I determined to paint a wonderful portrait of you. It was to have been my masterpiece. It is my masterpiece. But, as I worked at it, every flake and film of color seemed to me to reveal my secret. I grew afraid that the world would know of my idolatry. I felt, Dorian, that I had told too much. Then it was that I resolved never to allow the picture to be exhibited. You were a little annoyed; but then you did not realize all that it meant to me. Harry, to whom I talked about it, laughed at me. But I did not mind that. When the picture was finished, and I sat alone with it, I felt that I was right. Well, after a few days the portrait left my studio, and as soon as I had got rid of the intolerable fascination of its presence it seemed to me that I had been foolish in imagining that I had said anything in it, more than that you were extremely good-looking and that I could paint. Even now I cannot help feeling that it is a mistake to think that the passion one feels in creation is ever really shown in the work one creates. Art is more abstract than we fancy. Form and color tell us of form and color – that is all. It often seems to me that art conceals the artist far more completely than it ever reveals him. And so when I got this offer from Paris I determined to make your portrait the principal thing in my exhibition. It never occurred to me that you would refuse. I see now that you were right. The picture must not be shown. You must not be angry with me, Dorian, for what I have told you. As I said to Harry, once, you are made to be worshipped".

Dorian Gray drew a long breath. The color came back to his cheeks, and a smile played about his lips. The peril was over. He was safe for the time. Yet he could not help feeling infinite pity for the young man

who had just made this strange confession to him. He wondered if he would ever be so dominated by the personality of a friend. Lord Harry had the charm of being very dangerous. But that was all. He was too clever and too cynical to be really fond of. Would there ever be some one who would fill him with a strange idolatry? Was that one of the things that life had in store?

"It is extraordinary to me, Dorian", said Hallward, "that you should have seen this in the picture. Did you really see it?"

"Of course I did".

"Well, you don't mind my looking at it now?"

Dorian shook his head. "You must not ask me that, Basil. I could not possibly let you stand in front of that picture".

"You will some day, surely?"

"Never".

"Well, perhaps you are right. And now good-bye, Dorian. You have been the one person in my life of whom I have been really fond. I don't suppose I shall often see you again. You don't know what it cost me to tell you all that I have told you".

"My dear Basil", cried Dorian, "what have you told me? Simply that you felt that you liked me too much. That is not even a compliment".

"It was not intended as a compliment. It was a confession".

"A very disappointing one".

"Why, what did you expect, Dorian? You didn't see anything else in the picture, did you? There was nothing else to see?"

"No: there was nothing else to see. Why do you ask? But you mustn't talk about not meeting me again, or anything of that kind. You and I are friends, Basil, and we must always remain so".

"You have got Harry", said Hallward, sadly.

"Oh, Harry!" cried the lad, with a ripple of laughter. "Harry spends his days in saying what is incredible, and his evenings in doing what is improbable. Just the sort of life I would like to lead. But still I don't think I would go to Harry if I was in trouble. I would sooner go to you, Basil".

"But you won't sit to me again?"

"Impossible!"

"You spoil my life as an artist by refusing, Dorian. No man comes across two ideal things. Few come across one".

"I can't explain it to you, Basil, but I must never sit to you again. I will come and have tea with you. That will be just as pleasant".

"Pleasanter for you, I am afraid", murmured Hallward, regretfully". And now good-bye. I am sorry you won't let me look at the picture once again. But that can't be helped. I quite understand what you feel about it".

As he left the room, Dorian Gray smiled to himself. Poor Basil! How little he knew of the true reason! And how strange it was that, instead of having been forced to reveal his own secret, he had succeeded, almost by chance, in wresting a secret from his friend! How much that strange confession explained to him! Basil's absurd fits of jealousy, his wild devotion, his extravagant panegyrics, his curious reticences, – he understood them all now, and he felt sorry. There was something tragic in a friendship so colored by romance.

He sighed, and touched the bell. The portrait must be hidden away at all costs. He could not run such a risk of discovery again. It had been mad of him to have the thing remain, even for an hour, in a room to which any of his friends had access.

CHAPTER 8

When his servant entered, he looked at him steadfastly, and wondered if he had thought of peering behind the screen. The man was quite impassive, and waited for his orders. Dorian lit a cigarette, and walked over to the glass and glanced into it. He could see the reflection of Victor's face perfectly. It was like a placid mask of servility. There was nothing to be afraid of, there. Yet he thought it best to be on his guard.

Speaking very slowly, he told him to tell the housekeeper that he wanted to see her, and then to go to the frame-maker's and ask him to send two of his men round at once. It seemed to him that as the man left the room he peered in the direction of the screen. Or was that only his fancy?

After a few moments, Mrs. Leaf, a dear old lady in a black silk dress, with a photograph of the late Mr. Leaf framed in a large gold brooch at her neck, and old-fashioned thread mittens on her wrinkled hands, bustled into the room.

"Well, Master Dorian", she said, "what can I do for you? I beg your pardon, sir" – here came a courtesy – "I shouldn't call you Master Dorian any more. But, Lord bless you, sir, I have known you since you were a baby, and many's the trick you've played on poor old Leaf. Not that you were not always a good boy, sir; but boys will be boys, Master Dorian, and jam is a temptation to the young, isn't it, sir?"

He laughed. "You must always call me Master Dorian, Leaf. I will be very angry with you if you don't. And I assure you I am quite as fond of jam now as I used to be. Only when I am asked out to tea I am never offered any. I want you to give me the key of the room at the top of the house".

"The old school-room, Master Dorian? Why, it's full of dust. I must get it arranged and put straight before you go into it. It's not fit for you to see, Master Dorian. It is not, indeed".

"I don't want it put straight, Leaf. I only want the key".

"Well, Master Dorian, you'll be covered with cobwebs if you goes into it. Why, it hasn't been opened for nearly five years – not since his lordship died".

He winced at the mention of his dead uncle's name. He had hateful memories of him. "That does not matter, Leaf", he replied. "All I want is the key".

"And here is the key, Master Dorian", said the old lady, after going over the contents of her bunch with tremulously uncertain hands". Here is the key. I'll have it off the ring in a moment. But you don't think of living up there, Master Dorian, and you so comfortable here?"

"No, Leaf, I don't. I merely want to see the place, and perhaps store something in it – that is all. Thank you, Leaf. I hope your rheumatism is better; and mind you send me up jam for breakfast".

Mrs. Leaf shook her head. "Them foreigners doesn't understand jam, Master Dorian. They calls it 'compot'. But I'll bring it to you myself some morning, if you lets me".

"That will be very kind of you, Leaf", he answered, looking at the key; and, having made him an elaborate courtesy, the old lady left the room, her face wreathed in smiles. She had a strong objection to the French valet. It was a poor thing, she felt, for any one to be born a foreigner.

As the door closed, Dorian put the key in his pocket, and looked round the room. His eye fell on a large purple satin coverlet heavily embroidered with gold, a splendid piece of late seventeenth-century Venetian work that his uncle had found in a convent near Bologna. Yes, that would serve to wrap the dreadful thing in. It had perhaps served often as a pall for the dead. Now it was to hide something that had a corruption of its own, worse than the corruption of death itself – something that would breed horrors and yet would never die. What the worm was to the corpse, his sins would be to the painted image on the canvas. They would mar its beauty, and eat away its grace. They would defile it, and make it shameful. And yet the thing would still live on. It would be always alive.

He shuddered, and for a moment he regretted that he had not told Basil the true reason why he had wished to hide the picture away. Basil would have helped him to resist Lord Henry's influence, and the still more poisonous influences that came from his own temperament. The love that he bore him – for it was really love – had something noble and intellectual in it. It was not that mere physical admiration of beauty that is born of the senses, and that dies when the senses tire. It was such love as Michael

Angelo had known, and Montaigne, and Winckelmann, and Shakespeare himself. Yes, Basil could have saved him. But it was too late now. The past could always be annihilated. Regret, denial, or forgetfulness could do that. But the future was inevitable. There were passions in him that would find their terrible outlet, dreams that would make the shadow of their evil real.

He took up from the couch the great purple-and-gold texture that covered it, and, holding it in his hands, passed behind the screen. Was the face on the canvas viler than before? It seemed to him that it was unchanged; and yet his loathing of it was intensified. Gold hair, blue eyes, and rose-red lips – they all were there. It was simply the expression that had altered. That was horrible in its cruelty. Compared to what he saw in it of censure or rebuke, how shallow Basil's reproaches about Sibyl Vane had been! – how shallow, and of what little account! His own soul was looking out at him from the canvas and calling him to judgment. A look of pain came across him, and he flung the rich pall over the picture. As he did so, a knock came to the door. He passed out as his servant entered.

"The persons are here, monsieur".

He felt that the man must be got rid of at once. He must not be allowed to know where the picture was being taken to. There was something sly about him, and he had thoughtful, treacherous eyes. Sitting down at the writing-table, he scribbled a note to Lord Henry, asking him to send him round something to read, and reminding him that they were to meet at eight-fifteen that evening.

"Wait for an answer", he said, handing it to him, "and show the men in here".

In two or three minutes there was another knock, and Mr. Ashton himself, the celebrated frame-maker of South Audley Street, came in with a somewhat rough-looking young assistant. Mr. Ashton was a florid, red-whiskered little man, whose admiration for art was considerably tempered by the inveterate impecuniosity of most of the artists who dealt with him. As a rule, he never left his shop. He waited for people to come to him. But he always made an exception in favor of Dorian Gray. There was something about Dorian that charmed everybody. It was a pleasure even to see him.

"What can I do for you, Mr. Gray?" he said, rubbing his fat freckled hands. "I thought I would do myself the honor of coming round in person. I

have just got a beauty of a frame, sir. Picked it up at a sale. Old Florentine. Came from Fonthill, I believe. Admirably suited for a religious picture, Mr. Gray".

"I am so sorry you have given yourself the trouble of coming round, Mr. Ashton. I will certainly drop in and look at the frame – though I don't go in much for religious art – but today I only want a picture carried to the top of the house for me. It is rather heavy, so I thought I would ask you to lend me a couple of your men".

"No trouble at all, Mr. Gray. I am delighted to be of any service to you. Which is the work of art, sir?"

"This", replied Dorian, moving the screen back. "Can you move it, covering and all, just as it is? I don't want it to get scratched going up-stairs".

"There will be no difficulty, sir", said the genial frame-maker, beginning, with the aid of his assistant, to unhook the picture from the long brass chains by which it was suspended. "And, now, where shall we carry it to, Mr. Gray?"

"I will show you the way, Mr. Ashton, if you will kindly follow me. Or perhaps you had better go in front. I am afraid it is right at the top of the house. We will go up by the front staircase, as it is wider".

He held the door open for them, and they passed out into the hall and began the ascent. The elaborate character of the frame had made the picture extremely bulky, and now and then, in spite of the obsequious protests of Mr. Ashton, who had a true tradesman's dislike of seeing a gentleman doing anything useful, Dorian put his hand to it so as to help them.

"Something of a load to carry, sir", gasped the little man, when they reached the top landing. And he wiped his shiny forehead.

"A terrible load to carry", murmured Dorian, as he unlocked the door that opened into the room that was to keep for him the curious secret of his life and hide his soul from the eyes of men.

He had not entered the place for more than four years – not, indeed, since he had used it first as a play-room when he was a child and then as a study when he grew somewhat older. It was a large, well-

proportioned room, which had been specially built by the last Lord Sherard for the use of the little nephew whom, being himself childless, and perhaps for other reasons, he had always hated and desired to keep at a distance. It did not appear to Dorian to have much changed. There was the huge Italian cassone, with its fantastically-painted panels and its tarnished gilt mouldings, in which he had so often hidden himself as a boy. There was the satinwood bookcase filled with his dog-eared school-books. On the wall behind it was hanging the same ragged Flemish tapestry where a faded king and queen were playing chess in a garden, while a company of hawkers rode by, carrying hooded birds on their gauntleted wrists. How well he recalled it all! Every moment of his lonely childhood came back to him, as he looked round. He remembered the stainless purity of his boyish life, and it seemed horrible to him that it was here that the fatal portrait was to be hidden away. How little he had thought, in those dead days, of all that was in store for him!

But there was no other place in the house so secure from prying eyes as this. He had the key, and no one else could enter it. Beneath its purple pall, the face painted on the canvas could grow bestial, sodden, and unclean. What did it matter? No one could see it. He himself would not see it. Why should he watch the hideous corruption of his soul? He kept his youth — that was enough. And, besides, might not his nature grow finer, after all? There was no reason that the future should be so full of shame. Some love might come across his life, and purify him, and shield him from those sins that seemed to be already stirring in spirit and in flesh — those curious unpictured sins whose very mystery lent them their subtlety and their charm. Perhaps, some day, the cruel look would have passed away from the scarlet sensitive mouth, and he might show to the world Basil Hallward's masterpiece.

No; that was impossible. The thing upon the canvas was growing old, hour by hour, and week by week. Even if it escaped the hideousness of sin, the hideousness of age was in store for it. The cheeks would become hollow or flaccid. Yellow crow's-feet would creep round the fading eyes and make them horrible. The hair would lose its brightness, the mouth would gape or droop, would be foolish or gross, as the mouths of old men are. There would be the wrinkled throat, the cold blue-veined hands, the

twisted body, that he remembered in the uncle who had been so stern to him in his boyhood. The picture had to be concealed. There was no help for it.

"Bring it in, Mr. Ashton, please" he said, wearily, turning round". I am sorry I kept you so long. I was thinking of something else".

"Always glad to have a rest, Mr. Gray", answered the frame-maker, who was still gasping for breath. "Where shall we put it, sir?"

"Oh, anywhere, Here, this will do. I don't want to have it hung up. Just lean it against the wall. Thanks".

"Might one look at the work of art, sir?"

Dorian started. "It would not interest you, Mr. Ashton", he said, keeping his eye on the man. He felt ready to leap upon him and fling him to the ground if he dared to lift the gorgeous hanging that concealed the secret of his life. "I won't trouble you any more now. I am much obliged for your kindness in coming round".

"Not at all, not at all, Mr. Gray. Ever ready to do anything for you, sir". And Mr. Ashton tramped down-stairs, followed by the assistant, who glanced back at Dorian with a look of shy wonder in his rough, uncomely face. He had never seen any one so marvellous.

When the sound of their footsteps had died away, Dorian locked the door, and put the key in his pocket. He felt safe now. No one would ever look on the horrible thing. No eye but his would ever see his shame.

On reaching the library he found that it was just after five o'clock, and that the tea had been already brought up. On a little table of dark perfumed wood thickly incrusted with nacre, a present from his guardian's wife, Lady Radley, who had spent the preceding winter in Cairo, was lying a note from Lord Henry, and beside it was a book bound in yellow paper, the cover slightly torn and the edges soiled. A copy of the third edition of the St. James's Gazette had been placed on the tea-tray. It was evident that Victor had returned. He wondered if he had met the men in the hall as they were leaving the house and had wormed out of them what they had been doing. He would be sure to miss the picture – had no doubt missed it already, while he had been laying the tea-things.The screen had not been replaced, and the blank space on the wall was visible. Perhaps some night

he might find him creeping up-stairs and trying to force the door of the room. It was a horrible thing to have a spy in one's house. He had heard of rich men who had been blackmailed all their lives by some servant who had read a letter, or overheard a conversation, or picked up a card with an address, or found beneath a pillow a withered flower or a bit of crumpled lace.

He sighed, and, having poured himself out some tea, opened Lord Henry's note. It was simply to say that he sent him round the evening paper, and a book that might interest him, and that he would be at the club at eight-fifteen. He opened the St. James's languidly, and looked through it. A red pencil-mark on the fifth page caught his eye. He read the following paragraph:

INQUEST ON AN ACTRESS

An inquest was held this morning at the Bell Tavern, Hoxton Road, by Mr. Danby, the District Coroner, on the body of Sibyl Vane, a young actress recently engaged at the Royal Theatre, Holborn. A verdict of death by misadventure was returned.Considerable sympathy was expressed for the mother of the deceased, who was greatly affected during the giving of her own evidence, and that of Dr. Birrell, who had made the post-mortem examination of the deceased.

He frowned slightly, and, tearing the paper in two, went across the room and flung the pieces into a gilt basket. How ugly it all was! And how horribly real ugliness made things! He felt a little annoyed with Lord Henry for having sent him the account. And it was certainly stupid of him to have marked it with red pencil. Victor might have read it. The man knew more than enough English for that.

Perhaps he had read it, and had begun to suspect something. And, yet, what did it matter? What had Dorian Gray to do with Sibyl Vane's death? There was nothing to fear. Dorian Gray had not killed her.

His eye fell on the yellow book that Lord Henry had sent him. What was it, he wondered. He went towards the little pearl-colored octagonal stand, that had always looked to him like the work of some strange Egyptian bees who wrought in silver, and took the volume up. He

flung himself into an arm-chair, and began to turn over the leaves. After a few minutes, he became absorbed. It was the strangest book he had ever read. It seemed to him that in exquisite raiment, and to the delicate sound of flutes, the sins of the world were passing in dumb show before him. Things that he had dimly dreamed of were suddenly made real to him. Things of which he had never dreamed were gradually revealed.

It was a novel without a plot, and with only one character, being, indeed, simply a psychological study of a certain young Parisian, who spent his life trying to realize in the nineteenth century all the passions and modes of thought that belonged to every century except his own, and to sum up, as it were, in himself the various moods through which the world-spirit had ever passed, loving for their mere artificiality those renunciations that men have unwisely called virtue, as much as those natural rebellions that wise men still call sin. The style in which it was written was that curious jeweled style, vivid and obscure at once, full of argot and of archaisms, of technical expressions and of elaborate paraphrases, that characterizes the work of some of the finest artists of the French school of Décadents. There were in it metaphors as monstrous as orchids, and as evil in color. The life of the senses was described in the terms of mystical philosophy. One hardly knew at times whether one was reading the spiritual ecstasies of some mediaeval saint or the morbid confessions of a modern sinner. It was a poisonous book. The heavy odor of incense seemed to cling about its pages and to trouble the brain. The mere cadence of the sentences, the subtle monotony of their music, so full as it was of complex refrains and movements elaborately repeated, produced in the mind of the lad, as he passed from chapter to chapter, a form of revery, a malady of dreaming, that made him unconscious of the falling day and the creeping shadows.

Cloudless, and pierced by one solitary star, a copper-green sky gleamed through the windows. He read on by its wan light till he could read no more. Then, after his valet had reminded him several times of the lateness of the hour, he got up, and, going into the next room, placed the book on the little Florentine table that always stood at his bedside, and began to dress for dinner.

It was almost nine o'clock before he reached the club, where he found Lord Henry sitting alone, in the morning-room, looking very bored.

"I am so sorry, Harry", he cried, "but really it is entirely your fault. That book you sent me so fascinated me that I forgot what the time was".

"I thought you would like it", replied his host, rising from his chair.

"I didn't say I liked it, Harry. I said it fascinated me. There is a great difference".

"Ah, if you have discovered that, you have discovered a great deal", murmured Lord Henry, with his curious smile. "Come, let us go in to dinner. It is dreadfully late, and I am afraid the champagne will be too much iced".

CHAPTER 9

For years, Dorian Gray could not free himself from the memory of this book. Or perhaps it would be more accurate to say that he never sought to free himself from it. He procured from Paris no less than five large-paper copies of the first edition, and had them bound in different colors, so that they might suit his various moods and the changing fancies of a nature over which he seemed, at times, to have almost entirely lost control. The hero, the wonderful young Parisian, in whom the romantic temperament and the scientific temperament were so strangely blended, became to him a kind of prefiguring type of himself. And, indeed, the whole book seemed to him to contain the story of his own life, written before he had lived it.

In one point he was more fortunate than the book's fantastic hero. He never knew — never, indeed, had any cause to know — that somewhat grotesque dread of mirrors, and polished metal surfaces, and still water, which came upon the young Parisian so early in his life, and was occasioned by the sudden decay of a beauty that had once, apparently, been so remarkable. It was with an almost cruel joy — and perhaps in nearly every joy, as certainly in every pleasure, cruelty has its place — that he used to read the latter part of the book, with its really tragic, if somewhat over-emphasized, account of the sorrow and despair of one who had himself lost what in others, and in the world, he had most valued.

He, at any rate, had no cause to fear that. The boyish beauty that had so fascinated Basil Hallward, and many others besides him, seemed never to leave him. Even those who had heard the most evil things against him (and from time to time strange rumors about his mode of life crept through London and became the chatter of the clubs) could not believe anything to his dishonor when they saw him. He had always the look of one who had kept himself unspotted from the world. Men who talked grossly became silent when Dorian Gray entered the room. There was something in the purity of his face that rebuked them. His mere presence seemed to recall to them the innocence that they had tarnished. They wondered how one so charming and graceful as he was could have escaped the stain of an age that was at once sordid and sensuous.

He himself, on returning home from one of those mysterious and prolonged absences that gave rise to such strange conjecture among those who were his friends, or thought that they were so, would creep up-stairs to the locked room, open the door with the key that never left him, and stand, with a mirror, in front of the portrait that Basil Hallward had painted of him, looking now at the evil and aging face on the canvas, and now at the fair young face that laughed back at him from the polished glass. The very sharpness of the contrast used to quicken his sense of pleasure. He grew more and more enamoured of his own beauty, more and more interested in the corruption of his own soul. He would examine with minute care, and often with a monstrous and terrible delight, the hideous lines that seared the wrinkling forehead or crawled around the heavy sensual mouth, wondering sometimes which were the more horrible, the signs of sin or the signs of age. He would place his white hands beside the coarse bloated hands of the picture, and smile. He mocked the misshapen body and the failing limbs.

There were moments, indeed, at night, when, lying sleepless in his own delicately-scented chamber, or in the sordid room of the little ill-famed tavern near the Docks, which, under an assumed name, and in disguise, it was his habit to frequent, he would think of the ruin he had brought upon his soul, with a pity that was all the more poignant because it was purely selfish. But moments such as these were rare. That curiosity about life that, many years before, Lord Henry had first stirred in him, as they sat together in the garden of their friend, seemed to increase with gratification. The more he knew, the more he desired to know. He had mad hungers that grew more ravenous as he fed them.

Yet he was not really reckless, at any rate in his relations to society. Once or twice every month during the winter, and on each Wednesday evening while the season lasted, he would throw open to the world his beautiful house and have the most celebrated musicians of the day to charm his guests with the wonders of their art. His little dinners, in the settling of which Lord Henry always assisted him, were noted as much for the careful selection and placing of those invited, as for the exquisite taste shown in the decoration of the table, with its subtle symphonic arrangements of exotic flowers, and embroidered cloths, and antique plate

of gold and silver. Indeed, there were many, especially among the very young men, who saw, or fancied that they saw, in Dorian Gray the true realization of a type of which they had often dreamed in Eton or Oxford days, a type that was to combine something of the real culture of the scholar with all the grace and distinction and perfect manner of a citizen of the world. To them he seemed to belong to those whom Dante describes as having sought to "make themselves perfect by the worship of beauty". Like Gautier, he was one for whom "the visible world existed".

And, certainly, to him life itself was the first, the greatest, of the arts, and for it all the other arts seemed to be but a preparation. Fashion, by which what is really fantastic becomes for a moment universal, and Dandyism, which, in its own way, is an attempt to assert the absolute modernity of beauty, had, of course, their fascination for him. His mode of dressing, and the particular styles that he affected from time to time, had their marked influence on the young exquisites of the Mayfair balls and Pall Mall club windows, who copied him in everything that he did, and tried to reproduce the accidental charm of his graceful, though to him only half-serious, fopperies.

For, while he was but too ready to accept the position that was almost immediately offered to him on his coming of age, and found, indeed, a subtle pleasure in the thought that he might really become to the London of his own day what to imperial Neronian Rome the author of the "Satyricon" had once been, yet in his inmost heart he desired to be something more than a mere arbiter elegantiarum, to be consulted on the wearing of a jewel, or the knotting of a necktie, or the conduct of a cane. He sought to elaborate some new scheme of life that would have its reasoned philosophy and its ordered principles and find in the spiritualizing of the senses its highest realization.

The worship of the senses has often, and with much justice, been decried, men feeling a natural instinct of terror about passions and sensations that seem stronger than ourselves, and that we are conscious of sharing with the less highly organized forms of existence. But it appeared to Dorian Gray that the true nature of the senses had never been understood, and that they had remained savage and animal merely because the world had sought to starve them into submission or to kill them by

pain, instead of aiming at making them elements of a new spirituality, of which a fine instinct for beauty was to be the dominant characteristic. As he looked back upon man moving through History, he was haunted by a feeling of loss. So much had been surrendered! and to such little purpose! There had been mad wilful rejections, monstrous forms of self-torture and self-denial, whose origin was fear, and whose result was a degradation nfinitely more terrible than that fancied degradation from which, in their ignorance, they had sought to escape, Nature in her wonderful irony driving the anchorite out to herd with the wild animals of the desert and giving to the hermit the beasts of the field as his companions.

Yes, there was to be, as Lord Henry had prophesied, a new hedonism that was to re-create life, and to save it from that harsh, uncomely puritanism that is having, in our own day, its curious revival. It was to have its service of the intellect, certainly; yet it was never to accept any theory or system that would involve the sacrifice of any mode of passionate experience. Its aim, indeed, was to be experience itself, and not the fruits of experience, sweet or bitter as they might be. Of the asceticism that deadens the senses, as of the vulgar profligacy that dulls them, it was to know nothing. But it was to teach man to concentrate himself upon the moments of a life that is itself but a moment.

There are few of us who have not sometimes wakened before dawn, either after one of those dreamless nights that make one almost enamoured of death, or one of those nights of horror and misshapen joy, when through the chambers of the brain sweep phantoms more terrible than reality itself, and instinct with that vivid life that lurks in all grotesques, and that lends to Gothic art its enduring vitality, this art being, one might fancy, especially the art of those whose minds have been troubled with the malady of revery. Gradually white fingers creep through the curtains, and they appear to tremble. Black fantastic shadows crawl into the corners of the room, and crouch there. Outside, there is the stirring of birds among the leaves, or the sound of men going forth to their work, or the sigh and sob of the wind coming down from the hills, and wandering round the silent house, as though it feared to wake the sleepers. Veil after veil of thin dusky gauze is lifted, and by degrees the forms and colors of things are restored to them, and we watch the dawn remaking the world in

its antique pattern. The wan mirrors get back their mimic life. The flameless tapers stand where we have left them, and beside them lies the half-read book that we had been studying, or the wired flower that we had worn at the ball, or the letter that we had been afraid to read, or that we had read too often. Nothing seems to us changed. Out of the unreal shadows of the night comes back the real life that we had known. We have to resume it where we had left off, and there steals over us a terrible sense of the necessity for the continuance of energy in the same wearisome round of stereotyped habits, or a wild longing, it may be, that our eyelids might open some morning upon a world that had been re-fashioned anew for our pleasure in the darkness, a world in which things would have fresh shapes and colors, and be changed, or have other secrets, a world in which the past would have little or no place, or survive, at any rate, in no conscious form of obligation or regret, the remembrance even of joy having its bitterness, and the memories of pleasure their pain.

It was the creation of such worlds as these that seemed to Dorian Gray to be the true object, or among the true objects, of life; and in his search for sensations that would be at once new and delightful, and possess that element of strangeness that is so essential to romance, he would often adopt certain modes of thought that he knew to be really alien to his nature, abandon himself to their subtle influences, and then, having, as it were, caught their color and satisfied his intellectual curiosity, leave them with that curious indifference that is not incompatible with a real ardor of temperament, and that indeed, according to certain modern psychologists, is often a condition of it.

It was rumored of him once that he was about to join the Roman Catholic communion; and certainly the Roman ritual had always a great attraction for him. The daily sacrifice, more awful really than all the sacrifices of the antique world, stirred him as much by its superb rejection of the evidence of the senses as by the primitive simplicity of its elements and the eternal pathos of the human tragedy that it sought to symbolize. He loved to kneel down on the cold marble pavement, and with the priest, in his stiff flowered cope, slowly and with white hands moving aside the veil of the tabernacle, and raising aloft the jewelled lantern-shaped monstrance with that pallid wafer that at times, one would fain think, is

indeed the "panis caelestis", the bread of angels, or, robed in the garments of the Passion of Christ, breaking the Host into the chalice, and smiting his breast for his sins. The fuming censers, that the grave boys, in their lace and scarlet, tossed into the air like great gilt flowers, had their subtle fascination for him. As he passed out, he used to look with wonder at the black confessionals, and long to sit in the dim shadow of one of them and listen to men and women whispering through the tarnished grating the true story of their lives.

But he never fell into the error of arresting his intellectual development by any formal acceptance of creed or system, or of mistaking, for a house in which to live, an inn that is but suitable for the sojourn of a night, or for a few hours of a night in which there are no stars and the moon is in travail. Mysticism, with its marvellous power of making common things strange to us, and the subtle antinomianism that always seems to accompany it, moved him for a season; and for a season he inclined to the materialistic doctrines of the Darwinismus movement in Germany, and found a curious pleasure in tracing the thoughts and passions of men to some pearly cell in the brain, or some white nerve in the body, delighting in the conception of the absolute dependence of the spirit on certain physical conditions, morbid or healthy, normal or diseased. Yet, as has been said of him before, no theory of life seemed to him to be of any importance compared with life itself. He felt keenly conscious of how barren all intellectual speculation is when separated from action and experiment. He knew that the senses, no less than the soul, have their mysteries to reveal.

And so he would now study perfumes, and the secrets of their manufacture, distilling heavily-scented oils, and burning odorous gums from the East. He saw that there was no mood of the mind that had not its counterpart in the sensuous life, and set himself to discover their true relations, wondering what there was in frankincense that made one mystical, and in ambergris that stirred one's passions, and in violets that woke the memory of dead romances, and in musk that troubled the brain, and in champak that stained the imagination; and seeking often to elaborate a real psychology of perfumes, and to estimate the several influences of sweet-smelling roots, and scented pollen-laden flowers, of aromatic balms, and of dark and fragrant woods, of spikenard that sickens,

of hovenia that makes men mad, and of aloes that are said to be able to expel melancholy from the soul.

At another time he devoted himself entirely to music, and in a long latticed room, with a vermilion-and-gold ceiling and walls of olive-green lacquer, he used to give curious concerts in which mad gypsies tore wild music from little zithers, or grave yellow-shawled Tunisians plucked at the strained strings of monstrous lutes, while grinning negroes beat monotonously upon copper drums, or turbaned Indians, crouching upon scarlet mats, blew through long pipes of reed or brass, and charmed, or feigned to charm, great hooded snakes and horrible horned adders. The harsh intervals and shrill discords of barbaric music stirred him at times when Schubert's grace, and Chopin's beautiful sorrows, and the mighty harmonies of Beethoven himself, fell unheeded on his ear. He collected together from all parts of the world the strangest instruments that could be found, either in the tombs of dead nations or among the few savage tribes that have survived contact with Western civilizations, and loved to touch and try them. He had the mysterious juruparis of the Rio Negro Indians, that women are not allowed to look at, and that even youths may not see till they have been subjected to fasting and scourging, and the earthen jars of the Peruvians that have the shrill cries of birds, and flutes of human bones such as Alfonso de Ovalle heard in Chili, and the sonorous green stones that are found near Cuzco and give forth a note of singular sweetness. He had painted gourds filled with pebbles that rattled when they were shaken; the long clarin of the Mexicans, into which the performer does not blow, but through which he inhales the air; the harsh turé of the Amazon tribes, that is sounded by the sentinels who sit all day long in trees, and that can be heard, it is said, at a distance of three leagues; the teponaztli, that has two vibrating tongues of wood, and is beaten with sticks that are smeared with an elastic gum obtained from the milky juice of plants; the yotl-bells of the Aztecs, that are hung in clusters like grapes; and a huge cylindrical drum, covered with the skins of great serpents, like the one that Bernal Diaz saw when he went with Cortes into the Mexican temple, and of whose doleful sound he has left us so vivid a description. The fantastic character of these instruments fascinated him, and he felt a curious delight in the thought that Art, like Nature, has her monsters,

things of bestial shape and with hideous voices. Yet, after some time, he wearied of them, and would sit in his box at the Opera, either alone or with Lord Henry, listening in rapt pleasure to "Tannhäuser" and seeing in that great work of art a presentation of the tragedy of his own soul.

On another occasion he took up the study of jewels, and appeared at a costume ball as Anne de Joyeuse, Admiral of France, in a dress covered with five hundred and sixty pearls. He would often spend a whole day settling and resettling in their cases the various stones that he had collected, such as the olive-green chrysoberyl that turns red by lamplight, the cymophane with its wire-like line of silver, the pistachio-colored peridot, rose-pink and wine-yellow topazes, carbuncles of fiery scarlet with tremulous four-rayed stars, flame-red cinnamon-stones, orange and violet spinels, and amethysts with their alternate layers of ruby and sapphire. He loved the red gold of the sunstone, and the moonstone's pearly whiteness, and the broken rainbow of the milky opal. He procured from Amsterdam three emeralds of extraordinary size and richness of color, and had a turquoise de la vieille roche that was the envy of all the connoisseurs.

He discovered wonderful stories, also, about jewels. In Alphonso's "Clericalis Disciplina" a serpent was mentioned with eyes of real jacinth, and in the romantic history of Alexander he was said to have found snakes in the vale of Jordan "with collars of real emeralds growing on their backs". There was a gem in the brain of the dragon, Philostratus told us, and "by the exhibition of golden letters and a scarlet robe" the monster could be thrown into a magical sleep, and slain. According to the great alchemist Pierre de Boniface, the diamond rendered a man invisible, and the agate of India made him eloquent. The cornelian appeased anger, and the hyacinth provoked sleep, and the amethyst drove away the fumes of wine. The garnet cast out demons, and the hydropicus deprived the moon of her color. The selenite waxed and waned with the moon, and the meloceus, that discovers thieves, could be affected only by the blood of kids. Leonardus Camillus had seen a white stone taken from the brain of a newly-killed toad, that was a certain antidote against poison. The bezoar, that was found in the heart of the Arabian deer, was a charm that could cure the plague. In the nests of Arabian birds was the aspilates, that, according to Democritus, kept the wearer from any danger by fire.

The King of Ceilan rode through his city with a large ruby in his hand, as the ceremony of his coronation. The gates of the palace of John the Priest were "made of sardius, with the horn of the horned snake inwrought, so that no man might bring poison within". Over the gable were "two golden apples, in which were two carbuncles", so that the gold might shine by day, and the carbuncles by night. In Lodge's strange romance "A Margarite of America" it was stated that in the chamber of Margarite were seen "all the chaste ladies of the world, inchased out of silver, looking through fair mirrours of chrysolites, carbuncles, sapphires, and greene emeraults". Marco Polo had watched the inhabitants of Zipangu place a rose-colored pearl in the mouth of the dead. A sea-monster had been enamoured of the pearl that the diver brought to King Perozes, and had slain the thief, and mourned for seven moons over his loss. When the Huns lured the king into the great pit, he flung it away – Procopius tells the story – nor was it ever found again, though the Emperor Anastasius offered five hundred-weight of gold pieces for it. The King of Malabar had shown a Venetian a rosary of one hundred and four pearls, one for every god that he worshipped.

When the Duke de Valentinois, son of Alexander VI, visited Louis XII. of France, his horse was loaded with gold leaves, according to Brantôme, and his cap had double rows of rubies that threw out a great light. Charles of England had ridden in stirrups hung with three hundred and twenty-one diamonds. Richard II. had a coat, valued at thirty thousand marks, which was covered with balas rubies. Hall described Henry VIII, on his way to the Tower previous to his coronation, as wearing "a jacket of raised gold, the placard embroidered with diamonds and other rich stones, and a great bauderike about his neck of large balasses". The favorites of James I wore ear-rings of emeralds set in gold filigrane. Edward II gave to Piers Gaveston a suit of red-gold armor studded with jacinths, and a collar of gold roses set with turquoise-stones, and a skull-cap parsemé with pearls. Henry II. wore jewelled gloves reaching to the elbow, and had a hawk-glove set with twelve rubies and fifty-two great pearls. The ducal hat of Charles the Rash, the last Duke of Burgundy of his race, was studded with sapphires and hung with pear-shaped pearls.

How exquisite life had once been! How gorgeous in its pomp anddecoration! Even to read of the luxury of the dead was wonderful.

Then he turned his attention to embroideries, and to the tapestries that performed the office of frescos in the chill rooms of the Northern nations of Europe. As he investigated the subject – and he always had an extraordinary faculty of becoming absolutely absorbed for the moment in whatever he took up – he was almost saddened by the reflection of the ruin that time brought on beautiful and wonderful things. He, at any rate, had escaped that. Summer followed summer, and the yellow jonquils bloomed and died many times, and nights of horror repeated the story of their shame, but he was unchanged. No winter marred his face or stained his flower-like bloom. How different it was with material things! Where had they gone to? Where was the great crocus-colored robe, on which the gods fought against the giants, that had been worked for Athena? Where the huge velarium that Nero had stretched across the Colosseum at Rome, on which were represented the starry sky, and Apollo driving a chariot drawn by white gilt-reined steeds? He longed to see the curious table-napkins wrought for Elagabalus, on which were displayed all the dainties and viands that could be wanted for a feast; the mortuary cloth of King Chilperic, with its three hundred golden bees; the fantastic robes that excited the indignation of the Bishop of Pontus, and were figured with "lions, panthers, bears, dogs, forests, rocks, hunters – all, in fact, that a painter can copy from nature"; and the coat that Charles of Orleans once wore, on the sleeves of which were embroidered the verses of a song beginning "Madame, je suis tout joyeux", the musical accompaniment of the words being wrought in gold thread, and each note, a square shape in those days, formed with four pearls. He read of the room that was prepared at the palace at Rheims for the use of Queen Joan of Burgundy, and was decorated with "thirteen hundred and twenty-one parrots, made in broidery, and blazoned with the king's arms, and five hundred and sixty-one butterflies, whose wings were similarly ornamented with the arms of the queen, the whole worked in gold". Catherine de Médicis had a mourning-bed made for her of black velvet powdered with crescents and suns. Its curtains were of damask, with leafy wreaths and garlands, figured upon a gold and silver ground, and fringed along the edges with broideries of pearls, and it stood

in a room hung with rows of the queen's devices in cut black velvet upon cloth of silver. Louis XIV. had gold-embroidered caryatides fifteen feet high in his apartment. The state bed of Sobieski, King of Poland, was made of Smyrna gold brocade embroidered in turquoises with verses from the Koran. Its supports were of silver gilt, beautifully chased, and profusely set with enamelled and jewelled medallions. It had been taken from the Turkish camp before Vienna, and the standard of Mohammed had stood under it.

And so, for a whole year, he sought to accumulate the most exquisite specimens that he could find of textile and embroidered work, getting the dainty Delhi muslins, finely wrought, with gold-threat palmates, and stitched over with iridescent beetles' wings; the Dacca gauzes, that from their transparency are known in the East as "woven air", and "running water", and "evening dew;" strange figured cloths from Java; elaborate yellow Chinese hangings; books bound in tawny satins or fair blue silks and wrought with fleurs de lys, birds, and images; veils of lacis worked in Hungary point; Sicilian brocades, and stiff Spanish velvets; Georgian work with its gilt coins, and Japanese Foukousas with their green-toned golds and their marvellously-plumaged birds.

He had a special passion, also, for ecclesiastical vestments, as indeed he had for everything connected with the service of the Church. In the long cedar chests that lined the west gallery of his house he had stored away many rare and beautiful specimens of what is really the raiment of the Bride of Christ, who must wear purple and jewels and fine linen that she may hide the pallid macerated body that is worn by the suffering that she seeks for, and wounded by self-inflicted pain. He had a gorgeous cope of crimson silk and gold-thread damask, figured with a repeating pattern of golden pomegranates set in six-petalled formal blossoms, beyond which on either side was the pine-apple device wrought in seed-pearls. The orphreys were divided into panels representing scenes from the life of the Virgin, and the coronation of the Virgin was figured in colored silks upon the hood. This was Italian work of the fifteenth century. Another cope was of green velvet, embroidered with heart-shaped groups of acanthus-leaves, from which spread long-stemmed white blossoms, the details of which were picked out with silver thread and colored crystals. The morse bore a

seraph's head in gold-thread raised work. The orphreys were woven in a diaper of red and gold silk, and were starred with medallions of many saints and martyrs, among whom was St. Sebastian. He had chasubles, also, of amber-colored silk, and blue silk and gold brocade, and yellow silk damask and cloth of gold, figured with representations of the Passion and Crucifixion of Christ, and embroidered with lions and peacocks and other emblems; dalmatics of white satin and pink silk damask, decorated with tulips and dolphins and fleurs de lys; altar frontals of crimson velvet and blue linen; and many corporals, chalice-veils, and sudaria. In the mystic offices to which these things were put there was something that quickened his imagination.

For these things, and everything that he collected in his lovely house, were to be to him means of forgetfulness, modes by which he could escape, for a season, from the fear that seemed to him at times to be almost too great to be borne. Upon the walls of the lonely locked room where he had spent so much of his boyhood, he had hung with his own hands the terrible portrait whose changing features showed him the real degradation of his life, and had draped the purple-and-gold pall in front of it as a curtain. For weeks he would not go there, would forget the hideous painted thing, and get back his light heart, his wonderful joyousness, his passionate pleasure in mere existence. Then, suddenly, some night he would creep out of the house, go down to dreadful places near Blue Gate Fields, and stay there, day after day, until he was driven away. On his return he would sit in front of the picture, sometimes loathing it and himself, but filled, at other times, with that pride of rebellion that is half the fascination of sin, and smiling, with secret pleasure, at the misshapen shadow that had to bear the burden that should have been his own.

After a few years he could not endure to be long out of England, and gave up the villa that he had shared at Trouville with Lord Henry, as well as the little white walled-in house at Algiers where he had more than once spent his winter. He hated to be separated from the picture that was such a part of his life, and he was also afraid that during his absence some one might gain access to the room, in spite of the elaborate bolts and bars that he had caused to be placed upon the door.

He was quite conscious that this would tell them nothing. It was true that the portrait still preserved, under all the foulness and ugliness of the face, its marked likeness to himself; but what could they learn from that? He would laugh at any one who tried to taunt him. He had not painted it. What was it to him how vile and full of shame it looked? Even if he told them, would they believe it?

Yet he was afraid. Sometimes when he was down at his great house in Nottinghamshire, entertaining the fashionable young men of his own rank who were his chief companions, and astounding the county by the wanton luxury and gorgeous splendor of his mode of life, he would suddenly leave his guests and rush back to town to see that the door had not been tampered with and that the picture was still there. What if it should be stolen? The mere thought made him cold with horror. Surely the world would know his secret then. Perhaps the world already suspected it.

For, while he fascinated many, there were not a few who distrusted him. He was blackballed at a West End club of which his birth and social position fully entitled him to become a member, and on one occasion, when he was brought by a friend into the smoking-room of the Carlton, the Duke of Berwick and another gentleman got up in a marked manner and went out. Curious stories became current about him after he had passed his twenty-fifth year. It was said that he had been seen brawling with foreign sailors in a low den in the distant parts of Whitechapel, and that he consorted with thieves and coiners and knew the mysteries of their trade. His extraordinary absences became notorious, and, when he used to reappear again in society, men would whisper to each other in corners, or pass him with a sneer, or look at him with cold searching eyes, as if they were determined to discover his secret.

Of such insolences and attempted slights he, of course, took no notice, and in the opinion of most people his frank debonair manner, his charming boyish smile, and the infinite grace of that wonderful youth that seemed never to leave him, were in themselves a sufficient answer to the calumnies (for so they called them) that were circulated about him. It was remarked, however, that those who had been most intimate with him appeared, after a time, to shun him. Of all his friends, or so-called friends, Lord Henry Wotton was the only one who remained loyal to him. Women

who had wildly adored him, and for his sake had braved all social censure and set convention at defiance, were seen to grow pallid with shame or horror if Dorian Gray entered the room.

Yet these whispered scandals only lent him, in the eyes of many, his strange and dangerous charm. His great wealth was a certain element of security. Society, civilized society at least, is never very ready to believe anything to the detriment of those who are both rich and charming. It feels instinctively that manners are of more importance than morals, and the highest respectability is of less value in its opinion than the possession of a good chef. And, after all, it is a very poor consolation to be told that the man who has given one a bad dinner, or poor wine, is irreproachable in his private life. Even the cardinal virtues cannot atone for cold entrées, as Lord Henry remarked once, in a discussion on the subject; and there is possibly a good deal to be said for his view. For the canons of good society are, or should be, the same as the canons of art. Form is absolutely essential to it. It should have the dignity of a ceremony, as well as its unreality, and should combine the insincere character of a romantic play with the wit and beauty that make such plays charming. Is insincerity such a terrible thing? I think not. It is merely a method by which we can multiply our personalities.

Such, at any rate, was Dorian Gray's opinion. He used to wonder at the shallow psychology of those who conceive the Ego in man as a thing simple, permanent, reliable, and of one essence. To him, man was a being with myriad lives and myriad sensations, a complex multiform creature that bore within itself strange legacies of thought and passion, and whose very flesh was tainted with the monstrous maladies of the dead. He loved to stroll through the gaunt cold picture-gallery of his country-house and look at the various portraits of those whose blood flowed in his veins. Here was Philip Herbert, described by Francis Osborne, in his "Memoires on the Reigns of Queen Elizabeth and King James", as one who was "caressed by the court for his handsome face, which kept him not long company". Was it young Herbert's life that he sometimes led? Had some strange poisonous germ crept from body to body till it had reached his own? Was it some dim sense of that ruined grace that had made him so suddenly, and almost without cause, give utterance, in Basil Hallward's studio, to that mad prayer that had so changed his life? Here, in gold-embroidered red doublet,

jewelled surcoat, and gilt-edged ruff and wrist-bands, stood Sir Anthony Sherard, with his silver-and-black armor piled at his feet. What had this man's legacy been? Had the lover of Giovanna of Naples bequeathed him some inheritance of sin and shame? Were his own actions merely the dreams that the dead man had not dared to realize? Here, from the fading canvas, smiled Lady Elizabeth Devereux, in her gauze hood, pearl stomacher, and pink slashed sleeves. A flower was in her right hand, and her left clasped an enamelled collar of white and damask roses. On a table by her side lay a mandolin and an apple. There were large green rosettes upon her little pointed shoes. He knew her life, and the strange stories that were told about her lovers. Had he something of her temperament in him? Those oval heavy-lidded eyes seemed to look curiously at him. What of George Willoughby, with his powdered hair and fantastic patches? How evil he looked! The face was saturnine and swarthy, and the sensual lips seemed to be twisted with disdain. Delicate lace ruffles fell over the lean yellow hands that were so overladen with rings. He had been a macaroni of the eighteenth century, and the friend, in his youth, of Lord Ferrars. What of the second Lord Sherard, the companion of the Prince Regent in his wildest days, and one of the witnesses at the secret marriage with Mrs. Fitzherbert? How proud and handsome he was, with his chestnut curls and insolent pose! What passions had he bequeathed? The world had looked upon him as infamous. He had led the orgies at Carlton House. The star of the Garter glittered upon his breast. Beside him hung the portrait of his wife, a pallid, thin-lipped woman in black. Her blood, also, stirred within him. How curious it all seemed!

Yet one had ancestors in literature, as well as in one's own race, nearer perhaps in type and temperament, many of them, and certainly with an influence of which one was more absolutely conscious. There were times when it seemed to Dorian Gray that the whole of history was merely the record of his own life, not as he had lived it in act and circumstance, but as his imagination had created it for him, as it had been in his brain and in his passions. He felt that he had known them all, those strange terrible figures that had passed across the stage of the world and made sin so marvellous and evil so full of wonder. It seemed to him that in some mysterious way their lives had been his own.

The hero of the dangerous novel that had so influenced his life had himself had this curious fancy. In a chapter of the book he tells how, crowned with laurel, lest lightning might strike him, he had sat, as Tiberius, in a garden at Capri, reading the shameful books of Elephantis, while dwarfs and peacocks strutted round him and the flute-player mocked the swinger of the censer; and, as Caligula, had caroused with the green-shirted jockeys in their stables, and supped in an ivory manger with a jewel-frontleted horse; and, as Domitian, had wandered through a corridor lined with marble mirrors, looking round with haggard eyes for the reflection of the dagger that was to end his days, and sick with that ennui, that taedium vitae, that comes on those to whom life denies nothing; and had peered through a clear emerald at the red shambles of the Circus, and then, in a litter of pearl and purple drawn by silver-shod mules, been carried through the Street of Pomegranates to a House of Gold, and heard men cry on Nero Caesar as he passed by; and, as Elagabalus, had painted his face with colors, and plied the distaff among the women, and brought the Moon from Carthage, and given her in mystic marriage to the Sun.

Over and over again Dorian used to read this fantastic chapter, and the chapter immediately following, in which the hero describes the curious tapestries that he had had woven for him from Gustave Moreau's designs, and on which were pictured the awful and beautiful forms of those whom Vice and Blood and Weariness had made monstrous or mad: Filippo, Duke of Milan, who slew his wife, and painted her lips with a scarlet poison; Pietro Barbi, the Venetian, known as Paul the Second, who sought in his vanity to assume the title of Formosus, and whose tiara, valued at two hundred thousand florins, was bought at the price of a terrible sin; Gian Maria Visconti, who used hounds to chase living men, and whose murdered body was covered with roses by a harlot who had loved him; the Borgia on his white horse, with Fratricide riding beside him, and his mantle stained with the blood of Perotto; Pietro Riario, the young Cardinal Archbishop of Florence, child and minion of Sixtus IV, whose beauty was equalled only by his debauchery, and who received Leonora of Aragon in a pavilion of white and crimson silk, filled with nymphs and centaurs, and gilded a boy that he might serve her at the feast as Ganymede or Hylas; Ezzelin, whose melancholy could be cured only by the spectacle of death, and who had a

passion for red blood, as other men have for red wine – the son of the Fiend, as was reported, and one who had cheated his father at dice when gambling with him for his own soul; Giambattista Cibo, who in mockery took the name of Innocent, and into whose torpid veins the blood of three lads was infused by a Jewish doctor; Sigismondo Malatesta, the lover of Isotta, and the lord of Rimini, whose effigy was burned at Rome as the enemy of God and man, who strangled Polyssena with a napkin, and gave poison to Ginevra d'Este in a cup of emerald, and in honor of a shameful passion built a pagan church for Christian worship; Charles VI, who had so wildly adored his brother's wife that a leper had warned him of the insanity that was coming on him, and who could only be soothed by Saracen cards painted with the images of Love and Death and Madness; and, in his trimmed jerkin and jewelled cap and acanthus-like curls, Grifonetto Baglioni, who slew Astorre with his bride, and Simonetto with his page, and whose comeliness was such that, as he lay dying in the yellow piazza of Perugia, those who had hated him could not choose but weep, and Atalanta, who had cursed him, blessed him.

There was a horrible fascination in them all. He saw them at night, and they troubled his imagination in the day. The Renaissance knew of strange manners of poisoning – poisoning by a helmet and a lighted torch, by an embroidered glove and a jewelled fan, by a gilded pomander and by an amber chain. Dorian Gray had been poisoned by a book. There were moments when he looked on evil simply as a mode through which he could realize his conception of the beautiful.

CHAPTER 10

It was on the 7th of November, the eve of his own thirty-second birthday, as he often remembered afterwards.

But Hallward had seen him. Dorian heard him first stopping, and then hurrying after him. In a few moments his hand was on his arm.

"Dorian! What an extraordinary piece of luck! I have been waiting for you ever since nine o'clock in your library. Finally I took pity on your tired servant, and told him to go to bed, as he let me out. I am off to Paris by the midnight train, and I wanted particularly to see you before I left. I thought it was you, or rather your fur coat, as you passed me. But I wasn't quite sure. Didn't you recognize me?"

"In this fog, my dear Basil? Why, I can't even recognize Grosvenor Square. I believe my house is somewhere about here, but I don't feel at all certain about it. I am sorry you are going away, as I have not seen you for ages. But I suppose you will be back soon?"

"No: I am going to be out of England for six months. I intend to take a studio in Paris, and shut myself up till I have finished a great picture I have in my head. However, it wasn't about myself I wanted to talk. Here we are at your door. Let me come in for a moment. I have something to say to you".

"I shall be charmed. But won't you miss your train?" said Dorian Gray, languidly, as he passed up the steps and opened the door with his latch-key.

The lamp-light struggled out through the fog, and Hallward looked at his watch. "I have heaps of time", he answered. "The train doesn't go till twelve-fifteen, and it is only just eleven. In fact, I was on my way to the club to look for you, when I met you. You see, I shan't have any delay about luggage, as I have sent on my heavy things. All I have with me is in this bag, and I can easily get to Victoria in twenty minutes".

Dorian looked at him and smiled. "What a way for a fashionable painter to travel! A Gladstone bag, and an ulster! Come in, or the fog will get into the house. And mind you don't talk about anything serious. Nothing is serious nowadays. At least nothing should be".

Hallward shook his head, as he entered, and followed Dorian into the library. There was a bright wood fire blazing in the large open hearth. The lamps were lit, and an open Dutch silver spirit-case stood, with some siphons of soda-water and large cut-glass tumblers, on a little table.

"You see your servant made me quite at home, Dorian. He gave me everything I wanted, including your best cigarettes. He is a most hospitable creature. I like him much better than the Frenchman you used to have. What has become of the Frenchman, by the bye?"

Dorian shrugged his shoulders. "I believe he married Lady Ashton's maid, and has established her in Paris as an English dressmaker. Anglomanie is very fashionable over there now, I hear. It seems silly of the French, doesn't it? But – do you know? – he was not at all a bad servant. I never liked him, but I had nothing to complain about. One often imagines things that are quite absurd. He was really very devoted to me, and seemed quite sorry when he went away. Have another brandy-and-soda? Or would you like hock-and-seltzer? I always take hock-and-seltzer myself. There is sure to be some in the next room".

"Thanks, I won't have anything more", said Hallward, taking his cap and coat off, and throwing them on the bag that he had placed in the corner. "And now, my dear fellow, I want to speak to you seriously. Don't frown like that. You make it so much more difficult for me".

"What is it all about?" cried Dorian, in his petulant way, flinging himself down on the sofa. "I hope it is not about myself. I am tired of myself tonight. I should like to be somebody else".

"It is about yourself", answered Hallward, in his grave, deep voice, "and I must say it to you. I shall only keep you half an hour".

Dorian sighed, and lit a cigarette. "Half an hour!" he murmured.

"It is not much to ask of you, Dorian, and it is entirely for your own sake that I am speaking. I think it right that you should know that the most dreadful things are being said about you in London – things that I could hardly repeat to you".

"I don't wish to know anything about them. I love scandals about other people, but scandals about myself don't interest me. They have not got the charm of novelty".

"They must interest you, Dorian. Every gentleman is interested in his good name. You don't want people to talk of you as something vile and degraded. Of course you have your position, and your wealth, and all that kind of thing. But position and wealth are not everything. Mind you, I don't believe these rumors at all. At least, I can't believe them when I see you. Sin is a thing that writes itself across a man's face. It cannot be concealed. People talk of secret vices. There are no such things as secret vices. If a wretched man has a vice, it shows itself in the lines of his mouth, the droop of his eyelids, the moulding of his hands even. Somebody – I won't mention his name, but you know him – came to me last year to have his portrait done. I had never seen him before, and had never heard anything about him at the time, though I have heard a good deal since. He offered an extravagant price. I refused him. There was something in the shape of his fingers that I hated. I know now that I was quite right in what I fancied about him. His life is dreadful. But you, Dorian, with your pure, bright, innocent face, and your marvellous untroubled youth – I can't believe anything against you. And yet I see you very seldom, and you never come down to the studio now, and when I am away from you, and I hear all these hideous things that people are whispering about you, I don't know what to say. Why is it, Dorian, that a man like the Duke of Berwick leaves the room of a club when you enter it? Why is it that so many gentlemen in London will neither go to your house nor invite you to theirs? You used to be a friend of Lord Cawdor. I met him at dinner last week. Your name happened to come up in conversation, in connection with the miniatures you have lent to the exhibition at the Dudley. Cawdor curled his lip, and said that you might have the most artistic tastes, but that you were a man whom no pure-minded girl should be allowed to know, and whom no chaste woman should sit in the same room with. I reminded him that I was a friend of yours, and asked him what he meant. He told me. He told me right out before everybody. It was horrible! Why is your friendship so fateful to young men? There was that wretched boy in the Guards who committed suicide. You were his great friend. There was Sir Henry Ashton, who had to leave England, with a tarnished name. You and he were inseparable. What about Adrian Singleton, and his dreadful end? What about Lord Kent's only son, and his career? I met his father yesterday in St. James Street. He seemed broken with shame and sorrow. What about the young Duke of

Perth? What sort of life has he got now? What gentleman would associate with him? Dorian, Dorian, your reputation is infamous. I know you and Harry are great friends. I say nothing about that now, but surely you need not have made his sister's name a by-word. When you met Lady Gwendolen, not a breath of scandal had ever touched her. Is there a single decent woman in London now who would drive with her in the Park? Why, even her children are not allowed to live with her. Then there are other stories – stories that you have been seen creeping at dawn out of dreadful houses and slinking in disguise into the foulest dens in London. Are they true? Can they be true? When I first heard them, I laughed. I hear them now, and they make me shudder. What about your country-house, and the life that is led there? Dorian, you don't know what is said about you. I won't tell you that I don't want to preach to you. I remember Harry saying once that every man who turned himself into an amateur curate for the moment always said that, and then broke his word. I do want to preach to you. I want you to lead such a life as will make the world respect you. I want you to have a clean name and a fair record. I want you to get rid of the dreadful people you associate with. Don't shrug your shoulders like that. Don't be so indifferent. You have a wonderful influence. Let it be for good, not for evil. They say that you corrupt every one whom you become intimate with, and that it is quite sufficient for you to enter a house, for shame of some kind to follow after you. I don't know whether it is so or not. How should I know? But it is said of you. I am told things that it seems impossible to doubt. Lord Gloucester was one of my greatest friends at Oxford. He showed me a letter that his wife had written to him when she was dying alone in her villa at Mentone. Your name was implicated in the most terrible confession I ever read. I told him that it was absurd – that I knew you thoroughly, and that you were incapable of anything of the kind. Know you? I wonder do I know you? Before I could answer that, I should have to see your soul".

"To see my soul!" muttered Dorian Gray, starting up from the sofa and turning almost white from fear.

"Yes", answered Hallward, gravely, and with infinite sorrow in his voice "to see your soul. But only God can do that".

A bitter laugh of mockery broke from the lips of the younger man". You shall see it yourself, tonight!" he cried, seizing a lamp from the table. "Come: it is your own handiwork. Why shouldn't you look at it? You can tell the world all about it afterwards, if you choose. Nobody would believe you. If they did believe you, they'd like me all the better for it. I know the age better than you do, though you will prate about it so tediously. Come, I tell you. You have chattered enough about corruption. Now you shall look on it face to face".

There was the madness of pride in every word he uttered. He stamped his foot upon the ground in his boyish insolent manner. He felt a terrible joy at the thought that some one else was to share his secret, and that the man who had painted the portrait that was the origin of all his shame was to be burdened for the rest of his life with the hideous memory of what he had done.

"Yes", he continued, coming closer to him, and looking steadfastly into his stern eyes, "I will show you my soul. You shall see the thing that you fancy only God can see".

Hallward started back. "This is blasphemy, Dorian!" he cried". You must not say things like that. They are horrible, and they don't mean anything".

"You think so?" He laughed again.

"I know so. As for what I said to you tonight, I said it for your good. You know I have been always devoted to you".

"Don't touch me. Finish what you have to say".

A twisted flash of pain shot across Hallward's face. He paused for a moment, and a wild feeling of pity came over him. After all, what right had he to pry into the life of Dorian Gray? If he had done a tithe of what was rumored about him, how much he must have suffered! Then he straightened himself up, and walked over to the fireplace, and stood there, looking at the burning logs with their frost-like ashes and their throbbing cores of flame.

"I am waiting, Basil", said the young man, in a hard, clear voice.

He turned round. "What I have to say is this", he cried. "You must give me some answer to these horrible charges that are made against you. If

you tell me that they are absolutely untrue from beginning to end, I will believe you. Deny them, Dorian, deny them! Can't you see what I am going through? My God! don't tell me that you are infamous!"

Dorian Gray smiled. There was a curl of contempt in his lips. "Come up-stairs, Basil", he said, quietly. "I keep a diary of my life from day to day, and it never leaves the room in which it is written. I will show it to you if you come with me".

"I will come with you, Dorian, if you wish it. I see I have missed my train. That makes no matter. I can go tomorrow. But don't ask me to read anything tonight. All I want is a plain answer to my question".

"That will be given to you up-stairs. I could not give it here. You won't have to read long. Don't keep me waiting".

CHAPTER 11

He passed out of the room, and began the ascent, Basil Hallward following close behind. They walked softly, as men instinctively do at night. The lamp cast fantastic shadows on the wall and staircase. A rising wind made some of the windows rattle.

When they reached the top landing, Dorian set the lamp down on the floor, and taking out the key turned it in the lock. "You insist on knowing, Basil?" he asked, in a low voice.

"Yes".

"I am delighted", he murmured, smiling. Then he added, somewhat bitterly, "You are the one man in the world who is entitled to know everything about me. You have had more to do with my life than you think". And, taking up the lamp, he opened the door and went in. A cold current of air passed them, and the light shot up for a moment in a flame of murky orange. He shuddered. "Shut the door behind you", he said, as he placed the lamp on the table.

Hallward glanced round him, with a puzzled expression. The room looked as if it had not been lived in for years. A faded Flemish tapestry, a curtained picture, an old Italian cassone, and an almost empty bookcase – that was all that it seemed to contain, besides a chair and a table. As Dorian Gray was lighting a half-burned candle that was standing on the mantel-shelf, he saw that the whole place was covered with dust, and that the carpet was in holes. A mouse ran scuffling behind the wainscoting. There was a damp odor of mildew.

"So you think that it is only God who sees the soul, Basil? Draw that curtain back, and you will see mine".

The voice that spoke was cold and cruel. "You are mad, Dorian, or playing a part", muttered Hallward, frowning.

"You won't? Then I must do it myself", said the young man; and he tore the curtain from its rod, and flung it on the ground.

An exclamation of horror broke from Hallward's lips as he saw in the dim light the hideous thing on the canvas leering at him. There was something in its expression that filled him with disgust and loathing. Good

heavens! it was Dorian Gray's own face that he was looking at! The horror, whatever it was, had not yet entirely marred that marvellous beauty. There was still some gold in the thinning hair and some scarlet on the sensual lips. The sodden eyes had kept something of the loveliness of their blue, the noble curves had not yet passed entirely away from chiselled nostrils and from plastic throat. Yes, it was Dorian himself. But who had done it? He seemed to recognize his own brush-work, and the frame was his own design. The idea was monstrous, yet he felt afraid. He seized the lighted candle, and held it to the picture. In the left-hand corner was his own name, traced in long letters of bright vermilion.

It was some foul parody, some infamous, ignoble satire. He had never done that. Still, it was his own picture. He knew it, and he felt as if his blood had changed from fire to sluggish ice in a moment. His own picture! What did it mean? Why had it altered? He turned, and looked at Dorian Gray with the eyes of a sick man. His mouth twitched, and his parched tongue seemed unable to articulate. He passed his hand across his forehead. It was dank with clammy sweat.

The young man was leaning against the mantel-shelf, watching him with that strange expression that is on the faces of those who are absorbed in a play when a great artist is acting. There was neither real sorrow in it nor real joy. There was simply the passion of the spectator, with perhaps a flicker of triumph in the eyes. He had taken the flower out of his coat, and was smelling it, or pretending to do so.

"What does this mean?" cried Hallward, at last. His own voice sounded shrill and curious in his ears.

"Years ago, when I was a boy", said Dorian Gray, "you met me, devoted yourself to me, flattered me, and taught me to be vain of my good looks. One day you introduced me to a friend of yours, who explained to me the wonder of youth, and you finished a portrait of me that revealed to me the wonder of beauty. In a mad moment, that I don't know, even now, whether I regret or not, I made a wish. Perhaps you would call it a prayer...".

"I remember it! Oh, how well I remember it! No! the thing is impossible. The room is damp. The mildew has got into the canvas. The

paints I used had some wretched mineral poison in them. I tell you the thing is impossible".

"Ah, what is impossible?" murmured the young man, going over to the window, and leaning his forehead against the cold, mist-stained glass.

"You told me you had destroyed it".

"I was wrong. It has destroyed me".

"I don't believe it is my picture".

"Can't you see your romance in it?" said Dorian, bitterly.

"My romance, as you call it...".

"As you called it".

"There was nothing evil in it, nothing shameful. This is the face of a satyr".

"It is the face of my soul".

"God! what a thing I must have worshipped! This has the eyes of a devil".

"Each of us has Heaven and Hell in him, Basil", cried Dorian, with a wild gesture of despair.

Hallward turned again to the portrait, and gazed at it. "My God! If it is true", he exclaimed, "and this is what you have done with your life, why, you must be worse even than those who talk against you fancy you to be!" He held the light up again to the canvas, and examined it. The surface seemed to be quite undisturbed, and as he had left it. It was from within, apparently, that the foulness and horror had come. Through some strange quickening of inner life the leprosies of sin were slowly eating the thing away. The rotting of a corpse in a watery grave was not so fearful.

His hand shook, and the candle fell from its socket on the floor, and lay there sputtering. He placed his foot on it and put it out. Then he flung himself into the rickety chair that was standing by the table and buried his face in his hands.

"Good God, Dorian, what a lesson! what an awful lesson!" There was no answer, but he could hear the young man sobbing at the window.

"Pray, Dorian, pray", he murmured. "What is it that one was taught to say in one's boyhood? 'Lead us not into temptation. Forgive us

our sins. Wash away our iniquities. 'Let us say that together. The prayer of your pride has been answered. The prayer of your repentance will be answered also. I worshipped you too much. I am punished for it. You worshipped yourself too much. We are both punished".

Dorian Gray turned slowly around, and looked at him with tear-dimmed eyes. "It is too late, Basil", he murmured.

"It is never too late, Dorian. Let us kneel down and try if we can remember a prayer. Isn't there a verse somewhere, 'Though your sins be as scarlet, yet I will make them as white as snow'?"

"Those words mean nothing to me now".

"Hush! don't say that. You have done enough evil in your life. My God! don't you see that accursed thing leering at us?"

Dorian Gray glanced at the picture, and suddenly an uncontrollable feeling of hatred for Basil Hallward came over him. The mad passions of a hunted animal stirred within him, and he loathed the man who was seated at the table, more than he had ever loathed anything in his whole life. He glanced wildly around. Something glimmered on the top of the painted chest that faced him. His eye fell on it. He knew what it was. It was a knife that he had brought up, some days before, to cut a piece of cord, and had forgotten to take away with him. He moved slowly towards it, passing Hallward as he did so. As soon as he got behind him, he seized it, and turned round. Hallward moved in his chair as if he was going to rise. He rushed at him, and dug the knife into the great vein that is behind the ear, crushing the man's head down on the table, and stabbing again and again.

There was a stifled groan, and the horrible sound of some one choking with blood. The outstretched arms shot up convulsively three times, waving grotesque stiff-fingered hands in the air. He stabbed him once more, but the man did not move. Something began to trickle on the floor. He waited for a moment, still pressing the head down. Then he threw the knife on the table, and listened.

He could hear nothing, but the drip, drip on the threadbare carpet. He opened the door, and went out on the landing. The house was quite quiet. No one was stirring.

He took out the key, and returned to the room, locking himself in as he did so.

The thing was still seated in the chair, straining over the table with bowed head, and humped back, and long fantastic arms. Had it not been for the red jagged tear in the neck, and the clotted black pool that slowly widened on the table, one would have said that the man was simply asleep.

How quickly it had all been done! He felt strangely calm, and, walking over to the window, opened it, and stepped out on the balcony. The wind had blown the fog away, and the sky was like a monstrous peacock's tail, starred with myriads of golden eyes. He looked down, and saw the policeman going his rounds and flashing a bull's-eye lantern on the doors of the silent houses. The crimson spot of a prowling hansom gleamed at the corner, and then vanished. A woman in a ragged shawl was creeping round by the railings, staggering as she went. Now and then she stopped, and peered back. Once, she began to sing in a hoarse voice. The policeman strolled over and said something to her. She stumbled away, laughing. A bitter blast swept across the Square. The gas-lamps flickered, and became blue, and the leafless trees shook their black iron branches as if in pain. He shivered, and went back, closing the window behind him.

He passed to the door, turned the key, and opened it. He did not even glance at the murdered man. He felt that the secret of the whole thing was not to realize the situation. The friend who had painted the fatal portrait, the portrait to which all his misery had been due, had gone out of his life. That was enough.

Then he remembered the lamp. It was a rather curious one of Moorish workmanship, made of dull silver inlaid with arabesques of burnished steel. Perhaps it might be missed by his servant, and questions would be asked. He turned back, and took it from the table. How still the man was! How horribly white the long hands looked! He was like a dreadful wax image.

He locked the door behind him, and crept quietly down-stairs. The wood-work creaked, and seemed to cry out as if in pain. He stopped several times, and waited. No: everything was still. It was merely the sound of his own footsteps.

When he reached the library, he saw the bag and coat in the corner. They must be hidden away somewhere. He unlocked a secret press that was in the wainscoting, and put them into it. He could easily burn them afterwards. Then he pulled out his watch. It was twenty minutes to two.

He sat down, and began to think. Every year — every month, almost — men were strangled in England for what he had done. There had been a madness of murder in the air. Some red star had come too close to the earth.

Evidence? What evidence was there against him? Basil Hallward had left the house at eleven. No one had seen him come in again. Most of the servants were at Selby Royal. His valet had gone to bed.

Paris! Yes. It was to Paris that Basil had gone, by the midnight train, as he had intended. With his curious reserved habits, it would be months before any suspicions would be aroused. Months? Everything could be destroyed long before then.

A sudden thought struck him. He put on his fur coat and hat, and went out into the hall. There he paused, hearing the slow heavy tread of the policeman outside on the pavement, and seeing the flash of the lantern reflected in the window. He waited, holding his breath.

After a few moments he opened the front door, and slipped out, shutting it very gently behind him. Then he began ringing the bell. In about ten minutes his valet appeared, half dressed, and looking very drowsy.

"I am sorry to have had to wake you up, Francis", he said, stepping in; "but I had forgotten my latch-key. What time is it?"

"Five minutes past two, sir", answered the man, looking at the clock and yawning.

"Five minutes past two? How horribly late! You must wake me at nine tomorrow. I have some work to do".

"All right, sir".

"Did any one call this evening?"

"Mr. Hallward, sir. He stayed here till eleven, and then he went away to catch his train".

"Oh! I am sorry I didn't see him. Did he leave any message?"

"No, sir, except that he would write to you".

"That will do, Francis. Don't forget to call me at ninetomorrow".

"No, sir".

The man shambled down the passage in his slippers.

Dorian Gray threw his hat and coat upon the yellow marble table, and passed into the library. He walked up and down the room for a quarter of an hour, biting his lip, and thinking. Then he took the Blue Book down from one of the shelves, and began to turn over the leaves. "Alan Campbell, 152, Hertford Street, Mayfair". Yes; that was the man he wanted.

CHAPTER 12

At nine o'clock the next morning his servant came in with a cup of chocolate on a tray, and opened the shutters. Dorian was sleeping quite peacefully, lying on his right side, with one hand underneath his cheek. He looked like a boy who had been tired out with play, or study.

The man had to touch him twice on the shoulder before he woke, and as he opened his eyes a faint smile passed across his lips, as though he had been having some delightful dream. Yet he had not dreamed at all. His night had been untroubled by any images of pleasure or of pain. But youth smiles without any reason. It is one of its chiefest charms.

He turned round, and, leaning on his elbow, began to drink his chocolate. The mellow November sun was streaming into the room. The sky was bright blue, and there was a genial warmth in the air. It was almost like a morning in May.

Gradually the events of the preceding night crept with silent blood- stained feet into his brain, and reconstructed themselves there with terrible distinctness. He winced at the memory of all that he had suffered, and for a moment the same curious feeling of loathing for Basil Hallward, that had made him kill him as he sat in the chair, came back to him, and he grew cold with passion. The dead man was still sitting there, too, and in the sunlight now. How horrible that was! Such hideous things were for the darkness, not for the day.

He felt that if he brooded on what he had gone through he would sicken or grow mad. There were sins whose fascination was more in the memory than in the doing of them, strange triumphs that gratified the pride more than the passions, and gave to the intellect a quickened sense of joy, greater than any joy they brought, or could ever bring, to the senses. But this was not one of them. It was a thing to be driven out of the mind, to be drugged with poppies, to be strangled lest it might strangle one itself.

He passed his hand across his forehead, and then got up hastily, and dressed himself with even more than his usual attention, giving a good deal of care to the selection of his necktie and scarf-pin, and changing his rings more than once.

He spent a long time over breakfast, tasting the various dishes, talking to his valet about some new liveries that he was thinking of getting made for the servants at Selby, and going through his correspondence. Over some of the letters he smiled. Three of them bored him. One he read several times over, and then tore up with a slight look of annoyance in his face. "That awful thing, a woman's memory!" as Lord Henry had once said.

When he had drunk his coffee, he sat down at the table, and wrote two letters. One he put in his pocket, the other he handed to the valet.

"Take this round to 152, Hertford Street, Francis, and if Mr. Campbell is out of town, get his address".

As soon as he was alone, he lit a cigarette, and began sketching upon a piece of paper, drawing flowers, and bits of architecture, first, and then faces. Suddenly he remarked that every face that he drew seemed to have an extraordinary likeness to Basil Hallward. He frowned, and, getting up, went over to the bookcase and took out a volume at hazard. He was determined that he would not think about what had happened, till it became absolutely necessary to do so.

When he had stretched himself on the sofa, he looked at the title-page of the book. It was Gautier's "Emaux et Camées", Charpentier's Japanese-paper edition, with the Jacquemart etching. The binding was of citron-green leather with a design of gilt trellis-work and dotted pomegranates. It had been given to him by Adrian Singleton. As he turned over the pages his eye fell on the poem about the hand of Lacenaire, the cold yellow hand "du supplice encore mal lavée", with its downy red hairs and its "doigts de faune". He glanced at his own white taper fingers, and passed on, till he came to those lovely verses upon Venice:

Sur une gamme chromatique,
Le sein de perles ruisselant,
La Vénus de l'Adriatique
Sort de l'eau son corps rose et blanc.
Les dômes, sur l'azur des ondes
Suivant la phrase au pur contour,
S'enflent comme des gorges rondes

Que soulève un soupir d'amour.
L'esquif aborde et me dépose,
Jetant son amarre au pilier,
Devant une façade rose,
Sur le marbre d'un escalier.

How exquisite they were! As one read them, one seemed to be floating down the green water-ways of the pink and pearl city, lying in a black gondola with silver prow and trailing curtains. The mere lines looked to him like those straight lines of turquoise-blue that follow one as one pushes out to the Lido. The sudden flashes of color reminded him of the gleam of the opal-and-iris-throated birds that flutter round the tall honey-combed Campanile, or stalk, with such stately grace, through the dim arcades. Leaning back with half- closed eyes, he kept saying over and over to himself...

Devant une façade rose,
Sur le marbre d'un escalier.

The whole of Venice was in those two lines. He remembered the autumn that he had passed there, and a wonderful love that had stirred him to delightful fantastic follies. There was romance in every place. But Venice, like Oxford, had kept the background for romance, and background was everything, or almost everything. Basil had been with him part of the time, and had gone wild over Tintoret. Poor Basil! what a horrible way for a man to die!

He sighed, and took up the book again, and tried to forget. He read of the swallows that fly in and out of the little café at Smyrna where the Hadjis sit counting their amber beads and the turbaned merchants smoke their long tasselled pipes and talk gravely to each other; of the Obelisk in the Place de la Concorde that weeps tears of granite in its lonely sunless exile, and longs to be back by the hot lotus-covered Nile, where there are Sphinxes, and rose-red ibises, and white vultures with gilded claws, and crocodiles, with small beryl eyes, that crawl over the green steaming mud; and of that curious statue that Gautier compares to a contralto voice, the "monstre charmant" that couches in the porphyry-room of the Louvre. But

after a time the book fell from his hand. He grew nervous, and a horrible fit of terror came over him. What if Alan Campbell should be out of England? Days would elapse before he could come back. Perhaps he might refuse to come. What could he do then? Every moment was of vital importance.

They had been great friends once, five years before — almost inseparable, indeed. Then the intimacy had come suddenly to an end. When they met in society now, it was only Dorian Gray who smiled: Alan Campbell never did.

He was an extremely clever young man, though he had no real appreciation of the visible arts, and whatever little sense of the beauty of poetry he possessed he had gained entirely from Dorian. His dominant intellectual passion was for science. At Cambridge he had spent a great deal of his time working in the Laboratory, and had taken a good class in the Natural Science tripos of his year. Indeed, he was still devoted to the study of chemistry, and had a laboratory of his own, in which he used to shut himself up all day long, greatly to the annoyance of his mother, who had set her heart on his standing for Parliament and had a vague idea that a chemist was a person who made up prescriptions. He was an excellent musician, however, as well, and played both the violin and the piano better than most amateurs. In fact, it was music that had first brought him and Dorian Gray together, — music and that indefinable attraction that Dorian seemed to be able to exercise whenever he wished, and indeed exercised often without being conscious of it. They had met at Lady Berkshire's the night that Rubinstein played there, and after that used to be always seen together at the Opera, and wherever good music was going on. For eighteen months their intimacy lasted. Campbell was always either at Selby Royal or in Grosvenor Square. To him, as to many others, Dorian Gray was the type of everything that is wonderful and fascinating in life. Whether or not a quarrel had taken place between them no one ever knew. But suddenly people remarked that they scarcely spoke when they met, and that Campbell seemed always to go away early from any party at which Dorian Gray was present. He had changed, too, was strangely melancholy at times, appeared almost to dislike hearing music of any passionate character, and would never himself play, giving as his excuse, when he was called upon, that he was so absorbed in science that he had no time left in which to

practise. And this was certainly true. Every day he seemed to become more interested in biology, and his name appeared once or twice in some of the scientific reviews, in connection with certain curious experiments.

This was the man that Dorian Gray was waiting for, pacing up and down the room, glancing every moment at the clock, and becoming horribly agitated as the minutes went by. At last the door opened, and his servant entered.

"Mr. Alan Campbell, sir".

A sigh of relief broke from his parched lips, and the color came back to his cheeks.

"Ask him to come at once, Francis".

The man bowed, and retired. In a few moments Alan Campbell walked in, looking very stern and rather pale, his pallor being intensified by his coal-black hair and dark eyebrows.

"Alan! this is kind of you. I thank you for coming".

"I had intended never to enter your house again, Gray. But you said it was a matter of life and death". His voice was hard and cold. He spoke with slow deliberation. There was a look of contempt in the steady searching gaze that he turned on Dorian. He kept his hands in the pockets of his Astrakhan coat, and appeared not to have noticed the gesture with which he had been greeted.

"It is a matter of life and death, Alan, and to more than one person. Sit down".

Campbell took a chair by the table, and Dorian sat opposite to him. The two men's eyes met. In Dorian's there was infinite pity. He knew that what he was going to do was dreadful.

After a strained moment of silence, he leaned across and said, very quietly, but watching the effect of each word upon the face of the man he had sent for, "Alan, in a locked room at the top of this house, a room to which nobody but myself has access, a dead man is seated at a table. He has been dead ten hours now. Don't stir, and don't look at me like that. Who the man is, why he died, how he died, are matters that do not concern you. What you have to do is this..."

"Stop, Gray. I don't want to know anything further. Whether what you have told me is true or not true, doesn't concern me. I entirely decline to be mixed up in your life. Keep your horrible secrets to yourself. They don't interest me any more".

"Alan, they will have to interest you. This one will have to interest you. I am awfully sorry for you, Alan. But I can't help myself. You are the one man who is able to save me. I am forced to bring you into the matter. I have no option. Alan, you are a scientist. You know about chemistry, and things of that kind. You have made experiments. What you have got to do is to destroy the thing that is up-stairs – to destroy it so that not a vestige will be left of it. Nobody saw this person come into the house. Indeed, at the present moment he is supposed to be in Paris. He will not be missed for months. When he is missed, there must be no trace of him found here. You, Alan, you must change him, and everything that belongs to him, into a handful of ashes that I may scatter in the air".

"You are mad, Dorian".

"Ah! I was waiting for you to call me Dorian".

"You are mad, I tell you, – mad to imagine that I would raise a finger to help you, mad to make this monstrous confession. I will have nothing to do with this matter, whatever it is. Do you think I am going to peril my reputation for you? What is it to me what devil's work you are up to?"

"It was a suicide, Alan".

"I am glad of that. But who drove him to it? You, I should fancy".

"Do you still refuse to do this, for me?"

"Of course I refuse. I will have absolutely nothing to do with it. I don't care what shame comes on you. You deserve it all. I should not be sorry to see you disgraced, publicly disgraced. How dare you ask me, of all men in the world, to mix myself up in this horror? I should have thought you knew more about people's characters. Your friend Lord Henry Wotton can't have taught you much about psychology, whatever else he has taught you. Nothing will induce me to stir a step to help you. You have come to the wrong man. Go to some of your friends. Don't come to me".

"Alan, it was murder. I killed him. You don't know what he had made me suffer. Whatever my life is, he had more to do with the making or the marring of it than poor Harry has had. He may not have intended it, the result was the same".

"Murder! Good God, Dorian, is that what you have come to? I shall not inform upon you. It is not my business. Besides, you are certain to be arrested, without my stirring in the matter. Nobody ever commits a murder without doing something stupid. But I will have nothing to do with it".

"All I ask of you is to perform a certain scientific experiment. You go to hospitals and dead-houses, and the horrors that you do there don't affect you. If in some hideous dissecting-room or fetid laboratory you found this man lying on a leaden table with red gutters scooped out in it, you would simply look upon him as an admirable subject. You would not turn a hair. You would not believe that you were doing anything wrong. On the contrary, you would probably feel that you were benefiting the human race, or increasing the sum of knowledge in the world, or gratifying intellectual curiosity, or something of that kind. What I want you to do is simply what you have often done before. Indeed, to destroy a body must be less horrible than what you are accustomed to work at. And, remember, it is the only piece of evidence against me. If it is discovered, I am lost; and it is sure to be discovered unless you help me".

"I have no desire to help you. You forget that. I am simply indifferent to the whole thing. It has nothing to do with me".

"Alan, I entreat you. Think of the position I am in. Just before you came I almost fainted with terror. No! don't think of that. Look at the matter purely from the scientific point of view. You don't inquire where the dead things on which you experiment come from. Don't inquire now. I have told you too much as it is. But I beg of you to do this. We were friends once, Alan".

"Don't speak about those days, Dorian: they are dead".

"The dead linger sometimes. The man up-stairs will not go away. He is sitting at the table with bowed head and outstretched arms. Alan! Alan! if you don't come to my assistance I am ruined. Why, they will hang me, Alan! Don't you understand? They will hang me for what I have done".

"There is no good in prolonging this scene. I refuse absolutely to do anything in the matter. It is insane of you to ask me".

"You refuse absolutely?"

"Yes".

The same look of pity came into Dorian's eyes, then he stretched out his hand, took a piece of paper, and wrote something on it. He read it over twice, folded it carefully, and pushed it across the table. Having done this, he got up, and went over to the window.

Campbell looked at him in surprise, and then took up the paper, and opened it. As he read it, his face became ghastly pale, and he fell back in his chair. A horrible sense of sickness came over him. He felt as if his heart was beating itself to death in some empty hollow.

After two or three minutes of terrible silence, Dorian turned round, and came and stood behind him, putting his hand upon his shoulder.

"I am so sorry, Alan", he murmured, "but you leave me no alternative. I have a letter written already. Here it is. You see the address. If you don't help me, I must send it. You know what the result will be. But you are going to help me. It is impossible for you to refuse now. I tried to spare you. You will do me the justice to admit that. You were stern, harsh, offensive. You treated me as no man has ever dared to treat me – no living man, at any rate. I bore it all. Now it is for me to dictate terms".

Campbell buried his face in his hands, and a shudder passed through him.

"Yes, it is my turn to dictate terms, Alan. You know what they are. The thing is quite simple. Come, don't work yourself into this fever. The thing has to be done. Face it, and do it".

A groan broke from Campbell's lips, and he shivered all over. The ticking of the clock on the mantel-piece seemed to him to be dividing time into separate atoms of agony, each of which was too terrible to be borne. He felt as if an iron ring was being slowly tightened round his forehead, and as if the disgrace with which he was threatened had already come upon him. The hand upon his shoulder weighed like a hand of lead. It was intolerable. It seemed to crush him.

"Come, Alan, you must decide at once".

He hesitated a moment. "Is there a fire in the room up-stairs?" he murmured.

"Yes, there is a gas-fire with asbestos".

"I will have to go home and get some things from the laboratory".

"No, Alan, you need not leave the house. Write on a sheet of note-paper what you want, and my servant will take a cab and bring the things back to you".

Campbell wrote a few lines, blotted them, and addressed an envelope to his assistant. Dorian took the note up and read it carefully. Then he rang the bell, and gave it to his valet, with orders to return as soon as possible, and to bring the things with him.

When the hall door shut, Campbell started, and, having got up from the chair, went over to the chimney-piece. He was shivering with a sort of ague. For nearly twenty minutes, neither of the men spoke. A fly buzzed noisily about the room, and the ticking of the clock was like the beat of a hammer.

As the chime struck one, Campbell turned around, and, looking at Dorian Gray, saw that his eyes were filled with tears. There was something in the purity and refinement of that sad face that seemed to enrage him. "You are infamous, absolutely infamous!" he muttered.

"Hush, Alan: you have saved my life", said Dorian.

"Your life? Good heavens! what a life that is! You have gone from corruption to corruption, and now you have culminated in crime. In doing what I am going to do, what you force me to do, it is not of your life that I am thinking".

"Ah, Alan", murmured Dorian, with a sigh, "I wish you had a thousandth part of the pity for me that I have for you". He turned away, as he spoke, and stood looking out at the garden. Campbell made no answer.

After about ten minutes a knock came to the door, and the servant entered, carrying a mahogany chest of chemicals, with a small electric battery set on top of it. He placed it on the table, and went out again, returning with a long coil of steel and platinum wire and two rather curiously-shaped iron clamps.

"Shall I leave the things here, sir?" he asked Campbell.

"Yes", said Dorian. "And I am afraid, Francis, that I have another errand for you. What is the name of the man at Richmond who supplies Selby with orchids?"

"Harden, sir".

"Yes, Harden. You must go down to Richmond at once, see Harden personally, and tell him to send twice as many orchids as I ordered, and to have as few white ones as possible. In fact, I don't want any white ones. It is a lovely day, Francis, and Richmond is a very pretty place, otherwise I wouldn't bother you about it".

"No trouble, sir. At what time shall I be back?"

Dorian looked at Campbell. "How long will your experiment take, Alan?" he said, in a calm, indifferent voice. The presence of a third person in the room seemed to give him extraordinary courage.

Campbell frowned, and bit his lip. "It will take about five hours", he answered.

"It will be time enough, then, if you are back at half-past seven, Francis. Or stay: just leave my things out for dressing. You can have the evening to yourself. I am not dining at home, so I shall not want you".

"Thank you, sir", said the man, leaving the room.

"Now, Alan, there is not a moment to be lost. How heavy this chest is! I'll take it for you. You bring the other things". He spoke rapidly, and in an authoritative manner. Campbell felt dominated by him. They left the room together.

When they reached the top landing, Dorian took out the key and turned it in the lock. Then he stopped, and a troubled look came into his eyes. He shuddered. "I don't think I can go in, Alan", he murmured.

"It is nothing to me. I don't require you", said Campbell, coldly.

Dorian half opened the door. As he did so, he saw the face of the portrait grinning in the sunlight. On the floor in front of it the torn curtain was lying. He remembered that the night before, for the first time in his life, he had forgotten to hide it, when he crept out of the room.

But what was that loathsome red dew that gleamed, wet and glistening, on one of the hands, as though the canvas had sweated blood? How horrible it was! – more horrible, it seemed to him for the moment, than the silent thing that he knew was stretched across the table, the thing whose grotesque misshapen shadow on the spotted carpet showed him that it had not stirred, but was still there, as he had left it.

He opened the door a little wider, and walked quickly in, with half-closed eyes and averted head, determined that he would not look even once upon the dead man. Then, stooping down, and taking up the gold-and-purple hanging, he flung it over the picture.

He stopped, feeling afraid to turn round, and his eyes fixed themselves on the intricacies of the pattern before him. He heard Campbell bringing in the heavy chest, and the irons, and the other things that he had required for his dreadful work. He began to wonder if he and Basil Hallward had ever met, and, if so, what they had thought of each other.

"Leave me now", said Campbell.

He turned and hurried out, just conscious that the dead man had been thrust back into the chair and was sitting up in it, with Campbell gazing into the glistening yellow face. As he was going downstairs he heard the key being turned in the lock.

It was long after seven o'clock when Campbell came back into the library. He was pale, but absolutely calm. "I have done what you asked me to do", he muttered. "And now, good-bye. Let us never see each other again".

"You have saved me from ruin, Alan. I cannot forget that", said Dorian, simply.

As soon as Campbell had left, he went up-stairs. There was a horrible smell of chemicals in the room. But the thing that had been sitting at the table was gone.

CHAPTER 13

"There is no good telling me you are going to be good, Dorian", cried Lord Henry, dipping his white fingers into a red copper bowl filled with rose-water. "You are quite perfect. Pray don't change".

Dorian shook his head. "No, Harry, I have done too many dreadful things in my life. I am not going to do any more. I began my good actions yesterday".

"Where were you yesterday?"

"In the country, Harry. I was staying at a little inn by myself".

"My dear boy", said Lord Henry smiling, "anybody can be good in the country. There are no temptations there. That is the reason why people who live out of town are so uncivilized. There are only two ways, as you know, of becoming civilized. One is by being cultured, the other is by being corrupt. Country-people have no opportunity of being either, so they stagnate".

"Culture and corruption", murmured Dorian. "I have known something of both. It seems to me curious now that they should ever be found together. For I have a new ideal, Harry. I am going to alter. I think I have altered".

"You have not told me yet what your good action was. Or did you say you had done more than one?"

"I can tell you, Harry. It is not a story I could tell to any one else. I spared somebody. It sounds vain, but you understand what I mean. She was quite beautiful and wonderfully like Sibyl Vane. I think it was that which first attracted me to her. You remember Sibyl, don't you? How long ago that seems! Well, Hetty was not one of our own class, of course. She was simply a girl in a village. But I really loved her. I am quite sure that I loved her. All during this wonderful May that we have been having, I used to run down and see her two or three times a week. Yesterday she met me in a little orchard. The apple-blossoms kept tumbling down on her hair, and she was laughing. We were to have gone away together this morning at dawn. Suddenly I determined to leave her as flower-like as I had found her".

"I should think the novelty of the emotion must have given you a thrill of real pleasure, Dorian", interrupted Lord Henry. "But I can finish your idyl for you. You gave her good advice, and broke her heart. That was the beginning of your reformation".

"Harry, you are horrible! You mustn't say these dreadful things. Hetty's heart is not broken. Of course she cried, and all that. But there is no disgrace upon her. She can live, like Perdita, in her garden".

"And weep over a faithless Florizel", said Lord Henry, laughing. "My dear Dorian, you have the most curious boyish moods. Do you think this girl will ever be really contented now with any one of her own rank? I suppose she will be married some day to a rough carter or a grinning ploughman. Well, having met you, and loved you, will teach her to despise her husband, and she will be wretched. From a moral point of view I really don't think much of your great renunciation. Even as a beginning, it is poor. Besides, how do you know that Hetty isn't floating at the present moment in some mill-pond, with water-lilies round her, like Ophelia?"

"I can't bear this, Harry! You mock at everything, and then suggest the most serious tragedies. I am sorry I told you now. I don't care what you say to me, I know I was right in acting as I did. Poor Hetty! As I rode past the farm this morning, I saw her white face at the window, like a spray of jasmine. Don't let me talk about it any more, and don't try to persuade me that the first good action I have done for years, the first little bit of self-sacrifice I have ever known, is really a sort of sin. I want to be better. I am going to be better. Tell me something about yourself. What is going on in town? I have not been to the club for days".

"The people are still discussing poor Basil's disappearance".

"I should have thought they had got tired of that by this time", said Dorian, pouring himself out some wine, and frowning slightly.

"My dear boy, they have only been talking about it for six weeks, and the public are really not equal to the mental strain of having more than one topic every three months. They have been very fortunate lately, however. They have had my own divorce-case, and Alan Campbell's suicide. Now they have got the mysterious disappearance of an artist. Scotland Yard still insists that the man in the gray ulster who left Victoria by the midnight train on the 7th of November was poor Basil, and the

French police declare that Basil never arrived in Paris at all. I suppose in about a fortnight we will be told that he has been seen in San Francisco. It is an odd thing, but every one who disappears is said to be seen at San Francisco. It must be a delightful city, and possess all the attractions of the next world".

"What do you think has happened to Basil?" asked Dorian, holding up his Burgundy against the light, and wondering how it was that he could discuss the matter so calmly.

"I have not the slightest idea. If Basil chooses to hide himself, it is no business of mine. If he is dead, I don't want to think about him. Death is the only thing that ever terrifies me. I hate it. One can survive everything nowadays except that. Death and vulgarity are the only two facts in the nineteenth century that one cannot explain away. Let us have our coffee in the music-room, Dorian. You must play Chopin to me. The man with whom my wife ran away played Chopin exquisitely. Poor Victoria! I was very fond of her. The house is rather lonely without her".

Dorian said nothing, but rose from the table, and, passing into the next room, sat down to the piano and let his fingers stray across the keys. After the coffee had been brought in, he stopped, and, looking over at Lord Henry, said, "Harry, did it ever occur to you that Basil was murdered?"

Lord Henry yawned. "Basil had no enemies, and always wore a Waterbury watch. Why should he be murdered? He was not clever enough to have enemies. Of course he had a wonderful genius for painting. But a man can paint like Velasquez and yet be as dull as possible. Basil was really rather dull. He only interested me once, and that was when he told me, years ago, that he had a wild adoration for you".

"I was very fond of Basil", said Dorian, with a sad look in his eyes". But don't people say that he was murdered?"

"Oh, some of the papers do. It does not seem to be probable. I know there are dreadful places in Paris, but Basil was not the sort of man to have gone to them. He had no curiosity. It was his chief defect. Play me a nocturne, Dorian, and, as you play, tell me, in a low voice, how you have kept your youth. You must have some secret. I am only ten years older than you are, and I am wrinkled, and bald, and yellow. You are really wonderful, Dorian. You have never looked more charming than you do tonight. You

remind me of the day I saw you first. You were rather cheeky, very shy, and absolutely extraordinary. You have changed, of course, but not in appearance. I wish you would tell me your secret. To get back my youth I would do anything in the world, except take exercise, get up early, or be respectable. Youth! There is nothing like it. It's absurd to talk of the ignorance of youth. The only people whose opinions I listen to now with any respect are people much younger than myself. They seem in front of me. Life has revealed to them her last wonder. As for the aged, I always contradict the aged. I do it on principle. If you ask them their opinion on something that happened yesterday, they solemnly give you the opinions current in 1820, when people wore high stocks and knew absolutely nothing. How lovely that thing you are playing is! I wonder did Chopin write it at Majorca, with the sea weeping round the villa, and the salt spray dashing against the panes? It is marvelously romantic. What a blessing it is that there is one art left to us that is not imitative! Don't stop. I want music tonight. It seems to me that you are the young Apollo, and that I am Marsyas listening to you. I have sorrows, Dorian, of my own, that even you know nothing of. The tragedy of old age is not that one is old, but that one is young. I am amazed sometimes at my own sincerity. Ah, Dorian, how happy you are! What an exquisite life you have had! You have drunk deeply of everything. You have crushed the grapes against your palate. Nothing has been hidden from you. But it has all been to you no more than the sound of music. It has not marred you. You are still the same.

"I wonder what the rest of your life will be. Don't spoil it by renunciations. At present you are a perfect type. Don't make yourself incomplete.You are quite flawless now. You need not shake your head: you know you are. Besides, Dorian, don't deceive yourself. Life is not governed by will or intention. Life is a question of nerves, and fibres, and slowly-built-up cells in which thought hides itself and passion has its dreams. You may fancy yourself safe, and think yourself strong. But a chance tone of color in a room or a morning sky, a particular perfume that you had once loved and that brings strange memories with it, a line from a forgotten poem that you had come across again, a cadence from a piece of music that you had ceased to play — I tell you, Dorian, that it is on things like these that our lives depend. Browning writes about that somewhere; but our own

senses will imagine them for us. There are moments when the odor of heliotrope passes suddenly across me, and I have to live the strangest year of my life over again.

"I wish I could change places with you, Dorian. The world has cried out against us both, but it has always worshipped you. It always will worship you. You are the type of what the age is searching for, and what it is afraid it has found. I am so glad that you have never done anything, never carved a statue, or painted a picture, or produced anything outside of yourself! Life has been your art. You have set yourself to music. Your days have been your sonnets".

Dorian rose up from the piano, and passed his hand through his hair". Yes, life has been exquisite", he murmured, "but I am not going to have the same life, Harry. And you must not say these extravagant things to me. You don't know everything about me. I think that if you did, even you would turn from me. You laugh. Don't laugh".

"Why have you stopped playing, Dorian? Go back and play the nocturne over again. Look at that great honey-colored moon that hangs in the dusky air. She is waiting for you to charm her, and if you play she will come closer to the earth. You won't? Let us go to the club, then. It has been a charming evening, and we must end it charmingly. There is some one at the club who wants immensely to know you – young Lord Poole, Bournmouth's eldest son. He has already copied your neckties, and has begged me to introduce him to you. He is quite delightful, and rather reminds me of you".

"I hope not", said Dorian, with a touch of pathos in his voice. "But I am tired tonight, Harry. I won't go to the club. It is nearly eleven, and I want to go to bed early".

"Do stay. You have never played so well as tonight. There was something in your touch that was wonderful. It had more expression than I had ever heard from it before".

"It is because I am going to be good", he answered, smiling. "I am a little changed already".

"Don't change, Dorian; at any rate, don't change to me. We must always be friends".

"Yet you poisoned me with a book once. I should not forgive that. Harry, promise me that you will never lend that book to any one. It does harm".

"My dear boy, you are really beginning to moralize. You will soon be going about warning people against all the sins of which you have grown tired. You are much too delightful to do that. Besides, it is no use. You and I are what we are, and will be what we will be. Come round tomorrow. I am going to ride at eleven, and we might go together. The Park is quite lovely now. I don't think there have been such lilacs since the year I met you".

"Very well. I will be here at eleven", said Dorian. "Good-night, Harry". As he reached the door he hesitated for a moment, as if he had something more to say. Then he sighed and went out.

It was a lovely night, so warm that he threw his coat over his arm, and did not even put his silk scarf round his throat. As he strolled home, smoking his cigarette, two young men in evening dress passed him. He heard one of them whisper to the other, "That is Dorian Gray". He remembered how pleased he used to be when he was pointed out, or stared at, or talked about. He was tired of hearing his own name now. Half the charm of the little village where he had been so often lately was that no one knew who he was. He had told the girl whom he had made love him that he was poor, and she had believed him. He had told her once that he was wicked, and she had laughed at him, and told him that wicked people were always very old and very ugly. What a laugh she had! – just like a thrush singing. And how pretty she had been in her cotton dresses and her large hats! She knew nothing, but she had everything that he had lost.

When he reached home, he found his servant waiting up for him. He sent him to bed, and threw himself down on the sofa in the library, and began to think over some of the things that Lord Henry had said to him.

Was it really true that one could never change? He felt a wild longing for the unstained purity of his boyhood – his rose-white boyhood, as Lord Henry had once called it. He knew that he had tarnished himself, filled his mind with corruption, and given horror to his fancy; that he had been an evil influence to others, and had experienced a terrible joy in being so; and that of the lives that had crossed his own it had been the fairest and

the most full of promise that he had brought to shame. But was it all irretrievable? Was there no hope for him?

It was better not to think of the past. Nothing could alter that. It was of himself, and of his own future, that he had to think. Alan Campbell had shot himself one night in his laboratory, but had not revealed the secret that he had been forced to know. The excitement, such as it was, over Basil Hallward's disappearance would soon pass away. It was already waning. He was perfectly safe there. Nor, indeed, was it the death of Basil Hallward that weighed most upon his mind. It was the living death of his own soul that troubled him. Basil had painted the portrait that had marred his life. He could not forgive him that. It was the portrait that had done everything. Basil had said things to him that were unbearable, and that he had yet borne with patience. The murder had been simply the madness of a moment. As for Alan Campbell, his suicide had been his own act. He had chosen to do it. It was nothing to him.

A new life! That was what he wanted. That was what he was waiting for. Surely he had begun it already. He had spared one innocent thing, at any rate. He would never again tempt innocence. He wouldbe good.

As he thought of Hetty Merton, he began to wonder if the portrait in the locked room had changed. Surely it was not still so horrible as it had been? Perhaps if his life became pure, he would be able to expel every sign of evil passion from the face. Perhaps the signs of evil had already gone away. He would go and look.

He took the lamp from the table and crept up-stairs. As he unlockedthe door, a smile of joy flitted across his young face and lingered for a moment about his lips. Yes, he would be good, and the hideous thing that he had hidden away would no longer be a terror to him. He felt as if the load had been lifted from him already.

He went in quietly, locking the door behind him, as was his custom, and dragged the purple hanging from the portrait. A cry of pain and indignation broke from him. He could see no change, unless that in the eyes there was a look of cunning and in the mouth the curved wrinkle of the hypocrite. The thing was still loathsome – more loathsome, if possible,

than before — and the scarlet dew that spotted the hand seemed brighter, and more like blood newly spilt.

Had it been merely vanity that had made him do his one good deed? Or the desire of a new sensation, as Lord Henry had hinted, with his mocking laugh? Or that passion to act a part that sometimes makes us do things finer than we are ourselves? Or, perhaps, all these?

Why was the red stain larger than it had been? It seemed to have crept like a horrible disease over the wrinkled fingers. There was blood on the painted feet, as though the thing had dripped, — blood even on the hand that had not held the knife.

Confess? Did it mean that he was to confess? To give himself up, and be put to death? He laughed. He felt that the idea was monstrous. Besides, who would believe him, even if he did confess? There was no trace of the murdered man anywhere. Everything belonging to him had been destroyed. He himself had burned what had been below-stairs. The world would simply say he was mad. They would shut him up if he persisted in his story.

Yet it was his duty to confess, to suffer public shame, and to make public atonement. There was a God who called upon men to tell their sins to earth as well as to heaven. Nothing that he could do would cleanse him till he had told his own sin. His sin? He shrugged his shoulders. The death of Basil Hallward seemed very little to him. He was thinking of Hetty Merton.

It was an unjust mirror, this mirror of his soul that he was looking at. Vanity? Curiosity? Hypocrisy? Had there been nothing more in his renunciation than that? There had been something more. At least he thought so. But who could tell?

And this murder — was it to dog him all his life? Was he never to get rid of the past? Was he really to confess? No. There was only one bit of evidence left against him. The picture itself — that was evidence.

He would destroy it. Why had he kept it so long? It had given him pleasure once to watch it changing and growing old. Of late he had felt no such pleasure. It had kept him awake at night. When he had been away, he had been filled with terror lest other eyes should look upon it. It had

brought melancholy across his passions. Its mere memory had marred many moments of joy. It had been like conscience to him. Yes, it had been conscience. He would destroy it.

He looked round, and saw the knife that had stabbed Basil Hallward. He had cleaned it many times, till there was no stain left upon it. It was bright, and glistened. As it had killed the painter, so it would kill the painter's work, and all that that meant. It would kill the past, and when that was dead he would be free. He seized it, and stabbed the canvas with it, ripping the thing right up from top to bottom.

There was a cry heard, and a crash. The cry was so horrible in its agony that the frightened servants woke, and crept out of their rooms. Two gentlemen, who were passing in the Square below, stopped, and looked up at the great house. They walked on till they met a policeman, and brought him back. The man rang the bell several times, but there was no answer. The house was all dark, except for a light in one of the top windows. After a time, he went away, and stood in the portico of the next house and watched.

"Whose house is that, constable?" asked the elder of the two gentlemen.

"Mr. Dorian Gray's, sir", answered the policeman.

They looked at each other, as they walked away, and sneered. One of them was Sir Henry Ashton's uncle.

Inside, in the servants' part of the house, the half-clad domestics were talking in low whispers to each other. Old Mrs. Leaf was crying, and wringing her hands. Francis was as pale as death.

After about a quarter of an hour, he got the coachman and one of the footmen and crept up-stairs. They knocked, but there was no reply. They called out. Everything was still. Finally, after vainly trying to force the door, they got on the roof, and dropped down on to the balcony. The windows yielded easily: the bolts were old.

When they entered, they found hanging upon the wall a splendid portrait of their master as they had last seen him, in all the wonder of his exquisite youth and beauty. Lying on the floor was a dead man, in evening dress, with a knife in his heart. He was withered, wrinkled, and loathsome

of visage. It was not till they had examined the rings that they recognized who it was.

FINIS

Oscar Wilde

“Não tenho nada a declarar além de minha genialidade”, disse uma vez Wilde aos oficiais da alfândega, entretanto a imagem conhecida de Oscar Wilde como um homem de conquistas pessoais sem esforços está longe da verdade. Nascido em 16 de outubro de 1854, em Dublin, na Irlanda, e filho de uma poetisa nacionalista, estudou no Trinity College, antes de se transferir para o Magdalen College em Oxford. Foi em Oxford que ele se aliou ao movimento artístico do Esteticismo, que possuía como lema “a Arte pela Arte”, e adotou suas características únicas no vestir e no se comportar (baseados em uma fantasia que ele usou em um baile de formatura).

Casado em 1884 com Constance Lloyd, teve dois filhos a quem Wilde se devotava de corpo e alma e cujo afastamento, por decisão de Constance, após sua prisão, foi devastador. Mesmo após o casamento, manteve-se muito conhecido e requisitado em todas as rodas literárias, honrando todos os compromissos aos quais era convidado. Tornou-se realmente uma pessoa indispensável e comentada em toda sorte de eventos sociais, espalhando glamour e comentários por onde passava. Possuía uma aparência que atraia os olhares: vestia-se elegante e extravagantemente bem, com roupas e adereços que, segundo suas próprias palavras, sempre refletiam o que de mais íntimo existia dentro dele. Embora bem conhecido nos círculos sociais, Wilde recebeu pouco reconhecimento por sua obra durante muitos anos até a estréia de “O Leque de Lady Wildermere” que consolidou sua fama literária a partir de 1892. O simulacro, o homem e seu retrato eram a maneira da qual o autor se utilizava para relacionar-se com o mundo. Mas o período de sucesso foi extremamente curto.

Na noite de estréia de sua obra-prima “A Importância de Ser Constante”, em 1895, o marquês de Queensberry, pai de Lorde Douglas com quem Wilde estava se relacionando, iniciou uma campanha pública contra o autor. Após uma má-sucedida tentativa de processo nos tribunais contra o Marquês, Wilde acabaria sendo

condenado a dois anos de trabalhos forçados por violação da moral, cumprindo parte da pena no famoso Cárcere de Reading.

Ao ser libertado, Oscar Wilde se autoexilou em França onde viria morrer na completa obscuridade em 30 de novembro de 1900, cercado por poucos amigos ainda fiéis.